

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**A CONSOLIDAÇÃO DA ROMARIA DO CAARÓ A
PARTIR DA MÍDIA IMPRESSA, 1937-1945**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Diosen Marin

Santa Maria, RS, Brasil

2014

A CONSOLIDAÇÃO DA ROMARIA DO CAARÓ A PARTIR DA MÍDIA IMPRESSA, 1937-1945

Diosen Marin

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em História, Área de Concentração em História, Poder e Cultura, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em História.**

Orientador: Prof. Dr. Júlio Ricardo Quevedo dos Santos

Santa Maria, RS, Brasil

2014

**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Ciências Sociais e Humanas
Programa de Pós-Graduação em História**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
aprova a Dissertação de Mestrado

**A CONSOLIDAÇÃO DA ROMARIA DO CAARÓ A PARTIR DA MÍDIA
IMPRESSA, 1937-1945**

elaborada por
Diosen Marin

como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em História

COMISSÃO EXAMINADORA:

Júlio Ricardo Quevedo dos Santos, Dr.
(Presidente/Orientador)

Eduardo Santos Neumann, Dr. (UFRGS)

Maria Cristina Bohn Martins, Dra. (UNISINOS)

Santa Maria, 15 de janeiro de 2014.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, tenho de agradecer a minha família que me apoiou ao longo desta jornada.

Não posso esquecer das minhas companheiras de curso, poderia dizer inseparáveis, Monica e Bruna, que me acompanharam ao longo desses vários anos, desde a graduação até o mestrado, obrigada por tudo gurias.

Agradeço ao professor Júlio Quevedo pela atenção, paciência e orientação nesses últimos dois anos em que trabalhamos juntos.

Meu muito obrigado a professora Maria Cristina e ao professor Eduardo Neumann por aceitarem participar da banca e por contribuírem na constituição desse trabalho.

Tenho de agradecer ao meu namorado, companheiro desta e de outras empreitadas, pelo carinho e compreensão. Muito obrigado por estar ao meu lado, saiba que você é muito importante.

A CAPES pelo auxílio financeiro, sem o qual seria inviável a realização desta pesquisa.

Corre-se o risco ao enumerar as pessoas de esquecer muitas delas, assim agradeço aos demais que contribuíram ao longo do período em que cursei o Mestrado em História na Universidade Federal de Santa Maria.

Meu muito obrigado a todos aqueles que, de alguma forma, contribuíram para a realização deste trabalho, e não estão nominalmente citados.

RESUMO

Dissertação de Mestrado
Programa de Pós-Graduação em História
Universidade Federal de Santa Maria

A CONSOLIDAÇÃO DA ROMARIA DO CAARÓ A PARTIR DA MÍDIA IMPRESSA, 1937-1945

AUTORA: DIOSEN MARIN

ORIENTADOR: JÚLIO RICARDO QUEVEDO DOS SANTOS

Data e Local da Defesa: Santa Maria, 15 de janeiro de 2014.

Este estudo está vinculado a Linha de Pesquisa “Integração, Política e Fronteira” do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Maria, em que fui bolsista CAPES. Ele se dedicou a analisar a aproximação entre o governo de Getúlio Vargas e a Igreja Católica, durante o período de 1937 a 1945, e como essa relação permite a consolidação da Romaria do Caaró, ao estabelecer os vínculos com o passado, ou seja, ao rememorar a vida, obra e morte dos padres Roque González, Alonso Rodríguez e Juan del Castillo. Para a realização da pesquisa, propomos uma análise de conteúdo das publicações impressas na mídia católica e laica do Rio Grande do Sul, respectivamente nas revistas “Rainha dos Apóstolos”, “UNITAS: Revista Eclesiástica da Arquidiocese de Porto Alegre”, “Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul”, e no jornal, “A Notícia”, articulados entre os anos de 1937 a 1945. Ao longo do estudo, percebeu-se que a consolidação da Romaria do Caaró dependia de alguns fatores contextuais, como a aproximação entre o Estado e a Igreja Católica e a discussão sobre a formação da Nação e do nacionalismo no país, e de elementos locais, que compreende a passagem do coração do padre Roque González pelo Estado do Rio Grande do Sul (1940) e as comemorações do 4º Centenário da Companhia de Jesus (1940). Portanto, sinalizamos que apesar da Romaria do Caaró compor uma história local ela está inserida num cenário maior.

Palavras-chave: Igreja Católica. Estado. Mídia Impressa. Missões. Memória.

ABSTRACT

Master'S Dissertation
Professional Graduation Program in History
Universidade Federal de Santa Maria

THE CONSOLIDATION OF ROMARIA DO CAARÓ FROM THE PRINTED MEDIA, 1937-1945

AUTHOR: DIOSEN MARIN

ADVISER: JÚLIO RICARDO QUEVEDO DOS SANTOS

Defense Place and Date: Santa Maria, January 15th, 2014.

This study is related to the research line “Integração, Política e Fronteira” of the Post-graduation Program in History of the Federal University of Santa Maria, I went colleger CAPES. He dedicated to analyze the approximation between Getúlio Vargas governments and the Catholic Church, during the 1937 and 1945 and why relationship enable the consolidation of “Romaria do Caaró” when establish the linking of past, in other words, when recollect the life, work and death of priests Roque González, Alonso Rodríguez e Juan del Castillo. For the research we propose a content analysis of publications printed in the Catholic and secular media of Rio Grande do Sul, respectively in “Rainha dos Apóstolos”, “UNITAS: Revista Eclesiástica da Arquidiocese de Porto Alegre”, “Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul” magazines and “A Notícia” newspaper, aticulated between 1937 and 1945 years. Throughout the study, it was realized that the Romaria do Caaró consolidation dependent of any contextual factors as aproximated of Estate end Catholic Church and discussion about the construction of Nation and Nationalism of country, and local elements that understand the Roque González passage on Rio Grande do Sul (1940) and the 4° Centenary of the Society of Jesus celebrations (1940). So, despite the signaled that Romaria do Caaró were the local history, it is inserted into a bigger picture.

Key words: Catholic Church. Estate. Printed Media. Missions. Memory.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1 – Ilustração do território das reduções	44
Ilustração 2 – Ilustração localizando as Reduções Jesuítico-Guaranis, de acordo com a divisão territorial atual	45

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Relação governo/Igreja Católica	62
Tabela 2 – Defesa do patriotismo/nacionalismo	72
Tabela 3 – Boa Imprensa Católica	99

LISTA DE APÊNDICES

Apêndice A – Revista “Rainha dos Apóstolos”	141
Apêndice B – Revista “UNITAS”	153
Apêndice C – Revista do IHGRS	161
Apêndice D – Jornal “A Notícia”	162

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. OS PADRES ROQUE, JUAN E ALONSO E A FORMAÇÃO DA ROMARIA DO CAARÓ: ASPECTOS HISTÓRICOS	20
1.1 Aproximação entre o Estado e a Igreja católica: Encíclicas papais e Constituições brasileiras	20
1.2 A morte dos padres e a sua ressignificação no período de formação da Romaria do Caaró	26
1.2.1 Roque González: o protomártir do Rio Grande do Sul	33
1.3 Fronteira e Região das Missões: a definição do local do Santuário do Caaró	39
1.3.1 Fronteira, região e regionalismo	42
1.3.2 O Santuário do Caaró: localização e construção	46
1.4 Formação da Romaria do Caaró: comemorações ao tricentenário de morte dos padres	50
1.4.1 Romaria do Caaró: a construção de um evento religioso	54
2. NAÇÃO, NACIONALISMOS E IDENTIDADES: DISCUSSÕES POLÍTICAS NO CERNE DA IGREJA CATÓLICA	57
2.1 O papel político da Igreja Católica no Brasil durante o Estado Novo (1937-1945)	57
2.2 Estado novo: a formação da nação a partir do desenvolvimento do nacionalismo ...	67
2.3 Identidades católica: memória e esquecimento no processo de ressignificação dos Mártires do Caaró	83
3. A CONSOLIDAÇÃO DA ROMARIA DO CAARÓ NOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO IMPRESSOS	94
3.1 A mídia impressa católica e laica	94
3.1.1 Algumas considerações sobre a historicidade dos meios de comunicação impressos	95
3.1.2 A defesa da “Boa Imprensa Católica” nas revistas “Rainha dos Apóstolos” e “UNITAS”	98
3.2 O discurso na mídia impressa: a ressignificação do evento do Caaró e seus padres, suas vidas e mortes, no processo de consolidação da Romaria do Caaró	102
3.3 A consolidação da Romaria do Caaró na mídia impressa católica e laica	107
CONCLUSÃO	122
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS, ELETRÔNICAS E DOCUMENTAIS	129
APÊNDICES	141

INTRODUÇÃO

Quando nos apresentamos como profissionais voltados à análise do passado precisamos ter presente a concepção de que a história é resultado das ações dos sujeitos. O seu entendimento precisa necessariamente ser revisitado com um olhar crítico e de profundidade, o que nos leva a questionar o papel dos sujeitos históricos envolvidos num determinado processo. A partir desse entendimento nos comprometemos com o objeto analisado, entendendo que as motivações promovem avanço e recuos, contestações e acomodações, que são geradas num momento histórico particular pela ação dos indivíduos.

Este trabalho apresenta como objeto de estudo as influências políticas, sociais e culturais, do governo de Getúlio Vargas no processo de consolidação da Romaria do Caaró, entre os anos de 1937 a 1945. Dessa maneira, propomos o debate sobre esse tema através da análise de publicações historiográficas e de fontes documentais, no caso, meios de comunicação impressos, que procuram contemplar esse interesse de pesquisa.

Assim, iniciamos a nossa discussão a partir do conceito de poder, por compreendermos que as três instituições analisadas são permeadas por esse conceito. São elas: o Estado, a Igreja Católica e os meios de comunicação impressos, tanto católicos quanto laicos¹. Assim, sobre o termo poder consideramos sua utilização problemática, primeiro, pela dificuldade em defini-lo, e depois, pela frequência que é tratado por historiadores como equivalente a política ou ao político. Com isso, não negamos as suas semelhanças, entretanto no trabalho que desenvolvemos esses termos não foram considerados sinônimos².

A partir da década de 1970, o estudo do campo político deixa de lado a sua proposição tradicional e adere às representações sociais e coletivas, aos imaginários sociais, à memória ou memórias coletivas, às mentalidades e às práticas discursivas associadas ao poder³. Nessa nova abordagem da história política os estudos sobre as relações de poder adquirem destaque. Além disso, por trabalharmos com a perspectiva de história e mídia temos de considerar que o

¹ Ao escolhermos esses conceitos estamos nos referindo as publicações que são dirigidas por congregações católicas e as que não são dirigidas por grupos religiosos, e com isso, pretendemos destacar o que as difere. Ao tratarmos das publicações laicas estamos nos referindo aos veículos de comunicação que não tem religião definida, respeitando todos os credos. Por esse e outros motivos o termo laico foi definido para se referir as publicações que não eram dirigidas por católicos, primeiro por ser um termo neutro, e depois por entendermos que a mídia impressa, bem como o Estado, se utiliza dessa definição para promover a consagração de uma religião oficial, no caso a Igreja Católica.

² Em relação a esse posicionamento sobre o conceito de poder ver Falcon (1997, p. 61).

³ Ver FALCON, Francisco. História e poder. In: CARDOSO, Ciro F. S.; VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da História**. Rio de Janeiro: Campus, 1997, p. 76.

poder não se restringe ao político. Pois, os meios de comunicação também são formadores de opinião, independentemente de seu formato, audiovisual, sonoro ou impresso⁴.

Dessa maneira, um dos teóricos que contribuiu para a reflexão desse conceito, tão relevante ao trabalho que desenvolvemos, foi Bertrand Russell. Segundo ele, os sujeitos e a sociedade vão ao enalço do poder, pois ele é um conceito fundamental as ciências sociais. Ele pode ser apresentado de muitas formas, tais como a riqueza, o armamento, a autoridade civil, a influência sobre a opinião pública. E, é por essas diferentes formas que o conceito de poder é capaz de abarcar todas as instituições a que nos referimos.

Nas diferentes instituições de poder encontramos o conceito de imaginário social, que colabora tanto na formação de atores políticos, quanto na consolidação de alguns preceitos da Igreja Católica, bem como se encontra presente nos meios de comunicação massivos. Segundo Baczko (1985, p. 297), “os antropólogos e os sociólogos, os historiadores e os psicólogos começaram a reconhecer, senão a descobrir, as funções múltiplas e complexas que competem ao imaginário na vida coletiva e, em especial, no exercício do poder”. Entretanto, o autor demonstra que o imaginário social, não é recente, pois desde Aristóteles, que trata sobre a influência dos discursos sobre as “almas”, temos o reconhecimento destas manifestações na imaginação e no juízo de valor dos grupos.

Com efeito, se encontra no cerne do imaginário social o problema da legitimação do poder, assim pode-se considerar que as circunstâncias e acontecimentos que estão na sua origem contam tanto, ou menos, do que o imaginário criado e do qual o poder estabelecido se apropria. Com isso, passemos as considerações de Russell (1990) sobre liderança, pois segundo ele os indivíduos quando se deparam em situações extremas preferem seguir um líder. Nesse sentido, a manutenção de Getúlio Vargas a frente das decisões políticas do Brasil pode ser legitimada devido à instabilidade política mundial, a ameaça de uma guerra, os “perigos” do comunismo, enfim fatores que legitimaram a posição de um líder carismático num governo ditatorial⁵.

Após, algumas considerações sobre o poder do Estado, passemos ao poder da Igreja Católica. Ao tratarmos dessa instituição algumas observações de Russell são relevantes, primeiro apresenta como uma forma de poder tradicional que mais importância teve no

⁴ Nesse sentido, temos a contribuição de Russell (1990, p. 91). “É fácil argumentar a teses de que a opinião é onipresente e que todas as outras formas de poder derivam dela. Os exércitos são inúteis a menos que os soldados acreditem na causa pela qual estão lutando ou, no caso dos mercenários, tenham confiança na capacidade de seu comandante de conduzir a vitória. A lei é impotente a menos que seja respeitada em geral”.

⁵ Ao tratar de governos ditatoriais Russell (1990, p. 36) pontua que “os políticos democráticos com mais sucesso são aqueles que prosperam abolindo a democracia e tornando-se ditadores”. O autor realiza uma ressalva ao pontuar que essa perspectiva só é possível em determinadas circunstâncias, ou seja, ele considera que situações extremas exigem governos ditatoriais.

passado, mas não só no passado. Pois, Lenharo (1986) demonstra que durante o governo de Getúlio Vargas, no período do Estado Novo (1937-1945) a legitimidade do Estado embasava-se em justificativas religiosas, a fim de evitar atitudes extremas de oposições não debeladas.

Ao tratarmos de um governo ditatorial, legitimado a partir de justificativas religiosas, como propõe Lenharo (1986), devemos considerar que para alcançar essa posição era necessário exercer influência sobre os indivíduos, e é por isso que o governo, durante o Estado Novo, se aproxima da Igreja a fim de buscar a aceitação da parcela católica da população brasileira, que nesse período era composta por um grupo muito maior de católicos do que as porcentagens atuais. De acordo com Baczko (1990, p. 313), “a influência dos imaginários sociais sobre as mentalidades depende em larga medida da difusão destes e, por conseguinte, dos meios que asseguram tal difusão”. Assim, podemos considerar que a influência sobre os imaginários sociais durante o Estado Novo também era exercida através da mídia, por isso defendemos a relevância de estudar os usos dos meios de comunicação em regimes ditatoriais.

Com isso, cabe retomarmos as considerações de Russell sobre o conceito de poder. Segundo ele, a opinião é onipotente, e todas as outras formas de poder derivam dela. Essa proposição corrobora com o nosso entendimento sobre as instituições analisadas, principalmente, se levarmos em consideração que no período estudado Estado e Igreja Católica eram muito próximos, e legitimavam-se mutuamente. Além disso, tanto o Estado quanto a Igreja Católica se utilizaram dos meios de comunicação, o que inclui os impressos, para formalizarem suas opiniões e, dessa maneira direcionarem o imaginário social.

Dessa maneira, tendo como norteador a linha de pesquisa “Integração, Política e Fronteira”, do Programa de Pós-Graduação em História (PPGH) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), podemos estabelecer que a relação presente entre o governo de Getúlio Vargas e a Igreja Católica é a vertente mais geral desse projeto de pesquisa, porém numa perspectiva mais focada, esse estudo pretende analisar a aproximação entre o governo de Getúlio Vargas, durante o período de 1937 a 1945, e a Igreja Católica, particularmente a Companhia de Jesus, e, como essa relação permite a consolidação da Romaria do Caaró, ao estabelecer os vínculos com o passado, ou seja, ao rememorar a morte dos padres.

Durante o governo de Getúlio Vargas, não só no Estado Novo, mas desde 1930, a Igreja Católica conta com algumas benesses do governo. Dentre elas podemos citar: a criminalização de práticas religiosas não-cristãs, como as religiões de origem africanas e o espiritismo; a permissão para ministrar aulas de ensino religioso em escolas públicas, possível desde a Constituição republicana de 1934, e que mesmo reformulada encontra-se vigente até

os dias de hoje; o decreto 6355 de 27 de setembro de 1940, que afirma que as comemorações do 4º Centenário da Companhia de Jesus são nacionais; entre outras que apresentaremos ao longo do texto.

Cabe apresentarmos, mesmo que resumidamente, alguns dados que justificam os motivos que nos direcionam a rememoração da morte dos padres, isso porque entendermos que a consolidação da Romaria do Caaró é, também, resultante desse processo de rememoração. Entendemos que esse processo não se esgota em 1934, quando os padres são beatificados pelo Papa Pio XI, pois através dos meios de comunicação impressos católicos e laicos identificamos que essa rememoração se estende até o período pesquisado (1937-1945). Pois, era necessário que a população (re)conhecesse os padres, suas virtudes, além disso, foi preciso que milagres fossem atribuídos a eles, e que a Romaria do Caaró se consolidasse como um evento religioso. Todos esses elementos contribuiriam para que o processo de canonização dos padres fosse aceito pela Igreja Católica. Apesar de todos os esforços, a canonização dos padres só ocorreu em 1988, durante o papado de João Paulo II.

Os estudos sobre o Estado Novo são centrados, em sua grande maioria, nas relações de trabalho do período, pesquisas sobre essa temática já foram realizadas, assim como estudos⁶ sobre a relação da Igreja com o governo Vargas. Parte da historiografia⁷ existente relata o trucidamento dos mártires, a demonização dos indígenas responsáveis pela morte dos padres e, mais contemporaneamente, apresenta uma imagem menos estereotipada e demonizada dos indígenas, porém, não questiona o esquecimento⁸ desse evento histórico, uma vez que por quase 300 anos ele é lembrado, principalmente, em obras e documentações dos sacerdotes, isso ocorre até ele vir a ser rememorado pela Igreja Católica, a partir da comemoração de seu tricentenário.

Nosso entendimento é que a partir do empenho e da mobilização da Igreja Católica foi possível rememorar a morte dos padres, isso ocorre em decorrência da pesquisa realizada no ano de 2011, na revista “Rainha dos Apóstolos”, que levou à elaboração do Trabalho de

⁶ Referente a relação do Estado Novo com a Igreja Católica ver: LENHARO, Alcir. **Sacralização da política**. Campinas, SP: Papirus, 1986.

⁷ Ver KREUTZ, E. A. **Santos Mártires das Missões**. 10. ed. Santo Ângelo: Ed. Berthier, 2003. p. 98; LESSA, Barbosa. **Nhecu**: no corredor central. São Paulo: Editora do Brasil, 1999. p. 95; OLIVEIRA, Paulo Rogério de. **O encontro entre os guarani e os jesuítas na Província Jesuítica do Paraguai e o glorioso martírio do venerável padre Roque González nas tierras de Ñezú**. 2009. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

⁸ Podemos encontrar a definição do conceito de esquecimento em: SEIXAS, Jacy Alves de. Percursos de memórias em terras de história: problemas atuais. In: BRESCIANI, Stella. NAXARA, Márcia. **Memória e (res)sentimento**: indagações sobre uma questão sensível. Campinas: Unicamp, 2001, p.37-58. _____ Tênuas fronteiras de memórias e esquecimentos: a imagem do brasileiro jecamacunaímico. In: GUTIÉRREZ, Horacio; NAXARA, Márcia Regina Capelari; LOPES, Maria Aparecida de S. (orgs.). **Fronteiras**: paisagens, personagens, identidades. São Paulo: Olho D'Água, 2003, p.161-183.

Conclusão de Graduação (TCG) em História. Essa pesquisa permitiu que reconhecêssemos o caráter politizado da revista, levando a novos questionamentos que suscitaram a elaboração deste trabalho.⁹

Com isso, identificamos uma lacuna nos estudos sobre a aproximação entre a Igreja Católica e o Estado, pois foram privilegiados os estudos sobre as relações de trabalho que se estabeleceram nesse período. Em contrapartida, temos poucos trabalhos sobre a perspectiva da Igreja Católica, que nesse momento procurava através da política da Boa Imprensa retomar o espaço perdido na sociedade, ou seja, reaver a sua relevância no âmbito social. Dessa maneira, o trabalho de dissertação que desenvolvemos se propõe a analisar a aproximação entre o Estado, durante o governo de Getúlio Vargas, e a Igreja Católica através de meios de comunicação impressos, tanto católicos quanto laicos. Assim, alguns questionamentos são importantes. Primeiramente, se é possível através das fontes pesquisadas, identificarmos de que maneira a Igreja Católica se utilizou de sua aproximação com o governo para estabelecer os vínculos com o passado, ao rememorar a morte dos padres Roque González de Santa Cruz, Alonso Rodríguez e Juan del Castillo¹⁰? E, ainda, como são apresentados os padres, suas vidas e mortes, e a consolidação da Romaria do Caaró, a partir da construção dos meios de comunicação impressos tanto os católicos quanto os laicos?

Por isso, consideramos que essa pesquisa pretende contribuir em termos do estado de conhecimentos existentes sobre a questão investigada. Identificamos inúmeras pesquisas que tratam da relação de proximidade entre o Estado Novo e a Igreja Católica, essa perspectiva observamos no livro de Alcir Lenharo, “A Sacralização da Política”, publicado pela editora Papyrus na cidade de Campinas em 1986. Nessa mesma vertente temos a dissertação de mestrado de Carla Xavier dos Santos, que procurou observar a relação do Estado com a Igreja Católica através dos círculos operários do Rio Grande do Sul. Ainda, temos a tese de doutorado de Oliveira (2009) que apresenta os discursos construídos a partir dos padres, principalmente do Pe. Roque González, e a demonização do cacique Nheçú. Nessa

⁹ Esse projeto também é resultado, dentre todos os motivos apresentados, da suspeita levantada por Paulo Rogério de Oliveira em sua tese de doutorado defendida na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) em 2009. Em seu texto, numa nota de rodapé, o autor apresenta a sua suspeita, pois, segundo ele, a popularidade dos padres Roque, Alonso e Juan não é espontânea, mas surge a partir da intensa propaganda que mobilizou os fiéis da América do Sul devido às comemorações do tricentenário do martírio. Conforme Oliveira (2009, p. 398): “Entretanto, suspeito que esta popularidade não nasceu espontaneamente. Foi estimulada pela intensa propaganda – sermões, revistas, livros – que mobilizou fiéis na América do Sul por ocasião das festas do tricentenário. Reforçando a suspeita, lembro que as romarias e a devoção ao santo só aparecem na década de 1930, após o processo de beatificação”.

¹⁰ Existem inúmeras grafias para o nome dos padres, entretanto optamos por utilizar a presente na tese de doutorado, defendida em 2009 na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), de Paulo Rogério de Oliveira.

perspectiva também se inscreve a dissertação de mestrado de Ezeula de Lima Quadros (2001) que contesta a demonização do cacique Nheçú, que por muitos anos foi apresentado, em publicações católicas, principalmente em cartas ânuas, como “bárbaro e sensual”. O que aconteceu sem ao menos ser questionado se a ação do indígena não foi uma atitude para preservar os seus costumes. Com isso, através da análise dos autores é possível identificarmos que ora é pensada a relação entre o Estado e a Igreja Católica, ora é analisado o discurso sobre a morte dos padres que são, posteriormente, apresentados como “mártires”¹¹ em contraposição a demonização da figura do indígena, porém este não é o nosso objeto de pesquisa. Dessa maneira, o que pretendemos com este trabalho é identificar quais os elementos que promovem a consolidação da Romaria do Caaró durante o Estado Novo (1937-1945), sem esquecermos que nesse período o Estado e a Igreja Católica se legitimam mutuamente.

Além disso, outro fator que auxilia no entendimento do contexto, se refere à origem missioneira do então presidente da república, Getúlio Vargas. No jornal local, “A Notícia”, encontramos a afirmação de que Getúlio Vargas é um homem notável que irá promover a construção de estradas de ferro na região. Assim, o que observamos é que a população da região das missões não esqueceu a origem do presidente, que ela irá requerer sempre que julgar necessário, provavelmente a situação não foi diferente durante o processo de consolidação da Romaria do Caaró.

Não tanto de lastimar a revolução de 30, como revolução. Essa sim, teve objetivos certos e os atingiu, em parte. E por sorte do Brasil, alçou ao poder esse homem notável, misto de prudência e comedida energia, que é o Sr. Getúlio Vargas. Reservara-lhe o destino a grata e honrosa missão de arterializar, com estradas de aço, a região missioneira, que lhe servira de berço¹².

Apesar de parecer um recorte muito específico, entendemos que ao estudarmos a consolidação da Romaria do Caaró, não podemos perder de vista o que estava acontecendo naquele momento. Além disso, é pertinente apontarmos que o objeto encontra-se enquadrado num contexto mais amplo em que sua individualidade interage. “Tal mergulho permitiu-lhe conhecer em profundidade os muitos aspectos do seu objeto convertendo-os em algo bem mais amplo e consistente do que um mero estudo de caso”. (ISAIA, 1998, p. 14) Essa proposição do autor corrobora com o entendimento do objeto de pesquisa estudado.

Antes de nos atermos a metodologia aplicada ao trabalho, consideramos pertinente a apresentação de algumas considerações. Primeiro, no que se refere às questões práticas do

¹¹ A apresentação dos padres Roque, Juan e Alonso como “mártires” encontramos no discurso hagiográfico sobre eles, produzido imediatamente após as suas mortes ou muitos séculos depois.

¹² OBREIROS do nosso progresso. **A Notícia**. São Luiz das Missões, ano III, nº 141. 18 abr. 1937.

texto, pois em alguns momentos nos referimos à Igreja Católica e em outros, apenas, Igreja, nesse caso também é Igreja Católica, apesar da supressão da palavra católica que eliminamos para evitar a repetição no texto. Além dessa outras palavras também são amplamente mencionadas no texto, por isso, iremos citá-las e justificar suas escolhas. Quando nos referimos aos padres optamos por tratar como a morte dos padres e não assassinato ou martírio. Nesse sentido, escolhemos um termo neutro para nos referirmos ao que acontece com os padres em novembro de 1628, tanto as palavras assassinato quanto martírio conferem juízo de valor ao que aconteceu com eles, porém não é conveniente essa aproximação pessoal, pois se trata de um evento que não nos cabe julgar. A palavra assassinato é entendida como: morte com uso de violência, enquanto martírio foi o termo escolhido pelas revistas católicas, que analisamos para tratar do fato.

A outra palavra que é muito cara ao trabalho que estamos realizando compreende o conceito de ressignificação, que podemos definir como a atribuição de um novo significado, alterando o significado anteriormente dado. Nesse sentido, ressignificar consiste em atribuir um novo significado para um determinado acontecimento. No caso do trabalho que realizamos o elemento que entendemos como ressignificado compreende a vida e a morte dos padres. Por fim, outra palavra muito importante para o trabalho é o conceito de consolidação, que corresponde ao momento em que uma ideia se fortalece, no caso do trabalho que desenvolvemos compreende a Romaria do Caaró.

No que se refere a aspectos teóricos, consideramos que apesar de em algumas passagens a linguagem escolhida para conduzir o diálogo com as fontes possa parecer própria de uma vertente crítica ao marxismo, em que pese à abordagem cultural, cabe mencionarmos que esse aspecto teórico não foi suficiente, por entendermos que elementos culturais e econômico-sociais são indissociáveis. Assim, optamos por não ignorar inúmeras outras discussões do campo teórico que avançam nas análises de poder e, por isso incorporamos outros conceitos que instrumentalizam nossa análise. Mesmo que, em alguns momentos, essas discussões não pareçam cabíveis, elas são justificadas no texto.

A partir da apresentação do objeto de pesquisa cabe mencionarmos que para a realização desse trabalho pretendemos utilizar a Análise de Conteúdo, de acordo com a proposição de Bardin (2004), por entendermos que essa metodologia é a que melhor se aplica às fontes que pretendemos utilizar na pesquisa. Segundo Bardin (2004), o método se estrutura em cinco etapas: a primeira delimita o corpus; a segunda define a unidade de registro, que pode ser por palavra, frase, parágrafo, no caso do trabalho a unidade de registro será separada por tema, por exemplo: relação entre Estado Novo e Igreja Católica, defesa do nacionalismo,

formação da Romaria do Caaró, entre outras divisões temáticas possíveis; a terceira etapa consiste na categorização, ou seja, estabelece as categorias para separar os dados, nesse item iremos propor categorias próprias que serão atribuídas de acordo com as considerações do objeto/problema, essas categorias foram pensadas a partir de temáticas pertinentes ao trabalho que desenvolvemos; a quarta etapa corresponde às inferências, essa etapa corresponde ao momento em que os dados já estão tematizados e categorizados, nesse passo o trabalho deixa de ser quantitativo e passa a ser qualitativo, sendo que utilizaremos a metodologia até esse passo e iremos ignorar o quinto e último passo proposto por Bardin (2004), que consiste na última análise e no tratamento informático.

Dessa maneira, é pertinente apontarmos que no primeiro capítulo, que se propõe por um capítulo teórico-metodológico, a documentação utilizada não contemplou o caráter quantitativo da análise de conteúdo. Foi apresentado, apenas, o qualitativo no tratamento das fontes, por entendermos que neste capítulo era a abordagem mais adequada.

Ainda, nessa perspectiva metodológica, porém no que se refere a um elemento mais técnico cabe citarmos a escolha na utilização das referências, essa justificativa é para evitar que o leitor encontre certa indefinição no que se refere às referências de notas de rodapé e citações. As fontes primárias (revistas e jornal) foram apresentadas completas em nota de rodapé, enquanto que as referências bibliográficas foram colocadas no texto através da técnica: autor, data, e, posteriormente, são citadas de maneira completa nas referências.

Com isso, chegamos à relevância social da pesquisa, ou seja, que importância possui o fenômeno investigado que justifica nosso esforço para compreendê-lo. Este projeto se desenvolve, pois impulsionados por alguns questionamentos do presente sobre a dimensão que grupos religiosos, principalmente católicos e evangélicos, adquirem na mídia, pretendíamos entender o seu contexto de formação. Assim, acreditamos que é relevante nos remetermos ao passado, a fim de identificar como a Igreja Católica inicia a sua inserção nos meios de comunicação. Nosso recorte temporal contempla um período em que a Igreja procurava através da política da “Boa Imprensa” retomar a sua relevância no âmbito social. Nesse sentido, podemos destacar o texto de Venício A. Lima (2004), nele o autor trata da presença significativa de evangélicos e católicos nos meios de comunicação, sendo que eles controlam editoras, emissoras e programas de rádio e televisão (Rede Record, Rede Vida de Televisão, Canção Nova, TV Aparecida), e mais recentemente, esses grupos religiosos¹³

¹³ Nesse caso corresponde, especificamente, aos grupos evangélicos, que segundo os últimos dados do IBGE divulgados em junho de 2012, cresceram mais de 60% nos últimos 10 anos, tendo como datas entre 2000 e 2010,

adquiriram uma parcela significativa da grade de programação dos canais da TV aberta. Dessa maneira, ao retomarmos o passado, a partir da análise de meios de comunicação dirigidos por grupos religiosos no Brasil através do desenvolvimento da política da Boa Imprensa, o fazemos para entender a presença marcante deles, principalmente de católicos, no setor de comunicação no Brasil.

Após apresentarmos, em parte, o referencial teórico em que se baseia este trabalho, assim como os objetivos, a problematização, a justificativa e a metodologia, cabe explicarmos como o texto foi construído. Primeiramente, ele foi dividido em três capítulos, sendo que em todos eles procuramos utilizar as publicações, tanto católicas quanto laicas. O primeiro capítulo apresenta os elementos que permitiram a formação da Romaria do Caaró, pois para tratarmos da consolidação da Romaria do Caaró, antes, era preciso explicar como esse evento religioso foi construído. Na primeira subseção, apresentamos o contexto internacional a partir de algumas encíclicas papais e de três Constituições republicanas do Brasil (1891, 1934, 1937), com isso pretendíamos demonstrar a aproximação entre o Estado e a Igreja Católica, tanto no Brasil quanto no contexto internacional, uma vez que as encíclicas papais são seguidas pelos católicos dos mais diferentes países, dentre eles o Brasil. Na segunda subseção tratamos do processo de ressignificação da vida e da morte dos padres, que aconteceu a partir das comemorações do tricentenário do martírio, em 1928. Após encontrarem o coração do Pe. Roque González, era preciso definir o local da morte dos padres, assim, em 1932 o Pe. Luiz Gonzaga Jaeger¹⁴, através de uma expedição arqueológica, consegue estabelecer o local do “martírio”. E é sobre a localização do lugar em que morreram os padres, onde foi construído o Santuário do Caaró, que versa a terceira subseção. Na quarta e última subseção tratamos dos fatores que permitem a formação da Romaria do Caaró, desde o contexto até os elementos fundamentais para a sua construção.

ainda foi divulgado que a Igreja Católica, desde a década de 70, apresenta um decréscimo no número de seus fiéis.

¹⁴ Luiz Gonzaga Jaeger nasceu em Ivoti a 10 de julho de 1889, era filho de Jorge Jaeger e de Maria Weingärtner. O pai Jorge morava em São Leopoldo, onde era professor, e acompanhava o Pe. João Batista Reus em todas suas visitas as famílias da região. Depois de concluir seus estudos no Seminário Menor São José, de Pareci Novo, no ano de 1909, Luiz foi para Portugal, para se tornar religioso. No dia 27 de fevereiro de 1909 ele entrou para a Companhia de Jesus em Barro, Portugal. Em 1924, regressa ao Brasil e começa a trabalhar no Colégio Anchieta. Fez algumas expedições para a região das missões para estudar o histórico das colônias jesuítas, uma delas é objeto deste trabalho, a localização do Caaró em que os padres Roque, Alonso e Juan foram mortos. Por suas pesquisas escreveu extensa bibliografia sobre as Missões. O padre Jaeger também foi sócio fundador do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, professor do Colégio Anchieta em Porto Alegre, e fundador do Instituto Anchietano de Pesquisas. Além de todas as funções ocupadas, o padre Jaeger também foi jornalista, diretor de redator chefe do Jornal "O Eco" por 25 anos. Além de organizador da Instrução Catequética nos colégios e grupos escolares do Estado por 18 anos, e de 1930 a 1952 redigiu e publicou a "Folha Catequética". Faleceu a 21 de fevereiro de 1963, aos 73 anos de idade, quando voltava da missa vespertina que realizara na Igreja do Rosário. Disponível em <http://imigracaoalema.com/acervo-documental/biografias/000121/>. Acesso em: 17 dez. 2013.

No segundo capítulo, atendemos as três instituições, o Estado Novo, a Igreja Católica e os meios de comunicação impressos. Assim, a partir das relações de poder que perpassam essas instituições, pretendemos desenvolver uma reflexão teórica acerca de suas relações. Para cumprirmos com esse objetivo realizaremos uma discussão que trate das intervenções da Igreja Católica durante o Estado Novo, bem como apresentaremos a sua aproximação, no referido período histórico, isso na primeira subseção. Na segunda subseção, buscamos realizar uma discussão sobre os conceitos de nação e nacionalismos contemplando desde o século XIX até suas aplicações no governo de Getúlio Vargas, durante o Estado Novo. Além de defender, a partir do entendimento de Hall (2002), que a identidade nacional é imaginada e, de que nação e nacionalismos são conceitos indissociáveis de identidade. Posteriormente, na terceira subseção, procuramos apresentar algumas considerações sobre os conceitos de memória e esquecimento, entendidos como conceitos-chave para o entendimento da identidade católica, que tem como base o “Projeto de Nação Católica”. Com isso, procuramos avaliar como a morte dos padres foi rememorada, no momento em que se procurou consolidar a Romaria do Caaró, que pretendia (e pretende) render homenagem a eles.

Por fim, no terceiro capítulo desta investigação científica tratamos, especificamente, do nosso ao objeto de estudo, ou seja, pretendemos entender como é apresentado na mídia impressa católica e laica a consolidação da Romaria do Caaró, entre os anos de 1937 a 1945. Assim, nos propomos a analisar através dos meios de comunicação impressos, tanto os católicos quanto os laicos, como são apresentados os padres, suas vidas e suas mortes, e a consolidação da Romaria do Caaró. Dessa maneira, dividiremos esse capítulo em três subseções, no primeiro trataremos sobre os aspectos históricos das revistas “Rainha dos Apóstolos”, “UNITAS”, “Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul” e do jornal “A Notícia”, ainda, nessa primeira subseção trataremos do discurso sobre a “Boa Imprensa” presente nas revistas católicas. A segunda subseção versa sobre a ressignificação do episódio de 1628, seus atores, os padres, suas vidas e mortes, tanto nas publicações católicas quanto laicas. Enquanto que na terceira subseção, trataremos sobre o processo de consolidação da Romaria do Caaró, no que se refere à visita do coração do Pe. Roque González ao Estado do Rio Grande do Sul e as comemorações do 4º Centenário da Companhia de Jesus, bem como de todos os elementos que compõe esse cenário.

1. OS PADRES ROQUE, JUAN E ALONSO E A FORMAÇÃO DA ROMARIA DO CAARÓ: ASPECTOS HISTÓRICOS

O primeiro capítulo apresenta os elementos que promovem a formação da Romaria do Caaró, pois entendemos que não poderíamos tratar da consolidação sem antes explicarmos como esse evento religioso foi construído. Na primeira subseção, apresentamos o contexto internacional em que analisamos algumas encíclicas papais e três Constituições republicanas do Brasil (1891, 1934, 1937), e assim, procuramos demonstrar a aproximação entre o Estado e a Igreja Católica, tanto no Brasil quanto no contexto internacional, pois as encíclicas papais se destinam a todos os países com população católica. Na segunda subseção tratamos do processo de ressignificação da vida e da morte dos padres, que aconteceu a partir das comemorações do tricentenário do martírio, em 1928. Após encontrar a relíquia, o coração do Pe. Roque González, era necessário definir o local da morte dos padres. E em 1932, o Pe. Luiz Gonzaga Jaeger organiza uma expedição arqueológica para estabelecer o local do “martírio”, sendo essas considerações sobre a localização do Santuário, que encontramos na terceira subseção. Na quarta e última subseção tratamos dos elementos que permitem a formação da Romaria do Caaró, desde seu contexto até os elementos fundamentais para a sua construção.

1.1 Aproximação entre o Estado e a Igreja católica: Encíclicas papais e Constituições brasileiras

A primeira Constituição brasileira é redigida em março de 1824, mas desde o ano de 1823 já havia sido estabelecida uma Assembléia Constituinte, para que fosse construída conjuntamente a primeira Constituição do país. Dentre as principais características dessa constituição podemos citar: o governo era uma monarquia unitária e hereditária, a existência dos quatro poderes (Executivo, Legislativo, Judiciário e Moderador), além do Estado adotar o catolicismo como religião oficial. Essa constituição ficou conhecida como “Constituição Outorgada”, mas, o que ela possui de mais relevante, para o trabalho que estamos desenvolvendo, compreende a união entre o Estado e a Igreja Católica, que será desfeita após a promulgação da Constituição republicana de 1891 e que permaneceu vigente durante a

Primeira República. No que se refere à Constituição de 1891, analisaremos com mais afinco a seguir. Dessa maneira, o que observamos a partir da Constituição de 1824 é que a união entre o Estado e a Igreja é uma herança do período colonial, que persiste durante a monarquia, e que não se perde com a República, pois no governo de Getúlio Vargas temos a retomada da aproximação dessas instituições, entretanto trataremos desse assunto a partir do segundo capítulo.

Com isso, ao iniciarmos este trabalho consideramos pertinente retrocedermos ao ano de 1891, momento em que é promulgada a primeira Constituição brasileira que consagrou o regime político republicano no Brasil. Por ela, estava prevista a descentralização de poderes e, ao menos oficialmente, a separação entre o Estado e a Igreja católica. Como está disposto no artigo 72, parágrafos, 4º, 5º, 6º e 7º da Constituição de 1891:

Artigo 72 - A Constituição assegura a brasileiros no país a inviolabilidade dos direitos concernentes à liberdade, à segurança individual e à propriedade, nos termos seguintes: [...].

§ 4º - A República só reconhece o casamento civil, cuja celebração será gratuita.

§ 5º - Os cemitérios terão caráter secular e serão administrados pela autoridade municipal, ficando livre a todos os cultos religiosos a prática dos respectivos ritos em relação aos seus crentes, desde que não ofendam a moral pública e as leis.

§ 6º - Será leigo, [isto é, laico], o ensino ministrado nos estabelecimentos públicos.

§ 7º - Nenhum culto ou igreja gozará de subvenção oficial, nem terá relações de dependência ou aliança com o Governo da União ou dos Estados e a estrangeiros residentes¹⁵.

Nesse mesmo ano, em 15 de maio de 1891, o papa Leão XIII publica a encíclica *Rerum Novarum*, que assim como a constituição brasileira promulgada no final do século XIX, também estava atenta às mudanças que ocorreram na sociedade. Essa encíclica completou outros trabalhos de Leão XIII, que durante seu papado procurou modernizar o pensamento social da Igreja Católica¹⁶. Nele o papa Leão XIII rejeita o socialismo e defende os direitos à propriedade privada.

Com isso, ao retrocedermos à instauração do regime político republicano no Brasil, em que o Estado separa-se, ao menos oficialmente, da Igreja Católica e a Encíclica *Rerum*

¹⁵ Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constitui%C3%A7ao91.htm. Acesso em: 06 jun. 2013.

¹⁶ Conforme a Encíclica *Rerum Novarum*: “Os Socialistas, para curar este mal, instigam nos pobres o ódio invejoso contra os que possuem, e pretendem que toda a propriedade de bens particulares deve ser suprimida, que os bens dum indivíduo qualquer devem ser comuns a todos, e que a sua administração deve voltar para - os Municípios ou para o Estado. Mediante esta transladação das propriedades e esta igual repartição das riquezas e das comodidades que elas proporcionam entre os cidadãos, lisonjeiam-se de aplicar um remédio eficaz aos males presentes. Mas semelhante teoria, longe de ser capaz de pôr termo ao conflito, prejudicaria o operário se fosse posta em prática. Pelo contrário, é sumamente injusta, por violar os direitos legítimos dos proprietários, viciar as funções do Estado e tender para a subversão completa do edifício social”. Disponível em: http://www.vatican.va/holy_father/leo_xiii/encyclicals/documents/hf_lxiii_enc_15051891_rerum-novarum_po.html. Acesso em: 7 jun. 2013.

Novarum, em que temos um dos primeiros textos que expressam o pensamento social da Igreja ao tratar dos pobres e da relação entre patrão e empregado, enfim, através das encíclicas publicadas por Leão XIII é possível verificar que a Igreja Católica já havia percebido que estava perdendo relevância social e dispendo de menos atenção do Estado, não somente no Brasil. Dessa maneira, ao analisarmos esses documentos de 1891, temos a publicação de dois importantes documentos, um deles que marca a separação entre o Estado e a Igreja Católica no Brasil, enquanto que o outro que aparentemente atenta para a perda de prestígio da Igreja diante da sociedade civil e do Estado.

Nos pouco mais de quarenta anos que separam a publicação desses documentos da implantação do regime autoritário do Estado Novo no Brasil, em 1937, temos a europeização e a romanização da Igreja Católica, como propõe Oliveira Torres (1968). Nesse sentido, observamos o desenvolvimento de um catolicismo intelectual e racionalista, que levou a Igreja a converter homens de letras e estadistas. Dessa maneira, o que se pretendia era que o Estado brasileiro reconhecesse que o Brasil era um país católico, em que a Igreja era a máxima expressão desse sentimento (SILVA, 2008, p. 541)

No Brasil durante a Primeira República, a Igreja parece ter sido esquecida pelos poderes públicos e, por muitas vezes, equiparada às demais religiões. Mas, como já afirmamos, a Igreja Católica no Brasil se romaniza e, nesse sentido temos a reação católica. Segundo Santos (2008), essa reação compreende uma estratégia de autodefesa promovida pelas cúpulas eclesiais e laicas, sendo um movimento que assumiu posição de destaque no contexto brasileiro a partir dos anos 20, ou seja, um núcleo aglutinador da sociedade civil e, nesse momento, restrito aos estratos médios e superiores. Assim, o desenvolvimento de um grupo de intelectuais composto por clérigos, aliado ao declínio na Primeira República permitiu que a Igreja Católica superasse o ostracismo a que tinha sido relegada pela Constituição de 1891.

Após essas primeiras considerações que apresentam a separação oficial do Estado com a Igreja Católica, passemos às mudanças que ocorreram na década de 1930, momento em que identificamos a reaproximação entre o Estado e a Igreja. Nesse sentido, passemos à análise de documentos que são mais próximos, temporalmente, de nosso objeto de estudo, que são a constituição de 1934 e as duas encíclicas, a Carta Encíclica “*Quadragesimo Anno*”, escrita em 1931, e a encíclica *Divini Redemptori*, escrita em 1937, editadas pelo papa Pio XI.

Quando o grupo político liderado por Vargas assume o poder em 1930, a Constituição brasileira de 1891 é relativizada, no que se refere à separação entre Estado e Igreja. Entretanto, a Constituição brasileira, que consagra o regime político republicano no país,

promulgada em 1934, nela a Igreja Católica é reconhecida dentre as demais religiões que compõem o cenário religioso do Brasil na época, e reconquista seu lugar no espaço público e sua capacidade de interferir nos poderes. Assim como esta proposto no artigo 17 da referida Constituição.

Artigo 17 - É vedado à União, aos Estados, ao Distrito Federal e aos Municípios:
 II - estabelecer, subvencionar ou embaraçar o exercício de cultos religiosos;
 III - ter relação de aliança ou dependência com qualquer culto, ou igreja sem prejuízo da colaboração recíproca em prol do interesse coletivo¹⁷.

Nesse contexto, o ensino religioso foi estabelecido nas escolas públicas, constituindo a matriz curricular das escolas primária, secundária. Além disso, o casamento religioso passou novamente a ter efeitos civis e a Igreja obteve a oficialização do casamento religioso. Ainda, outra novidade, foi a introdução de um capítulo exclusivo sobre a família, que em grande parte decorreu da pressão da bancada católica. Assim, a Constituição brasileira promulgada em 1934 permitiu a interferência da Igreja Católica nos assuntos do Estado.

Nesse mesmo período, recuperamos e destacamos a Carta Encíclica “Quadragesimo Anno” de 1931, a qual apresenta como uma de suas prerrogativas o combate ao comunismo. Como observamos no trecho extraído desse documento.

Uma das facções seguiu uma evolução paralela à da economia capitalista, que antes descrevemos, e precipitou no comunismo, que ensina duas coisas e as procura realizar, não oculta ou solapadamente, mas à luz do dia, francamente e por todos os meios ainda os mais violentos: guerra de classes sem tréguas nem quartel e completa destruição da propriedade particular. Na prossecução destes objectivos a tudo se atreve, nada respeita; uma vez no poder, é incrível e espantoso quão bárbaro e desumano se mostra. Aí estão a atestá-lo as mortandades e ruínas de que alastrou vastíssimas regiões da Europa oriental e da Ásia; e então o ódio declarado contra a santa Igreja e contra o mesmo Deus demasiado o provam essas monstruosidades sacrílegas bem conhecidas de todo o mundo. Por isso, se bem julgamos supérfluo chamar a atenção dos filhos obedientes da Igreja para a impiedade e iniquidade do comunismo, contudo não é sem uma dor profunda, que vemos a apatia dos que parecem desprezar perigos tão iminentes, e com desleixo pasmoso deixam propagar por toda a parte doutrinas, que porão a sociedade a ferro e fogo. Sobretudo digna de censura é a inércia daqueles, que não tratam de suprimir ou mudar um estado de coisas, que, exasperando os ânimos, abre caminho à subversão e ruína completa da sociedade¹⁸.

Nessa mesma linha de combate ao comunismo, como presente na Carta Encíclica “Quadragesimo Anno”, temos em 1937 a encíclica *Divini Redemptori*, ambas editadas pelo

¹⁷ Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constitui%C3%A7ao91.htm. Acesso em: 6 jun. 2013.

¹⁸ Disponível em: http://www.vatican.va/holy_father/pius_xi/encyclicals/documents/hf_pxi_enc_19310515_quadragesimo-anno_po.html. Acesso em: 7 jun. 2013.

Papa Pio XI, em que identificamos como a Igreja Católica apresenta o comunismo a seus fiéis. Além disso, nela é defendido que o comunismo iria privar as pessoas de sua liberdade. Assim, apresentamos o trecho extraído dessa encíclica.

Vós, sem dúvida, Veneráveis Irmãos, já percebestes de que perigo ameaçador falamos: é do *comunismo, denominado bolchevista* e ateu, que se propõe como fim peculiar revolucionar radicalmente a ordem social e subverter os próprios fundamentos da civilização cristã. (...) Além disso, o comunismo despoja o homem da sua liberdade na qual consiste a norma da sua vida espiritual; e ao mesmo tempo priva a pessoa humana da sua dignidade, e de todo o freio na ordem moral, com que possa resistir aos assaltos do instinto cego. E, como a pessoa humana, segundo os devaneios comunistas, não é mais do que, para assim dizermos, uma roda de toda a engrenagem, segue-se que os direitos naturais, que dela procedem, são negados ao homem indivíduo, para serem atribuídos à coletividade¹⁹.

Através dos trechos da Carta Encíclica “Quadragesimo Anno” e da encíclica *Divini Redemptori* observamos que a Igreja Católica estava se mobilizando para combater o comunismo e defender a liberdade dos seres humanos no que tange a sua vida espiritual. Ainda, no que se refere à encíclica *Divini Redemptori*, podemos apontar que nela encontramos a defesa de que o silêncio da imprensa mundial era um dos fatores que contribuía para o avanço do comunismo²⁰. E, a partir da crítica à imprensa laica, encontramos uma das justificativas que podem ter levado a Igreja a fomentar a imprensa católica e defender a implantação da “Política da Boa Imprensa”²¹. Além disso, nessa encíclica encontramos a defesa de que os dirigentes das nações (governantes) precisavam atentar para os perigos do comunismo²². Essa mesma perspectiva, também foi encontrada na revista “Rainha dos Apóstolos”, que corresponde a uma das fontes utilizadas neste trabalho, isso ao verificarmos que a Igreja Católica procurava “alertar” os dirigentes para que eles não a impedissem de

¹⁹ Disponível em: http://www.vatican.va/holy_father/pius_xi/encyclicals/documents/hf_pxi_enc_19370319_divini-redemptoris_po.html. Acesso em: 7 jun. 2013.

²⁰ Conforme a Encíclica *Divini Redemptori*: “Outro auxiliar poderoso, que contribui para a avançada do comunismo, é sem dúvida a conspiração do silêncio na maior parte da imprensa mundial, que não se conforma com os princípios católicos. Conspiração dizemos: porque aliás, não se explica facilmente como é que uma imprensa, tão ávida de esquadrihar e publicar até os mínimos incidentes da vida cotidiana, sobre os horrores perpetrados na Rússia, no México e numa grande parte de Espanha pode guardar, há tanto tempo, absoluto silêncio; e da seita comunista, que domina em Moscou e tão largamente se estende pelo universo em poderosas organizações, fala tão pouco. Mas todos sabem que esse silêncio é em grande parte devido a exigências duma política, que não segue inteiramente os ditames da prudência civil; e é aconselhável e favorecido por diversas forças ocultas que já há muito porfiam por destruir a ordem social cristã”.

²¹ Segundo Ribas (2011), a Política da Boa Imprensa consistiu na preocupação da Igreja católica com as práticas de leitura de seus fiéis, o que inspirou a criação de uma imprensa católica chamada Boa Imprensa, que foi implantada a partir de meados do século XIX no Brasil.

²² Segundo a Encíclica *Divini Redemptori*: “Confiamos que aqueles que dirigem os destinos das nações, por pouco que sintam o perigo extremo que ameaça hoje os povos, compreenderão cada vez melhor o supremo dever de não impedir à Igreja o cumprimento da sua missão; tanto mais que, ao cumpri-la, enquanto procura a felicidade eterna do homem trabalha também inseparavelmente pela verdadeira felicidade temporal”.

cumprir sua missão, que consistia em combater o comunismo. O apoio dos governantes é bem visto pela Igreja Católica, tanto que é publicado, na revista católica “Rainha dos Apóstolos”²³, um artigo sobre a Espanha, em que se afirma que o General Franco adequou-se às tradições católicas.

O General Franco e outros seus companheiros de luta declararam que a ressurreição da Hespanha se amoldará as suas tradições católicas, sem copiar sistemas estrangeiros. As manifestações de catolicismo da parte dos generais são mui frequentes. Assim o general Milan Astray, o glorioso mutilado, ao falar aos cadetes da escola militar, lhes inculca que estudem o catolicismo, porque o primeiro dever do militar é amar a Deus e a Pátria²⁴.

Com o advento da Constituição de 1937, contemporânea a Encíclica *Divini Redemptori*, o governo do país é concedido a Getúlio Vargas, e ao que parece essa medida autoritária foi apoiada pela Igreja. Nesse sentido, mantiveram-se quase intactos os dispositivos da Constituição de 1934, ou seja, o Estado e a Igreja Católica continuaram legitimando-se mutuamente, como podemos observar na citação em que a revista católica, enquanto representante da Igreja, aponta a necessidade desses dois poderes estabelecerem um “acordo comum”.

O Estado, por seu lado, é no seu domínio *independente da Igreja*; um e outro tem o campo nitidamente delimitado, dentro do qual cada um é livre de proceder a seu modo (Leão XIII). – Contudo, matérias há em que os dois poderes se tocam e nas quais é necessário um *acordo comum*, porque se cada poder decidisse em sentido contrário do outro, haveria conflitos e os súditos não saberiam a qual obedecer (Leão XIII). Quando a Igreja e o Estado estão em luta, não somente as cousas pequenas sofrem, mas ate os grandes interesses se arruínam (id.). Os dois poderes devem estar unidos como corpo e alma (id)²⁵.

Dessa maneira, observamos a complexidade do religioso na contemporaneidade, sendo um importante ator político na sociedade brasileira. Com isso, ao utilizarmos diferentes Encíclicas papais aliadas a Constituições brasileiras (de 1891, 1934, 1937), pretendíamos demonstrar como a Igreja propunha o debate através das encíclicas e, também, como o Estado se relacionava com a religião. Para isso, procuramos através das Constituições brasileiras apresentadas, esboçar que a aproximação entre o Estado e a Igreja Católica não se dá de forma

²³ A revista *Rainha dos Apóstolos* inicia suas publicações em 1923 com o nome de *Regina Apostolorum*, suas primeiras edições são realizadas no seminário palotino de Vale Vêneto e, em 1934, a tipografia da revista é transferida para Santa Maria. Segundo Dalmolin (2007) o surgimento da revista está ligado a consolidação dos religiosos palotinos no Brasil nos primeiros anos do século XX. Além disso, ela aponta que não é uma estratégia, exclusiva, dos palotinos instalar tipografias, em colégios, seminários, conventos, essa estratégia também é utilizada por outras congregações.

²⁴ ESPANHA. **Rainha dos Apóstolos**, Santa Maria, ano XVI, n. 9, p. 208, set. 1938.

²⁵ A IGREJA e o Estado. **Rainha dos Apóstolos**, Santa Maria, ano XVIII, n. 5, p. 114, mai. 1940.

retilínea, mas com movimentos de idas e vindas, com avanços e retrocessos, com momentos de maior ou menor proximidade entre Estado e Igreja.

Pois, como já tratamos no início dessa subseção, a Igreja Católica sempre foi uma instituição muito importante na política do país, desde o Brasil colônia, passando pelo Império, perdendo força nos primeiros anos da República e, sendo retomado durante o governo de Getúlio Vargas. Foi esse o nosso objetivo ao apresentarmos as encíclicas e as Constituições brasileiras, ou seja, demonstrar que a aproximação entre o Estado e a Igreja Católica era uma proposição mundial e não um caso isolado, e que desde os tempos coloniais sabemos da presença da Igreja no Brasil.

1.2 A morte dos padres e a sua ressignificação no período de formação da Romaria do Caaró

A história sobre as mortes dos padres narra que coube ao padre Roque González de Santa Cruz fundar os quatro primeiros povoados, no território em que hoje se encontra o Estado do Rio Grande do Sul, mas que no passado pertencia a Espanha. E, durante a fundação do quinto povoado que seria em homenagem a “Todos os Santos do Caaró”, ele juntamente com o padre Alonso Rodriguez foram mortos a mando do cacique Nheçú, que não aceitava a presença dos padres na região. Os corpos deles foram colocados dentro da capela do povoado e depois foi ateado fogo no local. Dali os rebeldes seguiram em direção a outro povoado e encontraram o padre Juan Del Castillo, que também foi morto. No dia seguinte, retornaram a capela, da qual nada restou, com exceção de um coração, que conta a história, apresentada nas hagiografias, falou aos rebeldes.

Essa história aconteceu em novembro de 1628, e por muitos anos ela foi registrada pelos padres da Companhia de Jesus e de outras congregações. Entretanto em 1928, quando das comemorações do tricentenário de morte dos padres, esse evento passa a ser amplamente citado, rememorado e, até mesmo ressignificado. Os padres mortos a mando do cacique Nheçú eram jesuítas, e sobre essa congregação podemos afirmar que durante as comemorações do tricentenário da morte dos padres (1928), mas, principalmente nas décadas de 1930 e 1940, eles detinham significativa influência na educação, sendo os responsáveis pela educação dos filhos da elite do período.

O coração do Padre Roque
 Duas vezes sobre o crânio a pesada macana,
 Caarupé bateu, ensangüentada. E ouvia
 A voz do jesuíta ... O terror domina a fera humana.

E o bárbaro a tremer, na infernal alegria
 De matar... Sempre a voz, sempre a voz na savana
 De Caaró. – A fogueira! Ulula a turba insana
 E do incêndio da Igreja a mesma voz subia

Tudo em cinzas, e a voz nas cinzas. Marangôa
 Espantado, rugindo um berro que atordoia,
 O coração que fala atira a multidão

Há três séculos vive incorrupto na morte,
 Sob a guarda fiel do Summo Sacerdote,
 De Roque Santa Cruz o santo coração
 Durval de Moraes²⁶

O poema apresentado acima traz um dos elementos mais emblemáticos da morte dos padres Roque González de Santa Cruz, Juan del Castillo e Alonso Rodríguez, a conservação do coração do padre Roque. Os padres irão dar origem ao objeto de estudo deste trabalho, a Romaria do Caaró, pois ela foi proposta para render homenagens aos padres, que são apresentados pela Igreja Católica como os “Mártires do Caaró”²⁷. Ainda, julgamos relevante, antes de nos atermos as explicações sobre a formação e atual situação da Romaria do Caaró, apresentarmos os padres, suas vidas e a aproximação desses homens em suas mortes, motivos que levaram a população a render homenagens a eles e à Igreja Católica a canonizá-los em 1988.

Iniciemos a trajetória de vida dos padres com os companheiros do padre Roque González, enquanto que a ele dedicaremos uma atenção especial, principalmente, por ser o que mais se destaca na história. Alonso e Juan foram companheiros do padre Roque no trabalho apostólico, segundo relatos católicos os padres dividiram o sofrimento de suas

²⁶ MORAES, Durval de. O coração do P. Roque. **Rainha dos Apóstolos**, Vale Vêneto, ano VI, n. 11, p.7, nov. 1928.

²⁷ Optamos por colocar a definição Mártires do Caaró sempre entre aspas, pois é a maneira como as revistas católicas se referem aos padres Roque, Juan e Alonso, mortos em 15 de novembro de 1628.

mortes e permaneceram unidos no processo de canonização que levou longos anos para ser aceito pela Igreja e tornar os padres, definitivamente, santos²⁸.

Um dos companheiros de Roque Gonzáles foi o padre Alonso Rodríguez²⁹, morto no mesmo dia e local de seu superior, ou seja, sua morte ocorreu no Caaró no dia 15 de novembro de 1628 e, assim como o padre Roque, ele também foi morto a mando do cacique Ñheçú³⁰. Para apresentarmos esse padre optamos por utilizar a descrição de sua vida e morte, presente no número especial da revista “Rainha dos Apóstolos” de novembro de 1928, momento de comemoração do tricentenário da morte dos padres.

Era natural de Zamora na Espanha e distinguia-se desde criança por tal candidez de alma que parecia predestinada a vida religiosa. No noviciado da Companhia de Jesus em Vila Garcia era um modelo para todos. A meditação quase constante da paixão e morte de Nosso Senhor o fez derramar tão copiosas lágrimas de dulcíssima ternura que estava próximo de perder a vista de tanto chorar. Cedo veio para o Paraguai, donde seguiu o Padre Roque Gonzales para o Rio Grande do Sul. Na manhã do dia 15 de novembro de 1628 achava-se na redução do Caaró, como coadjutor do P. Roque quando ouviu o grito dos algozes que acabavam de matar seu venerando superior. Estava rezando o breviário, sai da choça para ver o que se passa, esta pronto a morrer com ele, quer dirigir-se a Igreja para morrer ao pé do altar, mas é agarrado imediatamente por um dos malfeitores e recebe os golpes das pesadas clavas, quase morto ainda se arrasta até a porta da Igreja onde acabam de mata-lo. Contava o jovem mártir 33 anos de idade³¹.

A descrição da vida e morte de um dos companheiros de Roque Gonzáles é transcrita acima e nela observamos a preocupação do autor do texto, o padre Germano Middeldorf, em apresentar o padre Alonso Rodríguez como uma pessoa que desde a sua infância já dava indícios de sua vocação e de seu caráter, pois, segundo ele, o companheiro do padre Roque desde criança distinguia-se pela candidez de sua alma. Ao que nos parece, essas afirmações buscam legitimar o espaço ocupado pelos padres, uma vez que nesse período havia sido retomado o processo de beatificação deles, que só foi concluído em 1934, quando o Papa Pio XI os beatificou.

O contexto histórico em que ocorre a beatificação dos mártires precisa ser ressaltado, pois foi um momento de profundas mudanças na ordem regional, nacional e internacional. Nesse sentido, temos a crise do capitalismo liberal, o período do entre guerras, a proliferação

²⁸ MIDDELDORF, Germano. Os Companheiros do P. Roque González. **Rainha dos Apóstolos**, Santa Maria, ano VI, n. 11, p.19, nov. 1928.

²⁹ O padre é apresentado na revista como Affonso Rodriguez, entretanto a grafia correta de seu nome é Alonso, pelos motivos que já justificamos anteriormente.

³⁰ Essa narrativa da morte dos padres destaca a demonização do indígena, que passa a ser visto como rústico, selvagem, ultrapassado.

³¹ MIDDELDORF, Germano. Os Companheiros do P. Roque González. **Rainha dos Apóstolos**, Santa Maria, ano VI, n. 11, p.19, nov. 1928.

de ideias fascistas, e é esse contexto que facilita a aproximação do Estado e da Igreja Católica, ou seja, na desordem do mundo cristão havia forças internas que serviam de resposta a crise emergencial de corações e mentes. E é, nesse contexto, que a vida e a morte dos padres são lembradas e ressignificadas, o que fortalece, ainda mais, o discurso construído sobre eles.

A partir dessas considerações, cabe apresentarmos outro companheiro do padre Roque, Juan del Castillo, que assim como o anterior, também foi morto a mando do cacique Ñheçú. Novamente, utilizaremos a transcrição da revista para narrarmos a vida e a morte desse padre.

Dois dias depois aos 17 de novembro seguiu aos dois primeiros gloriosos mártires o venerável padre João de Castilho, natural de Belmonte na Espanha, filhos de pais nobres e ricos. Tendo entrado na Companhia de Jesus alcançou ser enviado para as missões e prosseguiu os seus estudos no Chile e Paraguai. Seu exterior e suas maneiras distintas e finas atraíam a veneração amorosa de todos. Chegando ao Rio Grande do Sul trabalhou em São Nicolau, perto da Foz do Ijuhy, e com zelo tal que em pouco tempo se lhe foram as forças da saúde, tendo o padre superior da missão, Roque Gonzales, de tirá-lo de tão exaustivo trabalho. O P. Roque levou consigo para fundar a povoação de Nossa Senhora da Assunção, no dia 15 de agosto de 1628. Mas a ferocidade deste seu novo rebanho era tal que a vida do piedosíssimo missionário foi um verdadeiro martírio prolongado, terminando com o martírio cruento três meses depois. Chegando a notícia do que se dera no Caaró com os padres Roque e Affonso, os índios o agrediram e declararam que o matavam por ódio da religião que pregava o que seu alegria imensa ao P. Castilhos, por saber que era assim verdadeiro mártir da fé. Com bondade angélica e palavras de brandura celestial, recebeu bofetadas, pauladas, feridas de espadas e outros maus tratos, por tempo demorado até que com pedras agudas lhe desfizeram de tal modo o rosto que todo se achava banhado em sangue e sua alma se desatou dos laços corporais e voou alto começando as delícias eternas³².

Na transcrição percebemos o esforço em construir um discurso para promover os primeiros “heróis rio-grandenses”. Nesse contexto, identificamos a construção discursiva de opostos, os padres são apresentados como heróis, gloriosos mártires, e em oposição temos os indígenas a quem é atribuído o adjetivo de feroz. Com isso, podemos apontar que o processo de beatificação dos padres foi construído ao sabor do maniqueísmo cristão, em que encontramos a oposição heróis *versus* vilões.

Ainda na citação, observamos a vontade do padre Middeldorf de apresentar o bom caráter dos companheiros do padre Roque. Primeiro, o padre Juan era oriundo de uma família abastada e, portanto, não tinha motivos de deixar a vida que levava para se submeter a uma situação difícil nas missões, como observamos nas citações: “em pouco tempo lhes foram as forças da saúde”; “a vida do piedosíssimo missionário foi um verdadeiro martírio prolongado”. O seu caráter aliado a sua morte, que foi narrada pelo autor com requintes de

³² MIDDELDORF, Germano. Os Companheiros do P. Roque González. **Rainha dos Apóstolos**, Santa Maria, ano VI, n. 11, p.19-20, nov. 1928.

crueldade, enaltece a sua alma e fortalece sua personalidade altruísta, ou seja, o que Middeldorf procura demonstrar nesse artigo é o quanto os companheiros do padre Roque Gonzáles foram, desde sempre, pessoas com caráter honrável e mortes “heróicas”.

A partir da descrição da vida e morte dos companheiros de Roque González, pretendíamos demonstrar que não foi apenas Roque González, mas que também Alonso Rodríguez e Juan del Castillo foram alvo da revolta dos indígenas. Após o episódio do “martírio”, por trezentos anos esse evento foi lembrado em cartas pelos companheiros dos padres Roque, Alonso e Juan, assim como por uma extensa literatura jesuítica escrita desde o século XVII sobre o episódio³³. Com isso, julgamos relevante apresentarmos uma breve descrição do que foi produzido sobre a morte dos padres nos quase trezentos anos que separam o “martírio”, segundo definições das revistas católicas, da retomada do processo de beatificação dos “Mártires do Caaró”.

Referente à documentação epistolar dos jesuítas, podemos afirmar que permitiram as trocas entre os padres da Companhia de Jesus e seus superiores de Roma, além disso, possibilitaram compreender a atuação dos padres nas frentes de evangelização. Assim, as cartas ânuas correspondem às fontes que nos possibilitaram conhecer as culturas indígenas, e delas podemos perceber os sinais, os mitos da dominação colonial³⁴.

A Companhia de Jesus tratou a seus documentos como monumentos, tanto por sua grande produção, quanto pela intencionalidade do que foi produzido. Com isso, é relevante mencionarmos a dedicação do grupo em preservar o que ficaria para a posteridade. A partir disso, podemos afirmar que “todo o documento é monumento na medida em que supõe uma intencionalidade, encerra determinadas relações de poder e projeta para o futuro uma imagem desejada de alguém, de uma instituição, de um acontecimento, ainda que involuntariamente”³⁵.

O historiador francês Jacques Le Goff (1984), propõe a noção de documento/monumento, e Oliveira (2009) se apropria dessa concepção ao tratar das fontes jesuíticas. Para Le Goff (1984), o binômio documento/monumento chama a atenção exatamente por seu caráter de construção, ou de montagem, em que um discurso é forjado, a

³³ O historiador Paulo Rogério Melo de Oliveira analisa em sua tese a documentação referida, sendo que essa dissertação será orientada, a partir das leituras do historiador, uma vez que julgamos pouco relevante para o nosso objeto de estudo acumular a leitura dessa documentação, que já foi muito bem analisada por Oliveira (2009) em sua tese. Assim, optamos por listar as obras sem nos atermos a elas.

³⁴ OLIVEIRA, Paulo Rogério Melo de, 2009, p. 47.

³⁵ OLIVEIRA, Op. cit., p. 53.

fim de reificar uma personagem ou, no intuito, de criar um mito³⁶. Ou seja, a Romaria do Caaró pode ser entendida como um documento/monumento, pois sua formação e consolidação é resultado da construção de Roque González como mito fundador das missões³⁷, na região que hoje compreende o Brasil, a Argentina e o Paraguai, e que foi traduzida, posteriormente, como os 30 povos das missões, como propõem alguns historiadores³⁸.

É relevante mencionarmos a preocupação que os padres da Companhia de Jesus dispensam ao passado e a memória da instituição. Além disso, um grande número de jesuítas dedica-se a rememoração da obra missionária jesuítica (que tem como principal fonte a correspondência epistolar), assim verificamos importância que esse grupo atribui à história, por ser sua escrita uma possibilidade de resguardar a memória da instituição.

A partir da relevância atribuída pela Companhia de Jesus com a preservação da memória, é pertinente rememormos a escrita de alguns padres, dentre eles do padre José María Blanco (1929) que entre os anos de 1928 e 1929, publica uma “História documentada sobre os mártires de Caaró”, sendo que, contemporaneamente a esse período são renovadas as tentativas de beatificação dos santos mártires³⁹.

Além de Blanco, inúmeros outros padres escrevem sobre as missões jesuíticas, dos quais podemos destacar o jesuíta Nicolas del Techo (1673), ou em francês Nicholas de Tuic, o qual inaugura uma historiografia voltada para as missões do Paraguai, a partir do livro “Historia de la Provincia del Paraguay de la Compañia de Jesús”, publicado em 1673, no qual os jesuítas são apresentados como verdadeiros heróis e o Paraguai, com isso, converte-se em um palco de lutas dramáticas em que os heróis jesuítas combatem a idolatria.

Da mesma maneira, Pedro Lozano (1754 a) produz sua obra aos moldes jesuítas, isso ao utilizar o mesmo estilo triunfante de Techo. A literatura de glórias e grandes feitos produzidos pelos jesuítas foi cotidianamente (re)construída entre os integrantes da Companhia, principalmente nos momentos difíceis, para legitimar seus atos. E foi isso o que fez o abade italiano, Ludovico Antonio Muratori (1743), escreveu o livro “O cristianismo feliz nas missões jesuíticas”, que pretendia evocar o passado glorioso e, com isso, exorcizar o presente degradante e ameaçador⁴⁰.

³⁶Segundo LE GOFF, Jacques. Memória-História. In: Enciclopédia Einaudi. V. 1. Verbetes “Documento/monumento”. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1984.

³⁷ Sobre a definição do padre Roque González como mito fundador, trataremos mais adiante.

³⁸ BRUXEL, Arnaldo. **Os Trinta Povos Guaranis**. Panorama Histórico-Institucional. Porto Alegre: Editora Sulina, 1978, 166 p.; FLORES, Moacyr. **Colonialismo e Missões Jesuíticas**. São Leopoldo: Editora EST, 1983.

³⁹ OLIVEIRA, Paulo Rogério Melo de, 2009, p. 49.

⁴⁰ Ibid., p. 65.

No ano de 1912 o padre espanhol Pablo Pastells (1912) publica “A Historia de la Compañia de Jesus en la Provincia del Paraguay”, a fim de comemorar o centenário de restauração das missões jesuíticas, que ocorreria em 1914, pois as missões do Paraguai foi a mais gloriosa, assim como a mais perseguida⁴¹. Ainda, em 1912 também se tornou pública uma ambiciosa obra de historiografia jesuíta, “Historia de la Compañia de Jesus en la Asistencia de Espana”, de autoria do jesuíta espanhol, Antonio Astrain (1902-09). Seu propósito era narrar desde a origem da Companhia até a sua supressão em 1773 por Clemente XIV⁴².

Essa sucinta revisão sobre a escrita jesuíta, desde os primeiros anos da morte dos padres, é uma tentativa de historicizar esse processo, pois por trezentos anos a memória desse evento esteve muito presente nas obras dos jesuítas. Essa documentação foi utilizada a fim de mapear os discursos⁴³ produzidos sobre eles, no longo período que separa suas mortes e a retomada do processo de beatificação.

Essa escrita está circunscrita ao pensamento jesuítico, no que José Eisenberg definiu como “pensamento político moderno”, em sua obra “As Missões Jesuíticas e o Pensamento Político Moderno: Encontros Culturais, Aventuras Teóricas”. (EdUFMG, 2000) A partir do paradigma proposto por Eisenberg, os jesuítas pensam a relação do Ocidente Cristão moderno em seus nexos com interculturalismos indígenas, mas sempre esmerados, empenhado em uma campanha retórica que justificasse a reforma católica do empreendimento missionário. Assim, podemos perceber na formulação discursiva da Companhia que, os missionários “massacrados” no Caaró em 1628, saem da condição humana para a condição sagrada,

⁴¹ Ibid., p. 72.

⁴² Ibid., p. 77. O Papa Clemente XIV extinguiu a Companhia de Jesus em 1773, pois ele estava convencido de que ela trazia mais problemas do que vantagens. Com isso, a Ordem dos Jesuítas só voltou a existir em 1814.

⁴³ Apesar da linhagem empregada ao trabalho não parecer própria da utilizada por Michel Foucault, não poderíamos ignorar as discussões que ele realiza sobre o conceito de discurso, dessa forma não deixamos de utilizar esse e outros conceitos que instrumentalizam e colaboram com a nossa análise. No livro, “A Ordem do Discurso”, Michel Foucault nos apresenta os grupos de repressão do discurso, sendo que ele os divide, primeiramente, em três grupos, são eles: interdição, segregação da loucura e vontade de verdade. A interdição, na concepção de Foucault corresponde ao fato de que não se tem o direito de dizer tudo, enfim não se pode falar de qualquer coisa, provocando assim juízos de valor a partir da percepção individual de cada discurso (aborto, religião). O autor ainda nos coloca, que no tempo em que seu texto fora escrito (1970) e ainda hoje, porém em diferentes graus, os discursos mais fechados referem-se a “sexualidade e a política.” Entretanto, Foucault nos mostra que a sociedade não utiliza apenas da interdição como exclusão do discurso, a separação e a rejeição também são atitudes tomadas diante de um discurso, o qual pretende-se excluir, como é o caso do louco que nos é apresentado desde a Alta Idade Média como aquele cujo discurso não pode circular como dos demais. Por fim, podemos afirmar que tanto a interdição quanto a segregação da loucura orientam-se na busca pela vontade da verdade. Foucault, muito bem coloca que não é interesse da sociedade ouvir o discurso dos loucos, pois não possui a verdade reconhecida e legitimada. O autor considera que talvez seja arriscado considerar a oposição entre o verdadeiro e o falso como um terceiro sistema de exclusão. A história é um exemplo disso, convivemos com a reinterpretação histórica cotidiana, mas isso não nos permite afirmar que a nova história que se propõe é a verdadeira história.

justificando a sacramentalização, ampliando os limites do poder secular através da conversão dos indígenas do Caaró, tornando relevante toda e qualquer ação missionária. Nesse sentido, o evento do “martírio do Caaró” é apresentado no pensamento jesuítico nos limites da articulação retórica, ressuscitada, ressignificada nos discursos da Companhia três séculos após, em 1928.

A historiadora Livia Pedro em sua dissertação, defendida em 2008 se propõe a traçar uma biografia da obra, “A História da Companhia de Jesus no Brasil”, do padre jesuíta Serafim Leite S.J., composta por dez volumes e publicada entre os anos de 1938 e 1950. Segundo a autora, a obra conta a história dos jesuítas no Brasil colonial, a partir do entendimento que os inacianos tinham de si mesmos. Ainda, sobre Serafim Leite S.J., a autora menciona que era de origem portuguesa, mas que veio a convite do tio ao Brasil, aonde residiu por sete anos, na região norte do país.

Quando pensamos numa publicação com 10 volumes, produzida ao longo de 18 anos, de 1933 a 1950, podemos supor que a narrativa não seja uniforme, mas não é o que afirma a historiadora Livia Pedro. Segundo ela, o padre Serafim Leite S.J. redigiu os dez volumes do livro embasado nos mesmos pressupostos teóricos e metodológicos, ainda, aponta que ele adotou o mesmo critério em todos os tomos, unificando-os em torno de um único objetivo, a defesa dos jesuítas portugueses.

A partir da autora ficamos sabendo que o livro de Serafim Leite S.J. fazia parte de um projeto maior de escrever a história da antiga Assistência de Portugal da Companhia de Jesus, que incluía, as Províncias Jesuíticas do Brasil, da Ásia e Lusitana. Após, essa breve consideração sobre o jesuíta Serafim Leite S.J., cabe relacionarmos essa publicação com o período histórico que estamos estudando. Nesse sentido, é pertinente mencionarmos que os tomos do livro de Serafim Leite S.J. começaram a ser publicados em 1938, ou seja, dois anos antes das comemorações do 4º Centenário da Companhia de Jesus (1940), e como apontou Livia Pedro, em nenhum momento o autor perdeu de vista o seu objetivo que era defender os jesuítas. Dessa maneira, podemos considerar que o pensamento jesuítico defendido por Serafim Leite S.J. se desenvolve durante o Estado Novo no Brasil, momento em que a congregação se preparava para comemorar seu 4º Centenário de formação.

1.2.1 Roque González: o protomártir do Rio Grande do Sul

Antes de iniciarmos a narrativa sobre Roque González de Santa Cruz, julgamos relevante explicarmos um dos termos do título dessa subseção, no caso a palavra protomártir. Primeiro, empregamos essa palavra, porque é a maneira como as revistas católicas, “Rainha dos Apóstolos” e “UNITAS”, se referem ao padre Roque. Sinteticamente, o termo se refere ao primeiro mártir de uma religião, no caso do padre Roque González ele não é o primeiro mártir da religião católica, mas é apresentado como o primeiro mártir do Rio Grande do Sul e essa atribuição lhe confere uma aura especial.

Dessa maneira, comecemos a narrativa sobre a vida do Pe. Roque González falando de seu nascimento, que segundo Luiz Gonzaga Jaeger⁴⁴, em 1576. Roque González de Santa Cruz nasceu em Assunção numa das mais distintas famílias da então capital do governo do Rio da Prata. Mas, segundo Carlos Teschauer S.J. já na infância e juventude começa a se diferenciar dos demais.

Seu entretenimento predileto era estar na presença de seu Deus, e chegado aos anos da puberdade, recatou a virtude de forma que conservou a inocência baptismal, prodígio quase sem exemplo no meio da dissolução e desenvoltura de costumes, própria a colônias entre gente bárbara. Esta fidelidade, com que correspondia o jovem Roque a graça, premiou-a o Criador, derramando com mão pródiga favores extraordinários sobre aquele privilegiado coração, parecendo apressar-se a tomar posse desta alma, para que, arrebatada pela formosura infinita, a nada mais aspirasse sobre a terra senão a glória do Senhor e a salvação das almas⁴⁵.

Após uma infância pródiga, Roque ingressa na Companhia de Jesus em 1609, aos 33 anos. Ao ingressar na Companhia, ele é conduzido à missão entre os índios do Paraguai, por dominar o idioma Guarani e por já ter experiência e convívio com os indígenas. O padre Carlos Teschauer apresenta inúmeras dificuldades impostas ao padre Roque que são por ele superadas por seu caráter e qualidades. Entretanto, não apresentaremos os caminhos da vida do padre, por entendermos que não é esse o nosso objetivo no trabalho, na verdade, o que pretendemos é explicar como ele é construído enquanto mito, sendo apresentado pelas revistas católicas como o “protomártir do Rio Grande do Sul”. Por isso, realizamos um grande salto temporal passando à narrativa, também do padre Carlos Teschauer, sobre a morte do padre Roque González de Santa Cruz.

⁴⁴ JAEGER, Luiz Gonzaga. Quando nasceu o padre Roque. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul**, ano VIII, p. 470, nov. 1928.

⁴⁵ TESCHAUER, Carlos. Anos de juventude e sacerdocio. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul**, ano VIII, p. 310, nov. 1928.

Ainda no dia 15 de novembro, em que havia de deixar este mundo, escreveu o P. Roque uma carta ao P. Romero que nos mostra quão pouco se arreceava do perigo. Dizia nela que tudo ia em bom andamento e que pouco faltava para se reduzirem quinhentas famílias. Ouçamos agora a relação dos tristes sucessos no Caaró. Celebrará o P. Roqueo santo sacrifício, se suspeitar que seria o seu viatico, e feita a ação de graças costumada, mandou vir um neophyto, para guindar um sino a uma árvore. Acudira muita gente a praça e em frente a Igreja. Caarupe, um dos conjurados, julgando a ocasião oportuna para executar o plano sanguinário, mandou alguns índios acercar-se do padre, armados de instrumentos que pareciam convenientes ao trabalho que se fazia. Cercaram a vitima, para evitar que lhes escapasse ou lhe viesse auxilio de fora. Nisto, curvou-se o padre sobre o sino para prender o badalo, e a um aceno de olhos de Caarupe, um golpe de macana vibrado por Marangoa prostrou por terra, exânime, o sacerdote, enquanto outro índio, amiudando furiosamente os golpes, partia-lhe o crânio. Foi assim que aquela generosa alma, livre já das peias do corpo, voou para as regiões da paz e luz eterna⁴⁶.

Com isso, chegamos à morte do padre Roque, por quase trezentos anos essa história foi rememorada em cartas, narrativas e livros, cujos guardiões eram os próprios jesuítas. Entretanto, no ano das comemorações do tricentenário da morte dos padres observamos uma força conjunta, formada com a perspectiva de rememorar esse episódio, presente tanto na revista católica “Rainha dos Apóstolos”, quanto em publicações laicas como a “Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul”. Dessa forma, passemos a análise das publicações do ano de 1928, momento em que esta em vias de se realizar as comemorações do tricentenário de morte dos padres Roque, Juan e Alonso.

Encontramos na revista “Rainha dos Apóstolos” em agosto de 1928 um artigo referente ao Pe. Roque González, em que ele é apresentado como “mártir do Rio Grande do Sul” e responsável por introduzir no Estado a cultura cristã, tornando-se assim, o primeiro apóstolo do Estado. No mês seguinte, a revista segue com as homenagens ao tricentenário de sua morte, nesse momento com o artigo “Honroso centenário”⁴⁷. Nele são explicadas aos leitores que tipo de homenagens os católicos podem prestar aos “mártires”, o que demonstra que se pretendia apresentá-los à população como exemplos a seguir.

Na edição de setembro de 1928, começam a ser publicados os artigos do Pe. Carlos Teschauer, “Vida e obras do Venerável Roque Gonzáles de Santa Cruz”⁴⁸, esses artigos foram publicados até 1931. Entretanto, as publicações não têm periodicidade, além disso nem sempre eles são assinados, mas quando isso ocorre o único nome que aparece é o do Pe. Carlos Teschauer.

⁴⁶ TESCHAUER, Carlos. Martyrio do veneravel P. Roque e seus companheiros. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul**, ano VIII, p. 368-369, nov. 1928.

⁴⁷ HONROSO centenário. **Rainha dos Apóstolos**, ano VI, n. 9, p. 132, set. 1928.

⁴⁸ VIDA e obras do Venerável Roque Gonzáles de Santa Cruz. **Rainha dos Apóstolos**, ano VI, n. 9, p. 133-134, set. 1928.

Dessa maneira, temos em 1928 com a ressignificação das ações e do pensamento jesuítico do padre Roque González e seus companheiros os primeiros passos para a formação a Romaria do Caaró que pode ser descrita como um evento religioso que rende homenagens aos padres Juan del Castilho, Alonso Rodríguez e Roque González de Santa Cruz. Dentre eles o que possui destaque, refere-se ao Pe. Roque González, fato que leva-nos a atribuir-lhe o status de mito fundador.

Ao falarmos de *mito*, nós o tomamos não apenas no sentido etimológico de narração pública de feitos lendários da comunidade (isto é, no sentido grego da palavras *mythos*), mas também no sentido antropológico, no qual essa narrativa e a solução imaginária para tensões, conflitos e contradições que não encontram caminhos para serem resolvidos no nível da realidade. (CHAUÍ, 2000, p. 5)

Para o entendimento sobre o mito, julgamos relevante entender o seu significado etimológico. Segundo Vania B. P. Merlotti (1979), que escreve sobre a construção do padre como mito numa colônia italiana no município de Flores da Cunha, interior do Estado do Rio Grande do Sul. Ela afirma que, “o termo grego *mythos*, masculino, de origem indo-europeia, tem o sentido original de discurso, e é aparentado ao verbo àtico *mythízo* e ao verbo *mythéomai* que significa falar, conversar, dizer, refletir” (MERLOTTI, 1979, p. 25). Dessa maneira, o que a autora busca ao estudar sentidos etimológicos e semânticos da palavra *mythos* é demonstrar que envolvem essa palavra três ideias básicas, falar, desejar e pensar. Após essas primeiras considerações, a autora aponta as diferentes definições da palavra mito.

Atualmente, depois de importantes estudos sobre o mito, pode-se defini-lo de várias formas. Primeiramente, como realidade que revela ao mundo e ao homem a partir dos paradigmas de todo o ato criador. Na ação, o homem justifica, pelos mitos, o seu próprio ato como “aderência ao real”. O seu ponto de referência é a realidade e surge como tentativa de explicação para um mundo que se transformou e se transforma num constante fluir. É, portanto, justificativa do comportamento real, mesmo que se refira ao desconhecido por formas irrealis e abstratas que traz dentro de si. (MERLOTTI, 1979, p. 26)

Retomando, a apresentação do padre Roque González na revista católica, podemos apontar que dentre as suas características, a mais enaltecida refere-se ao domínio que possuía do idioma nativo dos indígenas, o Guaraní, pois desde a infância o padre Roque González estava familiarizado com ele. Entretanto, coube ao domínio da língua Guaraní aproximá-lo dos nativos, uma vez que a língua era uma das maiores dificuldades dos demais missionários para se inserirem nos grupos indígenas, e coube ao domínio da língua destacar o Pe. Roque González dentre os demais.

Em relação aos múltiplos discursos apresentados sobre o padre Roque González, podemos afirmar que cada um foi produzido por diferentes sujeitos. A primeira construção discursiva foi, imediatamente após o martírio, sendo formulada por padres jesuítas e registrada em cartas ânuas, a partir disso podemos considerá-lo o primeiro discurso elaborado sobre a sua morte. Nele os padres jesuítas demonizam Nheçú e proclamam os três padres como “mártires”. Entretanto, a tese defendida por Paulo Rogério Melo de Oliveira (2009) questiona o processo de demonização do indígena, demonstrando que a construção realizada ignora os motivos que levaram os indígenas a adotarem tal atitude.

Também encontramos essa perspectiva na análise da revista, na edição especial de novembro de 1928, em homenagem ao tricentenário do “martírio”. Nessa publicação, o padre Roque González é apresentado como: “o primeiro apóstolo que penetrou em terras gaúchas, as quais foram fecundadas pelo seu sangue derramado em doloroso e santo martírio”⁴⁹, ou seja, observamos nessa citação o caráter sacralizado de sua morte, assim como a relação que se busca estabelecer do padre Roque González com o Estado do Rio Grande do Sul. Sendo que, essa relação é o elemento que confere o título a essa subseção, pois a partir dessa aproximação conferem a ele a proposição de “protomártir do Rio Grande do Sul”.

Nesse sentido, convém destacar que, a partir do discurso construído pelos arautos da Companhia de Jesus, no começo do século XX, procurou referendar que o processo histórico rio-grandense durante os primeiros contatos da colonização ibérica é obra exclusiva dos jesuítas missionários e não das frentes de conquistas leigas. O protomártir está relacionado a uma proto-história jesuítica, suas ações pela evangelização, catequese e defesa dos indígenas. Com isso, a Companhia de Jesus, protagonizava a proto-história antes da ação política do Estado Espanhol. Essa fórmula discursiva justificava aos “santos mártires”, e lhes atribuía um lugar de destaque no passado rio-grandense, que devia ser venerado, reverenciado no tempo presente da década de 1920 e início da década de 1930.

Explorando um pouco mais a relação que se busca estabelecer do padre Roque com o Estado do Rio Grande do Sul devemos nos remeter ao artigo intitulado “A nacionalidade do padre Roque Gonzáles”, em que se afirma:

O nosso venerável Roque Gonzáles foi o primeiro homem civilizado que entrou no Rio Grande do Sul, ensinando nesta terra abençoada as artes, a indústria e a agricultura. Foi o primeiro catequista, sacerdote e mártir. Seu sangue regou o solo riograndense e aqui seu corpo espera a ressurreição. É pois, indiscutível a nacionalidade gaúcha do venerável Roque Gonzáles. Naturalização planejada pela

⁴⁹ AZEVEDO, Soares. Um herói da Independência. **Rainha dos Apóstolos**. Vale Vêneto, ano VI, n. 11, p. 5, nov. 1928.

divina providência, escrita por longa serie de heroísmos bemfazejos em letras indeléveis na história primordial do nosso povo e sigila com o seu sangue. Glória, pois ao heroísmo e santo gaúcho Roque González de Santa Cruz⁵⁰.

Além da tentativa de aproximar Roque González ao Estado do Rio Grande do Sul, encontramos outro artigo em que ele é apresentado como herói da independência. No artigo “Um herói da independência”, ele é apresentado aos leitores, como “o descobridor, civilizador, apóstolo e primeiro mártir do Rio Grande do Sul, foi por isso mesmo um dos grandes heróis da nossa independência como nós encaramos que deva ser a independência”⁵¹. Ao longo do artigo é reafirmado que o padre Roque é o verdadeiro herói da independência, “destes homens que se deveria dizer com justiça e com verdade, que foram os verdadeiros pioneiros da independência nacional”⁵², nesse artigo de Soares d’Azevedo identificamos, novamente, o esforço em rememorar o padre Roque González, isso ao procurar aproximá-los de elementos que fossem conhecidos pelos leitores da revista.

No artigo, “Os companheiros do padre Roque González”, escrito pelo Pe. Germano Middeldorf, o padre Roque é apresentado como “um vulto tão gigantesco, de dimensões quase bíblicas, facilmente ficam na sombra os seus dois companheiros, que, contudo, junto com ele formaram o legítimo triunvirato dos primeiros mártires riograndenses”⁵³. Essa citação demonstra o posicionamento secundário ocupado pelos padres Alonso Rodríguez e Juan del Castillo, em comparação com o destaque atribuído a Roque González.

Esse destaque se deve, principalmente, ao coração do padre Roque, que foi reencontrado em Roma em 1903, a pedido do padre Carlos Teschauer. Sobre o coração é pertinente apontarmos que mesmo após quase trezentos anos, essa relíquia foi encontrada nos arquivos do Vaticano. Assim, entendemos que a preservação do coração fez com que o padre Roque González misturasse em sua construção como mito fundador do Rio Grande do Sul, elementos históricos, ao ser apresentado como herói da independência por exemplo, e situações idealizadas. Ou seja, o coração do padre Roque, enquanto relíquia corroborou para o seu entendimento como mito, pois como já demonstramos, anteriormente, ao tratar da vida e morte dos padres, seus memorialistas, padres e também leigos, promoveram narrativas idealizadas sobre Roque, Juan e Alonso.

⁵⁰ A NACIONALIDADE do Padre Roque González. **Rainha dos Apóstolos**, Vale Vêneto, ano VI, n. 11, p. 26, nov. 1928.

⁵¹ AZEVEDO, Soares. Um herói da Independência. **Rainha dos Apóstolos**, Vale Vêneto, ano VI, n. 11, p. 6, nov. 1928.

⁵² AZEVEDO, Soares. Um herói da Independência. **Rainha dos Apóstolos**, Vale Vêneto, ano VI, n. 11, p. 7, nov. 1928.

⁵³ AZEVEDO, Soares. Um herói da Independência. **Rainha dos Apóstolos**, Vale Vêneto, ano VI, n. 11, p. 19, nov. 1928.

Um dos maiores entraves à utilização das narrativas associadas aos mitos entendidos como personagens históricos e mesmo a situações idealizadas, diz respeito ao fato do mito não admitir questionamentos. Ele é da ordem do atemporal, encontra-se inscrito fora do tempo e, portanto, fora da história dos homens. (SOUZA, 2004, p.11)

Na citação acima, Mériti de Souza apresenta-nos a sua concepção sobre mito. Nela a autora propõe que os mitos, quando aceitos como personagens históricos, acabam por promoverem narrativas históricas idealizadas. Além disso, a construção dos mitos faz parte da constituição da sociedade, pois estiveram e estão presentes no imaginário cultural das sociedades (SOUZA, 2004, p. 13).

Apesar de não ater-se, especificamente, ao caráter de mito fundador de Roque González, o artigo publicado na edição especial de 1928, demonstra que em inúmeras cidades foram realizadas homenagens ao tricentenário do “martírio”, como em São Miguel, que segundo dados da revista “Rainha dos Apóstolos” no dia 15 de novembro três mil pessoas foram visitar as ruínas para rememorar e homenagear os padres. Além disso, outras cidades como: Santa Maria, Porto Alegre, São Leopoldo e as localidades de Vale Vêneto e Silveira Martins organizaram homenagens aos três séculos das mortes dos padres Roque González, Alonso Rodríguez e Juan del Castillo.

1.3 Fronteira e Região das Missões: a definição do local do Santuário do Caaró⁵⁴

Primeiramente, temos de considerar que a concepção do Rio Grande do Sul como um espaço de fronteira é discurso corrente na historiografia brasileira. A definição desse conceito causa inúmeras controvérsias, isso porque lhes são atribuídos distintos significados. O conceito de fronteira⁵⁵ pode referir-se a espaço geográfico, a valores psicológicos, causando implicações econômicas e sociais e, promovendo aproximações ou acirradas disputas. Assim, pretendemos discutir os múltiplos significados desse conceito e, a partir disso, desenvolver uma análise sobre fronteira e região, a fim de tratar de um espaço traduzido como região das missões, uma vez que esse espaço fronteiriço compreende ao recorte definido para o trabalho.

⁵⁴ Partes das ideias desenvolvidas nessa subseção foram apresentadas no I Encontro Internacional Fronteiras e Identidades, realizado na Universidade Federal de Pelotas entre 25 e 28 de setembro de 2012.

⁵⁵ Segundo Benedikt Zientara, “o termo “fronteira”, tal como os substantivos correspondentes nas línguas espanhola (frontera), francesa (frontière) e inglesa (frontier) derivam do antigo latim fronteira ou frontaria, que indica a parte do território situada *in fronte*, ou seja, nas margens” (1989, p. 306).

Por isso, antes de nos atermos a definição do lugar da morte dos padres Roque, Juan e Alonso, que permitiu, posteriormente, a organização do Santuário do Caaró, julgamos que é fundamental realizarmos uma discussão historiográfica sobre o conceito de fronteira, procurando apresentar, bem como diferenciar algumas de suas definições. Além disso, analisaremos esse conceito a partir de uma abordagem regional, no que tange os estudos sobre a região das missões, a localização espacial definida para o trabalho.

O espaço de fronteira é muitas vezes percebido como “terra de ninguém”⁵⁶, entretanto esse local está longe dessa definição, uma vez que é habitado por indivíduos, sendo errôneo conceituá-lo como um espaço vazio. O local que se pretende estudar, região das missões, passa por inúmeras configurações de fronteira, primeiramente, encontra-se em território espanhol, isso no momento de fundação das missões em 1682. Mas, em 1801, os “Sete Povos das Missões” são incorporados ao território luso-brasileiro, que se encontrava em expansão. Com essas definições podemos ponderar que a formação dessa região perpassa distintos momentos, em que a linha de fronteira encontrava-se bastante indefinida, porosa. Num período em que os Estados ibéricos estão disputando território, a fronteira acaba, muitas vezes, sendo percebida como um espaço a avançar.

Na base dos conceitos que se conhece, hoje, sobre fronteira, estão as formulações de Benedikt Zientara (1989). Segundo Zientara, a ideia de que fronteira separa duas regiões diferentes é errônea, pois “a linha de fronteira é, portanto, uma abstração que não têm existência real fora do mapa geográfico” (1989, p. 307). Essa proposição do autor corrobora com a ideia de que fronteira pode ser definida como um espaço geográfico, isso na sua formulação mais simplória, entretanto, fronteira não corresponde, exclusivamente, a uma linha traçada no mapa. Como já havíamos mencionado anteriormente, muitas vezes esse conceito é utilizado, apenas para designar um espaço, contudo fronteira possui outras definições.

O espaço ao extremo sul do Estado do Brasil encontra-se, na segunda metade do século XVIII, em um processo de reconfiguração territorial promovido pelo Tratado de Madri (1750). Mas, segundo o historiador Fernando Camargo, o Tratado de Madri não representou o fim das disputas de fronteiras e limites, pois a desconfiança mútua reforçada por cinco séculos de enfrentamento na América e Europa impediu que os termos do acordo fossem cumpridos. O Tratado de Madri foi anulado em 1761 pelo Tratado de “El Pardo” e, firmado um novo acordo que perdurou até 1763, quando foi assinado o Tratado de Paris, que devolveu a

⁵⁶ Termo utilizado em: HAMEISTER, Martha Daisson; GIL, Tiago Luis, 2007.

Colônia do Sacramento aos portugueses, porém o estabelecimento da paz nas relações das nações vizinhas no Prata só foi possível em 1777, com o Tratado Preliminar de Paz e de Limites. Com isso, o que podemos aferir, com a sucessão de tratados, consiste na dificuldade em estabelecer os limites e a fronteira nesse espaço, uma vez que ora portugueses, ora espanhóis, tinham domínio sobre esse território⁵⁷.

Assim como Camargo (2010), Martha Hameister e Gil (2007) escrevem sobre as relações militares, entretanto eles se detêm à análise de como esses indivíduos que ingressam nas campanhas militares, conseguem destaque e benefícios individuais, para sua família e agregados. Com isso, os autores demonstram que havia uma negociação para a ocupação do território conquistado na guerra, a “concessão” da coroa diante do contrabando, enfim, estratégias que contribuíam para “fazer-se elite”, termo utilizado pelos autores. Hameister e Gil (2007) definem fronteira como móvel, enquanto local de perigo e de instabilidade, ao apresentá-la como um espaço a avançar⁵⁸.

Ainda, no que se refere ao contexto de fronteira, temos as contribuições de Eduardo Neumann, em seu texto “Uma fronteira tripartida: a formação do continente do Rio Grande – século XVIII”. Nele, o historiador trata, especificamente, do espaço de fronteira que analisamos neste trabalho, ou seja, apresenta os elementos que promovem a definição da fronteira, a partir das missões orientais.

Neumann (2004) propõe que a fronteira na América meridional em meados do século XVIII era tripartida, pois, de acordo com o entendimento do autor, ela foi dividida entre os interesses das duas coroas ibéricas e da luta guarani pela autodeterminação. No que se refere aos guaranis, ele aponta, a partir de fontes históricas, que a prática da escrita foi uma atividade comum entre os indígenas letrados e que eles se utilizaram desse recurso para questionar as autoridades sobre o Tratado de Limites de 1750. Com isso, só no início do século XIX, com Borges do Canto e Manuel Pedroso, que as missões orientais foram definitivamente anexadas aos domínios da América portuguesa.

A partir das breves e diferentes perspectivas apresentadas sobre o conceito de fronteira concordamos que fronteira não pode ser pensada como algo homogêneo. Antes, é preciso pensa-lá em todas as suas relações sociais, considerando a sua mobilidade⁵⁹, instabilidade⁶⁰,

⁵⁷ Como podemos observar na citação. “A primeira metade do século XVIII assistiu à conquista da fronteira do Rio Grande. A segunda testemunhou a reconquista daquelas terras, que haviam sido ocupadas pelos espanhóis nos anos 1760”. (HAMEISTER e GIL, 2007, p. 308)

⁵⁸ Também nessa perspectiva de história militar temos o texto de Carlos A. Mayo e Amália Latrubesse. Os quais pontuam que as milícias organizavam-se em redes de reciprocidade, assim como identificamos, no texto de Hameister e de Gil (2007), ao se referirem a família dos Pinto Bandeira.

⁵⁹ De acordo com a proposição defendida por Zientara (1989).

integração⁶¹, enfim respeitando as suas mais variadas possibilidades, as quais não são estanques e podem coexistir de acordo com os interesses e necessidades de cada período histórico.

1.3.1 Fronteira, região e regionalismo

A proposta apresentada pretende, em primeiro lugar, realizar uma explanação do conceito de região procurando verificar que relevância a vivência dos sujeitos e dos grupos possui nesse espaço. Nesse sentido, Roncayolo (1986), intelectual do campo da geografia, contribui com esse estudo ao defender que região é uma construção, isso em uma perspectiva de construção social, pois, para o autor “a região não é mais do que uma noção histórica modelada pela situações, os debates, os conflitos que caracterizam um período e um lugar” (RONCAYOLO, 1986, p. 187).

Nessa perspectiva de região, o texto de Pommer (2009) é significativo, pois se utiliza do conceito de região das missões e o opõe ao conceito de região missioneira. Segundo Pommer (2009) o conceito de região das missões⁶² corresponde a um espaço geográfico, que é definido independentemente da formação histórica do período colonial, em que essa região pertencia ao domínio espanhol⁶³. Entretanto, mais do que trabalhar com um contexto de região, Pommer (2009) desenvolve o que poderíamos definir como regionalismo, uma vez que ela pontua a identificação e o sentimento de pertencimento a uma região.

⁶⁰ Considerando a proposta militarista presente nos textos de Fernando Camargo (2010), Martha Hameister e Tiago Gil (2007).

⁶¹ A partir da defesa de Souza e Prado (2004), sobre a integração desses grupos, Thompson Flores e Farinatti (2009) também se alinham a essa perspectiva, entretanto fazem uma ressalva, por entenderem que esse processo de integração não excluía os conflitos, apresentados a partir dos intensos conflitos bélicos que ocorrem nesse espaço.

⁶² Pommer (2009, p. 70-71) demonstra que na divisão realizada pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), os termos “Missões” ou “Missioneira” não aparecem como denominativos de nenhuma das regiões. Ainda, pontua que os Conselhos Regionais de desenvolvimento criado pelo governo do Estado do Rio Grande do Sul através de uma lei estadual de 1994, define o município de São Luiz Gonzaga e demais municípios e distritos, exceto São Borja, como Região das Missões. Entretanto, ela sugere que nenhuma das formas de classificação apresentadas utilizou como critério de especificação, referências históricas da formação da região.

⁶³ Ainda, segundo Pommer (2009, p. 73) o termo “Missões” passou a designar algumas cidades que não foram as bases da fundação do período colonial, em que esse território pertencia ao domínio espanhol, mas tem, apenas, a intenção de localizar geograficamente determinados municípios, como: Cerro Largo, Dezesesseis de Novembro, Eugênio de Castro, Guarani das Missões, Mato Queimado, Pirapó, Salvador das Missões, São Paulo das Missões, São Pedro do Butiá, porém, como demonstra a autora, essas cidades estão ligadas à chegada de colonos alemães, italianos, poloneses, portugueses, na passagem do século XIX para o XX.

Em relação à definição de região missioneira, a autora pontua que sua formação é diferente do restante do Estado do Rio Grande do Sul, isso por ter sido um espaço de domínio espanhol entre os séculos XVII e XVIII, que ocorreu ao leste do rio Uruguai. Ainda, podemos considerar que a definição de região missioneira compreende:

A região classificada como missioneira é tipicamente o produto que se efetiva através do reconhecimento do outro como diferente, e de si mesmo como diferente do outro. Portanto, é fruto da intenção de seus indivíduos, ou de parte deles, para se fazer representar relativamente como diferente ao entorno. (Pommer, 2009, p. 74)

A posição de Roncayolo (1986) encontra-se inserida nessa mesma perspectiva de região, uma vez que o autor pontua “a região pode surgir como uma referência cultural, contra a uniformidade ou a manipulação” (RONCAYOLO, 1986, p. 186). Assim, ao referir-se a região missioneira como uma situação forjada pelos indivíduos para se diferenciar do entorno, no caso o restante do estado e, não dos demais povos remanescentes das missões, a autora demonstra como a referência cultural presente em uma região é capaz de romper com a uniformidade.

Destaca-se, que a perspectiva de Roncayolo (1986) sobre o conceito de região não se restringe ao que foi comentado, pois o autor entende região como parte do “todo”, além de desnaturalizar a territorialidade, ele compreende que a construção de região é uma escolha⁶⁴, bem como pontua a imprecisão desse conceito. Com isso, o que podemos destacar sobre essas considerações do conceito de região refere-se à artificialidade na formação da região, pois esse espaço é (re)significado pelos indivíduos. Sendo que, essa perspectiva de artificialidade é identificada na região das missões, uma vez que a territorialidade que na década de 1980 correspondia aos municípios que compartilhavam um passado histórico, hoje é uma atribuição que tem como intenção localizar geograficamente alguns municípios, independente de seu passado histórico colonial. A fim de tentar simplificar essa proposição passemos à análise do mapa em que observamos o espaço que correspondia às missões orientais:

⁶⁴ No texto já citado de Pommer (2009), a autora demonstra que o município de São Borja, na década de 80 não se interessou pela construção que estava começando a organizar-se desse espaço missioneiro, tendo preferido manter a tradição de “Terra dos presidentes”, porém, mais recentemente, São Borja passou a requerer a sua identidade missioneira.



Ilustração 1 - Ilustração do território das reduções ⁶⁵.

A partir da ilustração mapa é possível verificar a territorialidade das missões, além disso, podemos pontuar que havia um grande número de estâncias, espalhadas ao longo do território, que hoje corresponde ao Uruguai, logo, existia a necessidade desses indígenas circularem pelo território, pois era interessante que esse espaço fosse ocupado a fim de evitar invasões de outros grupos ⁶⁶.

Seguindo, podemos pontuar que a região missioneira não se restringe ao território brasileiro, pois, apenas sete dos trinta povos que compõe as reduções jesuítico-guaranis, encontram-se em território brasileiro, os demais estão situados na Argentina e no Paraguai. Como podemos observar na ilustração:

⁶⁵ Ilustração do território das reduções. Blog Hablemos de Historia. Disponível em: http://hablemosdehistorias.blogspot.com.br/2010_12_14_archive.html. Acesso em: 21 jun. 2012.

⁶⁶ Nessa perspectiva de ocupação do espaço Tau Golin (2010) demonstra que durante a Guerra Guaranítica, Gomes Freire responsável português pela troca da Colônia do Sacramento pelos Sete Povos, promoveu a migração de famílias guaranis para o território luso-brasileiro, Ceballos tentou sustar a migração, mas não foi mais possível. Segundo Golin (2010, p. 64), “Gomes Freire seguia orientação de Pombal de que os índios cumpriam uma função estratégica na povoação do território através da miscigenação.



Ilustração 2 - Ilustração localizando as Reduções Jesuítico-Guaranis, de acordo com a divisão territorial atual ⁶⁷.

Assim, a região das missões entendida como uma das tantas ressignificações, entre elas o passado colonial espanhol, possui características que a aproximam de outras reduções, que hoje abrangem a diferentes países, mas que no passado compreendiam ao mesmo território. A partir dessa consideração, ponderamos que no espaço em que se desenvolvem os trinta povos das reduções Jesuítico-Guaranis identificamos certa integração cultural, uma vez que essas sociedades possuem memória, tradição e identidade que os levam a se reconhecerem como missionários. Além disso, como propõe Neumann (2004), quando nos referimos às missões, não podemos perder de vista a importância dos guaranis para a formação da fronteira, pois, além das duas Coroas Ibéricas, os guaranis também desempenharam papel fundamental em sua luta pela autodeterminação.

Dessa forma, reconhecendo o passado comum, podemos pontuar que as sociedades que formam a região das missões compartilham, também, pressupostos culturais e étnicos, o que contribui na formação da integração entre esses grupos, que hoje se encontram em um espaço fronteiro, mas que possuem identidades nacionais diferenciadas. Portanto, não

⁶⁷ Ilustração localizando as Reduções Jesuítico-Guaranis, de acordo com a divisão territorial atual. Disponível em: http://www.iwg.com.ar/oroverdejesuita/_reducciones.html. Acesso em: 21 jun. 2012.

negamos a proximidade entre os diferentes grupos que compõem o espaço que no passado foi definido como as reduções jesuítico-guarani na região do Rio da Prata, uma vez que salientamos que esses grupos possuem identidades nacionais diferenciadas.

Primeiro, podemos pontuar que a perspectiva de integração na região das missões é fortalecida pelos mártires, que se legitimam nos diferentes espaços do passado missioneiro, sendo rememorados na Argentina, no Paraguai e no Brasil. Apesar, da identificação do discurso nacionalista, ao requerer os mártires como santos locais e nacionais, podemos considerar que essa perspectiva encontra-se respaldada no nacionalismo defendido durante o governo de Getúlio Vargas (1937-1945) e, também na proposição da Igreja Católica, que entendia que o catolicismo poderia ser um elemento aglutinador capaz de conferir unidade a um vasto território, formado por uma população de diferentes etnias culturais. Também não podemos deixar de mencionar que o espaço de fronteira possui implicações, as mais variadas possíveis, na vida dos indivíduos que o compõem, em particular na região das missões no Brasil, conceito que atualmente, perdeu o seu significado histórico, sendo, apenas, uma definição geográfica.

1.3.2 O Santuário do Caaró: localização e construção

Essa breve discussão sobre os conceitos de fronteira, região e regionalismo pretendeu respaldar a importância da localização e a construção do Santuário do Caaró, pois não bastava indicar a localização do Santuário e dizer em que ano ele foi construído, julgamos que era fundamental que o leitor tivesse conhecimento das disputas que envolveram esse espaço. Apesar de muitas vezes a discussão desses conceitos parecer deslocada, acreditamos que ao não tratarmos desses conceitos, mesmo que brevemente, estaríamos ignorando a delimitação desse espaço territorial, que envolveu disputas e negociações.

A retomada da história sobre a morte dos padres Roque, Alonso e Juan tem como um de seus mentores o padre Carlos Teschauer, que inicia a procura pelo coração do padre Roque. Quando o padre Beccari vai, em 1903, a Roma, ele o orienta a procurar o coração nos arquivos do Vaticano. Ele encontra a relíquia e isso reascende a proposição de beatificar os padres, o que só se concretiza mais de 30 anos depois, em janeiro de 1934. Encontrado o coração, os defensores da causa em prol da beatificação dos “Mártires do Caaró”, tinham mais

um mistério a solucionar, onde ficava o local do martírio. A fim de elucidarmos o conflito provocado pelo desconhecimento do local em que os padres foram mortos, optamos por transcrever algumas considerações do padre Carlos Teschauer, arauto do pensamento jesuítico moderno na construção da narrativa histórica do Rio Grande do Sul, em que aponta as informações desencontradas e as dificuldades enfrentadas para definir o local do “martírio”.

Só depois de muitas e penosas pesquisas me foi dado verificar um vestígio do local do glorioso martírio do primeiro apóstolo do Rio Grande do Sul. Procurei nas fontes, em documentos inéditos e nos historiadores; uns calavam-se, outros falavam em Caaró, mas sem acrescentar a latitude ou o território, se era em terras do Brasil ou do Paraguai. Aumentava até a dificuldade, dando a denominação de Caaró ora a um povo ora a uma localidade. Consultei os mais antigos mapas da América do Sul; nem estes forneciam informação satisfatória. Depois de meses de ímprobos investigações já quis dar por desesperado o caso, quando na última hora, antes de deixar a cidade de Buenos Aires, onde também fizera diversas indagações, achei os mapas que vem copiados neste livro. Em ambos achava-se bem marcado o lugar do martírio, entre os atuais povos missioneiros de São Lourenço e São Miguel, que ficam os rios Piratini ao sul e o Ijuhy ao norte, ambos tributários da margem esquerda ou oriental do Uruguai, no Estado do Rio Grande do Sul. Para determinar o local de Caaró ou do martírio, vê-se no mapa de 1774, que uma cruz, encimada da palavra Caaró, está um pouco ao norte de São Miguel e São Lourenço, mais perto deste povo, aproximadamente a 28° 10' de latitude e 54° 42' de longitude ocidental de Greenw. Uma nota na margem inferior, a qual não vem aqui, diz que este sinal, a cruz, indica o local onde os padres Roque González, Affonso Rodríguez foram martirizados pelos índios guaranis, na ocasião da sua primeira conversão. Ainda em 1789 existiam lá duas capelas, uma de São José e outra dedicada a São Carlos venerava-se um quadro que representava o martírio do P. Roque e seus companheiros. O nome do arroio Carogué dá testemunho da antiga redução Caaró, pois o nome Carogué, traduzido da língua guarani significa: Aqui foi Caaró. [...] Assim como não sabemos ao certo onde param os ossos do primeiro apóstolo do Rio Grande do Sul e protomartir da antiga província do Paraguay; nem sequer a uma lápide ou uma simples pedra que nos lembre o lugar santo, onde selou com sangue a fé de nossos avoengos. Passei pelo sítio, em princípio de 1892, sem suspeitar que era tão memorável e tão digno de ser visitado e assinalado ao menos por um cruzeiro ou uma simples laje que informasse o viajante sobre o importante fato⁶⁸.

Na passagem, assim como já havíamos mencionado anteriormente, o padre Teschauer aponta as dificuldades em precisar o local em que os padres foram mortos, devido às mudanças do local, as construções foram destruídas pela passagem do tempo, pois poucas construções materiais resistem a, aproximadamente, trezentos anos e não era o caso das capelas que se erguiam naquele período na região; além disso, os povos que ali habitavam no período da morte dos padres e, posteriormente a ele, não criam “raízes”; assim, a referência que permitia definir o local de morte dos padres Roque, Juan e Alonso eram os rios, que apesar de também não serem estanques, foram naquele momento a referência mais confiável para definir a localização do Caaró. Nesse sentido, Teschauer continua sua explanação

⁶⁸ TECHAUER, Carlos S.J.. O local do martyrio. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre, ano VIII, p. 393-395, nov. 1928

procurando legitimar, através da pesquisa em documentos históricos, os motivos que lhe levaram a acreditar que o Caaró localizava-se naquele espaço.

Na obra de Lozano – *La descripción corográfica del Gran Chaco, Córdoba 1733*, achavam-se também delineadas as Sete Missões do Rio Grande. Lá quase no centro dos cinco povos, entre Piratiny e o Ijuhy, avista-se uma cruzinha e por cima dela lê-se Caaró e com esta legenda: “Hic occisi sunt a Barbaris PP. Sta. Cruz, Rodrig. Castillo”. (Aqui foram mortos pelos bárbaros os PP. Sta. Cruz, Rodrig. Castillo. [...]) Mas tenho ainda outras provas que nos confirmam a opinião pela qual optei. Entre estas não é desatendível a que se baseia em o P. Nusdorffer, que numa obra ainda manuscrita sobre as Sete Missões Orientais, diz na P. V, n. 67, que mudando-se os Juanistas para a outra margem ocidental do Uruguay, passaram por Caaro, lugar do martírio do P. Roque, onde um Miguelista buscava uns bois perdidos. Tudo isso quadra muito bem, se Caaró está no lugar que dá Lozano. [...] Tenho mais uma prova independente das anteriores. É um manuscrito autografo posterior ao ano de 1766, cujo autor também não esta averiguado. Tem passado este documento por autografo do último cronista da província do Paraguay, o P. José Guevara: mas abandonei essa opinião. O título geral começa assim; “Razones de lãs Reduções”, um subtítulo reza assim: “En el Uruguay e Tape: Pueblo del Caaro”. Imediatamente segue esse texto: “Fundo el V. P. Roque González em el Caaro, entre San Lorenzo y San Miguel que son ahora, un pueblo, llamandolo Todos los Santos. Mataron al Pe. y a su Comp.º Pe. Alonso Rodrig. 2.º.” Por este documentos inedito vemos, pois outras vezes corroborado o facto que foi entre os povos de São Lourenço e São Miguel das nossas Missões do Rio Grande do Sul que se deu o glorioso martírio do P. Roque González. [...] Em confirmação, transcrevo o seguinte trecho tirado do “Diario del Comisario de limites iefe de la 2ª partida de demarcación en 1788, D. Diego de Alvear” que escreve, em 13 de Abril de 1789, no seu diario: “San Lorenzo y San Miguel: Pasamos al pueblo de San Lorenzo... Otras dos capillas de San Josef y San Carlos, sobre las tres piernas del Carogüe, separan las pertenencias de San Lorenzo y San Miguel, que dista muy cerca de diez millas... Martyrio de tres jesuitas... Este arroyo del Carogüe desagua en el Ygui (Ijuhy) con dirección al N. y es celebre en la historia de Misiones, por el martyrio de tres jesuitas, Roque Gonzalez de Santa Cruz, Alonso Rodríguez y Juan del Castillo, acaecido sobre su márgen hacia los años de 1628. El cuadro de estos ilustres misioneros se venera en la referida capilla de San Carlos”. O arroio Carogüé, se ainda tem este nome, ainda hoje nos diz: “Aqui foi Caro” (Caro-cué), “aqui esteve o povo de Caró”⁶⁹.

Na citação observamos que o padre Carlos Teschauer apresenta inúmeros documentos que corroboram com a sua definição sobre local de morte dos padres Roque, Alonso e Juan, espaço que mais tarde seria construído o Santuário e em que ocorre, até hoje, a Romaria do Caaró. Dessa maneira, ele pretende demonstrar que o local não foi definido de maneira aleatória, mas que é também resultado da pesquisa realizada por ele em documentos históricos nos Arquivos de Buenos Aires.

Não bastasse a pesquisa histórica realizada na década de 1920 pelo padre Carlos Teschauer, coube ao padre Luiz Gonzaga Jaeger organizar uma expedição arqueológica ao local definido como Caaró. Sobre essa pesquisa arqueológica, ela serviu para corroborar com

⁶⁹ TECHAUER, Carlos S.J. Determinação do lugar do martyrio do P. Roque González. Appendice crítico. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, ano VIII, p. 412-114, nov. 1928.

a proposta apresentada pelo padre Teschauer sobre a localização da região da morte dos padres. Ainda sobre ela, o professor de história Sérgio Venturini, numa entrevista concedida ao site do ClicRBS de Santo Ângelo⁷⁰, afirmo que:

Quem descobriu que a antiga redução era neste lugar foi o padre Luís Ieguert, que também tinha conhecimentos de arqueologia. Mas foi só com relatos de antigos moradores, isso lá na primeira metade do século 20, que se revelou essa parte da história. É que na redução de todos os santos de Caaró, as construções não tinham pedras e nem ferro. Era tudo de madeira. Por isso, não sobrou nenhum resquício.

Assim, o que observamos é que o que ficou da memória oral é que a população local, através das narrativas passadas de geração em geração revelaram o local do Caaró. Venturini nem ao menos se refere à documentação histórica levantada pelo padre Teschauer em sua ida aos arquivos de Buenos Aires, ou seja, é dado mais ao que é narrado pela população. Não que um tipo de fonte se sobreponha a outra, mas é necessário apontarmos que antes da expedição arqueológica realizada pelo padre Jaeger, o padre Teschauer já havia encontrado a localização do Caaró em documentos históricos, provavelmente essa pesquisa histórica tenha sido suprimida na entrevista. Pois, em outra notícia, registrada na revista “Rainha dos Apóstolos”, são mencionados todos os elementos que contribuem para a localização do Caaró, a expedição arqueológica liderada pelo padre Jaeger, o auxílio da população local, através das histórias passadas de geração em geração, além da pesquisa realizada em documentos históricos. Assim, temos a notícia sobre a realização da primeira Romaria do Caaró, em novembro de 1933, no local designado como Caaró, após inúmeros anos de busca.

Durante muitos anos, os padres jesuítas lutaram para descobrir o Caaró, celebre na história das missões. No ano passado, o padre Luiz Gonzaga Jaeger, secretário do Ginásio Anchieta, desta capital, auxiliado por povoadores do município e apoiado em abundantes dados históricos, conseguiu, finalmente, encontrar as ruínas da pequena capela, onde a 15 de novembro de 1628, foram martirizados Roque Gonzales e seu companheiro padre Afonso Rodrigues⁷¹.

Assim, entendemos que a localização do Caaró foi fundamental para a organização da 1ª Romaria do Caaró, pois até aquele momento o evento religioso era realizado em diferentes locais. Nesse sentido, corroboram as publicações do professor Júlio Quevedo, de que o

⁷⁰ As explicações do professor Sérgio Venturini sobre a localização do Caaró estão disponíveis em: <http://wp.clicrbs.com.br/santoangelo/2011/08/31/santuاريو-do-caaro-o-coracao-das-missoes/>. Acesso em: 20 out. 2013.

⁷¹ LEMBRANDO o primeiro missionário do Rio Grande do Sul. **Rainha dos Apóstolos**, Vale Vêneto, ano XI, n. 12. p. 237, dez. 1933.

Santuário do Caaró compreende a um dos elementos que formam o patrimônio cultural do município de Caibaté, ainda, aponta que com a construção do Santuário do Caaró temos a preservação e a valorização de um lugar da memória missioneira. É a partir da Romaria de 1933, ou seja, depois da definição do local de morte dos padres, que se passa a contar as romarias que são organizadas anualmente, e as realizadas em outros locais são descartadas dessa contagem, assim, acreditamos que é relevante a apresentação dos elementos que, em nossa concepção, possibilitaram a formação da Romaria do Caaró.

1.4 Formação da Romaria do Caaró: comemorações ao tricentenário de morte dos padres

Após essas primeiras considerações, sobre a morte dos companheiros do padre Roque González e uma breve descrição do que foi produzido pela historiografia jesuítica sobre a morte dos padres, julgamos que é pertinente a análise de duas publicações uma católica e outra acatólica. A primeira consiste numa edição especial publicada pela revista católica *Rainha dos Apóstolos* em novembro de 1928, essa publicação conta com a colaboração de diferentes autores, que serão apresentados no decorrer do texto. Enquanto que a segunda consiste também, numa edição especial da Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul (IHGRS) publicada no terceiro trimestre de 1928, nessa publicação os textos são de autoria do Pe. Carlos Teschauer S.J. e do Pe. Luiz Gonzaga Jaeger S.J.⁷², ambos faziam parte do corpo editorial que escrevia para a revista⁷³. Assim, utilizaremos essas publicações (números especiais, principalmente, sobre o padre Roque Gonzales) para analisar a ressignificação dos padres após trezentos de suas mortes, que foi instituída a fim de render homenagem a eles e formar o que viria a ser a Romaria do Caaró⁷⁴.

Sobre os primórdios da Romaria do Caaró podemos considerar que ocorreu a partir da década de 1920, na antiga Colônia Rondinha, que era formada por imigrantes de origem italiana, alemã e polonesa. Nesse sentido, alguns elementos corroboram para a formação da Romaria do Caaró naquele local e período histórico. O primeiro consiste na comemoração do

⁷² O padre Luiz Gonzaga Jaeger foi sócio fundador do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, foi professor do Colégio Anchieta em Porto Alegre, e fundador do Instituto Anchietano de Pesquisas.

⁷³ A Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, já foi citada anteriormente quando tratamos da narrativa sobre a vida e morte dos padres Alonso e Juan, companheiros do padre Roque González.

⁷⁴ No que se refere as publicações tanto a católica quanto a laica, tratam das comemorações ao tricentenário de morte dos padres, enfatizando o personagem de Roque González.

tricentenário do martírio, quando é rememorado o assassinato dos padres jesuítas Roque González de Santa Cruz, Alonso Rodríguez e Juan Del Castillos. Nesse momento que se fortalece o pedido aos leitores católicos, como apontaremos a seguir, para que rendam homenagens aos mártires, o que foi atendido e que propiciou a ressignificação dos padres e a formação da Romaria do Caaró. Antes, julgamos pertinente demonstrarmos porque entendemos que a partir das comemorações do tricentenário da morte dos padres se reassume a causa da beatificação, essa proposição encontramos na citação do padre Carlos Teschauer. “Depois de um longo intervalo, reassumiu-se ultimamente, por ocasião do tricentenário do martírio do P. Roque, a causa de sua beatificação (...)”. Essa citação corrobora com o entendimento de que quando se reassume a beatificação dos padres, eles são ressignificados e tem início a formação da romaria.

Com isso, o que observamos é que a história dos padres não foi propriamente esquecida, mas sim rememorada/ressignificada. Nesse sentido, a construção de monumentos, como o Santuário do Caaró, é fundamental para seja rememorada a história dos “mártires”. Para tanto, temos de ponderar, como bem ilustra a citação acima, que em 1928, devido a rememoração do tricentenário de suas mortes, procurou-se, como afirmou o padre Teschauer, compilar a vasta documentação existente, uma vez que o processo de beatificação dos padre Roque, Alonso e Juan havia se intensificado e parecia caminhar para uma decisão, o que só ocorreu mais tarde em 1934.

Dessa maneira, temos a definição do local da morte dos padres, o que foi fundamental para a organização da Romaria do Caaró, entretanto realizaremos essa discussão mais adiante, e nesse momento retomaremos a análise dos elementos que foram imprescindíveis para a formação da Romaria do Caaró e que, posteriormente, permitiram a sua consolidação, uma vez que em novembro de 2013 realizou-se a 80ª edição da Romaria do Caaró.

Porém, antes julgamos relevante apresentarmos algumas considerações presentes na revista “Rainha dos Apóstolos” e, nesse sentido, pretendemos analisar a ressignificação da morte dos padres desde a criação da revista em 1923 até novembro de 1928, momento em que a revista publica uma edição especial para tratar da comemoração do tricentenário da morte dos padres.

Primeiramente, temos de contextualizar a revista no momento em que ela é criada⁷⁵, pois como afirma Aline Dalmolin (2007), essa estratégia de mobilização através da imprensa é uma tentativa de firmar presença, agregar fiéis, além de pretender aumentar o quadro de

⁷⁵ Apresentaremos o histórico da revista, seus fundadores, ethos editorial e outros elementos pertinentes em um item específico no terceiro capítulo.

religiosos no país, em relação a esse último interesse são recorrentes as chamadas da revista para vocação religiosa dos jovens. Além disso, a autora relaciona o aparecimento da revista com o momento de intensificação das atividades de imprensa vivenciado pela Igreja a partir do final do século XIX, não só no Brasil como ao redor do mundo⁷⁶. E, é nesse contexto que é publicada em 1923, a revista “Regina Apostolorum”, pelo padre Rafael Iop, reitor do seminário Palotino de Vale Vêneto⁷⁷, sendo que suas primeiras publicações são realizadas no próprio seminário, sendo a tipografia transferida para Santa Maria apenas no ano de 1934. No que se refere ao *layout*, o primeiro exemplar da revista parecia-se muito mais a um folheto do que, propriamente, a uma revista. Não apresentava ilustrações, ou seja, nesse primeiro momento a revista se afirma pela força da palavra, e não pela representação através da imagem, ou seja, é a nível discursivo que a revista pretende persuadir aos leitores católicos.

Nos primeiros números da revista⁷⁸, no ano de 1923, dedicam-se exclusivamente a divulgação das missões, dentre as tantas temáticas de lisonjeio, podemos citar a capacidade dos evangelizadores das missões jesuíticas tanto no Rio Grande do Sul, quanto no Paraguai em que os índigenas, mesmo após um século e meio, ainda sabiam rezar. Nesse artigo, identificamos a construção de uma imagem pejorativa dos índigenas, os quais são denominados de “rudes” e descritos como “não gostam de trabalhar”⁷⁹. Nessa lógica discursiva, se eles eram rústicos precisavam ser civilizados para se tornarem modernos. O pensamento jesuítico justificava a conquista espiritual aos moldes do catolicismo reformado que marcava a passagem da vida rústica para a vida civilizada, pelo exemplo de modernidade conferida pelos jesuítas. Ainda, em relação ao caráter elogioso da revista a si mesma, é relevante mencionarmos que a partir da segunda edição encontra-se uma seção da revista, nela encontramos a defesa de que a revista é criada para preencher uma lacuna e servir aos católicos brasileiros, ou seja, justifica e enaltece o caráter nobre de sua existência.

Além do mais, a própria revista defende a permanência e difusão da imprensa católica no Brasil, como podemos identificar na passagem: “Há tão pouco bem no mundo, particularmente, e tão pouco o interesse pela obra divina das missões, porque há tão pouca gente que lê e faz ler jornais e revistas que falam das Missões”⁸⁰. Com esse trecho

⁷⁶ Ver DALMOLIN, Aline Roes, 2007, p. 22.

⁷⁷ Vale Vêneto é uma pequena localidade situada próxima a Santa Maria, no passado tentou emancipar-se, mas hoje pertence ao município de São João do Polêsine.

⁷⁸ É pertinente mencionarmos que no ano de 1923 a revista “Rainha dos Apóstolos” é bimensal, mas a partir do ano de 1924 suas publicações se tornam mensais, sendo que essa periodicidade da revista é mantida durante todo o período estudado, de 1923 à 1933.

⁷⁹ **Regina Apostolorum**. Vale Vêneto, ano I, n. 2, p. 13, jun. 1923.

⁸⁰ **Regina Apostolorum**. Vale Vêneto, ano I, n. 3, p. 10, ago. 1923.

identificamos uma tentativa de persuadir aos leitores sobre a necessidade de apoiar e divulgar a imprensa católica, no caso a Boa Imprensa Católica⁸¹.

Após essas breves considerações, prosseguimos com a análise da revista⁸². Nas edições de fevereiro e março de 1924 é publicado um artigo denominado “Cultores Martyrum”. Nele é defendida a necessidade da comunidade católica brasileira organizar-se, assim como acontece com as associações científico-religiosas que florescem em Roma, a fim de promover a beatificação dos “três mártires”, ou seja, os padres Roque, Alonso e Juan. A justificativa para a organização dessas associações se deve ao fato de que deixemos de cultuar santos “além mar” e, a partir disso, convida aos católicos a aclamarem/pedirem a beatificação dos mártires, que são apresentados pela revista como os primeiros santos brasileiros. Esse artigo é a primeira referência da revista aos padres mortos em Caaró em 1628, ou seja, em fevereiro de 1924 já encontramos referência à tentativa da Igreja de promover a adesão popular em prol da beatificação dos “mártires”⁸³.

Na continuação do artigo “Cultores Martyrum”, ou seja, na edição de março de 1924, encontramos uma explicação aos leitores de como se dá o processo de beatificação. Posteriormente, os católicos são convidados a formar uma associação de *cultores martyrum*, com alguns membros em todas as paróquias do Estado, a fim de “propagar o culto aos heróis da fé”, maneira como a revista refere-se aos padres. Ainda, no artigo é narrada aos leitores a história deles, em que é apresentado o passado grandioso dos padres⁸⁴.

No ano de 1927, novamente, a revista Rainha chama os fiéis para participarem das missões, através de orações, donativos e, principalmente, ajudando a imprensa católica, que tratam da nobre causa de promover as missões. Com isso, buscam persuadir os leitores sobre a relevância da manutenção da imprensa católica. Neste ano, também não encontramos na revista nenhuma referência aos padres Roque, Juan e Alonso, assim como, não encontramos informações sobre eles nas edições da revista nos anos de 1925 e 1926.

Porém, no ano de 1928, período em que foi comemorado o tricentenário do “martírio” encontramos inúmeras referências aos mártires do Caaró. O primeiro artigo sobre os padres é de julho de 1928, “Os martyres brasileiros”, nele os católicos são, novamente, incitados a participarem do processo de canonização. Um dos fatores intrigantes do artigo refere-se ao fato dos “mártires” serem apresentados como brasileiros, apesar deles não serem, acreditamos

⁸¹ Trataremos com mais atenção essa temática, Boa Imprensa Católica, no terceiro capítulo da dissertação.

⁸² Antes de nos atermos a análise da revista é pertinente mencionarmos que a abordagem realizada consiste em analisar os artigos que se remetem aos mártires e qualquer temática relacionada a Romaria do Caaró, pois entendemos que a organização da romaria só foi possível, a partir do processo de ressignificação dos mártires.

⁸³ CULTORES Martyrum. **Regina Apostolorum**. Vale Vêneto, ano II, n. 2, p. 24, fev. 1924.

⁸⁴ **Regina Apostolorum**. Vale Vêneto, ano II, n. 3, p. 36, mar. 1924.

que essa proposição seja uma tentativa de aproximá-los da população, pois, além de brasileiros, eles também são apresentados como heróis nacionais, ou seja, percebemos nessas construções discursivas uma tentativa de aproximar os padres da população os tornando brasileiros e mais do que isso heróis nacionais.

Em outubro de 1928 encontramos, apenas um artigo sobre o Pe. Roque González, ou seja, um mês antes das homenagens ao tricentenário da morte dos padres a revista demonstrou preocupar-se em preparar seus leitores para essa data. Entretanto, no mês de novembro de 1928 a revista pública uma edição especial sobre o tricentenário do “martírio”, mas por conceder maior expressão ao Pe. Roque González utilizaremos a publicação no próximo subitem.

Nos meses de 1931, não encontramos nenhuma notícia que tratasse, especificamente, dos padres e de suas mortes, menos ainda sobre a Romaria do Caaró, com exceção da seção recorrente intitulada “Vida e obras do Venerável Roque González de Santa Cruz”, assinada pelo padre Carlos Teschauer S.J., sendo a seção homônima ao livro por ele publicado em 1924. Outros artigos são relevantes, porém iremos analisá-los quando tratarmos, especificamente, da formação da Romaria do Caaró, o que faremos em um subitem a seguir. A partir dessas considerações sobre a revista, passemos à análise da edição especial de novembro de 1928, publicação em que o padre Roque González é apresentado como mito fundador do Estado do Rio Grande do Sul.

1.4.1 Romaria do Caaró: a construção de um evento religioso.

A constituição da Romaria do Caaró é composta por inúmeros elementos, como as comemorações do tricentenário da morte dos padres e sua retomada do processo de beatificação, além da localização coração de Roque González e do lugar da morte dos padres⁸⁵. Já tratamos separadamente cada um desses elementos. Porém, nesse momento,

⁸⁵ No que se refere às relíquias, que é o caso do coração do Pe. Roque González, devemos ser conscientes sobre a importância desse objeto para o universo simbólico cristão, pois como afirma Cymbalista (2006, p. 12), “a religião católica, fundada por uma narrativa de martírio e morte, desenvolveu uma relação bastante peculiar com os corpos dos seus santos”. Entretanto, no terceiro capítulo trataremos, novamente, do coração de Roque González e apresentaremos maiores esclarecimentos sobre a importância da relíquia para os cristãos.

julgamos relevante relacioná-los a fim de sistematizarmos a ressignificação dos padres e como essa proposição incita a formação da Romaria do Caaró.

Sobre os padres podemos considerar que, principalmente, com as comemorações do tricentenário de suas mortes temos o seu processo de ressignificação, pois nesse período são retomadas suas vidas, obras e mortes, sendo que a eles é conferida características de santos desde os primórdios de suas vidas. Também, era preciso ressignificá-los diante da população, pois desde o início do século XX, mais especificamente em 1903, quando se reencontra o coração do Padre Roque González, é retomado o processo de beatificação dos mártires. Mas, além de reencontrar o coração era preciso definir o local do Caaró o que demandou anos de dedicação e estudo, além do auxílio da população local e de uma expedição arqueológica, liderada pelo padre Luiz Gonzaga Jaeger.

Assim, entendemos que a construção da Romaria do Caaró inicia muito antes em 1903, quando se procura em Roma o coração do Padre Roque González, e é com esse gesto que é fomentado o processo de beatificação dos mártires. Esse elemento é fortalecido com as comemorações do tricentenário da morte dos padres, ou seja, até 1928 se tinha a relíquia e estava sendo construída a ressignificação dos padres, pois era preciso lhes atribuir características que os tornassem santos. E, por fim, era preciso definir o local do Caaró, não foram poupados esforços nessas buscas, mas a expedição arqueológica realizada pelo padre Luiz Gonzaga Jaeger ao local que o padre Teschauer definiu, através da pesquisa em documentos históricos, como o Caaró, colocou em 1932 uma pedra nesse assunto. E em 1933, é rezada a primeira missa no local em que os padres haviam sido mortos a mais de trezentos anos, nesse dia é erguida uma cruz e ali é construído o Santuário do Caaró. Ao tratarmos da primeira romaria do Caaró, o artigo “Lembrando o primeiro missionário do Rio Grande do Sul”, presente na revista “Rainha dos Apóstolos”.

Esse acontecimento, como era natural, causou grande satisfação em toda a região missioneira. Aproveitando, agora, a passagem de mais um aniversário da morte do grande sacerdote, os católicos missioneiros resolveram levantar solenemente, no Caaró, uma grande cruz comemorativa. Para isso foi organizada uma grande comissão, composta do coronel Marcelino Krieger prefeito municipal, Monsenhor Estanislau Wolski, vigário da paróquia, e representantes de todas as associações religiosas das diversas paróquias do município, que elaborou o programa para as solenidades. Especialmente convidado, veio dessa capital o padre Leopoldo Arntzeu, superior dos jesuítas.

Na manhã do dia 15, Caaró recebia a visita de cerca de mil fiéis, autoridades civis, militares, representantes da imprensa e caravanas de outros municípios vizinhos⁸⁶.

⁸⁶ LEMBRANDO o primeiro missionário do Rio Grande do Sul. **Rainha dos Apóstolos**. Vale Vêneto, ano XI, n. 12, p. 237, dez. 1933.

Enfim, detinham a relíquia, a memória dos padres ressignificada por publicações católicas e laicas em que eles são apresentados como “mártires” a população, bem como a definição do local de suas mortes e, com esses três elementos, teve início a Romaria do Caaró, que hoje se encontra em sua 80ª edição.

Contudo, um dos questionamentos que surge se refere aos motivos por que levaram tantos anos para que os padres Roque, Juan e Alonso fossem beatificados, uma vez que cumpriam e, até mesmo superavam, as exigências da Igreja Católica para que fossem considerados beatos. Nesse sentido, temos um artigo da revista “Rainha dos Apóstolos”, de janeiro de 1930. Nele, encontramos uma hipótese levantada pela revista no que se refere ao longo período entre o pedido de beatificação dos padres e a permissão da Igreja. Segundo a revista “Rainha dos Apóstolos”, coube ao fim da Companhia de Jesus o retardo na beatificação dos mártires. Com isso, o fim da Companhia dificultou e, até mesmo, retardou o processo de beatificação e posterior canonização dos mártires⁸⁷.

Na edição de fevereiro de 1930 a revista dá continuidade ao artigo “Os protomártires riograndenses”, nele identificamos a dificuldade que os clérigos encontraram para mobilizar a população sul-riograndense para a beatificação dos mártires, pois desde 1924 a revista desenvolve a proposta de colaboração da população para a beatificação dos padres. Apesar disso, ela aponta que, enquanto argentinos e paraguaios empenhavam-se nessa causa, os sul-riograndenses se demonstravam “apáticos” e “indiferentes” diante do processo de beatificação⁸⁸. Sendo assim, ponderamos que apesar dos esforços da Igreja Católica, representada pela revista “Rainha dos Apóstolos”, em mobilizar a população para participar do processo de beatificação dos padres, a participação da população estava muito abaixo do esperado, provavelmente, fosse esperada uma maior mobilização dos fiéis, o que segundo relatos presentes na revista não aconteceu.

Com isso, esse primeiro capítulo procurou tratar sobre o processo de construção da Romaria do Caaró, que apesar de não ser, especificamente, o objeto deste trabalho, é fundamental para que entendamos os elementos que permitiram a consolidação da Romaria do Caaró durante o Estado Novo. Não era possível explicarmos a consolidação da Romaria sem mencionarmos os fatores que promoveram sua formação, que foram: a ressignificação dos padres, suas vidas, obras e mortes; a localização do coração do padre Roque González em Roma também foi fundamental para a construção da romaria; e por fim, a definição do local das mortes dos padres, onde foi erigido o Santuário do Caaró.

⁸⁷ **Rainha dos Apóstolos**. Vale Vêneto, ano VIII, n. 10, p. 20, fev. 1930.

⁸⁸ OS PROTOMÁRTIRES rio-grandenses. **Rainha dos Apóstolos**. Vale Vêneto, ano VIII, n. 2, p. 20, fev. 1930.

2. NAÇÃO, NACIONALISMOS E IDENTIDADES: DISCUSSÕES POLÍTICAS NO CERNE DA IGREJA CATÓLICA

Neste capítulo, pretendemos atender a tríade Estado Novo, Igreja Católica e meios de comunicação impressos. Nesse sentido, o segundo capítulo compreende um texto teórico-metodológico, em que procuramos analisar o contexto internacional e nacional que possibilitou a consolidação da Romaria do Caaró naquele período. Assim, a partir das relações de poder que perpassam essas instituições, pretendemos desenvolver uma reflexão teórica acerca de suas relações. E, para cumprirmos com esse objetivo realizamos uma discussão sobre as intervenções da Igreja Católica durante o Estado Novo, bem como apresentamos a aproximação da Igreja com o governo, no referido período histórico. Ainda, procuramos realizar uma discussão sobre os conceitos de nação e nacionalismos contemplando desde o século XIX até suas aplicações no governo de Getúlio Vargas durante o Estado Novo. Além de defender, a partir do entendimento de Hall (2002), que a identidade nacional é imaginada e, de que nação e nacionalismos são conceitos indissociáveis de identidade. Posteriormente, procuramos apresentar algumas considerações sobre os conceitos de memória e esquecimento, entendidos como conceitos-chave para o entendimento da identidade católica. E, a partir desse conceito, procuramos avaliar como a morte dos padres é lembrado, no momento em que se procura consolidar uma romaria para render homenagem a eles.

2.1 O papel político da Igreja Católica no Brasil durante o Estado Novo (1937-1945)

Esse item versa sobre a aproximação entre a Igreja Católica e o governo de Getúlio Vargas durante o Estado Novo (1937-1945). Para tanto, iniciamos nossas considerações mencionando a importância da Igreja Católica ao se tornar aliada do regime governamental do período. Antes de nos atermos à relação de proximidade estabelecida entre a Igreja Católica e o governo, consideramos relevante trazer algumas considerações, mesmo que pontuais, sobre o regime político, Estado Novo, que compreende o recorte temporal do trabalho. Dessa forma, procuraremos nos próximos parágrafos traçar um rápido panorama sobre esse período.

No que se refere ao Estado Novo, podemos considerar que nesse período o poder político de Getúlio Vargas se fortaleceu. Nesse sentido, uma das razões que compreende o poder de formar ideologias ocorreu através das práticas educativas ou da disseminação das propagandas políticas governamentais. Assim, Vargas dá o golpe de Estado sob a justificativa de proteger o país da eminente ameaça comunista, ele organiza-o com o auxílio dos militares, além de assegurar-se de que os jornalistas estrangeiros estavam transmitindo notícias de que no Brasil tudo estava sobre controle.

Mas, o golpe de 1937, não contou, apenas, com o apoio dos militares, os Integralistas também o apoiaram. O líder da Ação Integralista Brasileira (AIB), Plínio Salgado, acreditava que Getúlio Vargas iria entregar o Estado para o domínio Integralista, tanto que o golpe de 1937 é conhecido como golpe Integralista, porém a atitude esperada nunca se concretizou o que resultou na manutenção de Vargas no poder por meio da implantação de um regime autoritário⁸⁹, o Estado Novo.

Para Getúlio Vargas o discurso autoritário presente nas proposições dos integralistas era conveniente, a tal ponto que suas ações davam a entender que ele aceitava a posição ideológica da extrema direita conservadora. Porém, esse cenário se modifica logo depois do golpe, quando ao invés de conferir maiores poderes aos Integralistas, como eles acreditavam que aconteceria, oferece apenas a pasta da Educação ao líder do grupo, Plínio Salgado, que ao rejeitar a pasta oferecida por Vargas, corroborou para que se consolidasse o poder do governante. Enfim, a cordial e tênue relação, anterior ao golpe, estabelecida entre os Integralistas e Getúlio Vargas é rompida, quando dezenas de integralistas tomam de assalto o palácio do Catete, esse fato ocorreu no dia 8 de maio de 1938, e teve como respostas a declaração da Ação Integralista Brasileira (AIB) como ilegal, além de promover o envio de Plínio Salgado para o exílio em Portugal.

Entre as práticas políticas adotadas pelo governo durante o Estado Novo, está o discurso nacionalista, que nesse período foi uma das bandeiras defendidas Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP). Através das práticas nacionalistas, foram baixados inúmeros decretos, dentre eles destacamos o que proibia o uso de línguas estrangeiras em espaços públicos (escolas, Igreja, entre outros). Nesse sentido, é pertinente apresentarmos o caso específico do Rio Grande do Sul que, nesse período, contava com um grande número de imigrantes. Esses grupos viviam em colônias e tinham pouco conhecimento da língua

⁸⁹ Abreu (2008) aponta as diferentes maneiras de definir esse período político, pois segundo ele os intelectuais definiram o Estado Novo como uma democracia autoritária, em contrapartida, os historiadores compreendem esse regime como o responsável pelo nosso autoritarismo político.

portuguesa, pois no dia-a-dia utilizavam o dialeto dos locais de origem, que foi passado de geração em geração. Além disso, o governo, no intuito de fortalecer ainda mais o seu discurso nacionalista, pediu aos membros da Academia Brasileira de Letras que eles reformulassem as regras do português escrito no Brasil, simplificando a ortografia e ampliando a diferença entre o português do Brasil e o português de Portugal.

Porém, a política autoritária do governo não se restringia aos imigrantes e seus descendentes, ela também foi aplicada aos intelectuais do período que tinham publicações anti-governistas. Dentre os escritores presos durante o governo do Estado Novo podemos citar Graciliano Ramos e Monteiro Lobato. Entretanto, o regime autoritário ultrapassava os espaços, pois se tem informação de que os funcionários do governo abriam as cartas com vapor, faziam cópias literais para seus arquivos e depois selavam os envelopes e tornavam a enviá-las para seu destino.

Assim, devido à presença de um regime autoritário embasado em um discurso nacionalista, coube ao DIP tornar-se o órgão civil mais importante do Estado Novo. Pois, através dele, no caso por meio das propagandas políticas governamentais, foram justificadas a abordagem nacionalista do governo, bem como encontramos a defesa e a publicização do governo paternalista e popular do período.

Permanecia simbolicamente acessível a todos os cidadãos, mas parava por aí. Ele dominava a arte política da visita, vestia-se confortavelmente para não parecer pretensioso, estava sempre sorrindo e acenando, cultivava o trato fácil, ainda que pouco dissesse de substancial. O que importava não era o que dizia em público, mas como o dizia. Tornou-se uma presença tranquilizadora, familiar, nas vidas de quase todos os brasileiros, como jamais se vira no Brasil. Viajava grandes distâncias para fazer visitas oficiais – mais de 140 mil quilômetros em 1942 -, inaugurando projetos públicos, cortando fitas e falando do alto de palanques de madeira improvisados, nunca tão altos que o separassem do público. (LEVINE, 2001, p.93)

Ainda, coube ao DIP criar uma imagem de Vargas, que passou a ser apresentado como “o Pai dos Pobres”, sendo que a propaganda divulgada pelo DIP assegurava que Vargas lutava apaixonadamente pelos pobres. Assim, a sua popularidade se expandia por meio do discurso de “Pai dos Pobres”, enquanto que a repressão política se estabelecia através da polícia que, nesse período, investia contra os sindicatos não governamentais. Porém, esse órgão não resume sua importância em criar uma imagem de Vargas para a população, pois desde 1938 ele dominava os meios de comunicação impressos. Nesse período muitos dos artigos em jornais e revistas eram matérias que o DIP distribuía. Assim, dentre as atribuições do DIP durante o Estado Novo temos a censura a toda a mídia pública, assim como o encargo de

promover o sentimento nacionalista, mediante eventos públicos e também por meio do sistema escolar.

O autoritarismo imposto a imprensa escrita, jornais e revistas, não compreendia, apenas, os artigos do DIP que eram publicados. Essas publicações eram disponibilizadas aos meios de comunicação que se adequassem aos ideais defendidos pelo governo. Aos impressos avessos ao governo ocorria com o não fornecimento de papel, que nesse período era controlado pelo Estado. Essa medida impedia a circulação de materiais com ideais contrários ao governo, não que eles não existissem, mas como eram alvos de severa e eficiente punição não tinham uma grande distribuição.

Além do controle da mídia impressa, julgamos que é necessário ressaltar que Vargas foi um político que soube muito bem utilizar o rádio, sendo que atingia a um grande contingente da população brasileira através dele. Nesse sentido, o meio oficial do diálogo do presidente com a população foi o programa “A Hora do Brasil”, que existe até hoje, com o nome “A Voz do Brasil”. Ainda, sobre o programa de rádio do presidente, “A Hora do Brasil tratava-se de um programa que elencava música, notícias, discursos animadores, dicas sobre trabalhos na lavoura, nutrição, educação das crianças, agricultura e qualquer outra coisa que o DIP considerasse apropriado” (LEVINE, 2001, p. 95). Dessa maneira, além do rádio e do controle da mídia impressa, outro recurso midiático utilizado pelo governo para publicizar suas realizações está o cinema. Esse recurso foi aplicado da seguinte maneira, os discursos de Vargas em eventos públicos eram filmados, e posteriormente, eles eram exibidos por todo o país através dos cine-jornais ou por meio de curtas-metragens. Segundo Capelato (2007) a organização da propaganda, através do DIP, e a repressão, a imprensa, aos sindicatos, enfim a todos que se opusessem ao governo, foram os dois pilares de sustentação do regime.

Porém, um dos fatores que motivaram o fim do Estado Novo pode ser explicado pelo sistema político aberto e popular. Essas características distanciaram o governo do comando militar, e em 29 de outubro de 1945, a partir do golpe militar chega ao fim uma aliança de quinze anos. Enfim, o mesmo golpe militar que leva Getúlio Vargas ao poder em 1930 o afasta em 1945. Entretanto, como propõe Capelato (2007) a história mostraria que o derrotado foi o Estado Novo e não seu presidente, que retorna ao poder em 1951, o que ela observa é que Vargas não abandonou a política nem mesmo nesses anos em que não esteve no poder.

O Estado Novo se encerrou em 1945, mas a presença de Vargas na política foi bem mais longe. A era Vargas é sempre mencionada por admiradores e opositores como um momento especial da história brasileira, e Getúlio Vargas se impôs como um dos principais expoentes da política brasileira. Para criticar ou elogiar, o varguismo continua sendo uma referência essencial para a compreensão da história política

brasileira. Não é por acaso que os historiadores tem revisitado, com tanto interesse, essa época, mas sobretudo o Estado Novo, que, apesar de exorcizado pelo seu aspecto claramente autoritário, foi o período em que ocorreram mudanças importantes como a Consolidação das Leis do Trabalho, considerada a maior herança do varguismo. (CAPELATO, 2007, p. 139)

Após essas breves considerações sobre o período político estudado, Estado Novo, julgamos relevante demonstrarmos a aproximação entre o governo e a Igreja Católica, além de apontar o papel político que a Igreja assume nesse período, uma vez que essas instituições se legitimam mutuamente.

As investigações sobre o campo religioso apresentam diversos objetos de estudo. Dentre as considerações que podemos realizar sobre este campo no Brasil, cabe pontuarmos que de alguma maneira, as instituições religiosas encontravam-se relacionadas ao Estado, pois mesmo com o advento da república em 1889, momento em que o Estado se tornou laico, não ocorreu uma separação efetiva entre o Estado e a Igreja Católica.

A partir de 1980, organizaram-se no Brasil, segundo Mancuso e Torres-Londoño (2002), duas vertentes historiográficas, uma delas referente ao período colonial, em que se destaca a religiosidade popular e o sincretismo religioso, e a outra atenta para o papel político da Igreja Católica, principalmente, entre os séculos XIX e XX. Para os autores, antes de 1930 a Igreja era uma instituição burocrática que apresentava um patrimônio imobiliário consolidado, além da reformulação dos seminários e da consolidação das alianças com as oligarquias estatais. Esses fatores permitiram a Igreja Católica dispor de condições para ocupar o centro da vida política nacional a partir de 1930, concomitantemente ao período em que Getúlio Vargas ascendeu ao poder.

Segundo Lenharo (1986), que analisou a relação entre a Igreja Católica e o Estado Novo, pretendia-se com a “sacralização da política” legitimar as ações do Estado a partir de pressupostos mais nobres que os oriundos da ordem política, assim o espaço religioso foi amplamente utilizado para transmitir os interesses do governo. Nesse sentido, temos a política da “Boa Imprensa Católica”, ou seja, a Igreja Católica organizou uma campanha a fim de promover entre os seus fiéis a leitura de suas publicações, fossem eles livros revistas, jornais ou semanários. Além disso, é de conhecimento a formação dos círculos operários católicos, dessa maneira ao encabeçar os movimentos trabalhistas era possível amenizar, por meio de justificativas religiosas, a reação de trabalhadores descontentes.

Com isso, elegemos o aspecto político como um dos referenciais. O outro referencial são os meios de comunicação, que analisaremos com mais afinco no próximo capítulo. Para a inserção nessa perspectiva encontramos respaldo nas palavras de Aline Coutrot (1996),

Ao apresentarmos a criminalização de religiões não cristãs, bem como o respaldo que o governo varguista concedeu para a Igreja Católica, podemos considerar que essa posição demonstra a importância adquirida pela Igreja durante o referido período. Seguindo essa perspectiva, podemos observar que a Igreja Católica utiliza-se do poder do Estado a fim de punir uma prática que considera errônea. A partir dos dados apresentados na tabela somos capazes de observar que até mesmo em publicações laicas, mesmo que em número muito menor, encontramos referência a relação do governo com a Igreja Católica.

Após essas primeiras considerações sobre a relação do governo com a Igreja Católica no Brasil, acreditamos que seja relevante tratarmos dessa aproximação no Estado do Rio Grande do Sul. Dessa maneira, iniciemos nossas considerações a partir das proposições de Isaia (1998). Segundo ele, a peculiaridade da formação histórica do Rio Grande do Sul, que tem como marcas a atmosfera da cristandade oriunda da vinda dos imigrantes europeus, perspectiva com a qual corroboramos, reforça a necessidade de estudarmos como ocorre a inserção da presença católica na vida social, institucional, e também cultural.

O alinhamento da Igreja junto à ordem pós-30 desprezando o circunstancial apoio do clero paulista à sedição de 1932, totalmente fora da coexistência preconizada pelo cardeal Leme) não significou apenas um endosso político conjuntural, integrante de uma episódica aliança com o poder emergente. Na medida em que a hierarquia católica sob o comando do cardeal Leme hipotecava solidariedade a Vargas, comprometia-se, na prática, com os desdobramentos que nos campos social e econômico passavam a ser implementados pelo novo poder. Ao alinhar-se ao lado de uma solução política, a hierarquia católica passava, implicitamente, a “abençoar” o desenvolvimentismo varguista, uma vez que inexistia independência entre as instâncias política e econômica. (ISAIA, 1998, p. 147)

Na citação, observamos que Isaia (1998) é enfático ao afirmar a aproximação entre o Estado e a Igreja Católica. Essa relação de proximidade também encontramos em Lenharo (1986), que apresenta o Estado Novo como um regime político em que a religião embasava-se na política, assim como a política também fazia uso da religião para legitimar as suas ações.

Mas essa aproximação não ocorre de maneira instantânea, precisamos apresentar alguns elementos para entendermos como ocorre esse processo. Primeiro, é um fenômeno mundial, a aproximação do catolicismo com o capitalismo moderno. Depois, temos a Constituição de 1934 que confere inúmeros benefícios a Igreja Católica, como a criminalização de outras práticas religiosas e a permissão do Ensino Religioso ser ministrado

em escolas públicas, apesar da Constituição de 1937 revogar essas decisões, elas não aconteceram na prática devido a boa relação do Estado com a Igreja Católica. Ainda, com a realização do Primeiro Concílio Plenário Brasileiro, realizado no Rio de Janeiro em 1939, observamos mais uma oportunidade de manifestações mútuas de estima e entendimento entre os dirigentes católicos e Vargas. Ou seja, em diferentes momentos, principalmente durante o Estado Novo, a relação entre o Estado e a Igreja é fortalecida.

A homenagem que este instituto prestou ao Episcopado Brasileiro, celebrada com a máxima solenidade, teve eloqüente significado. Abriu a seção o sr. Embaixador Macedo Soares, ao qual seguiram outros oradores do Instituto, saudando ao Cardeal Legado e aos Exmos. Srs. Arcebispos e Bispos e apreciando a missão histórica da Igreja, salientando a definição admirável da posição do Catolicismo perante os problemas do mundo hodierno e diante da Pátria, ressaltando a missão sobrenatural da Igreja, que através de dois milênios, vem sobrevivendo as civilizações, aos impérios e aos seus perseguidores. Aos aprimorados discursos dos oradores respondeu D. José Gaspar de Afonseca, com palavra de hábil orador, agradecendo a homenagem que o Instituto acabava de prestar ao Episcopado e afirmando a posição do mesmo Instituto Histórico diante dos grandes destinos da Pátria. Em companhia dos Srs. Arcebispos e Bispos, D. Sebastião Leme esteve no Catete agradecer ao sr. Presidente Getúlio Vargas o banquete oferecido no Itamaratí, como homenagem do Governo ao Episcopado. O Chefe do Governo palestrou longamente com o Príncipe da Igreja no Brasil, agradecendo a colaboração que os sacerdotes tem prestado ao seu governo. O Cardeal Leme acentuou que o Sr. Presidente era um grande amigo da Igreja e que os 104 bispos ali presentes, representantes do Brasil católico, homenageavam o Chefe do Governo, não por simples protocolo, mas conscientemente⁹⁰.

A partir da citação observamos que a relação entre o Estado e a Igreja não é tratada apenas em instituições católicas, pois até mesmo um órgão não católico, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, presta homenagens ao Episcopado durante o I Concílio Plenário Brasileiro. Na passagem, encontramos dois momentos, no primeiro o presidente agradece a colaboração que os sacerdotes têm prestado ao seu governo, enquanto o cardeal Leme apresenta o Presidente Getúlio Vargas como um grande amigo da Igreja Católica.

Segundo Isaía (1998), a partir dos documentos da SIPS Filinto Müller aponta que mesmo minoritária, existiam dentro da Igreja uma oposição de padres e leigos ao regime, segundo Müller uma parte do clero não estava contente com a posição de influência junto ao povo ocupada pelo governo. Entretanto, ao contrário do previsto no inquérito do SIPS, a hierarquia católica brasileira prestigiava a obra social do Estado Novo e, de acordo com Isaía (1998), não se sentia lesada com a institucionalização do corporativismo varguista.

Nesse contexto, ganha destaque o bispo da Arquidiocese de Porto Alegre D. João Becker. Segundo Isaía (1998), ele via no regime político do Estado Novo uma medida

⁹⁰ NO INSTITUTO Histórico. **Rainha dos Apóstolos**. Santa Maria, ano XVII, n. 8, p. 179, ago. 1939.

salvadora que era necessária no contexto da vida nacional, pois segundo ele o Brasil estava prestes a sucumbir ao comunismo.

Entre os exemplos históricos invocados por D. João Becker para justificar o golpe que instituiu o Estado Novo, o arcebispo enumerava desde a concessão de direitos discricionários, outorgados pelo senado romano aos cônsules em situação de grande perigo, até a anulação das liberdades civis por Hitler e Mussolini. Tanto o *Führer*, quando o *Duce* tinham, em sua opinião, agido “em defesa dos bens supremos” de suas nações, salvando-as do comunismo por meio de “atitude excepcionais”. (ISAIA, 1998, p. 157)

Ainda, durante o Estado Novo, temos outras intervenções que beneficiam ora Estado, ora Igreja Católica, ora ambos. Como exemplo de ações que beneficiaram o Estado, podemos pontuar a criação de Círculos Operários Católicos, que auxiliaram a conter os trabalhadores descontentes, para isso, o governo chegou até a utilizar das perspectivas religiosas para legitimar o seu discurso. A Igreja Católica também se beneficiou dessa relação, seja através da perseguição a outras religiões não cristãs ou com o estabelecimento da disciplina de ensino religioso como parte da grade curricular das escolas públicas. Apesar das diferenças ambas as instituições se utilizam dos meios de comunicação para atingir seus objetivos e legitimar suas ações, como podemos constatar a partir da análise dos impressos católicos e laicos.

Nessa perspectiva, também se insere uma passagem do livro de Isaia (1998). Nela o autor aponta os motivos que promoveram a adesão inquebrantável da Arquidiocese de Porto Alegre ao Estado Novo, sendo que um dos principais motivos apontado compreende ao fato de que a Igreja se beneficiava com os favores concedidos pelo Estado.

Firmada em um posicionamento pragmático, a Arquidiocese persiste em um total alinhamento com Vargas, cuja crescente concentração de poderes, culminada em 1937, era vista como uma necessidade instrumental que nas mãos de um governo “ponderado” conduziria o país a tranquilidade, garantindo a presença do catolicismo como instituição beneficiada pelos favores do Estado, visto como parceiro na obra de recristianização. A concentração de poderes instaurada pelo Estado Novo era vista catalisando a consolidação da ansiada unidade moral que presidiria a recristianização social. (ISAIA, 1998, p. 160)

Ainda, é relevante pontuarmos a aliança estabelecida entre a Igreja Católica e o Estado, pois como afirmou Lenharo (1986), a Igreja sempre contou com o auxílio do “Estado cristão”. E o controle da imaginação social só foi possível com o auxílio da Igreja e com o domínio dos meios de comunicação, pois em governos autoritários é comum a censura às informações que circulam na mídia. Nesse sentido, Isaia (1998), demonstra que D. João

Becker, apesar das arbitrariedades do governo continuou a defender o Estado Novo como um regime salvador do Brasil católico.

Após essas considerações sobre a aproximação do governo com a Igreja Católica, durante o Estado Novo, julgamos que é relevante inserir a Romaria do Caaró nessa perspectiva. Para atendermos a esse objetivo iremos nos remeter a década de 1920, momento em que o político e religioso se misturam na região das missões.

Primeiramente, um dos questionamentos do projeto de mestrado correspondia ao entendimento dos motivos que levaram a Igreja Católica a rememorar o assassinato dos padres naquele momento histórico. Desde a década de 1920, no caso da revista “Rainha dos Apóstolos” o primeiro texto sobre os padres é de 1924, temos a retomada do assassinato dos padres. Nesse sentido, uma das hipóteses elaboradas é de que a Igreja estivesse preparando a população para as comemorações do tricentenário da morte dos padres, essa proposição não foi descartada. Entretanto, observamos que ela estava incompleta. Assim, a outra hipótese que justificaria os motivos da Igreja Católica rememorar os padres naquele momento, refere-se ao temor do avanço do “comunismo”, pois em 1924 a Coluna Prestes percorre o noroeste do Estado, ou seja, coincidência ou não, na mesma data que se fala pela primeira vez dos padres na revista “Rainha dos Apóstolos”.

Sobre esse episódio consideramos que não justifica, mas aponta os caminhos que levaram a população a incorporar o discurso compartilhado pelo Estado e Igreja, segundo os quais os “comunistas” eram inimigos e que por esse motivo deveriam ser combatidos. No ano de 1924, a Coluna Prestes passa pela região noroeste do Rio Grande do Sul, sendo a cidade de São Luiz Gonzaga o ponto de convergência de todos os que se rebelaram no sul. Até então não temos nenhuma novidade, a Coluna Prestes percorre um vasto território, entretanto as pessoas da cidade temiam um combate entre os legalistas e os integrantes da coluna, assim prometem que caso não tivessem embates construiriam uma gruta na parte mais alta da cidade em homenagem a Nossa Senhora de Lourdes, o combate não aconteceu e a promessa foi cumprida⁹¹.

Temos, como propõe Alcir Lenharo, a “sacralização da política”, pois de uma divergência política organiza-se um movimento religioso. Assim, o evento narrado, da passagem da Coluna Prestes por São Luiz Gonzaga, pode ser entendido como uma das razões

⁹¹ Esse evento pode ser lido no blog de turismo do município de São Luiz Gonzaga. Disponível em: <http://turismosaoluizgonzaga.blogspot.com.br/2010/04/gruta-nossa-senhora-de-lourdes.html>. Acesso em: 5 dez. 2012.

que levou a população a entender os comunistas como inimigos, entendimento que foi reforçado pelo discurso partilhado entre o Estado e a Igreja Católica nos anos de 1937 a 1945.

Ao corroborarmos com o entendimento de verdade presente no texto de Durval Muniz de Albuquerque Junior (2006), nele o autor afirma que toda a sociedade institui uma política de verdade, pois é preciso regular a produção do verdadeiro em cada sociedade. Assim, ao identificarmos que a proposição dos padres jesuítas como mártires foi considerada verdadeira pela sociedade, podemos considerar que o mesmo ocorreu com os “comunistas”, que foram apresentados a sociedade brasileira como “inimigos”. Esse discurso foi bastante eficaz nos municípios da região das missões, pois ali a população havia vivenciado uma experiência traumática com esse grupo alguns anos antes. Ora, se o Estado e a Igreja Católica, instituições com importantes relações de poder na sociedade do período, condenavam, logo não era nenhum absurdo a população temer ao desconhecido mesmo que não os considerassem como inimigos, como lhes queria fazer crer o governo e a Igreja.

No que se refere ao conceito de inimigo, Bauman (1999) afirma que os inimigos são a negatividade em comparação com a positividade dos amigos. Entretanto, o autor apresenta outra classificação de seres híbridos por entender que eles são indefiníveis, que ele denomina de estranhos, pois segundo ele, existem os amigos, os inimigos e os estranhos.

Essa proposição de apresentar os comunistas como inimigos, também encontramos na dissertação de Carla Xavier dos Santos (2008). Segundo ela, o governo ao definir os comunistas como uma ameaça possibilitou que a Igreja também definisse a sua posição, ela percebeu nesse embate a oportunidade para uma reaproximação com o Estado, “que desde o fim do século XIX, com a encíclica de Leão XIII, travava férrea luta contra o liberalismo, o socialismo e o comunismo”. (SANTOS, 2008, p. 42) Nesse sentido, percebemos que a luta contra o comunismo, entendido como inimigo, permitiu a aproximação entre o governo e a Igreja católica.

2.2 Estado Novo: a formação da nação a partir do desenvolvimento do nacionalismo

Um dos entendimentos primordiais para a realização desse trabalho consiste na definição do conceito de nacionalismo, isso por entendermos que no Estado Novo temos a retomada das discussões sobre o nacionalismo. Além disso, durante a constituição da Romaria do Caaró e os primeiros atos de devoção aos beatos mártires da Igreja católica, os padres são

apresentados, em publicações católicas da época, ora como santos nacionais, ora como riograndenses, ou seja, não é levado em consideração a origem pelo local de nascimento dos padres, mas são considerados os locais de suas mortes.

Apesar de identificarmos que o conceito nacionalismo é um dos entendimentos primordiais para este trabalho, são raras as vezes que ele é utilizado de forma exclusiva e, portanto, não nos portaremos de maneira diferente. Assim, irão compor o estudo sobre o nacionalismo os conceitos de nação e identidade.

Segundo Brandalise e Domingos (2008), o debate teórico sobre o nacionalismo aparece desde o final do século XIX e primeiro quartel do século XX, entretanto, identificamos que as discussões sobre o nacionalismo não se esgotam no Brasil no primeiro quartel do século XX. Assim, o que queremos propor é que durante o Estado Novo esse debate, ainda tinha fôlego e que se repetiu, todas as vezes que governos ditatoriais brasileiros buscaram se legitimar no poder.

Mesmo que o recorte temporal deste trabalho referir-se ao século XX consideramos pertinente iniciarmos a discussão sobre o conceito de nação, ao apresentarmos a sua definição no século XIX. Assim, a partir das considerações realizadas por José Carlos Chiaramonte no seu livro “Cidades, províncias, Estados: Origens da nação Argentina (1800-1846)”, é possível, guardadas as devidas proporções e especificidades, pensar as mudanças e, também, as permanências do conceito de nação, do século XIX para o século XX. Assim, julgamos relevante trazer algumas considerações desse teórico argentino, por entender que as discussões sobre o nacionalismo e a nação não são um evento que ocorrem exclusivamente no Brasil, mas também em outros Estados, por isso, utilizamos Chiaramonte para demonstrarmos as mudanças no conceito, bem como o entendimento de que essas discussões não se reduziam ao Brasil.

Apesar da diferença temporal, através das análises de Chiaramonte (2009) e Armani (2010), pretendemos tratar como a formação do conceito de nação é apresentado, no século XIX, na Argentina e no Brasil, a partir do entendimento do que ocorre nas Américas⁹². Pois, como propõe Armani ao tratar dos discursos sobre a formação da nação no Brasil em fins do século XIX, é necessário estudarmos não só a Europa, mas também nos atermos as Américas

⁹² Armani (2010) utiliza a expressão “Américas” por entender que existe uma divisão em duas Américas: a América Anglo-Saxônica e a América Hispânica. Segundo Armani (2010, p. 76), através dessa divisão pretende “investigar, por um lado, as ideias sobre os Estados Unidos na condição de consubstanciação da América Inglesa e, por outro, dos diversos sujeitos nacionais deslizantes que configuravam a América Hispânica, ambos diferentes da América que falava português, ou seja, do Brasil”.

que “estavam na agenda dos debates dos intelectuais que tinham em mente estabelecer uma identidade da nação” (ARMANI, 2010, p. 76).

Se até os anos 70 e 80 do século XIX a discussão em torno da identidade nacional no Brasil era predominantemente relacionada com a Europa, mais especificamente com Portugal, Inglaterra e França, a virada do século demarcou um momento de turbulência em que a circunscrição fronteiriça àquelas escalas identitárias tornou-se insuficiente para dar conta do problema da identidade nacional que se passou a pensar no Brasil. Além da Europa, as Américas, tanto Latina quanto Anglo-Saxônica, estavam na agenda dos debates dos intelectuais que tinham em mente estabelecer uma identidade da nação. (ARMANI, 2010, p. 77)

Segundo Anderson (2008), o modelo de nacionalismo desenvolvido no século XX permitiu recorrer a mais de 150 anos e a três modelos anteriores de nacionalismo. Dessa forma, o entendimento de Anderson (2008) de que o nacionalismo é um conceito construído ao longo dos anos corrobora com a nossa abordagem e demonstra a necessidade de historicizarmos esse conceito desde o século XIX. Assim, este trabalho tem como um de seus objetivos identificar como são construídos os conceitos de nacionalismo, e também de nação e identidade, ao longo do século XIX e XX, principalmente, no que se refere ao entendimento e aplicação desses conceitos durante o Estado Novo, período em que o nacionalismo é retomado pelo governo.

Assim, faremos uma rápida explanação sobre os conceitos de nacionalismo e de nação a partir do trabalho de Chiaramonte (2009). Segundo o autor, é comum que incorramos no erro de realizar uma leitura equivocada dos termos políticos aplicados ao longo do século XIX. Para tanto, uma das terminologias discutidas por ele refere-se ao termo povo, que em seu uso inicial foi sinônimo de cidade, não no sentido urbanístico, mas sim político. Logo após, o autor se deteve ao conceito de nação, sobre o qual ele afirmou que estamos acostumados, erroneamente, a associá-lo ao conceito de nacionalidade inexistente até a difusão do romantismo, que ocorre a partir da década de 1830.

Além disso, Chiaramonte (2009, p. 119) afirma que “é praticamente impossível encontrar uma definição de *nação* que de conta da variedade de casos históricos a que se aplica o termo”. A fim de sanar essa dificuldade, o autor se propôs a apresentar ao leitor o vocabulário político utilizado pela imprensa da época. Sendo assim, no que se refere ao termo nação foi definido na primeira metade do século XIX pela Gazeta de Buenos Aires como uma reunião de povos e províncias sujeitos a um mesmo governo central e as mesmas leis.

Sendo que é a partir dessas perspectivas que compreendemos o termo nação, ou seja, a nação é como propõe Chiaramonte (2009) sinônimo de povo, e foi utilizada pelo Estado para

formar na população a ideia de pertencimento, sendo que para isso, muitas vezes, foi preciso retornar a origem histórica do Estado e apelar para a construção de cultura comuns a uma população muito diversificada, que até então só tinha de semelhante as lideranças políticas. Esse entendimento de nação se deve, principalmente, a legitimidade atribuída a Igreja Católica durante o Estado Novo, uma vez que ela identificou na proximidade com o governo a possibilidade de desenvolver um projeto de “nacionalismo católico”, entretanto sobre esse projeto falaremos mais adiante.

Outra questão determinante para o entendimento do período independentista na Argentina, momento, que segundo Chiaramonte (2009) é pensada tanto a Nação quanto o nacionalismo, corresponde aos meandros da religião católica. Nesse contexto, o autor apresenta uma passagem extraída da Gazeta de Montevideo, em que são apresentados os elementos que contribuem para constituir a Nação e, também, o patriotismo como o amor dos cidadãos pelas leis, a religião, o governo, os costumes. A instituição Igreja é um dos elementos fundamentais para a formação da Nação, pois, segundo o autor nesse período conturbado, de independência da Argentina, é necessária uma boa relação com a Igreja católica, como podemos observar no trecho:

(...) a política hostil do papado com relação aos movimentos de Independência deixou os novos governos hispano-americanos em situação mais que delicada: como seguir adiante com o movimento independentista e ao mesmo tempo manter-se fiel a Igreja Católica, tendo sido objeto de sanção papal. (CHIARAMONTE, 2009, p. 201-2)

Na passagem, é possível identificarmos o quanto era importante o apoio da Igreja, além disso, apresenta a divergência em como dar continuidade ao movimento de independência sem descontentar a Igreja, pois o papa condenava-os. Assim, como em outros trechos do livro o autor demonstra a aproximação da Igreja nas origens da nação Argentina, como ocorre com a reinstalação na Província de Mendonza da Companhia de Jesus, entre os anos de 1838 e 1845. Além disso, em 1827 temos o Tratado de Huanancache que estabelece que seus signatários deveriam manter “como única e verdadeira, a Religião Católica Apostólica Romana, com exclusão de todo outro culto público”. (CHIARAMONTE, 2009, p. 215) Armani (2010) também considera a partir do entendimento de Eduardo Prado sobre a América, a relevância atribuída a Igreja católica na formação da nação brasileira em fins do século XIX.

(...) a parte sul do Ocidente, não somente em termos geográficos, mas também culturais. O *Ocidente ao sul do Equador* era o conjunto das nações herdeiras da colonização ibérica, cujas principais heranças deixadas teriam sido as línguas neolatinas, algumas instituições e, sobretudo, a religião católica. (ARMANI, 2010, p. 80)

A partir de Eduardo Prado, Armani (2010) apresenta as ideias defendidas por um dos intelectuais que estava pensando a nação brasileira naquele período. Esse intelectual conferia ao Brasil uma condição de superioridade, pois, diferentemente, do que ocorreu no restante das nações hispânicas da América, tivemos no Brasil colonial a passagem para uma monarquia e não para uma república. Sendo que, para ele as nações latino-americanas haviam se corrompido quando se tornaram republicanas. Além disso, Armani (2010) destaca outro entendimento de Eduardo Prado sobre a relevância do catolicismo no processo de formação da nação, pois para ele o que tornaria o Brasil exemplar, admirável para o “mundo civilizado” consistia em permanecer um Estado monárquico e católico.

Tanto no livro de Chiaramonte (2009) quanto no de Armani (2010), encontramos a defesa de que a construção das nações e do nacionalismo e, principalmente, da identidade encontra-se relacionada a importância do apoio da Igreja Católica, ao entenderem esse instituição como um elemento capaz de conferir unidade a população. No Brasil, a situação não era diferente, pois durante o Estado Novo, coube ao Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) promover o sentimento nacionalista, através de eventos públicos e do sistema escolar, ou seja, havia um interesse do governo em promover o nacionalismo, e a Igreja Católica corroborou com essa perspectiva.

Assim, segundo Isaia (1998, p. 150), “no Brasil, a aproximação entre Igreja e o Estado pós-30, que institucionaliza suas reivindicações básicas, trará para a hierarquia católica a oportunidade de realizar seu projeto de ‘nacionalismo católico’, no qual o espaço político conquistado era o ponto de partida para efetivar o combate a seus inimigos”. A partir da citação, o autor demonstra que a proposta nacionalista do governo estava de acordo com o projeto de “nacionalismo católico”, ou seja, não que a Igreja apoiasse sem restrições o nacionalismo defendido pelo governo, na verdade ela aproveitou da aproximação com o Estado e das boas relações políticas incitadas com essa ação para realizar o seu projeto. Dessa maneira, coube ao Estado brasileiro se conciliar com as raízes cristãs da nacionalidade. Nesse sentido, a formação da nacionalidade brasileira no pós-30, pode ser explicada a partir da metáfora da família utilizada por D. João Becker, segundo ele na família convivem pessoas de

diferentes temperamentos que se reúnem por pertencer a um tronco comum⁹³. Com isso, a Igreja Católica buscava mediar a integração de diferentes povos aos valores da nacionalidade brasileira, ao entender que essa integração/unidade nacional era possível a partir da adesão da população aos preceitos da Igreja Católica.

Para D. João Becker, a ideia de nação, que pressupunha uma união espiritual em torno de valores e crenças comuns, formava-se no Brasil através da integração de diferentes etnias à bagagem histórico-espiritual que o caracterizava. Para essa integração, o caráter supranacional – “católico” – da Igreja atuava como força justamente de afirmação da identidade nacional brasileira, integrando diferentes etnias a uma herança cultural específica. Se a Igreja se caracterizava por pairar acima das nacionalidades, o Brasil plasmava a sua identidade na aceitação de seu magistério; se, por outro lado, a nacionalidade brasileira formava-se da coexistência de diferentes etnias, o influxo do catolicismo sobre estas colaborava para a formação de um conjunto de valores e crenças próprios da ideia de nação. Assim, a supranacionalidade da Igreja tornava-se uma instituição funcionalíssima para mediar a integração de povos diversos aos valores da nacionalidade brasileira. (ISAIA, 1998, p. 165)

A partir dessas considerações é interessante analisarmos de que maneira o projeto de “nacionalismo católico” encontrou no nacionalismo proposto pelo governo a possibilidade de se consolidar e, principalmente, de formar no Brasil uma unidade, que segundo a Igreja, só era possível através da religião católica. Por isso, apresentaremos alguns dados, nesse momento de dois meios de comunicação católicos as revistas “Rainha dos Apóstolos” e “UNITAS”, que corroboram com essa perspectiva e demonstram como a Igreja, através de meios de comunicação impressos, buscou fortalecer o discurso de um projeto de “nacionalismo católico”, que só foi possível devido a sua aproximação com o governo durante o Estado Novo, além de o projeto católico contribuir com o nacionalismo defendido pelo Estado.

Tabela 2 - Defesa do patriotismo/nacionalismo

Publicações	1937	1938	1939	1940	1941	1942	1943	1944	1945
Rainha dos Apóstolos	1	0	1	0	3	3	1	4	0
UNITAS	0	0	2	2	0	2	0	0	0
Revista do IHGRS	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Jornal A Notícia	0	0	0	0	0	2	0	3	0

⁹³ Podemos encontrar essa explicação em Isaia, 1998, p. 165.

Assim, após essas considerações sobre a importância da Igreja Católica na consolidação do nacionalismo durante o Estado Novo, julgamos pertinente retomarmos as discussões sobre o conceito de nacionalismo. Nesse sentido, as definições elaboradas por Benedict Anderson (2008) em seu livro “Comunidades Imaginadas” serão utilizadas no texto, a fim de compreender como as diferentes possibilidades desse conceito é apropriada pelo governo durante o Estado Novo. Entretanto, antes de nos atermos a apresentação do conceito é pertinente que reconheçamos que ele apresenta diferentes abordagens para os mesmos termos e que, em algumas situações, parecem conflitantes, como ocorre entre os livros “Nações e nacionalismos desde 1780”, de autoria de Eric Hobsbawm, e “Comunidades Imaginadas” escrito por Benedict Anderson. Além disso, acreditamos que não é possível discutirmos o conceito de nacionalismo e nos determos, apenas, a Europa, e foi esse entendimento que fez com que incorporássemos o livro de Anderson (2008) que não deixa de falar da Europa, mas que apresenta outros espaços em que ocorrem discussões sobre os nacionalismos e a formação da nação, principalmente, no que se refere às discussões sobre os nacionalismos.

Primeiramente, temos de pontuar que a intenção de Anderson (2008) ao escrever “Comunidades Imaginadas” era descentralizar o pensamento eurocentrista sobre o estudo teórico do nacionalismo. Pois, segundo ele, o nacionalismo surgiu primeiro no Novo Mundo, América e Ásia, e não na Europa, “um sinal impressionante do profundo enraizamento do eurocentrismo é o fato de que inúmeros estudiosos europeus continuam, a despeito de todas as evidências, considerando o nacionalismo como uma invenção européia” (Anderson, 2008, p. 261). Para o autor, os movimentos de independência, como o apresentado por Chiaramonte (2009) para Argentina, exigiu que a população se articulasse a fim de promover uma unidade, que foi estabelecida a partir de elementos de nacionalismo. No que se refere ao título do livro “Comunidades Imaginadas”, Anderson demonstra que ao se referir a comunidades imaginadas não quer dizer que elas não sejam “verdadeiras”, mas que em algum momento elas foram “criadas” e/ou “imaginadas”.

Assim, ao tratarmos da construção do nacionalismo no século XX, é pertinente trazermos algumas considerações de Benedict Anderson. Pois, segundo ele “O que tornou possível imaginar as novas comunidades, num sentido positivo, foi uma interação mais ou menos casual, porém explosiva, entre um modo de produção (o capitalismo), uma tecnologia de comunicação (a imprensa) e a fatalidade da diversidade lingüística humana” (ANDERSON, 2008, p. 78). Nesse sentido, encontramos todos esses elementos na formação do nacionalismo brasileiro nas décadas de 1930 e 1940, uma vez que o capitalismo era o

sistema econômico vigente, além disso, o presidente reconhecia a importância de utilizar a imprensa⁹⁴. Também identificamos a necessidade de estabelecer a unidade nacional através da imposição de uma única língua que, naquele período, ainda não era praticada em todo o território nacional. Nesse sentido, consideramos pertinente transcrever trechos da circular publicada na revista *UNITAS* em 2 de agosto de 1939 por D. João Becker, arcebispo metropolitano de Porto Alegre, o documento torna obrigatório o uso da língua portuguesa nas missas. Assim, marca um período muito dramático para os imigrantes e seus descendentes que ainda utilizavam o idioma de suas origens.

É de toda a justiça que o Revmo. Clero colabore, eficazmente, com o benemérito governo da nossa Pátria na importante obra da nacionalização. Como sempre, também nos tempos atuais, é necessário prestar-lhe auxílio decidido e constante. Por isso, determinamos: 1º Todas as praticas e sermões nas igrejas e capelas desta nossa Arquidiocese sejam feitos em língua portuguesa. 2º Depois da pratica em português, os Revdos. Sacerdotes poderão repetir a mesma no idioma das pessoas estrangeiras presentes a cerimônia religiosa, si o número delas for bastante elevado e si o julgarem oportuno. 3º Si num ou outro núcleo colonial os fieis ainda não sabem bem o português, os Revdos. Sacerdotes depois da pratica em vernáculo estão obrigados a repeti-la na língua dos referidos fiéis. 4º A fim de facilitar o trabalho de pregar em vernáculo aos sacerdotes não brasileiros ou que não souberem exprimir-se, devidamente, em português, poderão eles fazer a leitura em português, de praticas e sermões publicados em livros canonicamente aprovados. Este programa foi combinado entre as autoridades eclesiásticas supremas do Rio de Janeiro e o Governo Federal e deve ser realizado por ordem do Governo do Estado do Rio Grande do Sul de comum acordo com a Cúria Metropolitana de Porto Alegre.⁹⁵

Na citação, observamos que com a justificativa de apoiar a Pátria, o governo e a obra de nacionalização, o bispo D. João Becker torna obrigatório o uso da língua portuguesa em práticas religiosas e sermões. Nessa perspectiva, Anderson (2008) pensa a língua como um dos elementos que contribui ou não, sendo considerado o espaço e o tempo, para a formação da nação, segundo o autor a língua impressa foi capaz, em alguns locais, de contribuir para a formação da nação.

O final da era dos movimentos vitoriosos de libertação nacional nas Américas coincidiu em boa medida com o início da era do nacionalismo na Europa. Se considerarmos o caráter desses novos nacionalismos que, entre 1820 e 1920, mudaram a face do velho mundo, dois traços notáveis os diferenciam de seus predecessores. Em primeiro lugar, em quase todos eles as ‘línguas impressas

⁹⁴ “Vargas em inúmeras oportunidades, chamou a atenção para o papel da imprensa, em particular, e dos meios de comunicação em geral como dispositivos de controle e mudança da opinião pública. O ofício do jornalismo era por ele chamado de ‘sacerdócio cívico’. Atribuía aos jornalistas grande importância na formação da opinião pública”. (LENHARO, 1986, p. 39) Nessa passagem identificamos a importância que Getúlio Vargas atribui aos meios de comunicação.

⁹⁵ BECKER, J. Circular. *UNITAS*: Revista Eclesiástica de Porto Alegre, Porto Alegre, ano XXVIII, n. 7-8, p. 170-171, jul./ago 1939.

nacionais' foram de fundamental importância ideológica e política, ao passo que o espanhol e o inglês nunca foram questões relevantes nas Américas revolucionárias. (ANDERSON, 2008, p. 107)

Na passagem, Anderson demonstra que a utilização da língua na formação do nacionalismo na Europa se difere do que ocorreu na América⁹⁶. Ainda, no que se refere à linguagem, essa foi uma das prerrogativas defendidas pelo governo Vargas durante o Estado Novo, sendo um dos meios utilizados para promover o nacionalismo durante o seu governo. Pois, no projeto nacionalista proposto por Getúlio Vargas durante o Estado Novo foi proibido o uso de outro idioma, essa imposição afetou, principalmente, as regiões de imigração, em que o português era o idioma oficial, mas que também eram utilizadas outras línguas⁹⁷. Assim, a partir da centralização o nacionalismo propagado pelo Estado ganha força.

A partir dessa época é preciso repensar o país que experimenta um processo de consolidação política e econômica e que terá de enfrentar as consequências da crise de 1929 e da Segunda Guerra Mundial. O nacionalismo ganha ímpeto e o Estado se firma. Essa tendência se acentua muito com a implantação do *Estado Novo* (1937-1945), ocasião em que os governadores eleitos são substituídos por interventores e as milícias estaduais perdem a força, medidas que aumentam a centralização da política administrativa. No plano da cultura e da ideologia, a proibição do ensino em línguas estrangeiras, a introdução da disciplina de Educação Moral e Cívica, a criação do Departamento de Imprensa e Propaganda (que tinha a seu cargo, além da censura, a exaltação das virtudes do trabalho) ajudam a criar um modelo de nacionalidade centralizado a partir do Estado. É significativo que a Constituição decretada por Getúlio Vargas em 10 de novembro de 1937, e que deu início ao *Estado Novo*, tenha suprimido as bandeiras estaduais ao afirmar que “A bandeira, o hino, o escudo e as armas nacionais são de uso obrigatório em todo o país. Não haverá outras bandeiras, hinos, escudos e armas. A lei regulará o uso dos símbolos nacionais”. (OLIVEN, 2006, p. 52)

Nesse sentido, a partir das considerações acima podemos afirmar que o ponto nevrálgico, ao tratar sobre os conceitos de nação e nacionalismos, é entender quais características promovem a construção do nacionalismo no Brasil durante o Estado Novo. Dessa forma, a língua no Brasil não foi uma das questões nas primeiras lutas de libertação nacional, entretanto, durante o Estado Novo, um dos pedidos de Getúlio Vargas foi para que o português escrito fosse reformulado, procurando diferenciá-lo do português de Portugal.

⁹⁶ Uma das críticas de Anderson (2008) a Hobsbawm (2008) se refere a ausência de relativização, pois entende que Hobsbawm não leva em consideração outros tempos e lugares ao realizar suas considerações sobre tanto sobre a nação, quanto sobre o nacionalismo. “A frase de Hobsbawm – ‘o progresso das escolas e das universidades dá a medida do avanço do nacionalismo, assim como as escolas e especialmente as universidades se tornaram seus paladinos mais conscientes’ – certamente é correta para a Europa oitocentista, se não para outros tempos e lugares”.

⁹⁷ Nesse sentido é pertinente apresentarmos o caráter autoritário do governo durante o Estado Novo no Brasil, sistematicamente podemos considerar que durante esse governo se conjugou autoritarismo político e modernização econômica, sob um pano de fundo nacionalista, no caso ao não permitir o uso de outras línguas em território nacional o governo pretendia estimular o nacionalismo entre os imigrantes.

Segundo Anderson (2008), a língua não foi uma das questões requeridas pelo movimento nacionalista americano, entretanto, foi justamente o fato de partilhar com a metrópole a mesma língua (e também a religião e a cultura) que possibilitou as primeiras criações de imagens nacionais.

Assim, Anderson (2008) procurou demonstrar que a língua foi um importante elemento na formação do nacionalismo, como verificamos no Brasil durante o Estado Novo, isso se considerarmos decretos tanto do Estado quanto da Igreja Católica que estavam buscando corroborar com a obra da nacionalização. Ainda, nessa perspectiva ele afirma, “o que inventa o nacionalismo é a língua impressa, e não uma língua particular em si”. (ANDERSON, 2008, p. 190)

Para o autor, o nacionalismo no século XX só foi possível, porque se desenvolveu um novo capitalismo industrial. Nesse sentido, as nações tomaram consciência da necessidade de elegerem uma língua oficial, e foi essa escolha que permitiu a proliferação/disseminação da imprensa. Além disso, ele pontua que os meios de comunicação difundiam a comunidade imaginada a massas iletradas que liam em outros idiomas.

Finalmente, enquanto o capitalismo, numa rigidez crescente, transformava os meios de comunicação física e intelectual, as camadas intelectuais descobriram formas alternativas a imprensa, difundindo a comunidade imaginada não só para as massas iletradas, mas até para as massas letradas que *liam* outras línguas. (ANDERSON, 2008, p. 198)

A partir da citação observamos que a imprensa não foi utilizada só através de textos, mas também de imagens, e o governante Getúlio Vargas soube, muito bem, utilizar esse recurso pedagógico em sua construção política. Assim, a partir das considerações de Anderson (2008), que ao tratar sobre nacionalismo contempla a três elementos, um modo de produção através do desenvolvimento de um novo capitalismo industrial, a definição de uma língua oficial escrita e a disseminação da imprensa, julgamos pertinente apresentarmos a nossa concepção sobre o nacionalismo.

Nesse sentido, a perspectiva jesuítica busca um lugar nesse debate sobre o nacionalismo, isso ao formular um discurso concernente a questão da nação, nas décadas de 1920, 1930 e 1940. Assim, para compreendermos como os jesuítas como os jesuítas formulam o seu discurso, cabe recorrermos ao livro de Luiz Henrique Torres (2004), “Brasilidade e platinidade na historiografia do Rio Grande do Sul (1819-1975)”. Nele, Torres (2004) afirma que com a criação do Arquivo do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul (1920), temos uma instituição atuante nos debates voltados a uma leitura do regional baseado

na brasilidade. Assim, é só na primeira década do século XX que os estudos sobre a reconstrução histórica missionária começam a resgatar as Missões como parte a história rio-grandense.

Nessa perspectiva se inscreve o historiador jesuíta Carlos Teschauer S.J. que desenvolveu um trabalho fundamental para os estudos missionários, pois inseriu as Missões Jesuítico-Guarani na história rio-grandense. Com isso, Teschauer, segundo definição própria, procurou desenvolver uma narração documentada do antigo passado do Rio Grande do Sul. Ou seja, os jesuítas reivindicam o protagonismo histórico ao se apresentarem como os primeiros formadores da nação, a partir da reflexão sobre a formação das Missões Jesuítico-Guarani. Segundo o autor, o Pe. Carlos Teschauer S.J. teve como seguidor de seus trabalhos, o padre Luiz Gonzaga Jaeger S.J., que desenvolveu uma narração que privilegiou alguns participantes em detrimento de outros. Assim, “a presença de Deus e os demônios foi constante nesta narração que enaltecia os jesuítas e depreciava os selvagens ou bárbaros”. (TORRES, 2004, p. 138)

Aurélio Porto também é citado por Torres (2004), pois, segundo ele, mesmo sendo um dos primeiros escritores da matriz lusitana não produziu aversão a tudo que é platino e missionário. Segundo o autor, em seu livro “História das Missões orientais do Uruguai”, Aurélio Porto analisou as Missões Jesuítico-Guaranis nos séculos XVII e XVIII, orientando-se na obra de Carlos Teschauer e, nesse sentido conferiu “amplo destaque ao papel civilizador e cristão dos padres jesuítas. Avesso ao maniqueísmo de centrar a história do Rio Grande do Sul exclusivamente na presença portuguesa, Porto realizou uma leitura das Missões voltada ao resgate da obra jesuítica”. (TORRES, 2004, p. 185) Por essas considerações sobre Aurélio Porto nos propomos a consultar a sua obra, já citada, “História das Missões orientais do Uruguai”, nela encontramos uma definição dos jesuítas, que corrobora com a defendida pelo Padre Carlos Teschauer S. J., em que eles são apresentados como os promotores da civilização a partir da formação regional do Rio Grande do Sul. Além disso, Torres (2004) aponta que os escritos de Aurélio Porto sobre as Missões se embasam nos textos desenvolvidos por Carlos Teschauer S.J., o que justifica a presença de elogios aos jesuítas em seu livro, como observamos na citação a seguir.

O império da Cruz, universal e eterno, pelo conhecimento de Deus e pela fraternidade humana, a que incorporaram as chusmas de índios, que mais tarde foram expressões de civilização cristã, era o único escopo desses heróis e desses santos que exerceram a sua atividade em terras do Rio Grande do Sul. Entram, assim, na História do Brasil. Integram-se à nossa vida inicial, pelo benefício que nos legaram, pelas sementes que lançaram, pela beleza de seus gestos, pela glória

imortal de suas ações. Seus catecúmenos entraram na formação primitiva das populações brasileiras do Sul e seus monumentos de arte, ruínas de um passado grandioso, constituem o mais alto patrimônio artístico e histórico brasileiro, e a razão de ser da admiração que lhe votamos. (PORTO, 1954, p. 462)

Ao tratarmos de Aurélio Porto temos de considerar que coube a ele explicar o lugar das reduções antes de 1811, pois é a ele que se deve a definição dos 7 povos das Missões, hoje uma definição questionável, mas que no passado foi um divisor de águas no estudo sobre as Missões. Ainda, cabe a ele o papel de reinsserir as Missões na história regional e nacional, e mais do que isso Aurélio Porto foi um dos intelectuais que se destacou durante o Estado Novo.

Nesse sentido, cabe citarmos como Ieda Gutfreind (1992) compreende o historiador Aurélio Porto. Ela afirma que apesar de tradicionalmente atribuímos a Aurélio Porto a participação na matriz lusitana do Rio Grande do Sul, ele estava muito próximo da matriz platina, assim ele circulava entre as duas matrizes historiográficas. Entretanto, a partir da década de 1930, prevaleceu em seu discurso a preocupação com a brasilidade gaúcha, que pode ser exemplificada a partir da interpretação dada à Revolução Farroupilha. Em suas considerações finais, Ieda Gutfreind (1992) afirma que as matrizes platinas e lusitanas, ao construir uma identidade brasileira para o estado sulino, tendo como referência o nacionalismo, esgotaram-se em seu próprio discurso, pois a nacionalidade foi insuficiente para resgatar o processo histórico gaúcho, e, assim, a autora demonstra que em ambas as matrizes identificamos problemas, que não foram solucionados nem no passado, e nem no momento de edição de sua obra, em 1992.

Comumente se lê que Getúlio Vargas, ao assumir o poder nacional, não realizou uma política de atendimento aos interesses do seu estado natal. Discorda-se deste ponto de vista. Recolocando sua atuação, sabe-se que deu apoio à criação do Instituto Histórico e Geográfico, em 1921, que atuou ativamente com o “grupo da livraria” e que, quando presidente do Estado, Aurélio Porto foi para o Rio de Janeiro pesquisar sobre o Rio Grande do Sul. Em 1930, Vargas foi empossado na presidência do País e continuou apoiando a política cultural rio-grandense, no sentido de garantir a publicação do *Processo dos Farrapos e dos Anais do Itamaraty*, com documentação deste período revolucionário e anotações históricas de Aurélio Porto. Desta tarefa resgatou-se uma Revolução Farroupilha com intuítos republicanos e federativos, abrasileiramento da Revolução Farroupilha ocorreu durante a presidência de Getúlio Vargas, significando que a construção da identidade lusitana e brasileira do Rio Grande do Sul teve neste político um grande, senão, seu maior e mais importante, incentivador. (GUTFREIND, 1992, p. 147)

A partir da citação observamos a defesa de Ieda Gutfreind (1992), pois, segundo ela, Getúlio Vargas ao assumir o poder nacional procurou atender aos interesses de seu estado natal, o Rio Grande do Sul. A partir dessa perspectiva, podemos retomar uma ideia,

anteriormente defendida, que compreende o entendimento dos jesuítas como os primeiros formadores da nação, essa defesa encontramos nos escritos de Carlos Teschauer S.J., seu seguidor Luiz Gonzaga Jaeger S.J. e no historiador Aurélio Porto. Na citação, Ieda Gutfreind afirma que na década de 1930 continuou apoiando a política cultural rio-grandense, que teve como resultado o abasileiramento da Revolução Farroupilha, e assim, atribui a Vargas o papel de importante incentivador da matriz lusitana.

Entretanto, em 27 de setembro de 1940, durante as comemorações do 4º Centenário da Companhia de Jesus, Getúlio Vargas assina um decreto, o decreto número 6355, em que torna as comemorações nacionais e reconhece a importância dos jesuítas como os formadores da nação. Essa proposição não contradiz a apresentada por Ieda Gutfreind (1992), mas demonstra que o presidente, de acordo com as necessidades e arranjos políticos, ora apoiava a matriz lusitana e o abasileiramento da Revolução Farroupilha, ora corroborava com a defesa dos jesuítas e atribuía a eles o papel dos primeiros formadores da nação, a partir da reflexão sobre a formação regional do Rio Grande do Sul, através do estabelecimento das Missões Jesuítico-Guaranis no Estado. Assim, apesar de reconhecermos os arranjos políticos, temos de apontar o reconhecimento do governo de que os jesuítas são os primeiros formadores da nação, o que acontece devido ao empenho de alguns intelectuais dessa congregação, mas não só deles, pois não podemos esquecer de Aurélio Porto, que reivindicam o seu protagonismo histórico.

Ao que nos parece o nacionalismo serviu como o início da formação de uma identidade coletiva que permitiu a construção de uma base política que pretendia desenvolver a integração e unificação dos agrupamentos humanos que compartilhavam um mesmo território político. Ou seja, não foi o pertencimento ao mesmo espaço territorial que permitiu que os brasileiros se identificassem, antes era preciso a construção de uma base política que desenvolvesse a integração e unificação desses grupos humanos.

Nesse sentido, as definições de Anderson (2008) são precisas, para tratar da formação do nacionalismo durante o Estado Novo, pois os elementos que ele identifica estão presentes na constituição desse regime político, são eles um novo capitalismo industrial que permitiu o desenvolvimento financeiro e tecnológico da imprensa, o que só foi possível com a definição de uma língua escrita oficial. Dessa maneira, percebemos como esses elementos estão imbricados, sendo que o desenvolvimento de um deles acarreta a mudança nos outros de forma conjunta. Enfim, ao utilizá-los, para pensar sobre a formação da nação e do nacionalismo, é preciso reconhecer os elementos econômico, sociais e políticos, sem deixar de mencionar que esse processo ao ser imaginado também apresenta elementos culturais, pois a nação e o nacionalismo também são uma construção cultural.

Após apresentarmos que elementos são requeridos pelo governo de Getúlio Vargas para construir suas “comunidades imaginadas”. Em relação a essa definição podemos considerar que além serem permeadas por conceitos como de nação e de nacionalismo, outro conceito é essencial para o seu entendimento, isso no que se refere à identidade nacional. Assim, podemos nos remeter a Stuart Hall (2002), quando ele afirma que a nação é uma comunidade simbólica legitimada a partir do seu poder para gerar um sentimento de identidade e lealdade. Além disso, a identidade nacional assim como a nação e o nacionalismo é forjada. Pois, segundo Hall (2002) não importa quão diferentes sejam seus membros a cultura nacional busca unificá-los numa identidade cultural, para identifica-los como elementos formadores de uma grande família nacional. Dessa maneira, as culturas nacionais buscam produzir sentidos sobre a nação, e através da identificação com esses sentidos que são construídas as identidades⁹⁸.

Nesse sentido o que observamos na revista “Rainha dos Apóstolos” é a promoção de uma identidade católica aliada a uma proposição de identidade nacional, ou seja, a revista, enquanto uma publicação ligada a Igreja católica, se utiliza de termos como “gloriosa pátria”, “povo brasileiro” para requerer benefícios em causa própria. Em um artigo assinado pelo padre Eurico Maria pedindo aos fiéis doações para custear as missões no estado do Pará. Essa abordagem torna-se mais clara com a citação:

Só nos resta estender humildemente a mão, implorando a generosidade dos que desejam a grandeza de sua Pátria e o serviço incondicional a seu Deus. No Xingu na hora presente, pastores protestantes lançam os fundamentos de uma crença que não é a nossa crença, de uma civilização que não é a de Anchieta, Nóbrega e outros denodados apóstolos a quem o Brasil deve a sua unidade e auspiciosas esperanças de progresso. [...] O povo brasileiro virá em auxílio dos que pretendem engrandecer esta gloriosa Pátria, conservando-lhe a harmonia da religião na unidade da fé? Esta fé que iluminou o despertar do Brasil, e foi princípio fecundo de progresso, porque seus preceitos de amor levaram milhares de missionários a sacrificar-se em prol da humanidade. Ao encetar a obra de caridade e civilização que exigem as tristes condições de nossa Prelazia, este humilde missionário espera encontrar numerosos e dedicados colaboradores, em todos que lerem estas linhas e sentirem nos seus corações a chama do patriotismo, e o amor de seus irmãos. Por Deus e pelo Brasil, é o nosso grito. Por eles daremos a vida. Só pedimos uma prece e o óbulo generoso de vossa caridade cristã. Meus irmão, salvemos o Xingu!⁹⁹

⁹⁸ No que se refere a identidades o autor afirma que: “Mas eles tem recebido um enorme e original impulso desse enredado e inconcluso argumento, que demonstra sem qualquer sombra de dúvida, que a questão e a teorização da identidade é um tema de considerável importância política, que só poderá avançar quando tanto a necessidade quanto a ‘impossibilidade’ da identidade, bem como a suturação do psíquico e do discursivo em sua constituição, forem plena e inequivocamente reconhecidos”. (HALL, 2000, p. 131)

⁹⁹ Pe. Eurico Maria. Dolorosa Interrogação. **Rainha dos Apóstolos**, Santa Maria, ano XXI, n. 9, p. 213, set. 1943.

Na citação anterior observamos que para conseguir doações para as missões no Pará a revista, enquanto um dos meios de fala da Igreja Católica no Brasil, se utiliza de expressões nacionalistas e, assim, associa-se ao que o governo propõe para o Estado Novo. Isso ao requerer, a partir de elementos nacionais uma identidade católica.

Entretanto, para tratarmos de uma identidade católica, que falaremos com maior atenção no próximo item, é preciso nos remetemos ao “nacionalismo católico”. Segundo Isaia (1998), no que se refere ao “nacionalismo católico”, a tarefa da Igreja consistia em preservar a moralidade social, pois o Brasil constituía-se num país composto por uma população com diferentes valores, costumes e crenças, e a integração da nacionalidade brasileira, segundo D. João Becker, só era possível a partir da religião católica. No entanto, num outro artigo, também da revista “Rainha dos Apóstolos”, observamos uma abordagem distinta, em que a Igreja Católica é apresentada como maior que o Estado.

Nem a vida nem a morte poderão destruir essa prerrogativa divina que a doutrina católica possui. Estadistas, nações, povos e sábios desse mundo, tomai o partido que quiseres, mas lembrai-vos que a Cruz de Cristo arrosta todos os perigos e orienta a humanidade: *Stat Crux dum volvitur orbis*. Farol a beira mar. – Como farol à beira-mar, que ora lampeja, ora cintila, orientando os navegantes em perigo extremo, assim a Igreja católica, na triste fase histórica da atualidade, procura nortear os povos e salvá-los do abismo da perdição. Felizes os homens todos que aceitam as diretrizes da Igreja católica¹⁰⁰.

A citação acima é de um artigo publicado por D. João Becker em janeiro de 1945, momento em que o Estado Novo já não tem mais o prestígio dos primeiros anos, nesse sentido o que o autor procura é legitimar a Igreja mesmo com a troca de governante que aparece como algo irremediável.

Retomando, as discussões sobre identidades é pertinente considerarmos que uma das primeiras considerações de Hall (2000) sobre a identidade é que não podemos entendê-la como integral, originária e unificada, ou seja, identidade é um conceito plural e não unilateral. E, assim, chegamos a como são contadas as narrativas nacionais, dentre as apresentadas por Hall (2002), a que melhor se articula ao nosso objeto de estudo compreende a cultura nacional como mito fundacional. Segundo as concepções do autor, novas nações são constituídas sobre mitos¹⁰¹.

Nesse sentido, o que o autor procura demonstrar é que a identidade nacional é forjada. Sobre o mito fundacional podemos defini-lo como uma história que localiza a origem da

¹⁰⁰ BECKER, J. O farol que ilumina as nações. **Rainha dos Apóstolos**, Santa Maria, ano XXIII, n. 1, p. 7, jan. 1945.

¹⁰¹ Já tratamos sobre esse conceito no primeiro capítulo, quando apresentamos Roque González como mito fundante.

nação, do povo e de seu caráter nacional num passado tão distante que eles se perdem no tempo. Ao nos referirmos ao mito fundacional, pretendemos relacioná-lo com a lembrança da morte dos padres no período compreendido entre 1920 e 1940, mas principalmente, nas décadas de 1930 e 1940, sendo que para entendermos esse processo é preciso que reconheçamos o contexto no qual Estado e Igreja Católica se aproximam e procuraram se beneficiar mutuamente. Nesse momento, os padres que nasceram no Paraguai e Espanha são apresentados como brasileiros por terem sido assassinados no Brasil, conferindo sua origem ao local de morte e não de nascimento, entretanto apresentaremos essas considerações no próximo item.

Nele também trataremos com mais atenção a Romaria do Caaró. Antes, julgamos relevante apontarmos que a romaria está inserida em um projeto maior, o “nacionalismo católico”, pois a Igreja no período entendia que uma população tão distinta só podia se relacionar a partir da religião, no caso a partir de uma “identidade católica”. A consolidação da Romaria do Caaró encontra-se inserida num contexto em que o governo e a Igreja Católica no Brasil buscam defender o nacionalismo, no caso da Igreja através da defesa do nacionalismo católico, que encontra respaldo no governo. Ainda, nesse período é fundamental que sejam escolhidos nossos santos, nossos mártires nacionais, e com isso a Romaria do Caaró consolida-se num momento de efervescência.

Por fim, é pertinente considerarmos que Anderson (2008) não se limitou a definir os elementos que contribuem na formação do nacionalismo, elementos esses que identificamos na proposição nacionalista de Getúlio Vargas durante o governo do Estado Novo. Anderson (2008) ultrapassou essas barreiras ao propor que a nação é imaginada, modelada, adaptada e transformada. Dessa maneira, dois conceitos são muito pertinentes, são eles os conceitos de memória e esquecimento¹⁰², pois é nesse espaço em que a tradição é inventada, é que as comunidades são imaginadas. Dessa forma, cabe ao historiador erigir, destruir e ressignificar as imagens que as comunidades possuem do passado, entendendo-o como um ser que age movido pelas relações de memória e de esquecimento.

¹⁰² Conforme: ANSART, Pierre. História e memória dos ressentimentos. In: BRESCIANI, Stella. NAXARA, Márcia. **Memória e (res)sentimento**: indagações sobre uma questão sensível. Campinas, SP: Unicamp, 2001. p. 15-36; GAGNEBIN, Jeanne Marie. Verdade e memória do passado; Memória, história, testemunho; O que significa elaborar o passado? O rastro e a cicatriz: metáforas da memória. In: **Lembrar escrever esquecer**. São Paulo: Editora 34, 2006, p.39-48; 49-58; 97-106; 107-118; SEIXAS, Jacy Alves de. Percursos de memórias em terras de história: problemas atuais. In: BRESCIANI, Stella. NAXARA, Márcia. **Memória e (res)sentimento**: indagações sobre uma questão sensível. Campinas: Unicamp, 2001, p.37-58.

2.3 Identidades católica: memória e esquecimento no processo de ressignificação dos “Mártires do Caaró”¹⁰³

Para respondermos como é pensada a identidade¹⁰⁴ no momento em que o nacionalismo, nos moldes implementados pelo Estado Novo, é proposto a população brasileira, é preciso retrocedermos ao final do século XIX, e para isso pretendemos utilizar algumas concepções de Armani (2010). Ele demonstra que nação e identidade são discussões indissociáveis¹⁰⁵, depois apresenta o pensamento religioso desenvolvido por Eduardo Prado que se encontrava articulado a sua ideia de nação, mas essa concepção não era novidade no entendimento sobre a formação do nacional. A Inglaterra enquanto nação constituiu-se em relação ao seu temor a Deus e ao tratar da nação nas Américas, o tema religião também foi investigado¹⁰⁶.

Além disso, ao se tornar uma república, o Brasil corria o risco de incorporar o ateísmo como ocorreu em outras Repúblicas em que tinha respaldo político. “A ausência dos religiosos, a julgar pelo escrito acima, implicava um retorno dos índios à selvageria, o que poderia ter efeitos negativos na construção da nacionalidade miscigenada do Brasil que tantos autores salvaguardavam”. (ARMANI, 2010, p. 113) A partir da passagem é possível analisar a relevância da identidade católicana formação da nação em fins do século XIX, momento em que cabe aos intelectuais brasileiros construir um discurso sobre a nação. E, no século XX ao observamos a retomada no discurso de nação e do nacionalismo, pois nesse período

¹⁰³ O termo mártires porque era dessa forma que as revistas católicas analisadas se referiam aos padres Roque Gonzáles de Santa Cruz, Juan del Castillo e Alonso Rodriguez, enquanto Caaró corresponde ao local em que eles foram assassinados.

¹⁰⁴ “Parece que é na tentativa de rearticular a relação entre sujeitos e práticas discursivas que a questão da identidade – ou melhor, a questão da *identificação*, caso se prefira enfatizar o processo de subjetivação (em vez das práticas discursivas) e a política de exclusão que essa subjetivação parece implicar – volta a aparecer”. (HALL, 2000, p. 105) A partir da citação apresentada podemos considerar que em nosso referencial teórico existe a diferenciação de identidade e identificação, porém, neste texto utilizaremos o termo identidade, isso por julgarmos que seria uma discussão extensa e que não contempla os objetivos desse trabalho, além disso, o termo escolhido, identidade, é o mais usual.

¹⁰⁵ Como podemos observar no trecho: “Ao longo da trajetória intelectual do Brasil no fim de século, nenhum autor deixou de tentar fixar a identidade da nação. Até o presente momento, mantivemos a tentativa de sua definição, a partir do discurso centrado em Eduardo Prado e outros escritores, partindo do que poderia ser denominado um exterior da própria nação em sua Identidade”. (ARMANI, 2010, p. 122)

¹⁰⁶ No trecho a seguir Armani (2010) apresenta a importância atribuída a identidade católica para a manutenção e revitalização da nação. “Ainda em tempos de preocupação com a ameaça anglo-americana, Eduardo Prado apostava na recuperação do cristianismo para os povos latinos, o que garantiria ‘a existência de nossas pátrias’ (p. 173). Apesar de que a religião católica sempre tenha sido atrelada à ideia de Monarquia do autor, parecia que havia, efetivamente, um deslocamento gravitacional para a religião, que passava a ser uma das principais, senão a principal mantenedora e revitalizadora da nação”. (ARMANI, 2010, p. 131)

despontam na Igreja Católica intelectuais que não restringem suas discussões a assuntos religiosos, mas procuram responder a questões que afetam a sociedade como um todo.

Enquanto Armani (2010) nos apresenta esses elementos de religiosidade como identidade religiosa, Marta Borin (2010), define essa identidade religiosa como identidade católica. Isso, ao tratar de Santa Maria e do projeto de nação católica, que apresenta Nossa Senhora da Medianeira, projetada em nível estadual e nacional, sendo que a sua projeção tem como firme propósito formar trabalhadores verdadeiramente cristãos, além de torna-lá reconhecida como Padroeira do Estado do Rio Grande do Sul. Assim, identificamos como elementos religiosos contribuem para a formação do discurso sobre a nação e seu nacionalismo, pois quando nos referimos a identidade católica temos de ponderar que no Brasil a Igreja Católica sempre foi a religião, ora oficial ora oficiosa, do Estado, sendo que esse é o motivo que nos leva a utilizar o termo identidade católica quando formos tratar sobre a construção da identidade nacional.

No que se refere à narrativa sobre a morte dos padres podemos considerar que ela é perpassada por conceitos de memória e esquecimento que serão utilizados para pensarmos sobre a identidade católica, ou seja, sobre o entendimento, presente nas revistas, de que os beatos eram sul-riograndenses, e, portanto brasileiros, o que conferia sua origem ao local de suas mortes e não de seus nascimentos. E assim, pretendemos verificar, através de publicações católicas, se ao atribuir aos beatos a identificação de sul-riograndenses não estaria a Igreja Católica, enquanto instituição representada através de quem (no caso padres, bispos) escreve nas publicações do período, procurando respaldar o nacionalismo propagado pelo governo?

Assim, para respondermos a esse questionamento temos que, primeiramente, justificarmos o entendimento de que os padres ao serem apresentados como sul-riograndenses não estavam desvinculados de uma identificação com o nacional.

O que ocorre no Rio Grande do Sul parece estar indicando que atualmente só se chega ao nacional através do regional, ou seja, para seus habitantes só é possível ser brasileiro sendo gaúcho antes. A identidade gaúcha é hoje resposta enquanto expressão de uma distinção cultural em um país que se encontra integrado do ponto de vista econômico, cultural e de redes de transporte e de comunicação. (OLIVEN,2010, p. 14)

Nessa perspectiva, Borin (2010) aponta elementos sobre as iniciativas que promovem a devoção a Nossa Senhora da Medianeira, que são muito semelhantes ao que ocorre com à devoção aos Mártires do Caaró. Assim, no que se refere a Nossa Senhora Medianeira a autora aponta que estava ligada a um projeto maior, que consistia em “legar uma identidade católica

à nação brasileira” (BORIN, 2010, p. 281). Nesse sentido, tanto em Santa Maria com a devoção a Nossa Senhora Medianeira, quanto na região das missões com a devoção aos Mártires do Caaró são uma pequena parte quando comparados com as dimensões nacionais do projeto de formação de uma identidade católica para a nação brasileira.

Dessa maneira, ao requerer os mártires como sul-riograndenses, as revistas católicas não estavam se opondo à centralização imposta pelo governo federal, mas sim, procurando chegar ao nacional através do regional, pois como propõe Borin (2010), a Igreja Católica no Rio Grande do Sul estava empenhada em desenvolver a identidade católica da nação¹⁰⁷. Nesse sentido, quando apontamos que houve uma ressignificação das mortes dos padres Roque, Alonso e Juan, temos como ponto de partida a ideia de que a morte deles adquire o caráter de martírio. Além disso, essa ressignificação pode ser considerada a grande obra do Estado Novo, pois nesse período temos o reconhecimento, a aceitação e a valorização do “martírio” como o fato fundante da história do Rio Grande do Sul e, particularmente, da história da Igreja Católica no Estado.

Assim, após apontarmos os motivos que levaram a identificação dos mártires como sul-riograndenses e, demonstrarmos que essa abordagem não os opõe ao projeto nacionalista propagado durante o Estado Novo, mas, muito pelo contrário, a devoção aos Mártires do Caaró se insere num projeto maior, que pretendia promover uma identidade católica no Brasil, aos moldes da ideologia estado-novista. Esses elementos nos permitem responder que sim, a Igreja Católica ao atribuir aos beatos a identificação de sul-riograndenses estava dando respaldo ao nacionalismo propagado pelo governo, entretanto esse pergunta não se esgota, pois, ainda, é preciso averiguar se identificamos essa abordagem nas publicações católicas da época, revista “Rainha dos Apóstolos” e pela revista “UNITAS”, como procuraremos verificar no decorrer dessa narrativa.

A presença de conceitos que muitas vezes parecem antagônicos, como é o caso dos termos memória e esquecimento¹⁰⁸, irão contribuir para que possamos aproximar esse debate teórico da noção de tempo, bem como relacionar esses conceitos com a parte empírica do trabalho que pretendemos desenvolver.

¹⁰⁷ Podemos verificar esse posicionamento da autora na citação que ela afirma que: “Analisando o fragmento acima, percebemos que a festa de Nossa Senhora Medianeira deveria ter importância igual ou maior que a festa da padroeira do Brasil, pois a Igreja do Rio Grande do Sul estava no rol dos Estados brasileiros empenhados com a identidade católica da nação”. (BORIN, 2010, p. 288)

¹⁰⁸ Ao utilizarmos esses conceitos estamos corroborando com a proposta apresentada por Jacy Alves de Seixas, segundo ela: “a memória e os esquecimento aqui também só existem sob os olhares da história, investindo-se na reconstrução de novas identidades, a partir de um critério utilitário-político”. (SEIXAS, 2001, p. 42)

Os termos memória e esquecimento podem ser apresentados como binômios, uma vez que são noções, as quais só atingem o seu real significado quando compreendemos que eles se complementam. Assim, iniciemos essa aproximação a partir do entendimento de Rousso (1996, p.88), ao afirmar que “a ‘narrativa histórica’ começa com o estabelecimento de um *corpus* coerente, inteligível sob o ponto de vista de uma investigação precisa, e não sob o ponto de vista de um passado que se pretenderia simplesmente restituir em sua verdade recôndita”. Assim, podemos considerar que a investigação histórica realizada a partir do vestígio tem, além da dificuldade em lidar com o termo verdade, a problemática de reconhecer o que é perdido com a passagem do tempo, pois como pontua Gagnebin (2006, p. 11) “nem a presença viva nem a fixação pela escritura conseguem assegurar a imortalidade; ambas, aliás, nem mesmo garantem a certeza da duração”. A partir das proposições de Walter Benjamin, Gagnebin (2006) propõe que ao articularmos o passado, isso não significa conhecê-lo como ele propriamente foi, mas corresponde a uma “lembrança tal como ela cintila num instante de perigo”, ou seja, o que lembramos ao acaso, sem intenção de rememorar¹⁰⁹.

Mas, a memória não se constitui, apenas, de lembranças afetivas que são retomadas ao acaso. Nesse sentido, é pertinente retomarmos as considerações sobre o trabalho que pretendemos desenvolver, pois o relato histórico apresenta a morte dos padres e, apesar do grande número de publicações sobre o assunto temos poucas obras, em sua maioria revisões acadêmicas, que analisam a posição do indígena diante da imposição cultural advinda da presença dos padres jesuítas. Esse posicionamento, proposto pela Igreja Católica, pode ser descrito como uma escolha do que deve ser lembrado, assim a memória “eleita” compreende a demonização do indígena e a construção/apresentação dos padres jesuítas como “mártires” da Igreja Católica.

Ainda, é pertinente considerarmos que em relação aos padres jesuítas, os quais passaram a ser denominados “Mártires do Caaró”, houve um processo de memória e esquecimento, principalmente, no momento em que ocorre a consolidação da Romaria do Caaró. Ou seja, a partir do momento em que se define espacialmente onde se localiza a região do Caaró e é “encontrado”¹¹⁰ (grifo meu) o local do “martírio”, e a partir desse momento a

¹⁰⁹ Essa definição que a autora apresenta de Walter Benjamin assemelhasse a definição de “memória involuntária” presente no texto da Jacy Alves de Seixas, sendo que a autora define, sinteticamente, como “a memória é portanto algo que ‘atravessa’, que ‘vence obstáculos’, que ‘emerge’, que irrompe: os sentimentos associados a esse percurso são ambíguos, mas estão sempre presentes”. (SEIXAS, 2006, p. 47)

¹¹⁰ O termo encontrado foi colocado entre parênteses, pois as pessoas já tinham uma definição de onde era a região do Caaró, mas coube ao padre Luiz Gonzaga Jaeger definir o local do assassinato dos padres, essa expedição arqueológica foi realizada em 1927 e nesse local foi erguido o Santuário do Caaró.

Romaria do Caaró passa a ser realizada neste local. Dessa maneira, cabe apresentarmos a citação de Oliveira (2009, p. 397-8) que corrobora com a perspectiva apresentada.

Mas não foi a piedade popular que proclamou e reivindicou a sua santidade. Pelo menos nos primeiros tempos, ele não foi objeto de culto popular. A popularidade só viria mesmo no século XX, às vésperas da beatificação. Os santos jesuítas, curiosamente, não despertam grandes manifestações populares. A importância que a Companhia teve na formação religiosa dos países americanos, e do Brasil especialmente, contrasta fortemente com a impopularidade dos santos. Além disso, os jesuítas, afinados com o espírito tridentino, espalharam o culto às relíquias e a veneração aos santos pelo mundo, mas não emplacaram os seus próprios santos. Padre Roque, num primeiro momento, confirma esta impopularidade, mas no século XX ele a contradiz. Permaneceu esquecido e distante da devoção popular por três séculos. Depois da beatificação, no entanto, a fama do beato Roque cresceu e arrebatou multidões de fiéis. As romarias em Caaró não deixam dúvidas. Se Roque não era popular fora da Companhia, a ponto de despertar a piedade popular, não há dúvida de que era admirado e estimado entre seus pares. Foram seus próprios companheiros e hagiógrafos que o declararam santo e levaram a causa adiante¹¹¹.

Após essas considerações sobre a presença dos conceitos de memória e esquecimento na construção da narrativa sobre a morte dos padres jesuítas e de como ocorre a devoção aos padres, podemos retomar os autores. Começamos com Gagnebin (2006, p. 44), que ao tratar sobre o conceito de memória pondera que “a memória vive essa tensão entre a presença e a ausência”, ou seja, voltamos ao ponto já tratado, de que memória é lembrança, mas também esquecimento e, é o nosso papel de historiador identificar o que foi eleito para ser memória e o que se convencionou a ser “esquecido”. Dentro dessa discussão sobre memória e esquecimento, a proposição que identificamos nas revistas católicas, no caso “Rainha dos Apóstolos” e “UNITAS”, consistia em promover entre a população a rememoração do passado, isso ao apresentá-los como “mártires”. No que se refere ao conceito de memória, cabe mencionarmos que o cristianismo se constitui e sobrevive a partir da memória, e que as ordens religiosas, principalmente a Companhia de Jesus, preservam essa tradição de guardiões da memória.

Na revista “UNITAS” encontramos o reconhecimento dos “mártires”, representados pelo padre Roque González, como exemplos para o Rio Grande, como podemos observar na passagem. “E o nosso dever, portanto, imitar o exemplo do Beato Padre Roque, o seu

¹¹¹ Na citação, observamos que para Oliveira (2009), no que se refere a devoção aos padres não foi uma reivindicação popular que proclamou a santidade deles, entretanto afirma que Roque González era “admirado e estimado entre seus pares”. Borin (2010) apresenta duas devoções diferentes, a devoção a Nossa Senhora Aparecida que surge como uma devoção popular e só depois é legitimadas pela Igreja Católica, enquanto que a devoção a Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças foi construída pelo eclesiástico, assim como aconteceu com os “Mártires do Caaró”. Ainda, “a devoção a Medianeira tem respaldo popular, mas tal devoção esteve sempre sob o controle da hierarquia da diocese de Santa Maria que pretendia legitimar o catolicismo como religião predominante na cidade, conquistar a classe operária do Brasil e combater as ideias comunistas, principalmente entre os operários”. (BORIN, 2010, p. 290)

exemplo de perseverança e de santa interpridez em favor da religião e da prosperidade do Rio Grande. Em nossos trabalhos e lutas a sua imagem a de inspirarmos, a de dar-nos ânimo e coragem!”¹¹².

A autora Jeanne Marie Gagnebin (2006), considera que não cabe aos historiadores a ação de comemoração, por se aproximar do religioso e das celebrações de Estado. Sugere que ao invés de comemoração utilizemos o termo rememoração. Assim, é possível definir que o termo rememorar implica em “ao invés de repetir aquilo que se lembra, abre-se aos brancos, aos buracos, aos esquecidos e ao recalcado, para dizer, com hesitações, solavancos, incompletude, aquilo que ainda não teve direito nem a lembrança nem as palavras” (GAGNEBIN, 2006, p. 55). Dessa maneira, a rememoração, segundo a autora, não é apenas não esquecer o passado, mas agir sobre o presente. Dessa maneira, podemos considerar que a construção dos padres como “mártires”, durante a rememoração do tricentenário de suas mortes, estabelece a sua relação com o presente a medida que contribui para a consolidação da Romaria do Caaró.

Ainda, podemos considerar que nas revistas católicas temos um dos fatores que permitiram a rememoração, pois coube a elas contribuírem para a formação da imagem dos padres como “mártires”, bem como persuadirem a população a render homenagens a eles. Segundo Pierre Nora (1993), a percepção histórica ampliou-se com o auxílio da mídia, isso permitiu-nos ver a História acontecer diante de nossos olhos. Apesar da consolidação da Romaria do Caaró ter ocorrido no início do século XX, esse processo contou com a contribuição de meios de comunicação impressos, principalmente com as revistas católicas “Rainha dos Apóstolos” e “UNITAS”.

Assim, incorporamos ao texto o discurso presente na revista “Rainha dos Apóstolos”, em que, primeiramente a Companhia de Jesus é apresentada como um dos elementos-chave para a História do Brasil. “O catolicismo no Brasil, foi por muito tempo a Companhia de Jesus, e não só o catolicismo, mas o descobrimento, a exploração e a posse do território. É de todo duvidoso, que se tivesse mantido a unidade nacional, sem a unidade da Companhia”¹¹³. Ainda, nesse artigo a revista aponta que graças ao bom exemplo e ao heroísmo que formavam a personalidade dos missionários da Companhia de Jesus é que foram constituídos os melhores atributos que os fazem brasileiros, e no caso dos padres mortos no Caaró “os pioneiros da civilização gaúcha”.

¹¹² BECKER, J. Discurso. **UNITAS**: Revista Eclesiástica de Porto Alegre, Porto Alegre, ano XXIX, n. 5-6, p. 159, mai./jun. 1940.

¹¹³ CAMARA, R. A propósito do Dia Missionário. **Rainha dos Apóstolos**, Santa Maria, ano XXII, n. 9, p. 205, set. 1944.

Triunfavam os missionários a força de paciência, de amabilidade, de bons exemplos e, quando estas não bastavam, iam até o heroísmo e o martírio. É o caso de Anchieta, vencendo o indomável Paraguassú, com a súplica de dois grandes olhos azuis. É o caso do Venerável Pe. Roque Gonzalez e seus companheiros, mártires de Caaró, pioneiros da civilização gaúcha, os que primeiro abriram brecha na barbárie do extremo sul do país. Em verdade, a influência dos missionários devemos a nossa formação espiritual. Graças a esse clima moral, mantivemos os melhores atributos de brasilidade; essa consciência dos valores morais e afetivos, essas características psicológicas de abnegação e bondade, de espírito de sacrifício e amenidade no trato de bravura e cavalheirismo, esse culto enraigado pela família¹¹⁴.

Ao citarmos Pierre Nora (1993) temos de mencionar uma de suas mais famosas discussões, isso no que se refere à relação entre memória e história, que ele define como opostas¹¹⁵. Entretanto, essa perspectiva começa a ser revista, como observamos no trabalho de Santos e Cardozo (2011), em que eles propõem que recentemente houve na historiografia um deslocamento, em que se passou a considerar outras estruturas narrativas para escrever história, pois, segundo eles, antes a memória era um elemento negligenciado pela historiografia. Assim, ao tratar distinção entre memória e História, o autor remete-se aos lugares de memória, sendo esse um conceito relevante ao trabalho que nos propomos a realizar.

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais. (...) Se vivêssemos verdadeiramente as lembranças que eles envolvem, eles seriam inúteis. E se, em compensação, a história não se apoderasse deles para deformá-los, transformá-los, sová-los e petrificá-los, eles não se tornariam lugares de memória. E este vai-e-vem que os constitui, momentos de história arrancados do movimento da história, mas que lhe são devolvidos. (NORA, 1993, p. 13)

Dessa maneira, o que o autor pretende, com o trecho acima, é demonstrar que os lugares de memória¹¹⁶ são criados, pois, segundo ele, não existe memória espontânea, assim os lugares de memória são arrancados do movimento da História e devolvidos a ela. A partir

¹¹⁴ Ibid, p. 206.

¹¹⁵ Como podemos identificar através da seguinte citação: “Memória, História: longe de serem sinônimos, tomamos consciência que tudo opõe uma à outra. A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta a dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações. A História é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a História uma representação do passado”. (NORA, 1993, p. 9)

¹¹⁶ Ainda, no que se refere aos lugares de memória Nora (1993, p.21) afirma que: “Os lugares de memória pertencem a dois domínios, que a tornam interessante, mas também complexa: simples e ambíguos, naturais e artificiais, imediatamente oferecidos à mais sensível experiência e, ao mesmo tempo, sobressaindo da mais abstrata elaboração”.

das definições do autor podemos considerar que a Romaria do Caaró também pode ser definida como um lugar de memória, pois os sentimentos em relação aos padres, que levaram a formação e conseqüentemente consolidação da romaria, não foi um sentimento que se desenvolve a partir da memória espontânea.

Através da análise das revistas, percebemos que ela direciona a problematização da morte dos padres, lhes apresentando como mártires e demonizando os indígenas, como já havíamos mencionado anteriormente, ou seja, por não ter sido uma construção natural, isso por ter necessitado eleger heróis, pronunciar elogios fúnebres. Com isso, a Romaria do Caaró pode ser apresentada como um lugar de memória que precisou ser apresentado utilizando como recurso a rememoração do passado histórico.

Ainda, sobre a relação entre memória e esquecimento cabe apresentarmos a autora Jacy Alves Seixas (2003), que afirma a indissociabilidade entre memória e esquecimento¹¹⁷. Nesse sentido, a autora aponta que lembrar/esquecer está incorporada às características psíquicas e sociais dos grupos humanos. Assim, Seixas (2003) pontua que podemos interrogar a memória através de sua ausência (esquecimento). Dessa maneira, podemos considerar que no processo de consolidação da Romaria do Caaró os indígenas foram demonizados, e assim a sua versão da história foi “esquecida”, a fim de que os padres mortos fossem apresentados como mártires da Igreja Católica.

Sobre o esquecimento, Seixas (2003, p. 170) afirma que “trata-se de um esquecimento em grande medida ‘administrado’, gerido politicamente, e que se vale de mecanismos conscientes e inconscientes para se repor e perpetuar”. Assim, a autora coloca que a memória supõe usos e práticas, sendo que o mesmo ocorre com o esquecimento, ou seja, o esquecimento, assim como a memória, também precisa ser exercitado, pois ele ocorre quando uma memória é eleita e reafirmada. E, por isso, segundo ela, cabe aos vestígios impedirem o esquecimento definitivo, ao entender que esses “rastros” permitem, apenas, o esquecimento reversível. Nesse sentido, podemos considerar que o esquecimento dos indígenas, na construção da narrativa sobre os padres jesuítas, posteriormente traduzidos como “Mártires do Caaró”, e também no processo de formação e consolidação da Romaria do Caaró, foi um esquecimento reversível, pois está sendo revisado pela historiografia recente.

¹¹⁷ Porém, mais do que tratar da indissociabilidade entre memória e esquecimento, a autora utiliza-se das definições de memória voluntária e involuntária. Resumidamente, podemos afirmar que a memória involuntária é afetiva, emocional, dessa maneira a autora considera que essa memória só é acessada de maneira casual, a qual pode aparecer através de um gesto, olhar e/ou fala. Enquanto que a memória voluntária é “promovida”, “elaborada” pelo responsável por (re)construir a(s) narrativa(s), sendo assim a encontramos na “elaboração” (fala, escrita, narração) dos indivíduos e do coletivo, ou seja, a memória voluntária pode ser acessada através dos documentos, dos testemunhos.

No que se refere às discussões sobre o conceito de memória cabe mencionarmos que realizamos uma discussão sintética de um elemento tão rico, entretanto essas breves considerações não se constituem no cerne do trabalho desenvolvido, por isso ela não se estendeu de acordo com as reflexões teóricas que esse conceito demanda. Porém, reconhecemos que para que a memória exista é preciso dar suportes, a fim de que seja reproduzida. Neste trabalho, o conceito de memória encontra-se relacionado ao de relíquia, apesar de na versão final do texto tenhamos optado por separá-los, uma vez que cabe ao coração do padre Roque González, enquanto relíquia, conferir materialidade a memória dos “Mártires do Caaró”.

Como podemos observar no livro, “A defesa do modo de ser guarani: o caso de Caaró e Pirapó em 1628”, de Ezeula Lima de Quadros. A autora a partir de cartas epistolares do período da morte dos padres, ou seja, primeira metade do século XVII, recompõe o quadro da tragédia apresentando aos leitores que as ações dos indígenas ocorreram em defesa do modo de ser Guarani e, assim destaca os motivos que geraram as suas ações. Além disso, ela apresenta uma outra versão, menos conhecida, sobre o martírio dos padres, que descreve as reações de jesuítas e índios cristianizados, que após a morte dos três missionários promoveram uma “reparação”.

Essa “reparação” contou com duas expedições. A primeira contabilizava cerca oitocentos guerreiros, incluindo vários jesuítas e caciques, que se deslocaram até Pirapó, destruíram casas e lavouras e promoveram a morte de mais de cem índios e a captura de mulheres e crianças. Enquanto que, a segunda expedição contou a adesão de cerca de mil guerreiros das demais reduções, incluindo indígenas pertencentes à congregação dos franciscanos, bem como de alguns soldados da cavalaria espanhola, esse grupo atacou Caaró, matando ou aprisionando os cerca de quinhentos indígenas locais, destes prisioneiros, os considerados responsáveis pela morte dos padres foram julgados e executados na forca.

Nessa perspectiva, de “reparação”, também se insere a narrativa presente no livro “Triunfos dum coração”, que é produzido e publicado após a visita do coração do Pe. Roque González ao Estado do Rio Grande do Sul, a diferença é que no livro, que busca ressignificar a morte dos padres, essa ação é vista como uma reparação das mortes. Segundo o livro, os cristãos organizam-se em Candelária, para combater os caaroenses, contavam com um contingente de 1200 homens.

Mas eis que, nessa mesma manhã, enquanto o exército cristão se dispunha para a marcha, apareceram nas proximidades da Candelária uns 500 caaroenses, todos armados dos pés à cabeça. O exército cristão investiu imediatamente contra o

inimigo, em todas as direções, e travou-se uma luta ferrenha de parte a parte. Em seis horas os caaroenses estavam liquidados: muitos fugiram, outros morreram e bom número caiu nas mãos dos cristãos. Do lado destes houve muitos feridos, mas só uma única morte. (SANTINI, 1940, p. 13)

Até o momento para tratarmos da perspectiva de História, memória e esquecimento, utilizamos a rememoração do passado através da escolha de uma memória sobre a morte dos padres. Assim, o que observamos é que a memória não é “natural”¹¹⁸, mas sim um processo histórico, permeado por uma trajetória de esquecimentos. Nesse sentido, o que a autora pretende demonstrar é o quanto a memória sobre o passado é formulada, “construída”, a partir das necessidades e vivências do momento, ou seja, o passado é rememorado para que se possa legitimar o presente. Assim, a citação a seguir é ilustrativa, pois demonstra a tentativa de associar a morte dos padres, Roque González e Alonso Rodriguez, a uma data com implicações nacionalistas, a Proclamação da República brasileira. Essa abordagem corrobora com o entendimento apresentado por Borin (2010), que já foi incorporado ao texto, mas que cabe ser retomado, pois, segundo ela, a Igreja Católica no Rio Grande do Sul estava empenhada em desenvolver a identidade católica da nação.

No dia 15 de novembro de 1628, dia em que mais tarde se havia de proclamar a República brasileira. O sol matinal doirava as florestas verdejantes, os campos e a modesta aldeia de Caaró, que em breve poderia abrigar cerca de 500 famílias. Terminada a missa, o Padre Roque saiu da capelinha para o lugar onde se preparava um tronco de árvore destinado a servir de campanário. Chegado ali ele se abaixava ao intuito de amarrar o badalo no sino em presença de alguns índios. Neste momento, dois guaranis robustos vibraram, simultaneamente, seus machados de pedra dos “itaizá”, com toda a força, sobre a cabeça do santo missionário. O cérebro espalhou-se pelo sino e pelo chão¹¹⁹.

Com isso, podemos considerar, a partir da observação das revistas católicas, entendidas neste trabalho como representantes dos interesses da Igreja Católica no Rio Grande do Sul, que ela estava respaldando o nacionalismo propagado pelo governo através do empenho em desenvolver uma “identidade católica da nação”. Além disso, a partir da citação observamos o empenho em elaborar um discurso nacionalista, ao sabor da ideologia estadonovista que preserva e realoca datas insígnias no culto cívico brasileiro, pois num Estado republicano é de grande destaque a data em que se comemora a Proclamação da República. Por isso, era pertinente rememorar a morte dos padres e ressignificá-los como sul-rio-grandenses, não que a abordagem regional deslegitime o caráter nacionalista do governo,

¹¹⁸ Essa perspectiva corrobora com a proposta apresentada por Jacy Alves de Seixas (2003).

¹¹⁹ BECKER, J. Discurso. **UNITAS**: Revista Eclesiástica de Porto Alegre, Porto Alegre, ano XXIX, n. 5-6, p. 155, mai./jun. 1940.

lembrando e também esquecendo, mas sempre levando em consideração a maneira mais conveniente para apresentá-los como “mártires” e exemplos de virtude a serem seguidos pelos católicos.

Nesse sentido, cabe mencionarmos os esforços que identificamos no Brasil para a aproximação entre o Estado e a Igreja Católica não foi um fenômeno que ocorreu, apenas, no Brasil, mas que esteve presente em outros países. Ainda, sobre o segundo capítulo podemos considerar que procuramos apresentar os principais fatores, que formam o contexto da consolidação da Romaria do Caaró. Pois, se não tivéssemos a aproximação entre o Estado e a Igreja Católica, bem como se não estivesse em discussão a formação da Nação e do nacionalismo no país, em que foi fomentado o “Projeto de Nação Católica” e que promoveu entre os jesuítas a reivindicação de seu protagonismo histórico, muito provavelmente a consolidação da Romaria do Caaró não tivesse ocorrido naquele momento.

3. A CONSOLIDAÇÃO DA ROMARIA DO CAARÓ NOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO IMPRESSOS

No terceiro capítulo deste trabalho trataremos especificamente do nosso objeto de estudo, ou seja, procuraremos entender como é apresentado na mídia impressa católica e laica a consolidação da Romaria do Caaró, entre os anos de 1937 a 1945. Por isso, nos propomos a analisar através dos meios de comunicação impressos, tanto os católicos quanto os laicos, como são apresentados os padres, suas vidas e suas mortes, bem como quais os elementos que convergem para que ocorra a consolidação da Romaria do Caaró durante o Estado Novo, assim dividimos este capítulo em três subseções. Na primeira trataremos sobre os aspectos históricos das fontes de pesquisa neste trabalho, no caso as revistas “Rainha dos Apóstolos”, “UNITAS: Revista Eclesiástica da Arquidiocese de Porto Alegre”, “Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul” e do jornal “A Notícia”, ainda, nessa primeira subseção trataremos do discurso sobre a “Boa Imprensa” presente nas revistas católicas. A segunda, versa sobre a ressignificação dos padres, suas vidas e mortes, tanto nas publicações católicas quanto laicas. Enquanto que na terceira subseção trataremos sobre o processo de consolidação da Romaria do Caaró, no que se refere à visita do coração do Pe. Roque González ao Estado do Rio Grande do Sul e as comemorações do 4º Centenário da Companhia de Jesus.

3.1 A mídia impressa católica e laica¹²⁰

A Igreja Católica esteve presente na formação dos meios de comunicação, hoje entendidos como mídia, desde a prensa de tipos móveis que se desenvolveu dentro de mosteiros. Realizando um grande salto temporal, podemos nos remeter a presença da Igreja Católica, assim como de outras religiões nos meios de comunicação. Hoje, identificamos a presença significativa de evangélicos e católicos nos meios de comunicação, os quais controlam editoras, emissoras e programas de rádio, programas e emissoras de televisão (Rede Record, Rede Vida de Televisão, Canção Nova, TV Aparecida), e mais recentemente,

¹²⁰ Algumas ideias apresentadas nessa subseção já foram apresentadas no II Congresso Internacional de História Regional, no campus na Universidade Passo Fundo, que ocorreu entre 24 a 27 de setembro de 2013.

esses grupos religiosos adquiriram uma parcela significativa da grade de programação de canais da TV aberta. Nesse caso corresponde, especificamente, aos grupos evangélicos, que segundo os últimos dados do IBGE divulgados em junho de 2012, cresceram mais de 60% nos últimos 10 anos, tendo como datas entre 2000 e 2010, ainda foi divulgado que a Igreja Católica, desde a década de 70, apresenta um decréscimo no número de seus fiéis. De qualquer maneira, os dados apontam a presença massiva e crescente das mais diferentes religiões nos meios de comunicação. Nesse sentido, a Constituição brasileira de 1988, não proíbe que grupos religiosos entre em licitações para a concessão de emissoras de televisão e rádio, entretanto proíbe a presidência ou posse de parlamentares de emissoras de rádio ou TV, porém num levantamento realizado em 2007, pelo menos 80 parlamentares foram apontados como donos de concessão pública de televisão e rádio. A partir dessas considerações sobre o desenvolvimento da mídia impressa católica, passemos a narrativa sobre os meios de comunicação impressos que utilizaremos no trabalho.

3.1.1 Algumas considerações sobre a historicidade dos meios de comunicação impressos

No segundo capítulo, tratamos dos elementos que promovem a formação do nacionalismo e da relação de proximidade entre o Estado e a Igreja Católica. Nesse sentido, utilizamos os meios de comunicação impressos de orientação católica e laica, entretanto, ainda não havíamos apresentado esses impressos.

Começamos por uma revista católica, “Rainha dos Apóstolos”, que tem sua primeira edição em abril de 1923. Ela possui uma ação múltipla, formula um programa, organiza e gerencia de acordo com os seus interesses. Na revista, desde a sua primeira edição, encontramos a sua posição editorial ou seu *ethos*¹²¹, segundo ela suas publicações serão dedicadas a propagar e defender as missões católicas, tanto no Brasil quanto no mundo.

De acordo com as proposições presentes na dissertação de Aline R. Dalmolin (2007), a organização da revista está relacionada à consolidação dos religiosos palotinos no Brasil. Além disso, ela pontua que a criação da revista não é uma estratégia exclusiva dos

¹²¹ De acordo com Maingueneau, “o discurso é inseparável daquilo que poderíamos designar muito grosseiramente de uma voz”. (1989, p.45) Sendo que, essa voz pode ser apresentada como o *ethos* da revista, com isso, podemos entender o *Ethos* como o que é revelado pelo próprio modo de se expressarem, que muitas vezes encontramos nos editoriais dos meios de comunicação impressos.

palotinos¹²², pois não foram só eles que instalaram tipografias em colégios, seminários, conventos, essa estratégia também é utilizada por outras congregações. Entretanto, ao que nos parece os palotinos, da região central do Rio Grande do Sul, assumem esse discurso no intuito de conferirem notoriedade a congregação no Estado, através da publicação de uma revista católica que levaria a outras dioceses suas ações, trabalhos realizados.

Dalmolin (2007) demonstra que essa estratégia de mobilização através da imprensa é uma tentativa de firmar presença, agregar fiéis, além de pretender aumentar o quadro de religiosos no país. Em relação a esse último interesse são recorrentes na revista as chamadas para vocação religiosa dos jovens. Ainda, a autora relaciona o aparecimento da revista com o momento de intensificação das atividades de imprensa vivenciado pela Igreja católica a partir do final do século XIX, não só no Brasil como ao redor do mundo¹²³.

E é nesse contexto de fomento da imprensa católica, que é publicada em 1923 a revista “Regina Apostolorum”, pelo padre Rafael Iop, reitor do seminário palotino de Vale Vêneto¹²⁴. Suas primeiras publicações são realizadas no próprio seminário, e no ano de 1934 a tipografia é transferida para Santa Maria.

O primeiro exemplar da revista se assemelha mais a um folheto do que, propriamente, a uma revista, entretanto temos de considerar as limitações técnicas, tecnológicas e de recursos humanos da época. Além disso, não apresentava ilustrações, ou seja, nesse primeiro momento a revista se afirma pela força da palavra, e não pela representação através da imagem. A revista “Rainha dos Apóstolos” se apresenta como a primeira revista católica do Brasil, mas se sabe em 1907 os franciscanos criaram a revista “Vozes” e com isso, cabe a eles a primazia das publicações católicas no Brasil.

Desde 1923 até 1947 coube ao padre Rafael Iop dirigir e editar a revista. Em 1947, o padre Iop deixa a direção, a tiragem da revista era de 1500 exemplares. E em 1948, essa tiragem aumentou para cinco mil exemplares, e em 1973, sua tiragem compreendia 130 mil exemplares. Ou seja, a partir da segunda metade do século XX, principalmente, quando o padre Lauro Trevisan passa a dirigir a revista verificamos a sua popularização¹²⁵.

¹²² Os Palotinos ou Padres Palotinos são uma congregação religiosa da Igreja Católica Apostólica Romana, criada em 1835 pelo padre Vicente Pallotti. A missão da congregação é se colocar a serviço do Evangelho como apóstolos de Jesus Cristo. Os palotinos chegam em 1886 ao Brasil, depois de serem requisitados pelos imigrantes italianos na região central do Estado do Rio Grande do Sul. Hoje, os palotinos estão espalhados por todos os Estados brasileiros, sendo que alguns são enviados para trabalhos apostólicos na África do Sul, Moçambique, entre outros países.

¹²³ DALMOLIN, Aline Roes, 2007, p. 22.

¹²⁴ Vale Vêneto é uma pequena localidade situada próxima a Santa Maria, no passado tentou se emancipar, mas hoje pertence ao município de São João do Polêsine.

¹²⁵ Dalmolin (2007), anexo 15 b, p. 151.

No que se refere à revista “UNITAS: Revista Eclesiástica da Arquidiocese de Porto Alegre” é pertinente mencionarmos que o seu principal objetivo compreende a formação contínua do clero sul-riograndense. A revista foi criada pelo arcebispo metropolitano de Porto Alegre, Dom João Becker, no ano de 1913. Ela tinha o clero como seu público-alvo e objetivava com a publicação unir os sacerdotes espalhados nos mais distintos locais do Rio Grande do Sul, unificando os discursos, decisões e ideologias católicas. A revista é publicada de 1913 até 1982, quando é nomeado o arcebispo D. Cláudio Colling, a revista tem suas publicações suspensas. No início a revista é publicada de dois em dois meses, entretanto, no período pesquisado (1937-1945), as publicações passam a ser trimestrais. Assim, julgamos relevante transcrever partes da primeira publicação da revista em outubro de 1913, quando foram apresentados os anseios da revista.

Modesta e despretensiosa embora, constituirá a *Unitas*, Deo favente, uma abundante fonte de seguras informações, avisos, ordens e leituras, que serão para o Nosso Rev.º Clero de real necessidade e indiscutível valor. Pois, como os Nossos sacerdotes, além de oriundos de varias nacionalidades, moram disseminados pela vasta superfície desta Archidiocese, a *Unitas* visita-los a, como um anjo da paz, pregando-lhes a união fraternal, a concórdia, a harmonia, mostrando-lhes o fim commum para o qual todos devem trabalhar, a saber: a santificação pessoal, a salvação das almas e a glória de Deus, e lhes conservará a lembrança da jerarchia ecclesiastica e o espírito de disciplina. Por esse motivo registrará a *Unitas* os factos principaes da vida desta Archidiocese e levará ao conhecimentos dos Nossos cooperadores os actos da Nossa administração, bem como os mais importantes do R. Pontifice e das Sagradas Congregações Romanas¹²⁶.

Ainda, é pertinente apontarmos que não encontramos a tiragem da revista UNITAS, assim não é possível acompanhar o número de publicações da revista, como fizemos com a “Rainha dos Apóstolos”.

Após a apresentação das revistas católicas cabe tratarmos das publicações laicas. Iniciemos com o jornal “A Notícia”, sobre ele cabe mencionarmos que surge a partir da fundação da gráfica A Notícia Ltda., tendo sua origem na firma individual de José Grisolia, que foi criada em 29 de julho de 1934, período em que foi publicada a primeira edição do jornal “A Notícia”, esse jornal existe até hoje decorridos mais de 70 anos de sua fundação. O fundador do jornal era natural de São Borja e filho de imigrantes italiano, quando a empresa foi criada dispunha de apenas uma máquina impressora. Nos primeiros anos, assim como nos anos pesquisados para este trabalho, a publicação do jornal era semanal, sendo entregue a população de São Luiz Missões aos domingos pela manhã. José Grisolia era o redator,

¹²⁶ BECKER, João. UNITAS. UNITAS: Revista Eclesiástica da Arquidiocese de Porto Alegre, Porto Alegre, ano I, n. 1, p. 3-4, set./out. 1913.

tipógrafo e impressor e contava apenas com o auxílio dos familiares para o trabalho no jornal, o que justifica as poucas páginas do jornal, bem como a sua publicação semanal, pois os recursos tecnológicos e humanos eram muito escassos. Hoje, cabe ao filho do fundador, José Grisolia Filho, dirigir a gráfica A Notícia Ltda. e conseqüentemente o jornal “A Notícia”. Assim, por ser um jornal ininterrupto, o único do interior do Estado, e pelo fato do município de São Luiz Missões, hoje São Luiz Gonzaga, ser o local em que se localizava no período estudado o Caaró, local que até hoje acontece a Romaria. Enfim, ao utilizarmos o jornal como fonte histórica pretendemos relacionar as informações das revistas, católicas ou laicas, com uma publicação local.

Outra publicação laica é a “Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul” que inicia suas publicações em 1921, apenas, um ano depois da fundação do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, em agosto de 1920. A revista, no período estudado, compreende publicações trimestrais, em que escreviam nomes como o Pe. Luiz Gonzaga Jaeger S.J. que está empenhado na formação e consolidação da Romaria do Caaró.

Antes de nos atermos ao discurso da Boa Imprensa presente nas revistas católicas “Rainha dos Apóstolos” e “UNITAS”, acreditamos que é relevante justificar as escolhas por essas publicações católicas. Primeiro, porque as revistas se destinam a públicos diferentes, a revista “Rainha dos Apóstolos” se destina aos leitores católicos sem exceção, enquanto que a revista “UNITAS” pretendeu unificar as ideias e discursos dos sacerdotes do Rio Grande do Sul. Dessa maneira, podemos verificar se o que era proposto na revista “UNITAS” também aparecia na revista “Rainha dos Apóstolos”. Além disso, com a aproximação das publicações católicas e laicas procuramos averiguar como alguns assuntos presentes na Igreja Católica são levados e aceitos a outros setores da sociedade.

3.1.2 A defesa da “Boa Imprensa Católica” nas revistas “Rainha dos Apóstolos” e “UNITAS”

A partir da primeira metade do século XX, os meios de comunicação impressos se tornam um importante veículo de divulgação dos discursos católicos. Assim, os impressos católicos correspondem a um recurso muito importante para a publicização e reafirmação do catolicismo no Brasil. Segundo Ribas (2011, 96), foi esta preocupação com as práticas de

leitura dos fiéis católicos que inspirou a criação de uma imprensa católica chamada Boa Imprensa, em meados do século XIX no Brasil.

As publicações católicas pautadas pela política da “Boa Imprensa” apresentavam discursos normatizantes, pois apresentava a seus leitores os perigos de lerem publicações laicas. Assim, de acordo com Silveira (2011), os idealizadores das publicações católicas e, possivelmente, seus leitores, identificam a necessidade de edificar um mundo recristianizado pelos católicos, pela Igreja e pela “Boa Imprensa”. Neste texto optamos por tratar dessa defesa pelas revistas católicas, procurando analisar o conteúdo propagado por elas, e que tipo de publicações os católicos deveriam ler, para evitar que essas “más” leituras os tornassem subversivos. Ainda, é pertinente mencionarmos que durante e, até mesmo antes, do período estudado (1937-1945) se temia a propagação do comunismo, tanto que a implantação do Estado Novo se justifica como uma medida tomada para barrar o avanço do comunismo, a Igreja Católica também não via com bons olhos esse “avanço”.

Tabela 3 - Boa Imprensa Católica

Publicações	1937	1938	1939	1940	1941	1942	1943	1944	1945
Rainha dos Apóstolos	0	0	0	2	1	0	1	4	1
UNITAS	0	2	2	3	0	1	3	0	1

Nas revistas católicas, durante o período estudado, encontramos um número significativo de publicações sobre esse assunto. Na revista “Rainha dos Apóstolos” identificamos nove publicações, entre artigos e notas, sobre o tema, enquanto que na “UNITAS” esse número sobe para doze, também entre artigos e notas. Dessa maneira, cabe apresentarmos como esse tema é abordado nas publicações católicas analisadas. Mas, antes, é relevante apontarmos que a política da “Boa Imprensa”, ao defender o discurso católico, corrobora com a proliferação do entendimento de que a morte dos padres no Caaró ou o “martírio do Caaró” corresponde ao mito fundador do Estado do Rio Grande do Sul.

Assim, passemos à análise de alguns trechos das revistas católicas, como o artigo presente na revista “Rainha dos Apóstolos” de 1940, que de maneira clara trata da aproximação entre o Estado e a Igreja Católica, e no próprio título, “A Igreja e o Estado”¹²⁷, já

¹²⁷ A IGREJA e o Estado. **Rainha dos Apóstolos**. Santa Maria, ano XVIII, n. 5, p. 113-114, mai. 1940.

identificamos essa proximidade. Através da leitura do artigo percebermos a tentativa de legitimar a proximidade dessas instituições. Após essas primeiras considerações, iniciemos as análises sobre a defesa da Boa Imprensa nas revistas católicas. Na revista “Rainha dos Apóstolos”, encontramos um artigo denominado “A arma católica nas missões”, de autoria de Mario Filoso.

Não será inútil expor algumas ideias sobre a imprensa. Foi a imprensa a intenção Missionária do Apostolado da Oração no mês de agosto. A meu ver, deve-se lembrar a intenção. Porque a imprensa Missionária é uma das mais poderosas armas de que dispõem os Padres e Colaboradores em terras paganizadas. Vamos, pois, em breve relances haurir alguns conceitos da imprensa. Poucos são os jornais e revistas que após breves momentos de vida sucumbem para sempre a minguada de recursos. É com o peito esfacelado pela dor que assistimos a derrocada apocalíptica da boa imprensa. Enquanto periódicos ensopados no espírito satânico se elevam as alturas intransitáveis da glória e de ressurgimento, a nossa revista, a revista católica se desfaz nas cinzas indistinguíveis da catástrofe. Jornais anticristão se espalham com facilidade pelas massas do povo. Por que os bons diários não conseguem medrar nos lares de Deus?. [...] A imprensa penetra os lares, exalta ou abate as mentes, revoluciona as consciências. Nos colégios é a imprensa portadora de sensacionais notícias. [...] A imprensa, nas universidades, norteia o pensamento humano, atirando-lhes aos vagalhões de falsos conceitos. A alavanca mundial que ergue e rebaixa a humanidade é a imprensa.¹²⁸

A partir da citação observamos a defesa de que a imprensa católica é um recurso poderoso que deve ser utilizado por expoentes do clero sul-rio-grandense e colaboradores, caso contrário jornais anticristãos se espalharam entre a população. Além disso, Filoso afirma que é defender a “Boa Imprensa”, pois ela está em vias de ser derrotada. Nessa perspectiva, de defesa da “Boa Imprensa”, também se inscreve a revista católica “UNITAS”, que em junho de 1939, apresenta uma circular em que orienta o clero do Arcebispado como proceder no dia da “Boa Imprensa”.

A Cúria Metropolitana de Porto Alegre ordena o clero secular e regular do Arcebispado a fiel observância das seguintes instruções a respeito do Dia da Boa Imprensa, a ser celebrado, pela primeira vez, em 9 de julho próximo:

- 1) Nos dias 25 e 29 de junho e 2 de julho, em todas as missas os senhores vigários, reitores de Igreja e capelães instruem os fiéis a respeito do Dia da Boa Imprensa, publicando o programa dos festejos a serem realizados e convidando todos os católicos de boa vontade a colaborar com entusiasmo para o êxito completo do diário católico.
- 2) Nos dias 6, 7 e 8 de julho poderá ser realizado em todas as matrizes, igrejas e capelas, um tríduo preparatório com missa festiva, orações e pregação especiais, terminando com a bênção solene do Santíssimo Sacramento.
- 3) No Dia da Boa Imprensa é obrigatório em toda igreja ou capela ao menos uma missa festiva com pregação apropriada e preces publicadas pela boa imprensa e pelos jornalistas e escritores.

¹²⁸ FILOSO, Mario. A arma católica nas missões. **Rainha dos Apóstolos**. Santa Maria, ano XVIII, n. 9, p. 195-196, set. 1940.

4) O Revmo. Clero secular e regular cuidará de promover, além das cerimônias religiosas prescritas, também festivais, quermesses, peditórios, etc., etc., em favor da Boa Imprensa, nomeando, com a necessária antecedência, as comissões que tomarão a si a organização dos mesmos.

5) Todas as esmolas recolhidas por ocasião de todas as missas e quaisquer outras solenidades religiosas no próximo dia 9 de julho, bem como o produto de festivais, etc., de que fala o número anterior, destinam-se exclusivamente a Caixa da Boa Imprensa, e devem ser enviados integralmente e com a urgência possível a esta Cúria Metropolitana, que as aplicará ao fim indicado.

6) O trabalho principal do Dia da Boa Imprensa deverá ser a propaganda inteligente e eficaz da nossa imprensa católica, conquistando-lhe o maior número possível de assinantes, colaboradores e anunciantes. Para isso os senhores vigários organizarão comissões que, no próprio dia da Boa Imprensa ou nos dias que o precedem ou seguem, deverão visitar todas as pessoas da paróquia que estejam em condição de assinar um jornal diário, convidando-os com insistência a tomarem uma assinatura da “A Nação”. O mesmo se fará em favor do semanário católico “Estrela do Sul” junto aqueles que não podem assinar uma folha quotidiana.¹²⁹

Assim, observamos que não são poucos os esforços da Igreja Católica para que a “Boa Imprensa” obtenha sucesso, chegando a definir uma data, nove de julho, para as comemorações do Dia da Boa Imprensa. Além disso, recomenda que os sacerdotes falem da Boa Imprensa nas missas, e organizem eventos para arrecadar fundos para essa causa, bem como incentivem a comunidade a consumir (comprar e ler) as publicações católicas. A partir dessas duas citações, podemos aferir que mesmo destinada a públicos diferentes, a “UNITAS” aos sacerdotes e a “Rainha dos Apóstolos” ao público católico, ambas procuraram persuadir seus leitores sobre a importância de defender a Boa Imprensa. A primeira citação trata sobre os perigos de perder espaço para jornais anti-cristãos, enquanto que a segunda estava mais voltada a orientar e persuadir os sacerdotes sobre a importância da Boa Imprensa, para que eles pudessem repassar essas informações aos católicos das comunidade por eles dirigida.

Nessa perspectiva, também temos outro artigo da revista “Rainha dos Apóstolos”. Nele encontramos a afirmativa de que “defender os direitos de Deus e da Igreja pela arma poderosa da imprensa é o nosso dever sagrado”.¹³⁰ Ou seja, identificamos que defender a imprensa católica se reveste de um valor sacralizado. Enquanto que na revista UNITAS, a política da Boa Imprensa é apresentada ao leitor como “um dos apostolados mais importantes e mais urgentes da Ação Católica é, sem dúvida, o apostolado da Boa Imprensa”¹³¹.

Ainda, consideramos relevante a apresentação de um artigo, “Más leituras”, da revista “Rainha dos Apóstolos”. Nele é relatado aos leitores o que acontece as pessoas que tem acesso à leituras não indicadas pela Igreja. “Vivia na França um estudante tão piedoso que

¹²⁹ NEIS, Leopoldo. Circular. **UNITAS: Revista Eclesiástica da Arquidiocese de Porto Alegre**, Porto Alegre, ano XXVI, p. 145-146, jun. 1939.

¹³⁰ ZELADORES da nossa revista. **Rainha dos Apóstolos**. Santa Maria, ano XXI, n. 6, p. 143, jun. 1943.

¹³¹ CONCLUSÕES relativas a Boa Imprensa. **UNITAS: Revista Eclesiástica da Arquidiocese de Porto Alegre**, Porto Alegre, ano XXVII, p. 244, jul./ago. 1940.

todos o consideravam um São Luiz, mas tendo lido um livro de Voltaire, voltou para casa incrédulo e depravado. Estando doente rejeitou o sacerdote e morreu sem confissão”¹³². Dessa maneira, observamos a partir da citação o quanto a Igreja Católica estava atenta às leituras realizadas por seus fiéis, uma vez que havia livros que eram condenados pela Igreja, não sendo permitido aos católicos lê-los.

Ao tratarmos sobre a Boa Imprensa Católica pretendíamos demonstrar como esse discurso é construído pela Igreja em suas publicações, independente da congregação a que pertença. Essas considerações buscaram demonstrar o empenho da instituição em promover a mídia impressa católica, que hoje ocupa outros campos (rádio e televisão, principalmente) e se encontra consolidada, como já tratamos no início deste capítulo.

3.2 O discurso na mídia impressa: a ressignificação do evento do Caaró e seus padres, suas vidas e mortes, no processo de consolidação da Romaria do Caaró

Esta subseção versa sobre a ressignificação da ação apologética dos padres independente da Ordem Religiosa a que pertençam como são apresentadas suas vidas e mortes, durante o período em que se consolida a Romaria do Caaró. Nesse sentido, o fim maior era confirmar a presença católica desde a formação histórica do Rio Grande do Sul, colhendo os louros a Companhia de Jesus. Para isso, utilizaremos tanto as fontes católicas quanto as laicas. No que se refere aos padres, Roque, Alonso e Juan, já apresentamos a narrativa sobre suas vidas e mortes no primeiro capítulo quando tratamos da formação da Romaria do Caaró. Para isso utilizamos duas publicações especiais, ambas de novembro de 1928, momento em que se comemorou o tricentenário da morte dos padres, a revista “Rainha dos Apóstolos” e a “Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul”. Nelas são apresentadas a vida casta dos padres e suas “terríveis” mortes, dignas de “mártires” da Igreja Católica.

Porém, pretendemos demonstrar como no período que entendemos como consolidação da Romaria do Caaró os padres são ressignificados através dos meios de comunicação impressos. No período estudado, 1937-1945, os católicos, pretensamente, já conhecem a narrativa sobre a vida e morte dos padres, mas os meios de comunicação permitem que não esqueçamos essa história. Assim, como propõe Steil (1996), existe um contexto já dado que

¹³² SOLDERA, Artur. Más leituras. **Rainha dos Apóstolos**. Santa Maria, ano XXI, n. 2 e 3, p. 70, jun. 1945.

compreende a narrativa apresentada sobre os padres, entretanto ele entende que esse contexto é objeto de negociação, nesse sentido o contexto é inventado a partir de uma cultura escrita, segundo ele, esse encontro entre cultura oral e escrita é, muitas vezes, dado pela mídia.

Também no santuário de Bom Jesus da Lapa pode-se perceber essa presença familiar da Bíblia, que permeia as histórias, dando forma às figuras e imagens que são acionadas na narrativa. Uma presença que esta se modificando rapidamente com a emergência de uma sociedade onde a escrita e a mídia produzem um impacto de grande proporção sobre a tradição oral. (STEIL, 1996, p. 150)

Essa realidade não é diferente na Romaria do Caaró, que apresenta tantos esforços para sua formação e consolidação. Pois, temos na mídia tanto católica quanto laica uma proposição de ressignificação dos padres, seja através da relevância conferida a Companhia de Jesus, ou do coração do Pe. Roque González, ou mesmo do bom exemplo de vida digna e morte santa dos padres, ou ainda, através da ressignificação do local da morte deles.

Assim, iniciamos nossa trajetória pela mídia impressa católica, que através de uma crônica publicada na revista “Rainha dos Apóstolos” demonstra como a história de vida do Pe. Roque González e seus companheiros é um exemplo a ser seguido. A narrativa apresenta uma descrição da grandiosidade das ruínas de São Miguel, e é nesse local que a professora conta a seus alunos a história do Pe. Roque González.

A professora, com voz grave, repassada de emoção, sentindo a majestade do local, a solenidade do momento, lembrou a missão a divina dos abnegados apóstolos, que com tenacidade sublime haviam trazido a fé e a civilização milhares de selvagens, arrancando-os a barbárie, para deles fazer cidadãos úteis a si e a pátria, transformando aquelas terras incultas em searas sorridentes, em centros de trabalho, de progresso, em fontes de riquezas. E tudo isso como se conseguirá? Pela santa interdição, pela coragem sobre humana, retemperada pela fé ardente de Roque Gonçalves, que abraçado de amor divino e sequioso da salvação das almas, aventurára-se, pioneiro ideal, a transpor o Uruguai. A oradora, com frases impregnadas de carinhosa união falou da missão heróica, sublime do 1º Apóstolo do Rio Grande do Sul. Enquanto reboavam palmas naquele recinto onde outrora repercutiam cânticos religiosos, perguntou uma das professoras à colega a seu lado: Já notaste como Ieda está absorta, pensativa desde que chegamos? Observei, sim, a mudança que se operou nessa menina e não sei a que atribuir. Ela, Ieda, talentosa como é, cumpridora de seus deveres, amante de tudo que é belo, promete muito...¹³³

Na citação observamos como todos se emocionaram por estarem nas ruínas, mas o elemento mais intrigante da crônica não é a emoção da professora ao narrar para seus alunos a vida do 1º Apóstolo do Rio Grande do Sul, mas sim, a maneira como essa história e o local

¹³³ RUÍNAS que edificam. **Rainha dos Apóstolos**. Santa Maria, ano XVII, n. 9, p. 197, set. 1939.

afetou visivelmente a uma menina em especial, Ieda. A narrativa prossegue e nas páginas seguintes entendemos os motivos que levaram o escritor a se deter na comoção da menina.

Seis anos mais tarde, na portaria de um convento, um jovem pedia para falar imediatamente com a irmã Beatriz, surgindo pouco depois uma noviça. O rapaz vindo ao seu encontro, estendeu-lhe as mãos, ambas, murmurando: Querida irmã, se soubesse que agradável nova te trago! Deve ser agradabilíssima, pois teu rosto exprime uma imensa ventura, murmurou a Irmã, fitando, com admiração o jovem. Acertaste, Ieda, oh! Perdoa-me! Irmã Beatriz é a ventura completa. Imagina que papai consentiu que eu abandonasse a Faculdade de Medicina que estava cursando, para ingressar no Seminário! Sursum corda! Exclamou a Irmã, num transporte, levantando os grandes olhos para o crucifixo que ali havia na parede. O apostolado do Pe. Roque perpetua-se através dos séculos. Serei jesuíta como ele, e procurarei com afincado imitar tão excelso mestre. Um reflexo de júbilo brilhou na fisionomia da jovem noviça, que murmurou: Foi lá, nas venerandas ruínas de S. Miguel, que o Pe. Roque um dia nos ascenou, mostrando-nos a seara do Senhor! E eis-nos hoje prontos a cultivá-la com amor e carinho, prontos a regá-la, fecundá-la, não só com suor, mas também com nosso sangue, se tal for necessário, bradou a jovem arroubadamente

134

A partir da citação, observamos que mais do que o exemplo de vida e morte do Pe. Roque González, que leva não só a menina Ieda, mas também seu irmão a seguir a vida sacerdotal, coube a viagem às ruínas de São Miguel conferir uma aura mágica a história. Dessa maneira, pretende-se promover aquele local, que no passado havia abrigado as missões jesuíticas, como sagrado. Nesse sentido, temos os exemplos de fé e devoção dos peregrinos, que são exaltados discursivamente para corroborar com a tese do mito fundante, na região das missões com Roque González e seus companheiros. Sendo que, está narrativa encontra-se envolta em mistério, sacralidade, sensibilidade, subjetividade e ritualização, a fim de que os leitores tomem como exemplo as ações concretas empreendidas por católicos contemporâneos, que seguem o exemplo do Pe. Roque González e seus companheiros.

Durante o período que entendemos como de consolidação da Romaria do Caaró não é só o local do martírio que requer uma aura de sacralidade, mas tudo que está ao seu redor, expressa na proposta de liturgia do martírio. Nesse sentido, cabe mencionarmos que no período estudado tanto o Caaró quanto as ruínas de São Miguel pertencem ao município de São Luiz das Missões, hoje São Luiz Gonzaga. Ainda, nessa perspectiva se insere um artigo publicado no jornal local, “A Notícia”, em que também encontramos esse entendimento de que a sacralidade não se restringe ao local do martírio, mas a região que o compõe.

Graças a obra de Teschauer sobre os dois primeiros séculos da colonização riograndense, e aos esforços desse extraordinário pastor de almas que é o Monsenhor Estanislau Wolski, aliás um dos vultos mais brilhantes do clero nacional,

¹³⁴ RUÍNAS que edificam. **Rainha dos Apóstolos**. Santa Maria, ano XVII, n. 9, p. 199-200, set. 1939.

foi fixado no município de São Luiz o lugar do martírio de Roque Gonzalez, cuja canonização reanimara dentro em pouco o passado de esplendor da Igreja no continente americano. Graças, também, a obra patriótica do atual chefe da nação, interpretando os sentimentos religiosos de sua pátria, está fixada a restauração das ruínas jesuíticas, donde o patrimônio histórico nacional vem haurindo motivos de ordem estética de incalculável beleza. Assim, pois, vem a propósito o conceito de Renan sobre os verdadeiros homens do progresso – aqueles que tem admiração pelo passado, a fim de cultuar, nas famosas ruínas missioneiras, a memória sagrada de Gonzalez e seus companheiros, lembrando-nos a oportunidade dos fiéis de todo o país realizarem no próximo ano, a primeira das suas peregrinações a Terra Santa do Brasil. Ali, como por milagre, não há quem não se curve respeitosamente diante da majestosa catedral de São Miguel, do cemitério de São Nicolau, ou do Trato da Terra de São Luiz, ensopado pelo sangue de Gonzalez.¹³⁵

No trecho acima, temos inúmeros elementos que procuram comprovar que a sacralidade se estende a região. Primeiro, porque atribui aos esforços do Pe. Carlos Teschauer S.J. e do Monsenhor Estanislau Wolski a localização do lugar do “martírio”, no município de São Luiz das Missões. Além disso, destaca que o próprio chefe da nação, Getúlio Vargas, reconheceu a importância de restaurar as ruínas jesuíticas em São Miguel, que como já dissemos, também pertencia nesse período ao município de São Luiz das Missões, bem como reconhece a ação da Companhia de Jesus, como veremos mais adiante quando tratarmos do decreto número 6355 assinado por Vargas em 27 de setembro de 1940. Por fim, apresenta a localidade como a “Terra Santa do Brasil”, o que se justifica, pois no período analisado pertencia ao município de São Luiz das Missões, nada menos que as ruínas de São Miguel e o local da morte dos Três Primeiros Apóstolos do Rio Grande do Sul. Entretanto, mais do ser reconhecida como a “Terra Santa do Brasil”, o município de São Luiz das Missões, também tinha pretensões políticas.

O povo de São Luiz é o povo da esperança, espera contra toda a esperança, quantos e quantos desanimaram e se foram, mas noventa e nove por cento ficaram esperando pela locomotiva e para convencer-me da radiante realidade vim rever os pagos de minhas saudades, vim de trem, passando pelos campos da Igrejinha, recordei-me da esperança de estrada de ferro, e agora, a esperança converteu-se em realidade graças a Deus e graças ao filho das Missões ao eminente chefe da Nação, Dr. Getúlio Vargas! Cada vez mais os laços da saudade prendem-me ao carinho deste povo incomparável. Ainda, ontem contaram-me que o amigo velho Vicente Ferrer do Prado falando na agonia e repetindo a frase do Padre Augusto, consolando a família dirigiu-se em pensamento ao velho vigário: - Sim, meu senhor, Deus faz tudo pelo melhor! De passagem a Cerro Azul vim abraçar a minha gente e aproveitei a oportunidade para contar que no dia 7 de outubro, Dom José Newton de Almeida Batista tomara posse do solo episcopal da Diocese de Uruguaiana, da qual fazem parte as seis paróquias da comuna Sãoluizense. Sua excelência reverendíssima é admirador da zona missioneira e, em carta ao vigário capitular diz que sente se possuído de um orgulho por ser bispo duma diocese orvalhada pelo sangue dos mártires. Sãoluizenses de toda a diocese orgulha-se por ter entre teus limites o local

¹³⁵ MAGALHÃES, Rodrigo. Peregrinação a Terra Santa do Brasil. **A Notícia**. São Luiz das Missões, ano VI, n. 301, p. 3, 12 mai. 1940.

do martírio de Roque Gonzales, Afonso Rodrigues e João de Castilhos, muito mais este município deve se orgulhar, por ter a urna em que guarda o sangue dos três mártires; é a nossa gleba, o nosso chão, esta urna – E jamais havemos de perder a esperança que os mártires continuam abençoando a nossa terra e a nossa gente¹³⁶.

No artigo do Monsenhor Estanislau Wolski identificamos o quanto a população da região era grata as concessões de seu filho mais ilustre, o Presidente Getúlio Vargas, que possibilitou em sua gestão a construção da estrada de ferro na região. Monsenhor Wolski, ainda, pretende lembrar aos leitores o quão abençoado era o município de São Luiz das Missões, pois dentro dos seus limites encontrava-se o local da morte dos padres Roque González, Alonso Rodríguez e Juan del Castillo. Entretanto, é mais enfático ao afirmar que a terra de São Luiz é a urna que guarda o sangue dos três “mártires” e, por isso, “os mártires continuaram abençoando a nossa terra e a nossa gente”. Dessa maneira, observamos que os habitantes do município compreendem, no período analisado, que vivem num território sagrado, abençoado pelos padres mortos naquela região. Ou seja, não é a região das missões que é sacralizada, mas sim o município de São Luiz, por abranger o local do martírio e as ruínas de São Miguel.

Nesse sentido, ainda cabe apresentarmos as outras duas fontes que estamos utilizando neste trabalho, e que com esse item pouco ou nada tinham a contribuir. Na “Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul”, entre os anos de 1937 e 1945, encontramos dois artigos, uma nota e uma conferência sobre a Companhia de Jesus, sendo que um dos artigos trata das comemorações do 4º Centenário da Companhia, que consideramos um dos elementos promotores da consolidação da Romaria do Caaró.

Enquanto isso, na revista católica “UNITAS”, encontramos cinco textos, entre artigos e discursos, que tratam de dois elementos que consideramos fundamentais para a consolidação da Romaria do Caaró. Um deles compreende, como já mencionamos, as comemorações do 4º Centenário da Companhia de Jesus, enquanto que o outro elemento corresponde à visita do coração do Pe. Roque González ao Estado do Rio Grande do Sul, em que esteve presente no Congresso Católico de Cerro Azul. Entretanto, esses elementos que consideramos fundamentais para a consolidação da Romaria do Caaró analisaremos com mais afinco a seguir.

¹³⁶ WOLSKI, Estanislau. Visitando o rincão. **A Notícia**. São Luiz das Missões, ano X, n. 553, p. 1, 23 jul. 1944.

3.3 A consolidação da Romaria do Caaró na mídia impressa católica e laica

Na última subseção da dissertação trataremos dos elementos que influenciaram diretamente na consolidação da Romaria do Caaró. Anteriormente, tratamos dos elementos que levaram a formação da romaria, isso por entendermos que era fundamental explicar como ela foi construída, antes de explicarmos como aconteceu o seu processo de aceitação e, de consolidação. Além disso, ao longo do segundo e terceiro capítulo fomos apontando os elementos que permitiram que a consolidação da romaria acontecesse naquele período. Nesse sentido, julgamos como fundamental a apresentação da proximidade estabelecida entre o governo e a Igreja Católica durante o Estado Novo, além da defesa nas revistas católicas e nos discursos dos eclesiásticos do projeto de nação católica e da identidade católica. Enfim, no segundo capítulo procuramos demonstrar através dos meios de comunicação impressos, católicos e laicos, como era a relação no Brasil da Igreja Católica com o Estado, sobre essa aproximação podemos afirmar que ela não aconteceu apenas no Brasil, mas que foi um projeto mundial.

Assim, pretendemos retomar todos os elementos que apresentamos no texto, no intuito de responder que elementos convergem para que a Romaria do Caaró se consolide durante o Estado Novo? Por isso, iniciemos a apresentação desses elementos a partir da realização do I Concílio Plenário Brasileiro, que pode ser entendido como o evento que tornou pública a aproximação do Estado com a Igreja Católica durante o Estado Novo.

O Concílio Plenário Brasileiro aconteceu entre 1º e 16 de julho de 1939, na cidade do Rio de Janeiro, que era nesse período a capital do Brasil. Sendo que, nos discursos proferidos durante esse evento religioso observamos a proximidade entre eles, pois são comuns discursos em que os sacerdotes elogiam o Estado e, principalmente, a figura de seu governante Getúlio Vargas, além das homenagens prestadas pelo governo a eles. Segundo Isaia (1998, p. 153), “a aproximação entre a hierarquia católica e o Estado Novo aumentou consideravelmente com a convocação do Primeiro Concílio Plenário Brasileiro, realizado no Rio de Janeiro, em 1939”.

Nas revistas católicas analisadas, “Rainha dos Apóstolos” e “UNITAS”, encontramos mais de um artigo que trata sobre o I Concílio Plenário Brasileiro. Na revista “Rainha dos Apóstolos” encontramos três artigos, dois deles de agosto de 1939 e outro de setembro do mesmo ano. O primeiro artigo apresenta uma descrição do Pe. Rafael Iop, sacerdote palotino e diretor da revista no período, sobre a viagem que realizou ao Rio de Janeiro para participar do evento. Enquanto que o segundo artigo, também de agosto de 1939, mas sem autoria,

apresenta minuciosamente todas as atividades realizadas durante o evento religioso, e é nele que encontramos os discursos de legitimação mútua entre Estado e Igreja Católica.

A magna Assembléia tem sobre si a atenção do mundo católico brasileiro. Em época tão cheia de doutrinas desencontradas, devem sair deste Concílio Nacional definições e orientações seguras para os filhos da Terra da Santa Cruz.

Os católicos acompanham com suas preces e com simpatia essa assembléia dos responsáveis maiores perante Deus pelos destinos espirituais do nosso povo. Todos estão empenhados diante de Deus e da Santíssima Virgem para que sejam mais seguros e benéficos os resultados do Concílio¹³⁷.

A partir da citação é possível observarmos as pretensões do Concílio, que buscava definir os destinos espirituais dos católicos brasileiros, assim podemos considerar que a realização desse evento religioso demandou grandes esforços, além de ter objetivos bem definidos. Ainda, nesse artigo, encontramos uma passagem que trata do banquete oferecido ao episcopado brasileiro no Palácio do Itamaratí em 18 de julho de 1939, pelo então presidente Getúlio Vargas.

O sr. Presidente Getúlio Vargas ofereceu, à noite do dia 18, no Palácio Itamaratí, um banquete ao episcopado brasileiro, representado por 104 bispos, que tomaram parte no I Concílio Plenário Brasileiro. Oferecendo o banquete e em saudação ao Episcopado Nacional, falou o sr. Presidente Getúlio Vargas, em cujo discurso reconheceu a obra da Igreja na construção do Brasil, afirmou que no Brasil colônia, no Brasil império e no Brasil república, o lugar da Igreja Católica está marcado em destaque. Pos em relevo a estrita cooperação entre os dois poderes – espiritual e temporal, o papel brilhante da Igreja no trabalho para o engrandecimento da Pátria. Respondeu pelo episcopado o sr. Arcebispo Primaz da Baía, D. Augusto Álvaro da Silva, agradecendo penhorado a delicadeza de sentimentos manifestados na alocução do sr. Presidente da República, e fazendo votos para que as relações de cordialidade até agora havidas entre os dois poderes, continuassem cada vez mais estreitas, para manter a unidade da fé, a integridade do nosso território e as glórias da nossa bandeira.¹³⁸

No trecho identificamos a cordialidade entre os dois poderes, pois nele o presidente reconhece a importância da Igreja Católica na construção do país, e esse reconhecimento agrada aos representantes da Igreja, que através do Arcebispo da Bahia, demonstram o interesse de estreitar cada vez mais essa relação. Na revista “UNITAS”, tanto o discurso do presidente Getúlio Vargas quanto o do Arcebispo da Bahia D. Augusto Álvaro da Silva são reproduzidos na publicação de julho/agosto de 1939, no artigo que tem como título “Homenagem do governo ao episcopado”. A presença desse artigo nas revistas católicas

¹³⁷ O CONCÍLIO Plenário Brasileiro. **Rainha dos Apóstolos**. Santa Maria, ano XVII, n. 8, p. 174, ago. 1939.

¹³⁸ *Ibid.*, p. 178-179.

sugere a importância dessa reunião, em que tanto o governante quanto os representantes da Igreja Católica manifestaram publicamente a relação de proximidade estabelecida entre eles.

Assim, consideramos que é nesse contexto que ocorre a consolidação da Romaria do Caaró, que tem a sua formação impulsionada pelas comemorações do tricentenário da morte dos padres em 1928, o que permite a organização da primeira Romaria do Caaró em 1933, isso alguns meses antes da Igreja Católica conferir aos padres o título de Beatos. Nesse sentido, entendemos que a aproximação entre a Igreja e o Estado, durante o governo de Getúlio Vargas, ao longo da década de 1930 e fortalecida durante o Estado Novo, é um dos elementos que permite a consolidação da romaria. Mas, é durante o I Concílio Plenário Brasileiro que a relação, mais do que fortalecida é divulgada a população demonstrando a união entre essas instituições.

Por isso, entendemos que o poder conferido a Igreja Católica a partir da sua aproximação com o governo possibilita que ela fomente seus interesses, como o projeto de Nação Católica, a Educação Católica, a criminalização de outras práticas religiosas, o combate ao comunismo, entre outros. Com isso, a Romaria do Caaró adquire destaque, pois como já tratamos, havia interesse e empenho dos sacerdotes para que esse evento religioso se organizasse na região das missões, ou seja, por mais que o discurso construído fosse eficaz, talvez sem a relação de proximidade estabelecida entre o Estado e a Igreja Católica não acontecesse, naquele período, a consolidação da Romaria do Caaró.

Em 1939, a partir dos discursos proferidos no I Concílio Plenário Brasileiro temos manifestações públicas da proximidade entre o Estado e a Igreja Católica, esse elemento nos auxilia na compreensão do contexto em que ocorre a consolidação da Romaria do Caaró. Entretanto, é em 1940 que ocorrem os dois elementos fundamentais para a consolidação da Romaria do Caaró, que compreendem a vinda do coração do Pe. Roque González ao Estado do Rio Grande do Sul e as comemorações do 4º Centenário da Companhia de Jesus. (1540-1940)

Sobre a passagem do coração do Pe. Roque González pelo Estado do Rio Grande do Sul temos um livro, “Triunfos dum Coração”, escrito e publicado no mesmo ano da passagem do coração pelo Estado. Nas palavras do autor, Cândido Santini S.J.¹³⁹ foi um “acontecimento extraordinário e de salutar repercussão” a passagem do coração do Pe. Roque.

¹³⁹ Quando tratarmos do livro “Triunfos dum Coração” caberá ao Pe. Cândido Santini S.J. o título de autor, pois coube a ele organizar o livro. Entretanto, os textos que compõem a relação de viagens do coração do Pe. Roque são de autoria do Pe. Leopoldo Arntzen S.J. Já as ilustrações presentes na obra foram tiradas do livro “Os Heróis de Caaró e Pirapó” de autoria do Pe. Luiz Gonzaga Jaeger S.J., que também teve sua primeira edição em 1940, e do Calendário “Die fahne des HL. Ignatius”.

Com isso, antes de iniciarmos a narrativa sobre a passagem do coração pelo Estado do Rio Grande do Sul, cabe explicarmos, mesmo que brevemente, a importância da relíquia para os cristãos. Segundo Cymbalista (2006), o elemento estratégico utilizado nos dois primeiros séculos de ocupação para promover a cristianização do território da América Portuguesa consistiu no culto as relíquias. Segundo ele, desde a Antiguidade, passando pela Idade Média e chegando a América Portuguesa no período colonial, o culto a relíquia correspondia ao elemento estruturador do território das cidades cristãs. De acordo com Cymbalista (2006), durante todo esse período, foi impensável a existência de uma cidade, igreja ou até mesmo altar sem uma relíquia. Sendo que, as relíquias mais importantes eram os restos físicos dos santos, podendo ser seus ossos, cabelos, lágrimas ou sangue.

Além disso, o autor realiza algumas considerações em relação ao poder atribuído as relíquias, segundo ele durante toda a Idade Média elas estiveram cercadas de acontecimentos maravilhosos. As relíquias foram atribuídos os poderes de proteção e cura, que justificavam romarias e peregrinações, eram capazes de emitir perfumes, luzes e óleos milagrosos, e até mesmo ressuscitar mortos. Essa áurea de sacralidade em torno da relíquia, também pode ser identificada quando o coração do padre Roque passa pelo Estado do Rio Grande do Sul, pois naquele mesmo ano são atribuídos inúmeros milagres ao padre Roque e seus companheiros. Ainda, cabe mencionarmos que a história dos padres mortos no Caaró não se encerra com a sua morte, pois temos a conservação da relíquia do coração do padre Roque González, que com a sua vinda ao Estado promove a atribuição de milagres “Mártires do Caaró”. Segundo Cymbalista (2006), havia um sentimento compartilhado de que o martírio conferia santidade automática à vítima, e os restos de seus corpos eram cobiçados como verdadeiras relíquias¹⁴⁰.

Em relação à vinda do coração temos de considerar que ele passou pelo Estado entre os meses de fevereiro e março de 1940, tendo percorrido inúmeras cidades no Rio Grande do Sul. A visita do coração tem um significado emocional para os católicos que participam do Congresso em Cerro Azul, pois estabeleceu uma relação entre os elementos sagrados e profanos, ao contar com a presença de uma relíquia da Igreja Católica num evento religioso.

¹⁴⁰ Hoje, o coração do padre Roque encontra-se sobre os cuidados dos jesuítas do Paraguai, e só em ocasiões solenes a relíquia é levada a outros locais de culto, como aconteceu em 1940, e mais recentemente em 2010. Nesse ano, acompanhamos a relíquia, num estudo etnográfico, que esteve em Santa Maria para participar da Romaria de Nossa Senhora Medianeira, e no dia seguinte, 15 de novembro de 2010, foi levada a Caibaté para participar da celebração da Romaria do Caaró. Em sua última passagem pelo Estado foi deixado no Santuário do Caaró um fragmento do coração do Pe. Roque. Nesse sentido, cabe retomarmos Cymbalista (2006, p. 13), “a integralidade do santo estava presente em suas partes, mesmo nas menores, seus corpos podiam ser fragmentados e distribuídos por onde sua presença era demandada”. Assim, era justo deixar um fragmento da relíquia no local em que se convencionou atribuímos como o lugar em que foram mortos os “Mártires do Caaró”.

A doutrina católica da comunhão dos santos, fundada na memória desse relato bíblico, afirma que o santo no céu está presente na terra de diversas formas: no seu túmulo, no seu corpo incorruptível, nas suas relíquias e imagens. Ao mesmo tempo, estabelece uma oposição que não se resolve pelo princípio da contradição, mas que deve ser pensada a partir do modelo hierárquico, como uma oposição englobante, em que as partes, vivos e mortos, estão referenciadas à comunhão dos santos, como a um todo que as engloba. (STEIL, 1996, p. 183)

Antes de iniciar as narrativas sobre o percurso do coração pelo Estado, e de como ele foi recebido com entusiasmo e devoção em todos os locais, o autor procurou atestar a veracidade do coração, para tanto apresentou a ata de entrega do coração do Pe. Roque González ao Pe. Peruffino que foi levado a Roma em 16 de setembro de 1634.

Testifico que compareceu em nossa presença o Padre João Batista Peruffino, da Companhia de Jesus, Procurador do Paraguai, com o Vice-provincial do Chile, apresentando-nos o coração do venerável servo de Deus Padre Roque González de Santa Cruz, pregador sacerdote da mesma Companhia de Jesus, trucidado em ódio da fé na Província do Uruguai e redução de Caaró no Paraguai, e declarando sob juramento que o sobredito coração, depois de ter estado o corpo no fogo, falou e tendo sido atirado às chamas e atravessado por uma seta, se queimou a seta, ficando ileso e intacto o coração, no qual se vê a ponta da dita seta. Por isso desejando que não se possa por em dúvida que dito coração seja o mesmo de que se fala de outros documentos, afirma o Pe. Peruffino tê-lo recebido das mãos do Pe. Pedro Romero, superior de todas as reduções do Paraguai, o qual tirou o coração com as suas próprias mãos dentre as outras relíquias do seu corpo, recolhidas depois de ter estado no fogo. (SANTINI, 1940, p. 16-17)

O coração permanece nos arquivos de Roma até 1928, quando o Reverendo Geral da Companhia de Jesus, Wlodimiro Ledochowski, presenteia os jesuítas argentinos com o coração, pois, segundo Santini (1940, p. 22), nesse período é “reiniciado o processo de beatificação, por ocasião do terceiro centenário da morte dos mártires de Caaró e Pirapó”. Mas, antes da relíquia vir de Roma para Buenos Aires, procedeu-se um novo reconhecimento de sua veracidade, isso em 30 de julho de 1928, com todas as formalidades canônicas exigidas.

Nesse sentido, nos questionamos quais os motivos da vinda do coração ao Estado do Rio Grande do Sul nos primeiros meses de 1940? Essa pergunta Santini nos responde, ao apontar que em 1940 foi realizado um grande Congresso Católico no município de Cerro Azul, hoje esse local corresponde ao município de Cerro Largo, e esse evento católico estava relacionado as comemorações do 4º Centenário da Companhia de Jesus (1540-1940). Entretanto, segundo o autor a vinda do coração ao Estado do Rio Grande do Sul começou a ser organizada no ano anterior.

No penúltimo Congresso Católico celebrado em Santa Cruz (1938), ficou determinado que o local do seguinte Congresso, em 1940, seria Cerro Azul, por ser paróquia da Companhia de Jesús e colônia por ela organizada, para desta maneira solenizar com maior brilho o 4º centenário da existência da mesma Companhia.

Quando no ano passado (1939) se iniciaram os trabalhos preparatórios para o Congresso, o Reverendo Pe. Balduino Rambo S.J. disse aos padres, que faziam parte da comissão: “Reverendíssimos Padres, uma vez que o Congresso Católico se deve realizar em Cerro Azul, é mister que façamos vir de Buenos Aires o coração do beato Pe. Roque. Com isto o êxito do Congresso está garantido”. Sugestão ideal que foi imediatamente aprovada e encaminhada para a sua realização. (SANTINI, 1940, p. 27)

A partir da citação observamos como o coração era aguardado, e como sua passagem foi pensada com certa antecedência, pois era necessária a sua presença para coroar as comemorações do 4º Centenário da Companhia de Jesus e confirmar o protagonismo da Igreja Católica e da Companhia de Jesus na formação do Rio Grande do Sul, corroborando com a tese da influência da religião cristã no Estado. Ainda, identificamos sua intensa disputa pelo passado histórico a luz dos fragmentos místicos, vestígios e sinais, no ano de 1940. Além disso, cabe mencionarmos que os jesuítas, no período estudado neste trabalho, dispunham de um grande número de paróquias no sul do Brasil, além de serem muito presentes na educação católica, pois um dos marcos corresponde ao Colégio Anchieta em Porto Alegre, que formava os filhos da elite sul riograndense. Nessa perspectiva se insere uma nota presente no jornal “A Notícia”, que trata da preparação para a vinda do coração ao Estado do Rio Grande do Sul para sua participação no Congresso Católico em Cerro Azul, pois nesse período Cerro Azul pertencia ao município de São Luiz Gonzaga.

Estiveram entre nós, o padre Balduino Rambo, lente de História Natural do Colégio Anchieta. O distinto prelado já percorreu todo o Estado em avião militar, colhendo dados geográficos por conta do Governo Federal e é autor de diversas obras de grande valia. Em sua companhia vieram o Irmão diretor do Colégio da Sagrada Família de Serro Azul Felipe Eugênio e o padre Afonso Kurzo daquela paróquia. Esses religiosos vieram com a missão de entender-se com o sr. Prefeito Municipal, para combinarem as grandes festividades que serão levadas a efeito em Fevereiro de 1940 em Caaró e São Miguel, por ocasião da vinda do coração do proto-mártir riograndense padre Roque Gonzalez de Santa Cruz, Segundo nos informaram os ditos religiosos, alguns milhares de peregrinos de todo o Brasil, encontrar-se-ão nessa ocasião em nosso município para assistirem as festividades aludidas¹⁴¹.

A seguir apresentaremos uma citação que demonstra a importância da Companhia de Jesus para a ascensão da religiosidade dos sul riograndenses, principalmente entre os imigrantes alemães, e também o seu papel fundamental na formação dos Congressos

¹⁴¹ RELIGIOSOS em viagem. **A Notícia**. São Luiz Missões, ano V, n. 237, p. 1, 26 fev. 1939.

Católicos no sul do país, enfim a citação apresenta o papel de destaque dos jesuítas na região sul do Brasil.

No alvorecer do século XX havia 146 jesuítas em atividade no Rio Grande do Sul, de acordo com Bärlocher 74 padres, 12 Escolásticos e 60 irmãos. “Alguns trabalhavam nas florescentes instituições de ensino, mas a maioria atuava nas 16 paróquias de colonos alemães, de onde pastoreiam cerca de 90 capelas ou estações secundárias.” A partir daí, foram organizadas associações e instituições religiosas voltadas principalmente para a vida social e econômica: cooperativas de crédito e de produção, associações de agricultores, associação de professores, a *Volksverein*, participação ativa na colonização de terras, assim como também os Congressos Católicos. Enfim, trata-se de um conjunto de práticas e instituições que não se referiam abertamente à vida religiosa dos fiéis, direcionando-se às suas vidas sociais, econômicas e culturais. No conjunto das colônias alemãs, os Jesuítas não se limitaram a apenas pastorear os colonos, mas foram paulatinamente desenvolvendo uma estrutura institucional que procurava abranger a totalidade das colônias alemãs do Rio Grande do Sul e oeste catarinense, visando estabelecer uma maneira específica de ser entre os imigrantes alemães e seus descendentes, na qual a religiosidade ocupava lugar fundamental. Os Congressos Católicos se constituíam em instrumentos privilegiados para isso, principalmente porque forneciam um canal direto de comunicação com representantes de grande parte das colônias alemãs da região, através do qual se veiculavam as idéias e concepções acerca do mundo social. (WERLE, 2006, p. 123-124)

Nas revistas católicas encontramos textos sobre a passagem do coração do Pe. Roque González pelo Rio Grande do Sul. Sendo que, a passagem foi entendida pelo clero sul-riograndense como ato de devoção, peregrinação e reconhecimento de que em terras sulinas se produziu um evento vinculado à história de fundação do Estado do Rio Grande do Sul, esse momento procurou a promoção da sacralização do espaço, do tempo e da sociedade riograndense, enquanto um Estado católico. Nessa perspectiva se inscreve a revista “Rainha dos Apóstolos”, nela encontramos um artigo sobre o tema, que foi publicado em março de 1940.

Sob a maior impressão de entusiasmo e devoção popular o Rio Grande recebeu o coração do B. Roque Gonzales. Foi comoventíssima a sua entrada em várias cidades do nosso Estado, como S. Ângelo, Santa Maria, Serro Azul, Porto Alegre, Cachoeira, S. Cruz, São Leopoldo, etc. Uma verdadeira apoteose, um triunfo, como muito bem nos descrevem todos os jornais, mesmo neutros.

Em 1928 a nossa revista, por ocasião da passagem do 3º Centenário da morte dos primeiros apóstolos de Terras Gaúchas, se ocupou de tão relevante acontecimento e publicou um número especial com sólidas colaborações e belas ilustrações sobre as Missões Jesuíticas fundadas pelos Três Mártires Riograndenses.

É necessário destacar a atuação do P. Frederico Schwinn Gonzales P.S.M. em favor dos mártires riograndenses Roque Gonzales e companheiros. Muito falou, muito escreveu e muito fez a este respeito¹⁴².

¹⁴² O CORAÇÃO do Beato Padre Roque Gonzáles. **Rainha dos Apóstolos**. Santa Maria, ano XVIII, n. 3, p. 66, mar. 1940.

Observando o artigo, somos capazes de aferir que mesmo não sendo de sua congregação, a vinda do coração do Pe. Roque González foi a apoteose das comemorações do 4º Centenário da Companhia de Jesus durante o Congresso Católico em Cerro Azul, logo, os palotinos não conseguiram deixar de tratar da sua passagem pelo Estado do Rio Grande do Sul. Dessa maneira, o recurso utilizado para não deixar de participar desse grande evento religioso foi conferir destaque para a atuação de um padre palotino, Pe. Frederico Schwinn Gonzales P.S.M, o apresentando como um dos defensores e propagadores da devoção aos padres Roque, Alonso e Juan no Estado. Além do mais, a passagem do coração pelo Rio Grande do Sul fez com que o universo simbólico cristão se tornasse único, inquestionável.

Nesse sentido, sempre encontramos na revista “Rainha dos Apóstolos” referência aos padres mortos no Caaró, entretanto quando acontece um grande evento, que corresponde à passagem do coração do Pe. Roque pelo Estado, não encontramos muitas publicações sobre o evento e temos na revista apenas um artigo sobre a vinda do coração. Além disso, não encontramos nenhuma referência as comemorações do 4º Centenário da Companhia de Jesus. Assim, observamos que provavelmente os palotinos estavam ressentidos com o destaque dos jesuítas, em decorrência da passagem do coração e das comemorações. Nessa perspectiva, também corroboram outros fatores, pois em 1940 os palotinos organizam inúmeros Congressos Católicos, além de trazerem muitos artigos sobre essa temática em sua revista. Além disso, com a passagem do coração não podemos deixar de lado seu aspecto místico, pois se buscava com a vinda da relíquia corroborar com o entendimento de que os jesuítas fundaram o Rio Grande do Sul, através da cristianização nas Missões Jesuítico-Guarani.

Enquanto na revista “Rainha dos Apóstolos” encontramos apenas um artigo sobre a passagem do coração, na revista “UNITAS” temos dois textos sobre esse tema. Um dos textos compreende o discurso proferido pelo Arcebispo de Porto Alegre D. João Becker por ocasião da recepção do coração do Pe. Roque González na Igreja de São José.

A vinda do venerando coração do Beato Padre Roque González de Santa Cruz enche de alegria e de júbilo os católicos desta capital. Os sinos de todas as igrejas, com suas vozes metálicas, o saúdam e lhe entoam o primeiro majestoso hino. Os órgãos e o coro enchem este templo com as melodias de cânticos sacros. O clero secular e regular, os sodalícios religiosos e grande parte da população estão aqui reunidos para prestar ao primeiro mártir do Rio Grande do Sul respeitosa homenagem de veneração. Desde a fronteira do Estado, através de muitas cidades riograndenses, a preciosa relíquia foi alvo das mais carinhosas manifestações de apreço e referência. Assim podemos dizer que Deus Nosso Senhor quis coroar o

Beato Padre Roque de gloria de honra na passagem triunfal de seu verdadeiro coração pelo Rio Grande.¹⁴³

Assim, temos a partir da citação nas revistas católicas, “Rainha dos Apóstolos” e “UNITAS”, uma descrição de como foi apresentado no Estado a vinda do coração do Pe. Roque González. Além disso, na citação é enfatizado que o padre Roque González foi o primeiro mártir do Rio Grande do Sul, logo é atribuído a ele o caráter de protomártir e de mito fundador do Estado. Em ambas as publicações são mencionadas as manifestações de apreço da comunidade católica por causa da passagem do coração. A relíquia percorre diferentes municípios do Rio Grande do Sul, ficando mais de 30 dias sob o poder dos padres jesuítas no Estado, inicia o seu percurso no dia 15 de fevereiro, na cidade de Santo Ângelo e retorna para a Argentina no dia 27 de março, saindo do município de Santa Maria.

Porém, a mobilização promovida pela passagem do coração no Estado do Rio Grande do Sul, encontra-se diretamente relacionada com a organização do Congresso Católico de Cerro Azul. Desse evento religioso trata a revista “UNITAS” em uma publicação de março de 1940.

Uma preciosa relíquia, o coração do ven. Roque González, proto-martir do Rio Grande, por ocasião do Congresso Católico de Serro Azul, foi trazido de Buenos Aires e depois exposto a veneração em numerosos lugares do Estado. Por toda parte, por entre manifestações de extraordinário interesse e profunda piedade, o povo católico venerou tão insigne relíquia. O Congresso Católico de Serro Azul, organizado em fevereiro pela Sociedade União Popular, igualou em esplendor e concorrência de povo as reuniões semelhantes que anteriormente a mesma entidade levou a efeito para fazer penetrar sempre mais o espírito cristão nos corações e na vida pública, social e econômica da população rural de origem alemã. Realizado em Serro Azul, uma de suas principais manifestações públicas da fé foi a Romaria do Caaró, ao lugar do martírio do bem aventurado Roque Gonzalez e aonde foi levada a sagrada relíquia do mesmo, a saber o seu coração, perfeitamente conservado.¹⁴⁴

A partir do fragmento textual discursivo é perceptível que aliada à proposição já apresentada por Santini (1940), podemos aferir que o coração do Pe. Roque González veio ao Estado para coroar a realização do Congresso Católico de Cerro Azul, que tinha como um de seus principais objetivos as comemorações do 4º Centenário da Companhia de Jesus. A mobilização para a realização desse evento religioso não só trouxe o coração do Pe. Roque para o Estado, como promoveu uma peregrinação ao Caaró, que foi designado como o local

¹⁴³ BECKER, J. Discurso. **UNITAS**: Revista Eclesiástica de Porto Alegre, Porto Alegre, ano XXVII, n. 5-6, p. 153, mai./jun. 1940.

¹⁴⁴ NA ARQUIDIOCESE. **UNITAS**: Revista Eclesiástica de Porto Alegre, Porto Alegre, ano XXVII, n. 3-4, p. 119, mar./abr. 1940.

da morte dos padres, ou seja, não bastava trazer a relíquia era preciso que ela retornasse ao lugar do martírio. Essa peregrinação foi tão significativa para o Congresso Católico em Cerro Azul que a revista “UNITAS” a apresenta como a própria Romaria do Caaró, que nesse período já se realizava no Santuário do Caaró. A partir dessas primeiras ponderações sobre esse evento religioso, passemos a algumas considerações de Santini, em seu livro “Triunfos dum Coração”, sobre o percurso da relíquia e sua presença no Congresso Católico de Cerro Azul.

Cerro Azul. 15-20 de fevereiro. Em Cerro Azul tudo estava organizado para a entrada solene. Grande número de sacerdotes e uns 10.000 fiéis aguardavam a preciosa relíquia. [...] “O Pe. Rambo em breve e calorosa alocação agradeceu a todos que haviam contribuído para a esplendida organização do Congresso e para a viagem do coração prodigioso. O Pe. Provincial lançou ao povo a primeira bênção com a relíquia, levando-a, em seguida, para o interior da matriz, onde foi exposta a veneração pública num altar lateral. (SANTINI, 1940, p. 33)

No dia 15 de fevereiro de 1940, o coração do padre Roque González inicia, por Santo Ângelo, sua passagem pelo Estado do Rio Grande do Sul, sendo levado no mesmo dia a Cerro Azul, para sua participação no Congresso Católico. “O coração do Beato Roque foi, por assim dizer, o ponto de gravitação de todo o Congresso, imprimindo-lhe o cunho de um entusiasmo único nos Congressos Católicos coloniais.” (SANTINI, 1940, p. 35) Com isso, através do discurso católico, podemos perceber que ele estava empenhado em inculcar nos cristãos o sentimento de gratidão por este ato solene, que buscava no passado uma interpretação sobre a passagem do coração do padre Roque, ressignificando-o naquele momento, pois a vinda do coração sacraliza o local da morte dos padres.

Nos primeiros cinco dias em que estive no Estado o coração permaneceu na região das missões, estive na sede da cidade de São Luiz Gonzaga, em São Miguel, Santo Ângelo, Caaró e no distrito de Cerro Azul. Nesse período o coração não percorreu longas distâncias, devido a sua presença no Congresso Católico de Cerro Azul, sendo que os municípios que visitou, durante esses cinco dias, compunham a programação do evento religioso, como podemos observar na citação abaixo, em que é descrita a comoção da população diante da relíquia.

São Luiz das Missões – 19 de fevereiro. O vigário, Revendo Pe. Preussler, rodeado de milhares de fiéis, carregou a relíquia até o centro da cidade, onde se ergue, sobre alto pedestal, a figura majestosa do Beato Roque, abençoando com o crucifixo. Aos pés desse monumento proferiu o Reverendo Monsenhor Wolski uma breve alocação repassada de ardente entusiasmo, e abençoou com a relíquia a paróquia e o município todo. [...] O prefeito se comoveu até as lágrimas diante do entusiasmo religioso de seu povo. Nem o soldado mais jovem do quartel faltou naquele dia. (SANTINI, 1940, p. 34-35)

Ainda, sobre a citação podemos aferir que até mesmo os militares se fizeram presente, diante da grandiosidade da passagem do coração do padre Roque González. Além disso, existia entre os jesuítas e os militares a disputa pelo passado guerreiro sul-rio-grandense, e era vigente na historiografia militar que tornava o passado o produto de momentos heróicos dos militares, que nessa concepção foram os responsáveis por construir/delinearem a fronteira sul-rio-grandense¹⁴⁵.

Antes de tratarmos da peregrinação do coração ao Caaró, acreditamos que é pertinente explicarmos como, nesse período, se constituía espacialmente a região. Segundo dados do IBGE, o município de São Luiz Gonzaga no quinquênio 1939/1943, era composto por oito distritos: o da sede com as zonas de São Luiz Gonzaga e Bossoroca (ex-Igrejinha), Cerro Azul (atual Cerro Largo), Guarani (ex-Colônia Guarani), Porto Xavier, Quarepoti (ex-São Lourenço), Roque Gonzalez, Santa Lúcia (atual Caibaté) e São Nicolau¹⁴⁶. Ou seja, em 1940, momento de realização do Congresso Católico em Cerro Azul e de peregrinação ao Caaró, esse evento religioso estava acontecendo em distritos do município de São Luiz Gonzaga. Sendo que, Cerro Azul só se torna município em 1954, já com o nome de Cerro Largo, através da lei estadual nº 2.519, de 15 de dezembro. Enquanto que, Caibaté só se desmembra de São Luiz Gonzaga e se torna município em 1965.

Peregrinação a Caaró – 20 de fevereiro. A coroação de todo o Congresso consistiu numa peregrinação a Caaró, lugar de martírio dos beatos Roque González e Afonso Rodrigues, em pleno campo aberto. Devido à difícil travessia do Ijuí, muitos congressistas fizeram já no dia anterior a longa viagem de 40 Kms, uns a pé, outros a cavalo, outros enfim de ônibus. Mas o movimento mais febril, nos três pontos de travessia, começou à meia noite, continuando as balsas a transpor os peregrinos até as nove horas da manhã. O último auto, que passou o rio, foi o de Sua Excelência Reverendíssima D. Antônio Reis, DD. Bispo de Santa Maria, que levava em suas sagradas mãos a relíquia. Umas 5.000 pessoas tinham ocorrido a Caaró. O Reverendo Pe. Provincial celebrou o Santo Sacrifício da Missa, precisamente no lugar, onde o Beato Roque sucumbira aos golpes do tacape guarani, consagrando o solo riograndense com o seu sangue sacerdotal, pouco depois de ter saciado seu zelo com o sangue de Jesus. A grande multidão de fiéis, que lá se reunira, sentia-se feliz de poder pisar a terra dos mártires, de ouvir da boca do Reverendo Padre Jaeger a autêntica e singela descrição do martírio em 1628, e escutar as palavras de perdão que, naquele mesmo lugar, saíram do coração do Beato Roque 312 anos atrás. (SANTINI, 1940, p. 36)

Na citação, identificamos inúmeros elementos como, dentre eles podemos citar o entendimento de que Roque González era o representante da civilização cristã ocidental, em

¹⁴⁵ Nessa perspectiva se inscrevem as obras de Alfredo Varela, Tarso Frago, General João Borges Fortes.

¹⁴⁶ Disponível em: <http://www.cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?lang=&codmun=431890>. Acesso em: 13 de out. 2013.

oposição ao guarani exótico, selvagem, rústico e bárbaro. Essa construção discursiva sobre o guarani demonstra o caráter pejorativo e depreciativo atribuído a ele. Além disso, promove a construção de estereótipos e estigmas sobre a população indígena, ao tratar o guarani como o selvagem que mata a golpes de tacape o padre Roque e seus companheiros.

O relato apresentado por Santini (1940) afirma que a peregrinação ao Caaró compreendeu uma viagem de 40 quilômetros, que foi realizada por pelo menos cinco mil congressistas, um número expressivo até para os dias de hoje, mas muito mais significativo num período em que esse percurso era realizado, majoritariamente, a pé ou a cavalo. A peregrinação ao local da morte dos padres Roque e Alonso, pode ser considerada o ápice do Congresso Católico de Cerro Azul e da vinda do coração, pois por 312 anos a relíquia esteve afastada do lugar da morte dos padres, sendo que o seu retorno ao local do martírio consagra-o como o local designado. E dessa maneira, promove a consolidação da Romaria do Caaró, pois não bastava definir o local da morte dos padres era preciso que ele fosse legítimo, e para isso o retorno da relíquia compreendeu o ápice dos esforços dos sacerdotes para promoverem a devoção aos padres.

A passagem do coração pelo Estado do Rio Grande do Sul teve por objetivo entusiasmar os católicos. Sendo que, após a passagem da relíquia repercutiram alguns milagres atribuídos ao coração do Pe. Roque González. No livro “Triunfos dum Coração” são apresentados esses milagres, num total de sete, sendo que apenas um deles é anterior a passagem do coração pelo Rio Grande do Sul, pois aconteceu em 1935, dos demais milagres, cinco acontecem durante a passagem do coração pelo Estado e o outro alguns meses depois, em outubro de 1940¹⁴⁷.

Ainda, no dia 20 de fevereiro de 1940, após participar da Peregrinação ao Caaró, o coração esteve em São Miguel, e de lá foi para Santo Ângelo. “Em Santo Ângelo aguardávamos o carro motor, que o Governo do Estado pusera generosamente à nossa disposição”. (SANTINI, 1940, p. 37) Entretanto, toda a mobilização causada pela vinda do coração do Pe. Roque para o Estado do Rio Grande do Sul tinha um objetivo abrilhantar o Congresso

¹⁴⁷ O primeiro milagre foi o relato da cura de Fernando Onzi, que aconteceu no dia 22 de janeiro de 1935, após 5 meses de doença que o impedia de comer e do diagnóstico de um tumor no cérebro, pertencia a Capela do Menino Deus (São João, paróquia Nossa Senhora da Conceição, Caxias). O segundo milagre aconteceu com Albino Hoff, em 20 de fevereiro de 1940, pertencente ao Vale de São Pedro (paróquia de Bom Princípio). O terceiro milagre ocorreu com Paulo Kaefler, a cura aconteceu no dia 3 de março de 1940, pertencente a Arroio do Meio. O quarto relato de cura foi de Adele Zanotto Scalco, 6 de março de 1940, pertencente a Vista Alegre, distrito de Prata. O quinto milagre aconteceu com Helena Esperança Peruzzatto, a cura aconteceu no dia 9 de março de 1940, na cidade de Caxias. Também na cidade de Caxias aconteceu o sexto milagre, com Flora Savaris Mattana, que obteve a cura no dia 13 de março de 1940. Por fim, o sétimo milagre atribuído aos “Mártires do Caaró” corresponde a cura de Jacó Backes, que aconteceu no dia 26 de outubro de 1940, ele era da cidade de Bom Princípio (Santa Terezinha).

Católico que aconteceu em Cerro Azul em 1940 e conferir mais brilho as comemorações do 4º Centenário da existência da Companhia de Jesus. O Congresso Católico em Cerro Azul corrobora com a tese de que os católicos rio-grandenses deveriam cultivar o sentimento de gratidão para com os mártires jesuítas, que são apresentados como expoentes da cristandade, que deixaram seu sangue no solo rio-grandense.

Nesse sentido, no que se refere às comemorações do 4º Centenário da Companhia de Jesus, ocorrido em 27 de setembro de 1940¹⁴⁸, encontramos três artigos que tratam sobre o tema na revista católica “UNITAS”, todos publicados em setembro de 1940. Também, encontramos duas publicações sobre o assunto na “Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul”, uma delas do terceiro trimestre de 1940 e a outra do primeiro trimestre de 1942, sobre a última publicação é um texto do período das comemorações do 4º Centenário que é publicado posteriormente. E no que se refere ao jornal local “A Notícia”, temos uma publicação sobre o assunto no dia 29 de setembro de 1940. Entretanto, não encontramos nenhuma publicação sobre o tema na revista “Rainha dos Apóstolos”.

Não precisa reafirmar que os jesuítas foram e são os grandes arautos da fé em Pernambuco, Rio de Janeiro e São Paulo. Nem é preciso que repita que Roque Gonzalez e seus companheiros plantaram a cruz da redenção no meio dos nossos índios e fecundaram, com seu rubro sangue, as coxilhas rio-grandenses. CerrPor isso, não quero dizer que a Companhia de Jesus é benemérita da civilização cristã, que o Brasil lhe deve os maiores benefícios da ordem espiritual e temporal. Porque todos os reconhecem e atestam¹⁴⁹.

A partir da citação observamos o papel de destaque atribuído aos jesuítas para a formação da fé no Brasil, e conseqüentemente, para que nos tornássemos civilizados. Nesse sentido, D. João Becker ao proferir seu discurso em comemoração ao 4º Centenário da Companhia de Jesus utilizasse de um recurso retórico, a negação, para conferir destaque às ações promovidas pelos jesuítas no Brasil. Entretanto, o que consideramos mais relevante na citação compreende o momento em que D. João Becker enaltece a figura de Roque González e de seus companheiros, os apresentando como os responsáveis por plantarem a cruz da redenção entre nossos índios. Dessa maneira, identificamos que nas comemorações do 4º Centenário da Companhia de Jesus, eles pretendiam rememorar fatos edificantes, assim a

¹⁴⁸ Nesse dia, Getúlio Vargas reconheceu a importância da Companhia de Jesus, sua relevância na construção da História e da educação no país e, conseqüentemente, no Rio Grande do Sul. Conforme o decreto presidencial nº 6355 de 27 de setembro de 1940.

¹⁴⁹ BECKER, J. Discurso. **UNITAS**: Revista Eclesiástica de Porto Alegre, Porto Alegre, ano XXVII, n. 9-10, p. 298, set./out. 1940.

morte dos padres Roque, Alonso e Juan, na primeira metade do século XVII, foi um dos episódios eleitos pela Companhia para as comemorações.

Por certo nenhuma outra nação terá, mais do que o Brasil – e talvez nenhuma tanto, quanto o Brasil - o dever de celebrar o quarto centenário da Companhia de Jesus. O Brasil nasceu com ela, antecedendo-a de apenas quarenta anos, e lhe coube logo receber as primícias de sua obra de catequese e educação, a primeira prédica dos seus primeiros missionários, o sacrifício dos seus primeiros mártires¹⁵⁰.

Na citação são enaltecidos os trabalhos realizados pelos padres da Companhia de Jesus no Brasil, isso no que se refere à catequese e a educação, bem como os sacrifícios realizados pelos jesuítas para cumprirem com esses objetivos. Porém, mais do que rememorar fatos edificantes e valorizar os trabalhos realizados pelos padres jesuítas no Brasil, temos durante as comemorações do 4º Centenário da Companhia de Jesus a aproximação entre o governo e os jesuítas, sendo os últimos representantes da Igreja Católica. Essa relação torna-se próxima, a tal ponto que o governo cria um decreto em que reconhece as comemorações do 4º Centenário da Companhia como nacionais, não sem antes conferir a Companhia de Jesus a responsabilidade pela formação da disciplina moral entre os brasileiros. Abaixo transcrevemos o decreto assinado pelo Presidente da República, Getúlio Vargas, acerca do IV Centenário da Companhia de Jesus.

Considerando que a Companhia de Jesus, durante os primeiros séculos da história do Brasil, constituiu a mais vigorosa força espiritual da colonização, espalhando a fé que se tornou comum, imprimindo à sociedade em formação a disciplina moral que perdurou, organizando a educação em todos os seus aspectos, segundo métodos e diretrizes que possibilitaram a existência de uma cultura nacional do mais alto sentido; considerando que tamanha obra realizada com amor, dedicação, sacrifício, é reconhecida pelos historiadores brasileiros, como base, das mais importantes, da civilização nacional, o Presidente da República decreta:

Artigo único. Consideram-se nacionais as homenagens que ora se prestam em todo o país a Companhia de Jesus por motivo da comemoração do 4º Centenário de sua fundação, e a ela se associa o governo federal.¹⁵¹

Na citação identificamos o reconhecimento do governo federal no que se refere às comemorações do 4º Centenário de fundação da Companhia de Jesus, ao considerar nacionais as homenagens empreendidas por todo o território nacional. Através do decreto, o presidente Getúlio Vargas toma a religião católica como nacional e a insere dentro dos demais elementos da construção nacional. Além disso, atribui a Companhia de Jesus a responsabilidade pela

¹⁵⁰ AZAMBUJA, Darcy. O Brasil e a Companhia de Jesus. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul**, ano XXII, p. 5, jan./mar. 1942.

¹⁵¹ Legionário, n.º 421, 6 de outubro de 1940. Disponível em: http://www.pliniocorreadeoliveira.info/LEG7%20401006_Aforcadonazismona5acoluna.htm. Acesso em: 5 dez. 2013.

organização da “disciplina moral”, da “organização da educação” e da “cultura nacional, nesse sentido era legítimo considerar nacionais as homenagens prestadas a Companhia de Jesus em todo país. Dessa maneira, temos com as comemorações do 4º Centenário um dos elementos que promoveu a consolidação da Romaria do Caaró.

Enfim, esses dois elementos, a vinda do coração do Pe. Roque ao Estado e as comemorações do 4º Centenário da Companhia. Associados a um contexto de aproximação entre o Estado e a Igreja Católica, como observamos através do Concílio Plenário Brasileiro e do decreto que considera nacional as homenagens prestadas durante a comemoração do 4º Centenário da Companhia de Jesus, correspondem aos fatores que promoveram a consolidação da Romaria do Caaró durante o Estado Novo.

CONCLUSÃO

Todo o evento tem um princípio que marca a memória e a história das pessoas que passam a ressignificá-lo em diferentes momentos. Nesse sentido, os primórdios da Romaria do Caaró se remetem a conquista espiritual empreendida pelos jesuítas desde os primeiros anos do século XVII, quando eles se dirigem para a região do Rio da Prata, mais especificamente, para a margem direita do rio Uruguai com o intuito de evangelizar as populações indígenas que habitavam aquele local, conquistando-as espiritualmente em nome da Igreja Católica reformada, pós Concílio de Trento, da Companhia de Jesus e da Coroa de Espanha.

Nessa perspectiva, se inscreve a narrativa sobre a evangelização de indígenas promovida pelo padre Roque González de Santa Cruz e seus companheiros, Alonso Rodríguez e Juan Del Castillo. Segundo os relatos, no dia 15 de novembro de 1628, os padres Roque e Alonso foram mortos, e dois dias depois, em 17 de novembro de 1628, ocorreu a morte do jesuíta Castillo nas proximidades do rio Ijuí. No dia seguinte, os indígenas revoltosos retornaram ao local em que os padres Roque e Alonso foram mortos, e encontraram o coração do padre Roque, que segundo o relato presente nas cartas ânuas contemporâneas ao episódio, falou aos seus algozes.

Após, a morte dos padres foi realizada uma reparação, e nela um grande número de indígenas foram assassinados. Os primeiros passos para a beatificação dos missionários foram dados nos seis meses depois do fato, com a anotação de todos os dados a respeito dos episódios que envolviam os três padres, mas por quase trezentos anos ele ficou restrito a publicações eclesásticas, cartas anuas, hagiografias e outros tipos de publicações da Companhia de Jesus. Entretanto, a narrativa desse episódio seduziu, e ainda seduz, muitas pessoas, que a defendem, valorizam e buscam nela um sentido, tanto espiritual quanto material. Em 2010, quando estivemos na Romaria do Caaró numa viagem de estudos presenciemos a devoção da população a relíquia, pois muitos romeiros se mostraram comovidos com a presença do coração na romaria. Ainda, cabe destacar que, nesse ano, o coração do Padre Roque González estava de passagem pelo Estado do Rio Grande do Sul, participando da Romaria da Medianeira, em Santa Maria, e da Romaria do Caaró, em Caibaté, ou seja, a passagem da relíquia mobilizou não só a região das missões, mas também a região central do Estado do Rio Grande do Sul.

O itinerário da nossa pesquisa teve por objetivo buscar e analisar determinadas fontes históricas, no que se refere às revistas impressas do começo do século XX no Rio Grande do Sul, algumas de abordagem católica e outras de origem laica, o que se constitui numa contribuição importante ao debate, posto que, até o momento não se tem conhecimento do uso destas fontes na historiografia missioneira. A análise destas fontes, principalmente as católicas, nos permitiu desvelar as construções históricas de diferentes membros do clero católico do início do século XX, intelectuais preocupados em construir narrativas sobre os episódios do Caaró e do Ijuí, que remontam a morte dos três jesuítas supramencionados. Na verdade as narrativas nos permitiram compreender as disputas pelo passado histórico sul-rio-grandense sob a ótica da Igreja Católica num momento ímpar: do encontro da relíquia cristã, o coração do padre Roque, em terras rio-grandenses, confirmando a tese do mito fundador, aquele que banhou de sangue as terras profanas dos indígenas, tornando-as sagradas. Esta construção de narrativa histórica encontra porto seguro na certeza do local do “martírio”, o Caaró, confirmada pelo intelectual padre Luiz Gonzaga Jaeger, ao final da década de 1920.

A imprensa católica se tornou a fonte, a porta-voz da certeza, da confirmação, da propagação do evento, que em seu âmago traz a disputa clerical pelo passado histórico, em meio às teses do Instituto Histórico Geográfico do Rio Grande do Sul, de orientação positivista e laica, pelas quais historiadores como os generais Tasso Fragoso e João Borges Fortes defendiam que este mesmo passado era o exemplo da ação de homens fortes, militares que defenderam a terra com a sua vida, o seu sangue em meios aos lances de heroísmo. Nesta visão que vangloriava a narrativa militar, um grupo de historiadores do IHGRS buscava uma visão hegemônica sobre o passado, disputando com os historiadores de orientação católica, como Carlos Teschauer e Luiz Gonzaga Jaeger, que para além de membros do mesmo instituto, vão contar com a imprensa católica para propagar as suas pesquisas e narrativas históricas.

Em meio a estas disputas, encontramos na revista católica “Rainha dos Apóstolos” publicações desde 1924 que conclama a população a se organizar para render homenagens aos “Mártires do Caaró”, mas era preciso alguns elementos para que a Romaria do Caaró fosse construída. Primeiro, era preciso rememorar os padres, suas vidas, obras e mortes, essa função foi executada pelas publicações católicas e laicas¹⁵² do período, tendo como ápice as comemorações do tricentenário da morte dos padres. Além disso, outros dois elementos são

¹⁵² A presença dessa história em publicações laicas se deve ao fato dos membros da Companhia de Jesus estarem presentes em distintos corpos editoriais, o que permitir que em 1928, quando da comemoração do tricentenário de morte dos padres, fosse publicado uma edição especial na “Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul”, que tratava, apenas, sobre os “Mártires do Caaró”.

fundamentais para a formação da Romaria do Caaró, encontrar o coração do Pe. Roque González e definir o local em que os padres foram mortos em 1628.

Em 1903, quando o padre Beccari vai a Roma é incumbido de localizar a relíquia, e a encontra nos Arquivos do Vaticano. Somente em 1928, tricentenário da morte dos jesuítas, é que ocorreu a permissão de que este objeto fosse preservado para efeitos de veneração no âmbito do catolicismo, particularmente no catolicismo popular. A relíquia estava associada ao evento fundante da História do Rio Grande do Sul, portanto a história religiosa da região. Nesse cenário, e após ser atestada a sua veracidade é que a relíquia é levada a Buenos Aires¹⁵³. Assim, temos mais um elemento para a formação da romaria, mais ainda faltava a localização do local das mortes, pois nas décadas de 1920 e 1930, as homenagens aos padres eram realizadas nas ruínas de São Miguel.

O historiador e intelectual da Companhia de Jesus, Pe. Carlos Teschauer S.J. vai aos Arquivos de Buenos Aires, onde foram guardadas a maior parte da documentação sobre as Missões da margem esquerda do rio Uruguai, e encontra alguns indícios do local da morte dos padres. Entretanto, coube ao Pe. Luiz Gonzaga Jaeger definir a localização do Caaró, através de uma expedição que organizou para a região em 1932. Sendo esse, o último elemento que faltava para a construção da Romaria do Caaró, e assim em 1933 temos a organização da 1ª Romaria do Caaró, no local designado como o da morte dos padres. Essa primeira fase, da formação da Romaria do Caaró, é coroada com a beatificação dos padres pelo Papa Pio XI, em 28 de janeiro de 1934. Mas, como a romaria foi uma proposição dos sacerdotes era preciso que a população firmasse a sua devoção aos “Mártires do Caaró”, o que só foi possível com a consolidação da Romaria do Caaró.

Dessa maneira, passamos para o momento que compreendemos como a segunda fase, a consolidação da Romaria do Caaró, que em nosso entendimento acontece durante o Estado Novo (1937-1945). No texto dividimos a consolidação da romaria em dois capítulos, o segundo e terceiro capítulo. No segundo capítulo, apresentamos o contexto que incitou a consolidação da romaria naquele período, e não num outro momento. Enquanto que no terceiro capítulo tratamos dos elementos que permitiram, efetivamente, a consolidação da Romaria do Caaró.

No que se refere ao contexto em que a romaria se consolida se faz necessário apresentarmos dois elementos fundamentais. Primeiro, a aproximação entre o Estado e a Igreja Católica, que aconteceu ao longo da década de 1930, durante o governo de Getúlio

¹⁵³ Hoje o coração do Padre Roque González encontra-se aos cuidados dos jesuítas do Paraguai, em Assúncion, cidade natal do padre.

Vargas no Brasil, como, por exemplo, na Constituição de 1934 em que se torna obrigatório o Ensino Religioso de confissão católica nas escolas públicas do país e na aproximação com ordens religiosas como os Redentoristas e os Jesuítas, mas que se fortaleceu no Estado Novo. Interessante que um dos primeiros atos do Estado Novo, em 1937, compreendeu a criação da Secretaria de Patrimônio Histórico Nacional (SPHAN), que determinou o tombamento de patrimônios históricos brasileiros, cuja maioria eram bens culturais católicos como Igrejas, mosteiros, colégios e entre eles as Ruínas de São Miguel das Missões no Rio Grande do Sul, local onde já ocorria há algum tempo a romaria aos padres “mártires”.

Gradativamente, foi se consubstanciando o discurso de que a nação brasileira, antes de tudo, era uma nação cristã e enraizadamente católica, afinal os bens tombados atestavam o catolicismo e a fé da nação nesta máxima. A nossa compreensão das bases da nação católica e o discurso nacionalista do período Vargas, particularmente durante do Estado Novo, foi buscada no diálogo com a obra de Benedict Anderson, “Comunidades Imaginadas”. Assim, o nacionalismo defendido tinha como base um modo de produção (o capitalismo); uma língua oficial, o uso de outros idiomas, que não o português, foi criminalizado durante o Estado Novo; e o desenvolvimento dos meios de comunicação, como o rádio e a proliferação da mídia impressa, seja através de revistas, folhetos, semanários ou jornais. Entretanto, durante o Estado Novo temos mais de uma abordagem sobre a formação da nação e do nacionalismo, uma delas é a elaborada pelos intelectuais do período, entretanto para o trabalho optamos por priorizar o nacionalismo proposto pela Igreja Católica, através do “Projeto de Nação Católica”, que defendia que a única maneira de um país com as dimensões continentais do Brasil possuir unidade era através da religião católica.

Além disso, os jesuítas promoveram, principalmente, através de publicações, o entendimento de que são os primeiros formadores da nação, isso a partir da formação regional, nas Missões Jesuítico-Guarani, no Estado do Rio Grande do Sul, e dessa maneira, reivindicam o seu protagonismo histórico. Portanto, o discurso jesuítico de matriz católica não só defendia a tese de que a nação católica era a base do país, bem como integrava a região ao nacional sem grandes conflitos. Nesse período do Estado Novo, o intelectual da Companhia de Jesus no Brasil, padre Serafim Leite, ao escrever sobre a História da Companhia de Jesus no Brasil destaca que o seu objeto era a presença dos padres ligados a Coroa Portuguesa, mas não descarta a possibilidade de referir as ações no Rio Grande do Sul. Com isso, procurou reconhecer a grande obra da instituição ao articular regiões e populações diferentes à grande obra colonial católica, possibilitando a compreensão de que, muito antes do Estado ou o

Exército integrar as diferentes regiões ao Brasil, coube à Companhia este papel primordial integracionista a orbe católica.

Dessa forma, faz sentido à citação de caráter elogioso do decreto presidencial número 6355 de setembro de 1940, assinado por Vargas, logo no preâmbulo do tomo II da obra de Serafim Leite, cuja publicação ocorreu em 1942, sob os auspícios do Instituto Nacional do Livro (INL), órgão governamental controlado pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), braço direito na formação de mentes do governo ditatorial Vargas. No capítulo V do tomo V da obra de Leite, escrita ao sabor do Estado Novo, e publicada no começo de 1945, ele narra a ação dos jesuítas no Rio Grande do Sul no intento de integrar a região ao Brasil, cuja aliança entre Estado e Igreja, entenda-se Companhia de Jesus, está sacramentada na forma textual em que ele destaca o governo Vargas ao afirmar: “De tal forma que o Governo [Vargas] da grande nação [brasileira e católica], nos centenários de 1940” (LEITE, 1942, prefácio tomo IV) glorificou a ação da Companhia de Jesus.

Enfim, esses são os fatores que formam o contexto da consolidação da Romaria do Caaró, pois se não tivéssemos a aproximação entre o Estado e a Igreja Católica, bem como se não estivesse em discussão a formação da Nação e do nacionalismo no país, em que foi fomentado o “Projeto de Nação Católica” e que promoveu entre os jesuítas a reivindicação de seu protagonismo histórico, muito provavelmente a consolidação da Romaria do Caaró não tivesse acontecido naquele momento. Ainda, no que se refere à aproximação entre o Estado e a Igreja Católica, cabe mencionarmos que não se reduziu ao Brasil, mas que aconteceu em outros países onde os governos assumiram os projetos de nação católica.

Com isso, chegamos ao terceiro capítulo deste trabalho em que procuramos definir os elementos locais que promoveram, especificamente, a consolidação da Romaria do Caaró. Nesse sentido, pretendíamos responder quais os elementos que convergiram para que a Romaria do Caaró se consolide durante o Estado Novo. Cabe mencionarmos que no terceiro capítulo a entrevista concedida pelo Pe. Pedro Ignácio Schmitz foi fundamental, pois sem as suas considerações não seria possível avançarmos no entendimento dos elementos que promoveram a consolidação da Romaria do Caaró.

Os elementos a que nos referimos são: a realização do I Concílio Plenário Brasileiro, que segundo Isaia (1998, p. 153), “representou uma oportunidade para mútuas manifestações de estima e entendimento entre os dirigentes católicos e Vargas”. Além desse, outros dois elementos são fundamentais, isso no que se refere à passagem do coração do padre Roque González pelo Estado do Rio Grande do Sul (1940) e sua participação no Congresso Católico de Cerro Azul. Sendo que, a vinda da relíquia para o Estado se deve as comemorações do 4º

Centenário da Companhia de Jesus (1940) e dos esforços dos jesuítas para o traslado do coração de Buenos Aires para o Rio Grande do Sul.

Os jesuítas, durante o governo de Getúlio Vargas, reivindicam seu protagonismo histórico e durante as comemorações do 4º centenário de formação da Companhia, elegeram ao padre Roque González e seus companheiros como os representantes desse passado heróico, numa disputa entre passado e presente. Além disso, a passagem do coração pelo Estado promove o aparecimento de milagres atribuídos aos “Mártires do Caaró”, como já citamos no terceiro capítulo. Nesse sentido, Alves (2008) afirma que “entre as principais razões para ir à Romaria se encontra a cura pelos milagres. Isto porque o milagre reafirma uma relação de proximidade entre o suplicante e o poder supremo, e garante a superação das dificuldades”. Assim, cabe mencionarmos que não bastava ter reencontrado a relíquia, isso em 1903, era preciso que ela retornasse ao local da morte dos padres para sacralizar esse evento e promover a consolidação da Romaria do Caaró.

Ainda, outro fator que nos leva a entender que o marco da consolidação da Romaria do Caaró são as comemorações do 4º centenário da Companhia de Jesus e a passagem do coração do padre Roque pelo Estado do Rio Grande do Sul, pode ser atribuído a análise que realizamos na mídia impressa, principalmente, a católica. A partir dela, observamos que a realização desses eventos diminuíram as publicações sobre os “Mártires do Caaró”, acreditamos que isso se deve ao aumento da aceitação da população, e a partir de então é preciso, apenas, manter o que já está consolidado.

Em novembro de 2013, ocorreu a 80ª Romaria do Caaró, no município de Caibaté, Rio Grande do Sul. Neste evento atual que nos remete ao passado, quer o colonial, quer o republicano, particularmente ao Governo Vargas, o nosso intuito foi perceber as diferentes ressignificações ocorridas ao longo do tempo, que construíram a Romaria, e que atualmente os romeiros repetem sem se darem por conta das ações concretas para efetiva-lá, como por exemplo, as leituras do passado rio-grandense empreendidas pelos padres e intelectuais da Companhia de Jesus que definiram o local do santuário como o espaço de sacralização e produção da primeira relíquia em terras sul-rio-grandenses. Assim, o local está sacramentado e hoje lhe é atribuído a origem do mito fundador da História do Rio Grande do Sul. Com isso, a visão dos padres Jaeger, Teschauer e Wolski corroborado pelo governo Vargas triunfou, talvez mais do que o coração do padre, porque a interpretação de Jaeger se difunde ainda hoje no local.

Os romeiros perpetuam o sentimento de gratidão aos padres “mártires” que fundaram a religião cristã no Rio Grande do Sul e comentam que sentem orgulho em lembrar, pelas

diferentes memórias e narrativas históricas que naquele local, o da romaria e do santuário, um dia no passado distante de 1628, o sangue dos padres batizou a terra profana dos indígenas e o evento associado ao coração sacralizou o lugar. Ao governo coube legitimar o evento e a imprensa católica propagar a versão oficial da Igreja Católica. Hoje, a romaria integra o Rota Missões¹⁵⁴ e se desenvolve em decorrência do turismo religioso, muito diferente de seus primeiros anos, em que foi preciso explicar a população os motivos pelos quais deveriam render homenagens aos “Mártires do Caaró”.

Por fim, podemos considerar que a conclusão de um trabalho é um momento sempre difícil. A dificuldade se deve a necessidade de apresentar resultados práticos, que costumam ser traduzidos em afirmações e certezas nem sempre possíveis de serem expressas. Por isso, refletimos sobre a forma mais adequada de não afirmarmos categoricamente resultados, pois acreditamos na impossibilidade de realizá-lo. Nesse sentido, trabalhos científicos são passíveis de críticas e revisões, e não é nossa intenção que o trabalho se esgote com esta dissertação, assim acreditamos na possibilidade de realização de outros trabalhos sobre a Romaria do Caaró e os elementos que a cercam¹⁵⁵.

¹⁵⁴ Rota Missões é um programa que pretende fomentar o turismo na região das missões.

¹⁵⁵ Nesse sentido, algumas temáticas ainda são passíveis de questionamentos como: as influências políticas, econômicas e sociais dos intelectuais jesuítas, como Luiz Gonzaga Jaeger S.J. e Balduino Rambo, durante a formação e consolidação da Romaria do Caaró. Assim, é possível num trabalho futuro refletir sobre outras vozes, outros agentes (intelectuais católicos, outras igrejas, outras ordens, etc) que tornariam a história da consolidação da Romaria do Caaró mais multifacetada. Ou ainda, uma análise mais voltada aos meios de comunicação, a comunidade de leitores e a cultura escrita, enfim existem muitos campos a explorar, demonstrando que o trabalho não se esgota nesta dissertação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS, ELETRÔNICAS E DOCUMENTAIS

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, L. A. Autoritarismo e democratismo: uma leitura do Estado Novo. In: Encontro Estadual de História, 9., 2008, Porto Alegre. **Anais eletrônicos ...** Porto Alegre: UFRGS, 2008. Disponível em: http://eeh2008.anpuhrs.org.br/resources/content/anais/1209137920_ARQUIVO_TEXTOANPUH2008.pdf. Acesso em: 21 nov. 2013.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. O historiador naïf ou a análise historiográfica como prática de excomunhão. In: GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado (org.). **Estudos sobre a escrita da história**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2006.

ALVES, R. F. **Romeiros e Peregrino na Romaria de Santo Antônio**: O povo da cruz rumo a salvação latino-americana. 2008. 147 f. Dissertação (Mestrado em Integração Latino-Americana) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2008.

ANDERSON, B. R. **Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ANSART, P. História e memória dos ressentimentos. In: BRESCIANI, Stella. NAXARA, Márcia. **Memória e (res)sentimento**: indagações sobre uma questão sensível. Campinas, SP: Unicamp, 2001. p. 15-36.

ARMANI, C. H. **Discursos da nação**: historicidade e identidade nacional no Brasil em fins do século XIX (Recurso eletrônico). 01. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010. v. 01. 160p.

BACZKO, B. **Imaginação social**. In: *Enciclopédia Einaudi*, editado por Ruggiero Romano. Lisboa: Imprensa Nacional, 1985. p. 306-317

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edição 70, 2004.

BAIOTO, R.; QUEVEDO, J. R. **São Miguel**. A saga do povo missioneiro. 2ª Ed. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2005. 64p.

BAUMAN, Z. A construção social da ambivalência. In: **Modernidade e ambivalência**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1999. p. 62-84

BORIN, M. R. **Por um Brasil católico: tensão e conflito no campo religioso da república**. 2010. 369f. Tese (Doutorado em Estudos Históricos e Latino-Americanos), Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2010.

BRIGGS, A.; BURKE, P. **Uma história social da mídia: de Gutenberg à internet**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

BRANDALISE, C.; DOMINGOS, C. S. M. O nacionalismo na experiência democrática brasileira. Revista Outros Tempos, volume 5, número 5, junho de 2008 – Dossiê História das Américas, p. 94-112.

BRUXEL, A. **Os Trinta Povos Guaranis**. Panorama Histórico-Institucional. Porto Alegre: Editora Sulina, 1978. 166 p.

CAPELATO, M. H. R. Propaganda política e controle dos meios de comunicação.. In: Dulce Pandolfi. (Org.). **Repensando o Estado Novo**. Rio de Janeiro: FGV, 1999 , p. 167-178.

_____. O Estado Novo: o que trouxe de novo? In: FERREIRA, Jorge; Delgado, Lucilia de Almeida Neves (Org.). **O Brasil Republicano. O tempo do nacional estadismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

CAMARGO, F. Guardas militares ibéricas na fronteira platina. In: POSSAMAI, Paulo (Org.). **Gente de guerra e fronteira: estudos de História militar do Rio Grande do Sul**. Pelotas: Ed. Da UFPel, 2010. p. 67-79.

CAMPOS, N. Ação católica: o papel da imprensa no processo de organização do projeto formativo da Igreja católica no Paraná (1926-1939). **Educar**, Curitiba, n. 37, p. 259-278, mai./ago. 2010.

CAREGNATO, C.; MUTTI, R. Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo. **Texto Contexto Enfermagem**, Florianópolis, 2006, Out-Dez; 15 (4), p. 679-84.

CHIARAMONTE, J. C. **Fundamentos Intelectuais e Políticos da Independencia. Notas para una nueva historia intelectual da Iberoamerica**. Buenos Aires: Teseo, 2010.

COUTROT, A. Religião e política. In: RÉMOND, René. **Por uma história política**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ/Ed. FGV, 1996. p. 331-364

CYMBALISTA, R. Relíquias sagradas e a construção do território cristão na Idade Moderna, **Anais do Museu Paulista**, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 11-50, dez. 2006.

DALMOLIN, A. R. **A Rainha de Lauro Trevisan: modernização e religiosidade**. 2007. Dissertação (Mestrado em Comunicação), Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, Rio Grande do Sul, Brasil, 2007.

EAGLETON, T. Rumo a uma cultura comum. In: _____. **A ideia de cultura**. São Paulo: EdUNESP, 2005, p. 159-184.

_____. Versões de cultura. In: _____. **A ideia de cultura**. São Paulo: EdUNESP, 2005, p. 9-50.

EISENBERG, J. E. **As missões jesuíticas e o pensamento político moderno**: encontros culturais, aventuras teóricas. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000. 264 p.

FALCON, F. História e poder. In: CARDOSO, Ciro F. S.; VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da História**. Rio de Janeiro: Campus, 1997, p. 76.

FLORES, M. **Colonialismo e Missões Jesuíticas**. São Leopoldo: Editora EST, 1983.

FOUCAULT, M. **A ordem do Discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

GAGNEBIN, J. M. Verdade e memória do passado; Memória, história, testemunho; O que significa elaborar o passado? O rastro e a cicatriz: metáforas da memória. In: **Lembrar escrever esquecer**. São Paulo: Editora 34, 2006, p.39-48; 49-58; 97-106; 107-118.

GOLIN, T. A destruição do espaço missioneiro. In: POSSAMAI, Paulo (Org.). **Gente de guerra e fronteira**: estudos de História militar do Rio Grande do Sul. Pelotas: Ed. Da UFPel, 2010. p. 53-65.

GUTFREIND, I. **A construção do discurso historiográfico lusitano** (do triunfo ao esgotamento). In: A historiografia rio-grandense. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1992, p. 37-115.

HALL, S. A questão multicultural. In: _____. **Da Diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte/Brasília: Editora da UFMG/UNESCO, 2003, p. 51-100.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

HALL, S. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 103-133.

HAMEISTER, M. D.; GIL, T. L. Fazer-se elite no extremo-Sul do Estado do Brasil: uma obra em três movimentos. Continente do Rio Grande de São Pedro (século XVIII). In: FRAGOSO, João L. R.; ALMEIDA, Carla M. C.; SAMPAIO, Antonio C. J. **Conquistadores e negociantes**. Histórias de elites no Antigo Regime nos trópicos. América lusa, séculos XVI a XVIII. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

HOBBSAWM, E.; RANGER, T. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

ISAIA, A. C. **Catolicismo e Autoritarismo no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998. USAR no item “Relação do Estado Novo com a Igreja Católica”.

KREUTZ, E. A. **Santos Mártires das Missões**. 10. ed. Santo Ângelo: Ed. Berthier, 2003.

_____. **Santuário de Caaró**. 3. ed. Santo Ângelo: Ed. Berthier, 2001.

KONRAD, G. V. **R.A Política Cultural do Estado Novo no RS (1937-1945): imposição e resistência**. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS, Brasil, Porto Alegre, 1994.

LEITE, S. S.J. **História da Companhia de Jesus no Brasil**. Tomo III. Lisboa/Rio de Janeiro: INL, 1942.

_____. **História da Companhia de Jesus no Brasil**. Tomo V. Lisboa/Rio de Janeiro: INL, 1945.

LENHARO, A. **Sacralização da política**. Campinas, SP: Papirus, 1986.

LESSA, B. **Nheçu: no corredor central**. São Paulo: Editora do Brasil, 1999. p. 95.

LEVINE, R. O Estado Novo, 1937-45. IN: _____. **Pai dos Pobres?** O Brasil e a Era Vargas. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 81-111.

LIMA, V. A. **Mídia:** Teoria e política. 2. ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

McLUHAN, M. **Os meios de comunicação como extensões do homem.** São Paulo: Cultrix. 12ª. edição, 2002.

MANCUSO, L.; TORRES-LONDOÑO. F. **Los estudios sobre lo religioso en Brasil:** un balance historiográfico. *ISTOR – Revista de História Internacional*, México, ano II, n.9. 2002.

MARTINS, E. C. R. Cultura e Poder. IN: _____. **Cultura e Poder.** 2ª ed. São Paulo: Saraiva, 2007, p. 29-60.

MAYO, C.; LATRUBESSE, A. Sociedad Rural y militarización de la frontera en Buenos Aires. In: _____. **Terratenientes, soldados y cautivos.** La frontera, 1736-1815. 2ª ed. Buenos Aires: Biblos, 1998. cap. II, p. 51-64.

MERLOTTI, V. B. P.. **O mito do padre entre descendentes italianos.** A comunidade de Otávio Rocha. 2. ed. Porto Alegre: EST, 1979. 104p.

NEUMANN, E. S. A fronteira tripartida: a formação do continente do Rio Grande – Século XVIII. In: GRIJÓ, L. A.; KUHN, F.; GUAZZELLI, C.A.B.; NEUMANN, E. S. (Org.). **Capítulos da história do Rio Grande do Sul.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004. p. 25-46.

NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, PUC, n.10, p.7-29, dez. 1993.

OLIVEIRA, P. R. **O encontro entre os guarani e os jesuítas na Província Jesuítica do Paraguai e o glorioso martírio do venerável padre Roque González nas terras de Ñezú.** 2009. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

OLIVEN, R. G. **A parte e o todo:** a diversidade cultural no Brasil-nação. Petrópolis: Vozes, 2006.

PEDRO, L. **História da Companhia de Jesus no Brasil. Biografia de uma obra.** Dissertação (Mestrado em História). 2008. 117f – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008.

POMMER, R. M. G. **Missioneirismo:** história da produção de uma identidade regional. Porto Alegre: Martins Livreiro-Editor, 2009. 266p.

PORTO, A. **História das Missões Orientais do Uruguai.** 2. ed. rev. e melh. Porto Alegre: Livraria Selbach. Primeira Parte, Volume III, 1954. 432p.

QUADROS, E. L. **A defesa do modo de ser guarani.** O caso de Caaró e Pirapó em 1628. Porto Alegre: Edigal, 2012, 176p.

QUEVEDO, J. R. A construção da Romaria do Caaró. In: Simpósio Nacional de História, 27., 2013, Natal: UFRN, 2013. Disponível em: http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364664220_ARQUIVO_aconstrucaodaromariadocaaro.pdf. Acesso em: 5 dez. 2013.

QUEVEDO, J. R. Romaria do Caaró: Entre a Educação Histórica e a Educação Patrimonial. In: Simpósio Nacional de História, 26., 2011, São Paulo: USP, 2011. Disponível em: http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300919651_ARQUIVO_RomariadoCaaroeEducacaoHistoricaePatrimonialSNH2011XVISimposio.pdf. Acesso em: 14 jan. 2013.

RÉMOND, R. Uma História Presente in: RÉMOND, René. **Por uma história política:** Rio de Janeiro: Ed. UFRJ/Ed. FGV, 1996.

RIBAS, A. C. A boa imprensa, a política e a família: os discursos normatizantes no jornal *O Apóstolo* (1929-1959). **Espaço Plural**, Marechal Cândido Rondon-PR, n. 24, p. 96-106, jan./jul. 2011.

RONCAYOLO, M. Região. In: ENCICLOPÉDIA Einaudi, vol. 8 - Região. Lisboa: IN – Casada Moeda, 1986, p. 161-189.

ROSENDHAL, Z. (Org.). **Trilhas do Sagrado.** Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2010.

RUSSELL, B. **O poder:** uma análise social. Lisboa: Fragmentos. 1993.

ROUSSO, H. O arquivo ou o indício de uma falta. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n. 17, p. 85-91, 1996.

SANTINI, C. S.J. **Triunfos dum Coração**. Edição do Seminário Central - São Leopoldo. Novo Hamburgo: Gráfica Hambugueza, , 1940

SANTOS, C. X. “**Nossa Senhora de Medianeira Rogai por Nós**”. **A relação do Estado Novo com a Igreja Católica através dos círculos operários no Rio Grande do Sul (1937-1945)**. 2008. Dissertação (Mestrado em História)– Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008

SEIXAS, J. A. Percursos de memórias em terras de história: problemas atuais. In: BRESCIANI, Stella. NAXARA, Márcia. **Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível**. Campinas: Unicamp, 2001, p.37-58.

_____. Tênuas fronteiras de memórias e esquecimentos: a imagem do brasileiro jecamacunaímico. In: GUTIÉRREZ, Horacio; NAXARA, Márcia Regina Capelari; LOPES, Maria Aparecida de S. (orgs.). **Fronteiras: paisagens, personagens, identidades**. São Paulo: Olho D’Água, 2003, p.161-183.

SILVEIRA, D. O. Boa e da Má Imprensa: militância católica e cultura política tradicionalista nas páginas d’O Arquidiocesano. **História Agora**, v. 2, n. 11, p. 137-153, jul. 2011.

SOUZA, R. L. **Uma nova civilização brasileira: o projeto católico e o paradigma modernizador no período Estado-Novista**. Anais da XXII Reunião da Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica. Curitiba: SBPH, 2003, p. 196.

STEIL, C. A. **O Sertão das Romarias: Um estudo antropológico sobre o santuário de Bom Jesus da Lapa – Bahia**. Petrópolis: Vozes, 1996.

TORRES, J. C. O. **História das ideias religiosas no Brasil**. São Paulo: Ed. Grijalbo, 1968.

TORRES, L. H.. **Brasilidade e platinidade na historiografia do Rio Grande do Sul (1819-1975)**. Rio Grande: Editora da FURG, 2004. p. 95-192.

WERLE, A. C. **A revista de tropas do exército católico alemão**. Congressos Católicos na Alemanha e no Sul do Brasil. 2006. 223 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

WILLERS, C. K. **Rondinha, Santa Lúcia, Caibaté** – *A caminhada* de um município. 2004. 41 f. Monografia (Curso de História) – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, Santo Ângelo, 2004.

WILLIAMS, R. Marxismo e cultura. In: _____. **Cultura e Sociedade**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1969, p. 276-293.

ZIENTARA, B. Fronteira. In: ENCICLOPÉDIA Einaudi, vol. 14, Estado-Guerra. Lisboa: IN – Casada Moeda, 1989, p. 306-317.

REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS

BRASIL. Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil, de 24 de fevereiro de 1891. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Rio de Janeiro, RJ, 24 fev. 1891. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constitui%C3%A7ao91.htm. Acesso em: 6 jun. 2013.

BRASIL. Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil, de 10 de novembro de 1937. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Rio de Janeiro, RJ, 10 nov. 1937. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constitui%C3%A7ao91.htm. Acesso em: 6 jun. 2013.

BRASIL. Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil, de 16 de julho de 1934. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Rio de Janeiro, RJ, 16 jul. 1934. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constitui%C3%A7ao91.htm. Acesso em: 6 jun. 2013.

CLICRBS SANTO ÂNGELO. **As explicações do professor Sérgio Venturini sobre a localização do Caaró**. 2013. Disponível em: <http://wp.clicrbs.com.br/santoangelo/2011/08/31/santuario-do-caaro-o-coracao-das-missoes/>. Acesso em: 20 out. 2013.

HABLEMOS DE HISTORIA. **Ilustração do território das reduções**. 2012. Disponível em: http://hablemosdehistorias.blogspot.com.br/2010_12_14_archive.html. Acesso em: 21 jun. 2012.

IMIGRAÇÃO ALEMÃ. **Luiz Gonzaga Jaeger**. Porto Alegre, 2013. Disponível em <http://imigracaoalema.com/acervo-documental/biografias/000121/>. Acesso em: 17 dez. 2013.

JORNAL E REVISTA O MENSAGEIRO. **Ilustração dos municípios que compõem a Região das Missões.** Disponível em: <http://www.jom.com.br/images/stories/mapa.jpg>. Acesso em: 17 de out. 2013.

PLÍNIO CORREA DE OLIVEIRA. **Decreto 6355, de 27 de setembro de 1940.** Disponível em: http://www.pliniocorreadeoliveira.info/LEG7%20401006_Aforcadonazismona5acoluna.htm. Acesso em: 5 dez. 2013.

TURISMO SÃO LUIZ GONZAGA. **Gruta Nossa Senhora de Lourdes.** 2012. Disponível em: <http://turismosaoluizgonzaga.blogspot.com.br/2010/04/gruta-nossa-senhora-de-lourdes.html>. Acesso em: 5 dez. 2012.

VATICAN. **Carta Encíclica RerumNovarum.** 2013. Disponível em: http://www.vatican.va/holy_father/leo_xiii/encyclicals/documents/hf_lxiii_enc_15051891_rerum-novarum_po.html. Acesso em: 7 jun. 2013.

VATICAN. **Carta Encíclica QuadragesimoAnno de sua santidade Papa Pio XI.** 2013. Disponível em: http://www.vatican.va/holy_father/pius_xi/encyclicals/documents/hf_pxi_enc_19310515_quadragesimo-anno_po.html. Acesso em: 07 jun. de 2013.

VATICAN. **Carta Encíclica DiviniRedemptoris.** 2013. Disponível em: http://www.vatican.va/holy_father/pius_xi/encyclicals/documents/hf_pxi_enc_19370319. Acesso em: 6 jun. 2013.

YERBA MATE, EL ORO VERDE JESUITA. **Ilustração localizando as Reduções Jesuítico-Guaranis, de acordo com a divisão territorial atual.** 2012. Disponível em: http://www.iwg.com.ar/oroverdejesuita/_reducciones.html. Acesso em: 21 jun. 2012.

REFEÊNCIAS DOCUMENTAIS

A IGREJA e o Estado. **Rainha dos Apóstolos**, Santa Maria, ano XVIII, n. 5, p. 113-114, mai. 1940.

A NACIONALIDADE do Padre Roque Gonzáles. **Rainha dos Apóstolos**, ValeVêneto, ano VI, n. 11, p. 26, nov. 1928.

AZAMBUJA, D. O Brasil e a Companhia de Jesus. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul**, ano XXII, p. 5, jan./mar. 1942.

AZEVEDO, S. Um herói da Independência. **Rainha dos Apóstolos**, ValeVêneto, ano VI, n. 11, p. 6-19, nov. 1928.

BECKER, J. Circular. **UNITAS: Revista Eclesiástica de Porto Alegre**, Porto Alegre, ano XXVIII, n. 7-8, p. 170-171, jul./ago 1939.

_____. Discurso. **UNITAS: Revista Eclesiástica de Porto Alegre**, Porto Alegre, ano XXVII, n. 5-6, p. 153-159, mai./jun. 1940.

_____. Discurso. **UNITAS: Revista Eclesiástica de Porto Alegre**, Porto Alegre, ano XXVII, n. 9-10, p. 298, set./out. 1940.

_____. O farol que ilumina as nações. **Rainha dos Apóstolos**, Santa Maria, ano XXIII, n. 1, p. 7, jan. 1945.

_____. **UNITAS**. **UNITAS: Revista Eclesiástica da Arquidiocese de Porto Alegre**, Porto Alegre, ano I, n. 1, p. 3-4, set./out. 1913.

CAMARA, R. A propósito do Dia Missionário. **Rainha dos Apóstolos**, Santa Maria, ano XXII, n. 9, p. 205, set. 1944.

CONCLUSÕES relativas a Boa Imprensa. **UNITAS: Revista Eclesiástica da Arquidiocese de Porto Alegre**, Porto Alegre, ano XXVII, p. 244, jul./ago. 1940.

CULTORES Martyrum. **Regina Apostolorum**, ValeVêneto, ano II, n. 2, p. 24, fev. 1924.

ESPANHA. **Rainha dos Apóstolos**, Santa Maria, ano XVI, n. 9, p. 208, set. 1938.

FILOSO, M. A arma católica nas missões. **Rainha dos Apóstolos**, Santa Maria, ano XVIII, n. 9, p. 195-196, set. 1940.

HONROSO centenário. **Rainha dos Apóstolos**, ano VI, n. 9, p. 132, set. 1928.

JAEGER, L. G. Quando nasceu o padre Roque. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul**, ano VIII, p. 470, nov. 1928.

LEMBRANDO o primeiro missionário do Rio Grande do Sul. **Rainha dos Apóstolos**, ValeVêneto, ano XI, n. 12, p. 237, dez. 1933.

MAGALHÃES, R. Peregrinação a Terra Santa do Brasil. **A Notícia**, São Luiz das Missões, ano VI, n. 301, p. 3, 12 mai. 1940.

MARIA, Pe. Eurico. Dolorosa Interrogação. **Rainha dos Apóstolos**, Santa Maria, ano XXI, n. 9, p. 213, set. 1943.

MIDDELDORF, G. Os Companheiros do P. Roque González. **Rainha dos Apóstolos**, Santa Maria, ano VI, n. 11, p.19-20, nov. 1928.

MORAES, D. O coração do P. Roque. **Rainha dos Apóstolos**, ValeVêneto, ano VI, n. 11, p.7, nov. 1928.

NA ARQUIDIOCESE. **UNITAS**: Revista Eclesiástica de Porto Alegre, Porto Alegre, ano XXVII, n. 3-4, p. 119, mar./abr. 1940.

NEIS, L. Circular. **UNITAS: Revista Eclesiástica da Arquidiocese de Porto Alegre**, Porto Alegre, ano XXVI, p. 145-146, jun. 1939.

NO INSTITUTO Histórico. **Rainha dos Apóstolos**, Santa Maria, ano XVII, n. 8, p. 179, ago. 1939.

OBREIROS do nosso progresso. **A Notícia**, São Luiz das Missões, ano III, nº 141. 18 abr. 1937.

O CONCÍLIO Plenário Brasileiro. **Rainha dos Apóstolos**, Santa Maria, ano XVII, n. 8, p. 174-179, ago. 1939.

O CORAÇÃO do Beato Padre Roque Gonzáles. **Rainha dos Apóstolos**, Santa Maria, ano XVIII, n. 3, p. 66, mar. 1940.

OS PROTOMÁRTIRES rio-grandenses. **Rainha dos Apóstolos**, ValeVêneto, ano VIII, n. 2, p. 20, fev. 1930.

Rainha dos Apóstolos, ValeVêneto, ano VIII, n. 10, p. 20, fev. 1930.

Regina Apostolorum, ValeVêneto, ano I, n. 2, p. 13, jun. 1923.

Regina Apostolorum, ValeVêneto, ano II, n. 3, p. 36, mar. 1924.

RUÍNAS que edificam. **Rainha dos Apóstolos**, Santa Maria, ano XVII, n. 9, p. 197, set. 1939.

SOLDERA, A. Más leituras. **Rainha dos Apóstolos**, Santa Maria, ano XXI, n. 2 e 3, p. 70, jun. 1945.

TECHAUER, Carlos S.J. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul**, Porto Alegre, ano VIII, p. 299-300, nov. 1928.

_____. O local do martyrio. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul**, Porto Alegre, ano VIII, p. 393-395, nov. 1928

_____. Determinação do lugar do martyrio do P. Roque González. Appendicecritico. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul**, Porto Alegre, ano VIII, p. 412-414, nov. 1928.

_____. Anos de juventude e sacerdocio. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul**, ano VIII, p. 310, nov. 1928.

_____. Martyrio do veneravel P. Roque e seus companheiros. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul**, ano VIII, p. 368-369, nov. 1928.

VIDA e obras do Venerável Roque Gonzáles de Santa Cruz. **Rainha dos Apóstolos**, ano VI, n. 9, p. 133-134, set. 1928.

WOLSKI, E.. Visitando o rincão. **A Notícia**, São Luiz das Missões, ano X, n. 553, p. 1, 23 jul. 1944.

ZELADORES da nossa revista. **Rainha dos Apóstolos**, Santa Maria, ano XXI, n. 6, p. 143, jun. 1943.

Apêndice A**TÍTULO:** Rainha dos Apóstolos**ARQUIVO:** Arquivo Provincial Pallottino, Santa Maria, RS

Data	Páginas	Título	Espécie	Temática/Assunto	Autor
fev./ mar. 1937	p. 42- 43	A Hora que passa	artigo	Nacionalismo/Patriotismo, defesa por Deus e pela Pátria	Pe. José Busato P.S.M.
ago. 1937	p. 164- 166	IV Centenário do Paraguai e o seu I Congresso Eucarístico Nacional	artigo	IV Centenário do Paraguai e I Congresso Eucarístico Nacional	Pe. José Busato P.S.M.
nov. 1937	p. 233- 236	Pequeno Catecismo Missionario	artigo	Síntese para formar o povo no espirito da catequese	Pe. Asterio Paschoal
dez. 1937	p. 260- 264	Notas de viagem	artigo	Descrição sobre uma viagem a Alemanha e a situação religiosa no país	Pe. Rafael Iop P.S.M.
dez. 1937	p. 272- 274	Reunião de Professoras	artigo	Ensino religioso nas escolas	Professora F.C.P;
fev. 1938	p. 33- 34	O Comunismo	artigo	Propriedade privada	Pe. Gabriel Bolzan P.S.M.
abr.1 938	p. 82- 84	A boiada e o Bolchevismo	crônica	Comunismo/Bolchevismo	não
jun. 1938	p. 137- 138	Vamos endireitar o mundo	crônica	Mudar as ideias vigentes na sociedade	HipolitoVarzea
ago. 1938	p. 178- 180	Congregação da doutrina cristã	artigo	Ensino religioso nas escolas	Pe. José Busato P.S.M.
set. 1938	p. 195- 197	Com os que querem e não querem	artigo	Ensino religioso nas escolas	Pe. José Busato P.S.M.
set. 1938	p. 207- 208	Espanha	artigo	Espanha sob o governo do general Franco se torna católica	não
out. 1938	p. 204	O dever dos educadores	nota	Elementos que devem ser seguidos para a educação católica	não
out.	p. 213-	Aos corpos docentes	nota	Obras da Santa Infância e como os professores devem conduzir	não

1938	214			seus alunos para participarem	
jan. 1939	p. 7-9	O alarme do escândalo	artigo	Os perigos do comunismo	Artur Soldera P.S.M.
jun. 1939	p. 115	O bolchevismo	nota	Os perigos do comunismo	não
jun. 1939	p. 117- 119	O ensino religioso nas escolas públicas	artigo	Ensino religioso nas escolas	não
jun. 1939	p. 129- 130	Espiritismo e loucura	artigo	Espiritismo, as loucuras promovidas pelo espiritismo	Alfeu dos Santos
ago. 1939	p. 166- 172	Notas de viagem	artigo	Descrição da viagem ao Rio de Janeiro para participação no Concílio Plenário Brasileiro	Pe. Rafael Iop P.S.M.
ago. 1939	p. 172- 183	O concílio plenário brasileiro	artigo	Concílio Plenário Brasileiro	não
ago. 1939	p. 178- 179	Homenagem do governo ao episcopado	artigo	Jantar oferecido pelo governante Getúlio Vargas ao episcopado	não
ago. 1939	p. 179	No Instituto Histórico	nota	Homenagem que o Instituto Histórico prestou ao Episcopado Brasileiro	não
set. 1939	p. 191- 192	III Congresso Eucarístico Nacional	artigo	Convida os católicos para participarem do III Congresso Eucarístico Nacional, a realizar-se de 3 a 7 de setembro em Recife, Pernambuco.	Filântemo d'Aguiar
set. 1939	p. 192- 193	Hino Oficial do III Congresso Eucarístico Nacional	hino	Hino Oficial do III Congresso Eucarístico Nacional	D. Aquino Corrêa
set. 1939	p. 196- 200	Ruínas que edificam	crônica	Visita as ruínas de São Miguel das Missões que estimulam a vida religiosa	não
set. 1939	p. 203- 204	A Igreja e a estatística brasileira	artigo	Os católicos devem responder as pesquisas feitas pelo IBGE	Pe. José Busato P.S.M.
nov. 1939	p. 262- 263	A lição do Uruguai	artigo	Governo uruguaio reconhece a importância da Igreja Católica	Pe. José Busato P.S.M.
jan. 1940	p. 19- 20	Os palotinos na Polônia	artigo	Situação dos padres na Polônia	não

fev. 1940	p. 30- 32	O Turco da Esquina	crônica	Conta a história de um francês que não honrava a sua origem	Pe. Pedro Luiz
mar. 1940	p. 66- 67	O coração do Beato Padre Roque Gonzáles	artigo	Passagem do coração do Padre Roque por cidades do Rio Grande do Sul	não
abr. 1940	p. 88- 89	Feminibilidade	artigo	Masculinização das mulheres	não
mai. 1940	p. 113- 114	A Igreja e o Estado	artigo	A importância da boa relação entre a Igreja e o Estado	não
jun. 1940	p. 130- 132	O recenseamento no Brasil	artigo	Divulgação do recenseamento no Brasil em 1940	não
jul. 1940	p. 156- 158	O recenseamento no Brasil	artigo	Divulgação do recenseamento no Brasil em 1940	não
set. 1940	p. 195- 197	A arma católica nas missões	artigo	Defesa da política da Boa Imprensa Católica	Mario Filoso
set. 1940	p. 197- 200	Uma heresia nacional	artigo	Espiritismo apresentado aos leitores como uma religião falsa	Alfeu dos Santos
set. 1940	p. 205	Pelo bom cinema	nota	Cinema como meio de atrair as multidões para as ações católicas	não
out. 1940	p. 288	Os missionários e os seus trabalhos	artigo	Defende o trabalho dos missionários em locais de difícil acesso	não
out. 1940	p. 231- 232	Valiosos testemunhos	artigo	Criação do Museu em São Miguel das Missões	não
out. 1940	p. 235- 236	Merecidas homenagens	nota	Conta a história de um padre salesiano entre os indígenas	não
out. 1940	p. 265	Última hora	nota	Convoca os católicos a contribuírem com a Propagação da Fé	D. Antônio Reis
dez. 1940	p. 310- 311	Um retiro fechado na região serrana	artigo	Retiro com professoras e catequistas em Cruz Alta	não
jan. 1940	p. 4	Viajando	crônica	Trata das afirmações supersticiosas presentes nas publicações	Pe. Amadeu

1941				espíritas	Silva
jan. 1941	p. 8	No campo de batalha	artigo	Fala dos perigos das teorias modernas que multiplicam pagãos	Prof. José Hansel
fev. 1941	p. 31- 32	Uma do espiritismo	crônica	Narra a história de uma jovem morte pelas práticas de cura do espiritismo	Alfeu dos Santos.
fev. 1941	p. 33	Aquele velho	crônica	Narra a história de um homem que participou da Guerra do Paraguai e que na velhice não foi reconhecido pelo seu heroísmo e patriotismo	Hipólito Várzea
abr. 1941	p. 82- 85	Soldado da Pátria – Soldado de Deus	artigo	Conta a história de um homem que já foi soldado da Pátria e que naquele período era soldado de Deus, tanto que diminui o número de outras religiões na região	Pe. Amadeu Silva
abr. 1941	p. 94- 95	Província brasileira dos palotinos	artigo	Trata sobre a presença dos Palotinos no Brasil.	Pe. Celestino Trevisan e Rafael Pivetta
mai. 1941	p. 105- 106	O catecismo nas escolas	artigo	Orienta as catequistas a como proceder nas aulas de educação religiosa nas escolas públicas	Pe. Gabriel Bolzan P.S.M.
jun. 1941	p. 127- 131	Uma onda de sangue	crônica	Trata do controle da natalidade e de que a pobreza não é razão para não ter filhos, pois podem contar com o auxílio do governo.	Pe. Amadeu Silva
jun. 1941	p. 132- 133	Um decreto-lei que se impunha	artigo	Trata sobre o auxílio aos chefes de família com poucos recursos e mais de oito filhos, decreto de 19/04/1941.	Alfeu dos Santos
jul. 1941	p. 149- 152	Quando e como começar o ensino do catecismo	artigo	Referência a educação religiosa entre as famílias católicas	Pe. Gabriel Bolzan P.S.M.
ago. 1941	p. 171- 172	Cristo e o Brasil	artigo	Apresenta vários elementos da História do Brasil, para afirmar que o país pertence a Cristo	Hipólito Várzea
set. 1941	p. 195- 197	Males e remédios	artigo	Apresenta os problemas e aponta as possíveis soluções para as dificuldades religiosas do período	Alfeu dos Santos
set. 1941	p. 208	Consolemos o Santo Padre	nota	Pedido do Papa pelas Missões, referência a Guerra e ao caos. Ainda é proposto que os brasileiros devem agradecer pela paz contribuindo com as Missões católicas.	não
out. 1941	p. 217	"Introduzindo..."	nota	Pedido do Papa para que os brasileiros auxiliem as missões	não
out. 1941	p. 220-	O problema máximo das	artigo	Referência a guerra e aos milhões gastos com ela	não

1941	221	missões			
out. 1941	p. 224- 225	A situação da mulher entre os infieis	artigo	Faz referência a como vivem as mulheres nas terras pagãs	Hipólito Várzea
out. 1941	p. 249	O trabalho da mulher nas missões	artigo	Fala da importância das mulheres para o trabalho nas missões	não
nov. 1941	p. 257- 259	O irmão sofre?	artigo	Trata dos problemas de saúde pública promovido pelos espíritas	Alfeu dos Santos
jan. 1942	p. 10	O mal moderno e seus remédios	artigo	No texto a Ação Católica é apresentada como um caminho, como a solução dos conflitos mundiais	Alfeu dos Santos
fev. 1942	p. 32- 34	Católicos de estufas	crônica	Narra diferentes histórias de católicos que de alguma maneira desconhecem ou ignoram os dogmas da Igreja Católica	Pe. Amadeu Silva
fev. 1942	p. 38- 39	Um passeio de demônios	crônica	Segundo o texto, estaria o Brasil nas mãos do demônio.	Mario Filoso
fev. 1942	p. 39- 40	Rumo ao Congresso Eucarístico Nacional	artigo	Trata da importância da organização de um Congresso Nacional Eucarístico no Brasil, e de como os católicos podem colaborar com orações e doações	Alfredo Venturini
fev. 1942	p. 41- 43	A suprema dor	crônica	Relata a história de um jovem ferido na guerra que num momento de "suprema dor" retoma a fé em Deus	Hipólito Várzea
fev. 1942	p. 53	Proteção da virgem	artigo	O texto mescla histórias da guerra com a fé na religião católica	não
fev. 1942	p. 60	Departamento Nacional de Saúde	nota	Referências aos cuidados e higiene, para evitar a febre tifóide (tifo).	não
mai. 1942	p. 111	Espiritismo	nota	Trata dos perigos do espiritismo	não
jun. 1942	p. 123	Inimigos a vista	artigo	Apresenta os principais inimigos das missões (protestantes, comunistas, feiticeiros)	Pe. Gabriel Bolzan P.S.M.
jun. 1942	p. 128- 130	Um verniz da religião	artigo	Aponta que é preciso instruir os jovens no catecismo e que a partir da educação católica é possível instruir os jovens no catolicismo	Pe. Amadeu Silva

jun. 1942	p. 138	A paz do mundo	nota	Apresenta um texto de 1919 que afirma que as nações não devem entrar em conflito novamente	Pe. Carlos Borromeu
jun. 1942	p. 142	Folhas palotinas	nota	Fala da experiência dos palotinos no Uruguai	não
jul. 1942	p. 147- 148	A agonia do velho templo	crônica	Trata das destruições promovidas pela guerra (sem embates físicos)	Hipólito Várzea
jul. 1942	p. 152- 153	Católicos da última fornada	crônica	Narra diferentes histórias de católicos que de alguma maneira desconhecem ou ignoram os dogmas da Igreja Católica	Pe. Amadeu Silva
jul. 1942	p. 162- 163	ArgéneFati	artigo	Propõe que com o desenvolvimento da Ação Católica a população tomou conhecimento que também é possível a santidade aos leigos	Pe. Gabriel Bolzan P.S.M.
ago. 1942	p. 171- 176	A guerra dos feiticeiros	artigo	Trata de inúmeros grupos pagãos e de suas práticas surpersticiosas	Mario Filoso
ago. 1942	p. 180- 181	A benzedura	artigo	Nele é condenado as práticas de benzedura, afirmando que essa prática é ignorância	Hipólito Várzea
set. 1942	p. 197- 199	A praga moderna	artigo	Afirma que as práticas anti-concepcionais são anti-naturais e encabeçadas pelo pastor metodista Malthus	Pe. Amadeu Silva
set. 1942	p. 199- 200	Como o espiritismo cura	artigo	Narra as "falcatruas" promovidas pelo Espiritismo, que cobra caro por medicamentos que são distribuídos gratuitamente	Alfeu dos Santos
set. 1942	p. 208- 209	A Igreja...Só a Igreja...	nota	Afirma que quem ficar ao lado da Igreja estará protegido da crise.	Venillot
set. 1942	p. 216	Manual do Soldado católico	nota	Publiciza o livro "Manual do Soldado Católico", e através da publicação presta um serviço ao Exército e a Pátria	não
out. 1942	p. 227- 230	O monstro do inferno	artigo	Trata da guerra, fome, miséria, frio e doença que devastavam as missões católicas durante a 2ª Guerra Mundial	Mario Filoso
out. 1942	p. 241	Escutai brasileiros	nota	Fala que os verdadeiros patriotas são os que colaboram com a Ação Católica	não
nov. 1942	p. 247- 249	A necessidade do ensino religioso nas escolas	artigo	Afirma a importância do ensino religioso nas escolas	Pe. Gabriel Bolzan P.S.M.

nov. 1942	p. 252- 253	O mundo marcha	artigo	Comenta as tragédias que assolavam a sociedade naquele período	Alfeu dos Santos
dez. 1942	p. 271	Voltar atrás	nota	Afirma que o Brasil precisa retomar a sua origem e retornar a Igreja Católica	Hipólito Várzea
jan. 1943	p. 1	1943	editorial	A mensagem de início de ano é sempre otimista, nesse ano é uma mensagem com um tom preocupado, devido a guerra e a instabilidade do período.	não
jan. 1943	p. 11- 13	Respeito ao belo sexo	artigo	Retrata a situação das mulheres na sociedade, fala da falta de educação entre as mulheres naquele período	Pe. Ascâncio Brandão
fev. 1943	p. 30- 32	Rumo ao IV Congresso Eucarístico Nacional	artigo	Apresenta os bons resultados do IV Congresso Eucarístico Nacional	Pe. Gabriel Bolzan P.S.M.
fev. 1943	p. 41	Fale a História	nota	Crítica a Henrique VIII, rei da Inglaterra e fundador da Igreja Anglicana.	não
mar. 1943	p. 51- 53	Verdades sobre o protestantismo	artigo	Apresenta os defeitos e vícios do protestantismo	Pe. Amadeu Silva
abr.1 943	p. 77- 79	Um tapa na História	artigo	Fala sobre os protestantes e de como deturpam “a verdadeira” história de Martinho Lutero.	Alfeu dos Santos
abr. 1943	p. 90	O homem é um animal religioso	nota	Afirma que a religião faz parte do que compõe o homem	Pe. Brandão
mai. 1943	p. 100- 103	Rumo ao IV Congresso Eucarístico Nacional	artigo	Apresenta a trajetória dos padres durante os 33 dias de viagem para o IV Congresso Eucarístico Nacional	Pe. Gabriel Bolzan P.S.M.
mai. 1943	p. 112- 113	Presidente Getúlio Vargas	artigo	No texto, observamos um texto elogioso ao presidente Getúlio Vargas	não
mai. 1943	p. 113- 115	Receitas espíritas	artigo	Trata os usos medicinais utilizados pelos espíritas como um problema de saúde pública.	não
jun. 1943	p. 123- 126	Fátima e o fim desta Guerra	artigo	Trata das histórias de aparição de Fátima, e afirma que só com a devoção a Fátima é possível o fim da guerra	Pe. Pedro Luiz
jun. 1943	p. 126- 128	O sacrifício supremo	artigo	Relata as tristes histórias vivenciadas durante a guerra	Alfeu dos Santos
jun.	p. 138	O feitiço voltou-se contra o	nota	Faz referência aos homens que ficam constrangidos em	F. B. Destefani

1943		feiticeiro		obedecerem ao evangelho, mas apresentam uma submissão completa e cega aos tiranos.	
jun. 1943	p. 140- 141	Meninas fúteis	crônica	Faz uma crítica as jovens afirmando que elas são meninas fúteis	Assis Garrido
jun. 1943	p. 142- 143	Zeladores da nossa revista	artigo	Agradecimeto aos que colaboram com as renovações e novas assinaturas da revista, bem como a defesa da boa imprensa católica	não
jul. 1943	p. 149- 150	O momento atual	artigo	Trata das dificuldades pelas quais as sociedades estavam passando	Alfeu dos Santos
jul. 1943	p. 152- 153	Quinta-colunas da Pátria	artigo	No texto encontramos uma crítica aos casais sem filhos, isso ao afirmar que quem faz isso enfraquece o Brasil, nesse sentido são apresentados como quinta-coluna	Pe. Pedro Luiz
ago. 1943	p. 172- 175	Como atrair as crianças ao catecismo	artigo	Relata como a catequista deve se portar para cativar as crianças	Prof. Rudá F. Neves
ago. 1943	p. 190	Tempos difíceis	nota	Retrata as dificuldades enfrentada pelos padres na Europa.	não
set. 1943	p. 194- 195	O heroísmo do mundo católico	artigo	Fala da guerra e afirma que nem isso diminuiu a ajuda as missões nos países atingidos	não
set. 1943	p. 200- 202	Juventude Missionária	artigo	Relação patriotismo, Brasil, guerra, crise, campanha missionária.	não
set. 1943	p. 209	Pela Pátria	nota	Apresenta a situação dos brasileiros no interior da floresta que estavam esquecidos, mas que devido os esforços da Igreja eram entregue a Pátria	não
set. 1943	p. 212- 213	Dolorosa Interrogação	artigo	Pede auxilio pelas missões no Xingu, relacionando Igreja e Estado	Pe. Eurico Maria
set. 1943	p. 215- 217	Um novo mártir riograndense	artigo	Narra a trajetória e morte do Pe. Cristovão de Mendonza, apresentado como o quarto mártir riograndense	não
out. 1943	p. 247- 248	A Pátria e o rosário	nota	Trata dos que ainda não conhecem a religião católica no Brasil e, com isso demonstra a importância da Igreja para a Pátria	não
jan. 1944	p. 3	1944	editorial	Afirma a importância da defesa da Boa Imprensa Católica	não
jan.	p. 4	De pé	artigo	Os católicos são tratados como soldados de Cristo	Alfeu dos

1944					Santos
jan. 1944	p. 21- 22	Vila São Paulo-Sobradinho	nota	Relação das missões com o patriotismo	não
fev. 1944	p. 27- 30	A ação católica quer	artigo	O texto trata da importância e objetivos da Ação Católica	Pe. Gabriel Bolzan P.S.M.
fev. 1944	p. 43	O que disse Lenine em seu leito de morte	nota	Afirma que Lênin nas vérperas de morrer que a Rússia precisava de santos, como São Francisco de Assis	não
mar. 1944	p. 52- 53	A paz do mundo	artigo	Trata da verdadeira paz no mundo e afirma que ela está no amor a Deus e ao próximo	Pe. Palma
mar. 1944	p. 54- 56	Aos católicos	artigo	Apresenta o espiritismo como uma falsa doutrina	não
mar. 1944	p. 56- 58	Como sempre	artigo	Afirma que os católicos tem resistido aos maiores cataclismas da História	não
mai. 1944	p. 87- 88	Maria Medianeira de Todas as Graças	artigo	Apresenta Maria Medianeira de Todas as Graças como a intermediaria entre as pessoas e Deus.	não
mai. 1944	p. 88- 90	Revelado o Segredo de Fátima	artigo	Apresenta os dois segredos de Fátima revelados pela Irmã Lúcia	Mario Filoso
jun. 1944	p. 111- 112	O homem e a sociedade	artigo	Afirma que cabe ao homem a criação da boa ou da má sociedade	Alfeu dos Santos
jul. 1944	p. 135- 136	O crime dos maus	artigo	Afirma que só através da religião católica que o homem se torna bom	Pe. Palma
jul. 1944	p. 152- 153	O esporte da vida	nota	Analogia do que era empregado pelo governo para estabelecer relações com o patriotismo, em que a vida é apresentada como um esporte	Hipólito Correa
jul. 1944	p. 153- 154	Porque repelir o espiritismo	artigo	Apresenta 10 motivos para repelir o espiritismo	José Schiavo
ago. 1944	p. 161	O espiritismo em foco	crônica	Apresenta uma história em que os espíritas afirmaram que um parente havia falecido, sendo essa notícia falsa. Ainda, tratam o espiritismo como ignorância	Pe. Amadeu Silva
ago.	p. 162-	Circulo esotérico	artigo	Apresenta os círculos esotéricos e afirma que eles são o	Pe. Alfeu dos

1944	163			espiritismo sobre a máscara do ocultismo	Santos
ago. 1944	p. 175	A mulher e o sacrifício	nota	Afirma que é exigido da mulher em várias fases de sua vida o sacrifício	Tia Raquel
ago. 1944	p. 177	Curso livre de jornalismo	nota	Trata de um curso para a formação de jornalistas	não
set. 1944	p. 183-186	Pela fé, pela civilização e pela Pátria	artigo	Falam da importância de ajudar as missões e os missionários, e apresenta essa atitude como um ato de patriotismo	Pe. José Busato P.S.M.
set. 1944	p. 188-190	Para onde vai o dinheiro do Vaticano	artigo	Tratam da importância dos brasileiros continuarem colaborando com as obras das Missões	não
set. 1944	p. 194-195	É assim que se trabalha	artigo	Afirma que o governo de Getúlio Vargas era fundamental para o desenvolvimento do país	não
set. 1944	p. 195-201	Os missionários católicos são os verdadeiros nacionalizadores dos nossos selvícolas	artigo	Utilizam o discurso de um militar, o qual é legitimado no contexto de guerra, para ressaltarem a importância dos missionários católicos.	não
set. 1944	p. 203-204	O problema do índio é a má fé	artigo	Afirma que os missionários e não os militares estão entre os indígenas em locais isolados	Capitão S. Sombra
set. 1944	p. 204-207	A propósito do dia missionário	artigo	Demonstra que os missionários auxiliaram na construção do Brasil	Major Rinaldo Camara
set. 1944	p. 207-208	Missionários	artigo	Aponta que coube aos missionários colaborarem na construção do Brasil, e apresenta Roque Gonzales como um dos missionários responsáveis	Walter Spalding
out. 1944	p. 221-222	Catolicismo e protestantismo	artigo	O texto faz uma crítica o protestantismo	Pe. Amadeu Silva
nov. 1944	p. 239	Nossa Senhora e o Comunismo	artigo	Comunismo como o terror do mundo civilizado e cristão, ainda, afirma que Nossa Senhora irá derrotá-los.	R. Soares
nov. 1944	p. 255	Vítima da má leitura	crônica	Conta a história de Gervásio Bondio que antes de ser morto, na guilhotina, em 1853, afirma que as leituras imorais e incrédulas o levaram a se tornar um criminoso	Agostinho Serrano
dez. 1944	p. 274-275	Escandalizando os negros!!!	artigo	Trata de um caso que aconteceu na África, em que um negro, recém batizado, tem acesso a uma das revistas que a Igreja	Pe. Gabriel da Rosa

				condena, a má imprensa	
dez. 1944	p. 278	Combatendo o espiritismo	nota	Afirma que não tem cabimento em uma cidade essencialmente católica a Prefeitura ceder espaço para uma conferência espírita	não
jan. 1945	p. 5-7	O farol que ilumina as nações	artigo	Nesse caso, o farol que ilumina as nações corresponde a Igreja Católica, que contribuiu com a difícil situação das sociedades daquele período	D. João Becker
jan. 1945	p. 10	Congresso Católico em José Bonifácio	nota	Trata sobre o Congresso Católico na cidade de José Bonifácio, que aconteceu entre os dias 21 a 28 de janeiro de 1945	não
jan. 1945	p. 20-22	Congresso Eucarístico Interparoquial de Vale Vêneto	artigo	Trata da realização do II Congresso Eucarístico Interparoquial de Vale Vêneto e dos objetivos desse evento	Pe. Alfredo Venturini
fev. 1945	p. 70	Más leituras	nota	Trata que até mesmo Rousseau reconhecia os riscos da leitura de algumas obras, tanto que no prefácio de um de seus romances afirmou: "Toda moça que ler esse livro se perderá"	
mai. 1945	p. 101-102	Dando troco certo	crônica	Trata da discussão entre um católico e um espírita, em que o católico com algumas argumentações deixa o espírita sem resposta	Hipólito Varzea
jun. 1945	p. 127-128	O Brasil deve ser de Cristo	artigo	Demonstra que historicamente o Brasil é um país católico	Alfeu dos Santos
ago. 1945	p. 173-174	A quem compete educar?	artigo	Afirma que a educação cabe a Deus, a Igreja e aos pais, nesse sentido defende a educação católica	Pe. Gabriel Bolzan P.S.M.
ago. 1945	p. 183-184	Será possível o comunismo no Brasil	artigo	Trata dos "perigos" caso o comunismo chegue ao Brasil	não
ago. 1945	p. 188	A Igreja!... Só a Igreja!	artigo	Afirma que nenhum grande império resistiu, apenas a Igreja Católica persistiu ao longo dos séculos.	Veillot
set. 1945	p. 197	O papel da religião na educação	artigo	Trata da importância da educação católica para crianças e adolescentes	Pe. Gabriel Bolzan P.S.M.
set. 1945	p. 206-209	As missões e o pós-guerra	artigo	O Pe. João Considine apresenta as mudanças nas missões após a 2ª Guerra Mundial	não
set. 1945	p. 214-215	O cura de Ars e o protestante	artigo	Trata da conversão de um protestante ao catolicismo	não
nov.	p. 245	???	artigo	Trata dos grandes questionamentos que movimentam a sociedade	Pe. Amadeu

1945				após o fim da 2ª Guerra Mundial	Silva
nov. 1945	p. 246- 247	Aspirações comunistas	crônica	Afirma que os comunistas desejam fartura, diversão, dinheiro, bem-estar, e ainda acreditam que isso só é possível com o advento do comunismo	Alfeu dos Santos
nov. 1945	p. 250	Colaboração católico-comunista?	artigo	Afirma que apesar de estar sendo defendida a colaboração entre católicos e comunistas, não se pode conceber os católicos-comunistas, pois são termos que se excluem	não
dez. 1945	p. 282- 283	Uma reportagem sobre a China	artigo	Trata de religião católica, da guerra, e do comunismo na China. Ainda, afirma que o comunismo é uma ameaça não só para a religião Católica, mas para toda a China	não

Apêndice B

TÍTULO: UNITAS: Revista Eclesiástica da Arquidiocese de Porto Alegre **ARQUIVO:** Arquivo da Cúria Metropolitana de Porto Alegre, Porto Alegre, RS; Biblioteca Central Irmão José Otão (PUCRS), Porto Alegre, RS.

Data	Páginas	Título	Espécie	Temática/Assunto	Autor
nov./dez. 1937	p. 486-490	O episcopado nacional sobre o comunis	artigo	Trata dos perigos do comunismo ateu	não
nov./dez. 1937	p. 494-497	Saudações a bandeira	discurso	Discurso em que se enaltece a relação da Igreja católica com o governo.	D. João Becker
jan./mar. 1938	p. 35-36	Aviso	nota	Instrui os responsáveis pela Ação Católica, além de diretores de Escolas, Colégios e Ginásios a propagarem e defenderem a Boa Imprensa Católica	D. João Becker
abr./jun. 1938	p. 89-91	Circular	circular	Trata da criação do jornal "Diário" que era de responsabilidade da Cia. Metzler Ltda., que tinha adquirido todo o acrevo da Sociedade Anonyma "Centro de Boa Imprensa do Rio Grande do Sul"	Mons. Leopoldo Neis
jul./dez. 1938	p. 116-117	Mensagem radiofônica	nota	Trata das interpéries produzidas pela guerra	Não
jan./mar. 1939	p. 1-5	O falecimento de Sua Santidade Pio XI	artigo	No artigo observamos a aproximação entre o governo e os membros da Igreja Católica com a morte do Papa.	Não
jan./mar. 1939	p. 20-21	Pio XI. Papa da Paz	artigo	Trata da relevância dos trabalhos realizados pelo Papa Pio XI, ainda apontaram que o governo brasileiro prestou expressiva homenagem ao ele	Não
jan./mar. 1939	p. 58-62	Discurso	discurso	Mensagem de início de ano em que D. João Becker afirma os importantes serviços prestados pela Igreja Católica ao Estado, e de como o Estado, dirigido por Getúlio Vargas, sabe dar valor a Igreja	D. João Becker
jan./mar. 1939	p. 81	Hora católica	nota	Discurso da Boa Imprensa Católica, em que publicizam os programas de rádio com mensagens religiosas.	Não

jun. 1939	p. 145- 147	Circular	artigo	Afirma que o Estado do Rio Grande do Sul possui um tesouro que poucos Estados possuem, um diário católico. Além de tratar do estabelecimento do dia da Boa Imprensa, no segundo domingo de julho	Mons. Leopoldo Neis
jul./a go. 1939	p. 170- 171	Circular	nota	Para promover a nacionalização é pedido aos padres que as missas sejam rezadas, majoritariamente, em português.	D. João Becker
jul./a go. 1939	p. 204- 207	Homenagem do governo ao episcopado	discurso	Discursos do Presidente Getúlio Vargas e do Arcebispo D. Augusto Alvaro da Silva. No discurso observamos a proximidade entre o Estado e a Igreja Católica	Não
jul./a go. 1939	p. 225- 226	Medicina e Espiritismo	nota	Demonstra que a sociedade de Medicina afirmava que as práticas do espiritismo era nociva a sanidade mental	Não
set./ out. 1939	p. 246- 250	Discurso	discurso	Discurso, proferido por D. João Becker. Trata sobre a guerra na Europa, e em oposição temos o patriotismo no Brasil, sendo Getúlio Vargas apresentado como quem promove a prosperidade nacional.	D. João Becker
set./ out. 1939	p. 280	Condecoração	nota	Reconhecimento do Estado pelos feitos patrióticos de um dos membros da Igreja Católica	Não
nov./ dez. 1939	p. 296- 298	Discurso	discurso	Neste texto observamos a instabilidade promovida pela guerra,	D. João Becker
nov./ dez. 1939	p. 304- 308	Discurso	discurso	Alerta para os perigos do comunismo, e afirma que foi o Presidente Getúlio Vargas que salvou o Brasil dos perigos do comunismo.	D. João Becker
nov./ dez. 1939	p. 328- 332	Apreciações feitas sobre "A Religião e a Pátria em face das ideologias modernas"	artigo	Trata de um texto escrito por D. João Becker sobre o comunismo, o nazismo e o nacionalismo e que é analisado pelo Dr. Adroaldo Mesquita da Costa em "A Nação"	Dr. Adroaldo Mesquita da Costa

mar./abr. 1940	p. 118-121	Na Arquidiocese	notas	Trata do coração do Pe. Roque González e do Congresso Católico de Serro Azul	Não
mai./jun. 1940	p. 138	Circular	circular	Trata da relação entre o governo/governantes e a Arquidiocese para legalizar o ensino católico em Porto Alegre.	Mons. Leopoldo Neis
mai./jun. 1940	p. 144-153	Discurso de encerramento do Congresso Eucarístico de Bento Gonçalves	discurso	Pátria, Igreja Católica, como/quem constrói os alicerces da nacionalidade.	D. João Becker
mai./jun. 1940	p. 153-160	Discurso	discurso	Apresenta o discurso Becker, em 24 de fevereiro de 1940, quando da vinda da relíquia do coração do Pe. Roque Gonzalez para o Estado do Rio Grande do Sul	D. João Becker
jul./ago. 1940	p. 208-222	Mensagem ao clero e aos católicos sobre Pátria e patriotismo	artigo	Trata dos elementos que compõe a Pátria e o patriotismo. Relaciona o perfeito cristão com o perfeito patriota	D. João Becker
set./out. 1940	p. 269-277	Atos da Santa Sé	artigo	Trata sobre o quadricentenário da Companhia de Jesus	WlodomiroLedóchowski
set./out. 1940	p. 283-287	Circular.	artigo	Campanha em prol do diário católico, "A Nação", e da Boa Imprensa.	Mons. Leopoldo Neis
set./out. 1940	p. 289-291	Seção Doutrinária	artigo	Presença da Bandeira Nacional na catedral de Porto Alegre, nesse sentido temos na Igreja Católica homenagens a "Nação, a Pátria, ao Brasil"	Não

set./ out. 1940	p. 298- 300	Discurso	artigo	Discurso proferido por D. João Becker durante as comemorações do quadricentenário da Companhia de Jesus na Igreja de São José Porto Alegre, 29 de setembro de 1940	D. João Becker
set./ out. 1940	p. 311	II Congresso dos jornalistas católicos	nota	Trata do Congresso de Jornalistas Católicos que ocorreu no Rio de Janeiro, com isso identificamos uma tentativa de fomentar a Boa Imprensa	Não
set./ out. 1940	p. 312- 313	Na Arquidiocese	artigo	Trata sobre as comemorações ao quarto centenário de fundação da Companhia de Jesus	não
nov. dez. 1940	p. 330- 334	Homilia	discurso	Em seu discurso o Pe. Pio XII pede para que volte a reinar a paz no mundo, numa referência a 2ª Guerra Mundial	Não
nov. dez. 1940	p. 339- 340	Aplauso da associação dos jornalistas católicos à campanha pela Boa Imprensa, da Arquidiocese de Porto Alegre	artigo	Representados pelo seu presidente a Associação dos Jornalistas Católicos do Rio de Janeiro parabeniza a Arquidiocese de Porto Alegre pela preocupação com a Boa Imprensa	Osório Lopes
nov. dez. 1940	p. 362- 365	Discurso	discurso	Trata das comemorações ao terceiro aniversário do Estado Novo, sendo que a missa contou com a presença de Getúlio Vargas e sua esposa. Nesse sentido, compreende a aproximação Estado e Igreja Católica	Dom Aquino Corrêa.
jan./ fev. 1941	p. 33-34	Sobre o direito de educar	artigo	Referência a educação religiosa e patriótica, em que compete a família, a Igreja e ao Estado educar as crianças e os jovens	D. João Becker
jul./a go. 1941	p. 230- 234	Pio XII e a guerra atual	artigo	Apresenta algumas falas do Papa Pio XII em que ele trata sobre a paz, tão cara naquele período de guerra	D. João Becker

jul./a go. 1941	p. 256	Discurso	discurso	Em discurso declara os merecimentos da Igreja Católica por sua abnegação pelo país	D. João Becker
jan./ fev. 1942	p. 12-13	Circular	circular	No texto D. João Becker instrui os padres a lerem a circular na missa do primeiro domingo após seu recebimento, ela trata da proibição dos idiomas dos países do eixo durante as missas e práticas católicas	D. João Becker
jan./ fev. 1942	p. 14-15	Circular	circular	Trata do discurso de nacionalização empregue pela Igreja Católica, devido a proibição do uso de idiomas estrangeiros na celebração das missas.	D. João Becker
jan./ fev. 1942	p. 36-37	O momento americano	artigo	Trata sobre a guerra	D. João Becker
mar. abr. 1942	p. 89-90	Eros e sofismas do comunismo	nota	Fala sobre os erros cometidos pelo comunismo	Não
mar. abr. 1942	p. 96-97	Nossa repulsa não pode servir de escada ao comunismo	nota	Sobre o rompimento das relações diplomáticas do Brasil com o eixo devido ao ataque do navio da marinha brasileira. Os comunistas, de maneira generalista, são acusados desse crime	Não
mar. abr. 1942	p. 113	Ópera “As Missões”	nota	Convida para participar de uma Ópera em que será contada a história das reduções jesuíticas, na região fronteira do Estado	Não
mar. abr. 1942	p.118-124	Discurso	discurso	Discurso do dia 19 de abril, aniversário de Getúlio Vargas, em que é mencionada a proximidade entre o governo e a Igreja Católica, ao enumerar os benefícios concedidos pelo governo aos católicos.	Dom José Barea
mai./ jun. 1942	p. 175	Destruição da Igreja na Polônia	nota	Trata da destruição das Igrejas e extermínio do clero. A destruição era organizada pela Gestapo que enviava os párocos para os campos de concentração	Não
jul./s et. 1942	p. 207-211	A alta benemerência do Dr. Getúlio Vargas	artigo	Discurso proferido em 1º de setembro de 1942 pelo reestabelecimento da saúde do presidente Getúlio Vargas	D. João Becker

out./ dez. 1942	p. 259	Circular Coletiva	nota	Trata do esforço em retomar as publicações do diário católico "A Nação".	Não
out./ dez. 1942	p. 264- 266	Proclamação de Medianeira como padroeira do RS	artigo	Nossa Senhora Medianeira e proclamada padroeira do Estado do Rio Grande do Sul	D. João Becker
out./ dez. 1942	p. 275- 276	A posição da Igreja em face do Brasil em guerra	artigo	Trata dos motivos que levaram o Brasil a ingressar na Guerra e de como os responsáveis pela Igreja no Brasil veem essa ação como algo inevitável	Mons. Rosalvo Costa Rego
jan./ fev. 1943	p. 17-18	Livros duvidosos em matéria de fé	nota	Afirma que os sacerdotes não devem permitir a divulgação de textos do Padre Huberto Rohden	D. João Becker
mar. /mai. 1943	p. 119- 131	Pequeno catecismo da questão social	artigo	Apresenta como a Igreja Católica define o socialismo e a realidade econômica do período, a partir das encíclicas " <i>Rerum Novarum</i> " e encíclica do "Quadragesimo Ano"	Não
mar. /mai. 1943	p. 136- 137	Sobre o livro "O poder soviético"	artigo	Fala sobre um livro condenável que se apresenta como favorável ao comunismo russo	Não
jun./ jul. 1943	p. 166- 167	Prece	discurso	Benção final proferida no encerramento da procissão de Corpus Christi, em junho de 1943, no discurso identificamos a proximidade entre Estado e Igreja Católica	D. João Becker
jun./ jul. 1943	p. 174	Terceira Internacional Comunista	nota	Aponta que a Terceira Internacional Comunista foi dissolvida depois que seus dirigentes fizeram um apelo contra o nazismo	Não
ago./ dez. 1943	p. 233- 235	A palavra do santo padre sobre a paz	discurso	Apresenta a fala do Papa transcrita da rádio-emissora do Vaticano, quando ele trata do quarto ano de guerra. É uma fala pessimista em que o Papa aponta a eminência de um quinto ano de guerra	Não

ago./ dez. 1943	p. 245	Leitura de livros proibidos	nota	Nomeia pessoas que tinham licença, da Arquidiocese de Porto Alegre, para lerem livros que foram proibidos pela Igreja Católica naquele período	Não
jan./ mar. 1944	p.40-42	Discurso	discurso	Trata da guerra e do corpo expedicionário brasileiro enviado para os campos de batalha	D. João Becker
jan./ mar. 1944	p. 50	Porque a A.C. é atacada pelos inimigos da Igreja	nota	Trata da importância da Ação Católica, mas mais do que isso criminaliza a circulação de um livro e folheto que atacam tanto a Igreja quanto a Ação Católica	Não
jan./ mar. 1944	p. 94-97	Vibrante Discurso	discurso	Trata do rompimento da relação do Brasil com o eixo, além de tratar do nazismo e do comunismo.	Tenente-Coronel Rinaldo Pereira da Câmara
out./ dez. 1944	p. 308- 309	Alocução.	discurso	Utiliza da data de 7 de setembro, Independência do Brasil, para tratar da independência do país ao nazismo e ao comunismo	D. João Becker
out./ dez. 1944	p. 374- 376	Assistência religiosa a força expedicionária brasileira	artigo	Trata da presença de sacerdotes na força expedicionária brasileira enviada a Itália, os padres são enviados para acompanhar os soldados, e assim promovem uma aproximação entre o Exército e a Igreja Católica	Não
jan./ mar. 1945	p. 53	Registro da "UNITAS" no DIP	nota	Trata do registro da revista UNITAS no Departamento de Imprensa e Propaganda (D.I.P.)	Não
abr./ jun. 1945	p. 138- 141	Discurso	discurso	Trata da vitória das forças aliadas sobre o eixo; crítica ao nazismo ateu	D. João Becker
abr./ jun. 1945	p. 162- 163	Assistência religiosa as Forças Expedicionária Brasileiras	artigo	Trata das dificuldades enfrentadas pelos sacerdotes que acompanharam os soldados brasileiros a guerra, e o quanto as suas presenças são benéficas a eles	Não

		(FEB)			
jul./s et. 1945	p. 169- 180	Manifesto do episcopado brasileiro sobre o momento internacional e nacional	artigo	Afirma que no momento político nacional, em que se organizam os partidos políticos, a Igreja não apoia a nenhum partido. Além disso, trata dos problemas de questão social do período. Nesse momento, a Igreja se afasta do Estado, de que foi aliada durante o período em que Getúlio Vargas esteve no poder, proximidade que se fortaleceu durante o Estado Novo (1937-1945).	Não
jul./s et. 1945	p. 181- 184	O comunismo e o momento nacional	artigo	Afirma que nem o comunismo, nem o capitalismo é capaz de sanar as questões sociais. Na verdade, o texto aponta os temores da Igreja Católica, pois não se sabe os rumos que o Brasil e o mundo irão tomar, com o fim da guerra e do governo de Getúlio Vargas	D. João Becker; D. Antônio Reis; D. José Baréa; D. Antônio Zattera; D. José Newton de Almeida Batista; Frei Candido de Caxias
jul./s et. 1945	p. 198- 201	Alocução	discurso	Trata do momento político nacional, e refuta o comunismo como uma possibilidade política	D. João Becker
out./ dez. 1945	p. 300- 301	Ministério da Guerra	artigo	Texto publicado pelo Ministério da Guerra em que reconhecida a relevância dos serviços prestados pelos sacerdotes que acompanharam os soldados a guerra	P. Goes
out./ dez. 1945	p. 302	Apreciações	nota	Apresenta telegramas enviados a D. João Becker o saudando pelo discurso proferido em 7 de setembro. Num dos telegramas o Ministro da Guerra concorda com o Arcebispo Metropolitano ao afirmar que o comunismo é anti-patriótico	Não

Apêndice C**TÍTULO:** Revista do IHGRS**ARQUIVO:** Arquivo Histórico de Porto Alegre Moysés Vellinho, POA, RS

Data	Páginas	Título	Espécie	Temática/Assunto	Autor
III Trim. 1937	p. 160-161	O dever eleitoral dos católicos	artigo	Trata de como deve se portar o católico diante de seu dever eleitoral	Não
IV Trim. 1938	p. 203-215	Velhos Caminhos do Rio Grande	artigo	Trata da Fundação das povoações jesuíticas no Estado	Gal. João Borges Fortes
I Trim. 1939	p. 15-45	As primeiras reduções Jesuíticas no Rio Grande do Sul	artigo	Atribui ao Pe. Roque González a responsabilidade por estender a margem oriental a civilização cristã	Coronel Jônatas da Costa Rego Monteiro
III Trim. 1940	p. 248	4º Centenário da Companhia de Jesus	nota	Afirma que a formação da nacionalidade brasileira se confunde com a da Companhia de Jesus no Brasil	Não
I Trim. 1942	p. 4-15	O Brasil e a Companhia de Jesus	conferência	Trata da importância da Companhia de Jesus para o Brasil, quando das comemorações de seu 4º Centenário	Darcy Azambuja
III e IV Trim. 1942	p. 79-85	Divisão Eclesiástica do Rio Grande do Sul	artigo	Apresenta as diferentes congregações católicas presentes no Rio Grande do Sul, assim como trata da presença de outras religiões	Pe. Luiz Gonzaga Jaeger S.J.
II Trim. 1944	p. 176-193	A margem da educação nacional	artigo	Afirma que com a chegada da Companhia de Jesus são lançados os primeiros elementos da educação nacional, ainda aponta que desde 1937 mudou para melhor a educação no Rio Grande do Sul	Álvaro O. Caetano
III Trim. 1945	p. 30. 40	Arquitetura e Estatuária das Missões	artigo	Trata da arquitetura e estatuária das missões que não formaram escola no Brasil, pois naquele período o país formava a sua nacionalidade e não queria relações com a cultura portuguesa	Carlos Galvão Krebs

Apêndice D**TÍTULO:** A Notícia**ARQUIVO:** Arquivo do Instituto Histórico e Geográfico de São Luiz Gonzaga, São Luiz Gonzaga, RS

Data	Páginas	Título	Espécie	Temática/Assunto	Autor
18/04/1937	p. 2	Monsenhor Estanislau Wolski	artigo	Trata da despedida de Monsenhor Estanislau Wolski do município de São Luiz	Não
18/04/1937	p. 3	Obreiros do nosso progresso	artigo	Trata da importância de Getúlio Vargas na presidência para o progresso da região das missões	Não
03/10/1937	p. 1	Um terrível plano bolchevista	nota	Trata da apreensão de documentos pelo Estado em que os bolchevistas pretendiam acabar com os militares no Brasil	Não
01/01/1938	p. 3	Novos rumos	artigo	Trata do golpe do Estado Novo em 10 de novembro de 1937	José Damião Pinheiro Machado
26/02/1939	p. 1	Religiosos em viagem	nota	Ida do Pe. Rambo a São Luiz Missões para tratar da vinda do coração do Pe. Roque González	Não
04/06/1939	p. 1	Os comunistas em atividade	nota	Trata da presença de comunistas na capital do Estado	Não
11/06/1939	p. 1	Campanha contra o Espiritismo	nota	Trata das divergências entre a Sociedade de Medicina e os centros espíritas	Não
17/03/1940	p. 1	Um museu em São Miguel	nota	Afirma que o Presidente Getúlio Vargas assinou um decreto criando em São Miguel o Museu das Missões	Não
12/05/1940	p. 3	Peregrinação a Terra Santa do Brasil	artigo	Apresenta a região das missões como a Terra Santa do Brasil, por ter sido ali o local da morte dos padres Roque e seus Companheiros	Rodrigo Magalhães
29/09/1940	p. 3	Gloria Eterna	artigo	Trata das comemorações do 4º Centenário da Companhia de Jesus no município de São Luiz Gonzaga	Rodrigo Magalhães
07/06/1942	p. 3	A linguagem que Hitler compreende	artigo	Trata da presença do Brasil na Guerra	Não
09/08/1942	p. 1	Missa pelo restabelecimento do Presidente da República	nota	Convida a população para participar da missa pelo restabelecimento da saúde de Getúlio Vargas	Não

04/10/1942	p. 1	Campanha pro alumínio, ferro, bronze, estanho e cobre	nota	Pede para que as pessoas doem materiais para a fabricação de armas	Não
23/07/1944	p.1	Trémula, impávida, no sangrento cenário da guerra a bandeira brasileira	artigo	Trata sobre o orgulho pelos brasileiros que foram lutar pela nação na Europa	Não
27/08/1944	p. 2	Poliantéia Missioneira	nota	Trata sobre o livro que o Monsenhor Estanislau Wolski escreve sobre os Mártires do Caaró	Não
01/10/1944	p. 2	Todos somos brasileiros	artigo	Estimula o patriotismo no período de guerra, devido a necessidade de corpos expedicionários para representar o Brasil	Não
19/11/1944	p. 2	Patriota, onde estás?	artigo	Através do sentimento patriótico conclama a população para que se aliste para a guerra	Não